

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

ROCÍO DEL PILAR LÓPEZ CABANA

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E A IDENTIDADE
DA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ - PR**

Maringá

2014

ROCÍO DEL PILAR LÓPEZ CABANA

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E A IDENTIDADE
DA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ - PR**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa

Maringá

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

C112e Cabana, Rocio Del Pilar López
Um estudo sobre as práticas cotidianas e a
identidade da feira do produtor de Maringá-PR/ . --
Maringá, 2014.
202 f.: il., figs., color.

Orientadora: Prof.a. Dr.a. Elisa Yoshie Ichikawa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas,
Programa de Pós-graduação em Administração, 2014.

2. Produtor Rural - Maringá. 2. Cotidiano. 3.
Identidade organizacional. 4. Estratégias. 5.
Táticas. I. Ichikawa, Elisa Yoshie, orient. II.
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências
Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em
Administração. III. Título.

CDD 22. ED.658.409

JLM-001937

ROCÍO DEL PILAR LÓPEZ CABANA

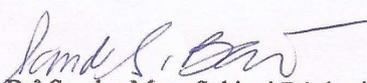
**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E A IDENTIDADE
DA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ - PR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovado em 27/08/14


Prof.^a Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa (PPA-UEM)


Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva (PPGADM/UFES)


Prof.^a Dr.^a Sandra Mara Schiavi Bánkuti (PPA-UEM)

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata à minha orientadora, professora e amiga, Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa, por sempre ter estado muito disposta e atenta a cada uma das minhas dúvidas e inquietudes, ensinando, sendo paciente e depositando a sua confiança em cada um dos meus projetos.

Agradeço também a todos os docentes e funcionários do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá, que compartilhando conhecimentos ou facilitando a minha estadia, fizeram que com que fosse possível concretizar este passo. Em especial, à Dr^a. Sandra Mara Schiavi Bánkuti, por sempre ter me auxiliado quando precisei e por seus valiosos aportes na avaliação deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Luciano Mendes por todas as suas considerações na banca de qualificação do projeto desta dissertação, e ao Prof. Dr. Alfredo Rodrigues Leite da Silva por aceitar o convite para participar da banca de defesa, assim como por todas as suas contribuições.

Muito obrigada a todos os feirantes da Feira do Produtor de Maringá! De maneira muito gentil não hesitaram em contribuir com a minha pesquisa, narrando suas histórias e compartilhando o seu dia a dia.

Ao Instituto Emater, que por meio de um dos seus engenheiros, me concedeu dados e documentos sobre o funcionamento e história da Feira do Produtor de Maringá.

À minha família, que mesmo na distância, sempre se manteve presente.

Ao meu adorado e querido Jorge, por ser sempre uma fonte infindável de motivação e inspiração.

Agradeço também aos meus colegas de turma, que em muito me ajudaram no transcurso deste mestrado, em especial à Josi, com quem compartilhei o desafio de pesquisar o cotidiano.

E a todos os que de alguma forma contribuíram para que fosse possível a elaboração deste trabalho.

A identidade se entrelaça ao cotidiano como a Lua à Terra,
sem a Terra a Lua não existiria e sem a Lua a Terra
murcharia, laços estes delicados e complexos,
imensos e grandiosos que refletem,
o nosso ser no meio de
nosso viver.

RESUMO

O cotidiano, arena da vida sendo vivida, muitas vezes é considerado como rotina e passividade. Neste cotidiano, porém, como assinala Certeau (1998), encontram-se muitas artes de fazer, táticas e estratégias, práticas sutis, que se tornam ainda mais evidentes quando se fala sobre identidade. Ao contrário de muitas abordagens que tratam a identidade organizacional como central e permanente, neste trabalho ela é observada como fragmentada e transitória. Diante desta perspectiva, neste trabalho objetivei compreender de que forma as táticas e estratégias no cotidiano dos feirantes da Feira do Produtor de Maringá foram se alterando, à medida que a identidade da Feira foi mudando nesses mais de 30 anos de existência. Esta pesquisa qualitativa se valeu da observação participante, de entrevistas de história oral temática e da análise de discurso para mergulhar na história da Feira, nas memórias dos feirantes, nos discursos formadores de identidades e nas relações de poder que se tecem no cotidiano dessa organização. Verifiquei que a Feira do Produtor de Maringá não possui uma identidade única e central, mas sim uma identidade fragmentada, pois os seus diversos grupos (produtores e não produtores; técnicos e feirantes; brasileiros e não brasileiros; maiorias e minorias; grupos satisfeitos e insatisfeitos, entre outros) estão identificados de forma diferente com a organização e estes grupos se criam e se recriam no seu cotidiano. E é precisamente no cotidiano onde ocorrem as lutas para defender as posições identitárias dentro da Feira, mas estas lutas são quase todas invisíveis para os de fora da organização, pois são ofuscadas diante de uma aparente estabilidade que se impõe por diferentes instrumentos disciplinares e por diversos discursos que inibem comportamentos não congruentes com os prescritos. Deste modo, constatei no transcurso histórico da Feira, que no início os instrumentos disciplinares eram mais leves, assim, as táticas e estratégias encontravam-se mais ligadas a novos saberes, novas experiências, novas aprendizagens ligadas ao ofício dos feirantes. À medida que aumenta a formalização da Feira, e concomitantemente, seus instrumentos disciplinares, novas táticas e estratégias são criadas para driblar estes novos instrumentos de controle, assim como para amenizar a situação das identidades reprimidas, que nesse novo contexto se acentua. Desta forma, as táticas e estratégias, além de serem vistas como movimentos de resistência e pequenos protestos, podem também ser entendidos como desvios para não aceitar identidades organizacionais impostas.

Palavras-chave: Identidades. Identidade organizacional. Cotidiano. Estratégias e táticas.

ABSTRACT

The everyday, life being lived, is often regarded as elements of routine and passivity. However, as pointed by Certeau (1998), there are many arts of doing, tactics and strategies, subtle practices that become even more evident when talking about identity. Unlike many approaches that address the organizational identity as central and permanent, in this work it has been seen as fragmented and transient. Given this perspective, my goal was to understand how the tactics and strategies in everyday life of workers at the Feira do Produtor de Maringá (Maringá Producer's Fair) were changing as the identity of the Fair changed in more than 30 years of existence. This qualitative research used as instrument a participant observation, oral history interviews and discourse analysis, to get into the history of the Fair, in the memories of the workers, in the formative discourses of identities and in the power relationships that structure the everyday life of this organization. I noticed that the Feira do Produtor de Maringá did not present a single and main identity, but instead of it is fragmented due to its various groups (producers and non-producers; technicians and workers; Brazilians and non-Brazilians; majorities and minorities; satisfied and unsatisfied groups, among others) which are differently identified with the organization and are created and recreated in its everyday life. And is precisely in everyday life where struggles happen to defend the identity positions within the fair, but these struggles are almost invisible to the viewer outside the organization, because it were overshadowed by the perceivable stability enforced by different instruments and disciplinary discourses that inhibit non congruent behaviors with the prescribed ones. Thus, I realized in the historical course of the Fair that in the beginning the disciplinary instruments were lighter, and so the tactics and strategies were also more connected to new knowledge, new experiences, new learning linked to the workers' activity. As the formalization of the fair increased and concomitantly their disciplinary tools, new tactics and strategies were created to prevent from these new instruments of control as well to ease the plight of repressed identities, which is emphasized in this new context. Thus, tactics and strategies, although being seen as resistance movements and small protests can also be understood as deviations to not accept imposed organizational identities.

Keywords: Identities. Organizational identity. Everyday. Strategies and tactics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Glow II	51
Figura 2 -	Derrubada da mata e início da (re)ocupação no chamado Maringá Novo, no final da década de 40.....	65
Figura 3 -	Avenida Duque de Caxias – 1947.....	68
Figura 4 -	Avenida São Paulo, em 1948	74
Figura 5 -	Segunda Rodoviária, em imagem capturada por Kenji Ueta em 1953	76
Figura 6 -	Geada negra, em julho de 1975.....	77
Figura 7 -	Vila Olímpica de Maringá 1985	84
Figura 8 -	Um sábado de manhã na Feira do Produtor de Maringá	90
Figura 9 -	Trabalho familiar na Feira do Produtor de Maringá	96
Figura 10 -	Homenagem aos feirantes com mais de 85 anos.....	99
Figura 11 -	Festa de aniversário da Feira do Produtor de Maringá por seus 21 anos ...	99
Figura 12 -	Viagem de capacitação de feirantes da Feira do Produtor de Maringá	105
Figura 13 -	Almoço em viagem de capacitação	105
Figura 14 -	O prefeito de Maringá, o vice-prefeito, entregam placa pelos 30 anos da Feira do Produtor ao presidente da Associação.....	124
Figura 15 -	Promoção prêmios de natal	141
Figura 16 -	Prêmios a ser sorteados.....	141
Figura 17 -	Promoção prêmios de natal – Sorteio de cupons.....	142
Figura 18 -	Aula de tai chi chuan na Feira do Produtor de Maringá	143
Figura 19 -	Apresentação teatral na Feira do produtor de Maringá	144
Figura 20 -	Perfil da Feira do Produtor de Maringá no Facebook	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Acarpa	Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná
AFPRM	Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá
Ceasa	Central de Abastecimento do Paraná S.A.
<i>CED</i>	<i>Central, Enduring and Distinctive</i>
Cebrac	Centro Brasileiro de Cursos
CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
Emater	Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
Provopar	Programa do Voluntariado Paranaense
PT	Partido dos Trabalhadores
RPC TV	Rede Paranaense de Comunicação
Seab	Secretaria do Estado da Agricultura e do Abastecimento
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIP/POA	Serviço de Inspeção do Paraná/Produtos de Origem Animal
SIM	Serviço de Inspeção Municipal
UEM	Universidade Estadual de Maringá
TIS	Teoria da Identidade Social

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	PARA ENTENDER UM POUCO MAIS DO QUE ESTOU FALANDO	20
2.1	SOBRE IDENTIDADE	20
2.1.1	Identidade Social	27
2.1.2	Identidade Organizacional	32
2.2	COTIDIANO	40
2.2.1	O Cotidiano em Certeau	51
2.3	OS DENSOS LAÇOS ENTRE IDENTIDADE E COTIDIANO	56
3	OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA BUSCA POR REALIZAR A INVESTIGAÇÃO	59
4	A FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ: PALCO DE IDENTIDADES E PRÁTICAS COTIDIANAS	65
4.1	HISTÓRIA DE UMA FEIRA: A FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ	65
4.2	PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EXISTENTES NA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ NO SEU TRANSCURSO HISTÓRICO ..	90
4.2.1	Relacionamento Familiar	91
4.2.2	Relacionamento entre feirantes	96
4.2.3	Relacionamento da Feira com o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater	114
4.2.4	Relacionamento da Feira com a prefeitura de Maringá	120
4.2.5	Relacionamento da Feira com a Secretaria da Saúde	125
4.2.6	Relacionamento dos Feirantes com os fregueses	129
4.2.7	Relacionamento da Feira com a comunidade	142
4.3	INFLUÊNCIAS DAS MUDANÇAS IDENTITÁRIAS NO COTIDIANO DOS FEIRANTES	145
4.3.1	Período de 1982 – 1995	146
4.3.2	Período de 1995 até a atualidade	154
5	CONCLUSÕES	168

REFERÊNCIAS	172
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista de história oral temática com feirantes em atividade da Feira do Produtor de Maringá	183
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista de história oral temática com Técnicos do Emater /PR.	184
ANEXO A – Regulamento Interno da Feira do Produtor de Maringá	185
ANEXO B - Estatuto Social da Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá	191

1 INTRODUÇÃO

Após morar alguns anos numa pequena cidade do interior do estado de São Paulo, senti a necessidade de encontrar outro ambiente, um ambiente que me oferecesse melhores perspectivas e possibilidades de desenvolvimento. Para minha sorte, achei uma cidade bonita e acolhedora chamada Maringá. E assim, desde o começo, pisando já no solo maringaense, experimentei seus espaços, como o Parque do Ingá, a Catedral, o Parque do Japão, entre muitos outros. Mas um lugar que não deveria faltar em qualquer itinerário turístico da cidade é o passeio pela Feira do Produtor de Maringá num sábado pela manhã.

Na minha condição de estrangeira, valorizo muito todos os atrativos da cidade, mas a Feira apresenta um ambiente especial, ela mistura o ar de campo no meio de ruas muito transitadas do centro. Em suas barracas, é possível observar produtos cuidadosamente apresentados, desde os maços de cenouras enfeitados com as suas próprias folhas até o famoso pastel tão degustado por muitos. Esta Feira muda a paisagem do que normalmente é um estacionamento solitário, e o converte em um lugar cheio de vida, muito acolhido pela cidade, onde os laços culturais e sociais se intensificam. Desde a minha chegada a Maringá, frequentei muito a Feira e pude usufruir desse ambiente especial, assim como dos seus produtos de alta qualidade. Logo, quando no mestrado surgiu a oportunidade de realizar estudos nesta área, não duvidei em pesquisar um pouco mais sobre a inserção da Feira na cidade, sua história e seu cotidiano.

Para entender o cenário que deu origem a esta Feira, me remonto à década de 20 do século passado, na qual, segundo Stadniky e Pinto (1999), a Companhia de Terras Norte do Paraná, mais tarde denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, iniciou o processo de (re)ocupação¹ do Norte do estado, dando origem ao Norte Novo de Londrina e na década de 30 ao Norte Novo de Maringá, resultando deste processo a criação do município de Maringá em 1951. Ainda, conforme os arquivos públicos do Paraná (2002), a (re)ocupação desta região foi realizada por emigrantes de várias regiões do Brasil, especialmente por paulistas e mineiros, assim como de muitos outros vindos de além do mar, como japoneses, alemães e portugueses.

¹ O termo (re)ocupação foi extraído de Tomazi (1999). O autor insere o termo (re)ocupação porque o território do Norte do Paraná era habitado desde muito antes por índios, caboclos e posseiros, e discorda dos autores que afirmam que o território era desconhecido e desabitado.

No decorrer do tempo, como assinalam Stadniky e Pinto (1999), a expansão da lavoura cafeeira e a rápida ocupação das terras originaram um adensamento populacional, que desenharam traços particulares à cidade no breve espaço de três décadas. A região assistiu à reconcentração fundiária, propiciada pelas transformações estruturais na agricultura, seguidas do intenso êxodo rural, e à concentração populacional nos centros urbanos.

Para contextualizar o cenário nacional, Rodante (1985) assinala que após a Segunda Guerra Mundial o enfoque político passou a fortalecer o setor urbano industrial, deixando com menor relevância o setor agrícola. Este último passou a ter as seguintes tarefas no desenvolvimento econômico: produção de alimentos; liberação de mão de obra para o setor urbano; fornecimento de recursos para formação de capital; mercado consumidor adicional de produtos industriais; exportação, para criar a capacidade de importar, necessária ao processo de industrialização. Desta forma, como resultado dessa política obteve-se o seguinte saldo: empobrecimento da classe trabalhadora rural; expropriação da mão-de-obra rural; redução da produção de alimentos básicos; redução do número de pequenos proprietários rurais; intensificação da monocultura visando exportações; desestruturação da comunidade, da propriedade e conseqüentemente, da família rural; quebra da tradição e aumento do nível de dependência externa da propriedade ou do produtor rural com o meio urbano; dificuldades daqueles produtores que resistiram ao processo, no momento de comercializar suas pequenas safras.

Consoante com isso, Zuquin (2007) enfatiza que nesse período prevalece o modelo da agroindústria no Brasil, onde quase todas as políticas públicas e os grandes investimentos eram orientados para expandir e modernizar aquele modelo, sendo esquecidos os outros modelos que atingissem o agricultor de pequeno porte, proprietário ou não de terras, e todos os outros tipos de trabalhadores rurais.

Neste contexto, segundo Fajardo (2008), na década de 70 começa a se desenvolver no Estado do Paraná, o processo de modernização agropecuária, o qual tinha como base a mecanização, o uso de novos elementos e insumos químicos e biológicos, bem como a aplicação de novas formas de trabalho. Assim, segundo o autor, se introduzem no Estado do Paraná novas culturas como a soja e o trigo, denominadas modernas, concomitantemente ao processo de desarticulação da estrutura cafeeira, a qual era a atividade produtiva predominante do Norte do Estado. Como resultado dessa modernização houve ganho de produção e produtividade, com decorrente aumento da renda agrícola; mas também se deu a expulsão da mão-de-obra rural para os centros urbanos ou áreas de fronteira agrícola, e ainda se produziu a exclusão dos produtores que não conseguiram se inserir nessa modernização.

Agregando a isto, Lanillo (1985) assinala que concomitante com esse processo de modernização houve uma diminuição da participação da mão-de-obra familiar, perdendo sua importância ao longo desse período. Segundo o autor, não foi o fato da modernização em si o causador desses impactos, e sim a política e o tipo de modernização que se deu dentro da agricultura no Paraná. Um favorecimento ao setor externo que não se preocupou minimamente com as bases sócio-econômicas.

Desta forma, segundo Rodante (1985), o pequeno produtor da região de Maringá, foi atingido por uma política direcionada quase que unicamente para o crescimento econômico, onde era considerado o aumento de produção pelo aumento da produtividade por área explorada. Assim, pequenos, médios e grandes produtores foram levados a utilizar um modelo de produção semelhante, ou seja, tecnologia similar, mas nem sempre era adequado à condição e realidade do pequeno produtor.

Para Rodante (1985), o agricultor de pequeno porte da região de Maringá teria como sistema de exploração mais adequado, a produção para consumo familiar e venda do excedente para o abastecimento interno, conseguindo utilizar de uma forma mais idônea os fatores de produção. Muitos desses agricultores de pequeno porte que optavam por esse sistema chegavam a obter boas safras, entretanto, lidavam com muitas dificuldades, entre elas: o baixo preço recebido pela produção; os produtos de hortigranjeiros não possuíam o benefício dos preços mínimos; dificuldade de competição; dificuldade de boas vendas, com exceção dos casos de retração de oferta no mercado; aumento das exigências do mercado quanto à classificação, padronização e embalagem, incrementando ainda mais o custo da produção; prejuízos na venda, por possuir poucos conhecimentos e habilidades para a comercialização; e pouco acesso às informações do mercado.

Segundo Rodante (1985, p. 27), diante dessa realidade, com o intuito de oferecer maiores oportunidades ao pequeno produtor, cria-se a Feira do Produtor de Maringá, em 13 de março de 1982 com o “objetivo precípua de incentivar a produção municipal e regional de produtores hortigranjeiros, além de outros relacionados com o meio agrícola, com vendas diretas do produtor ao consumidor”.

Esse novo empreendimento condiz com as afirmações de Schmidt (1942), que assinalava que teriam de ser oferecidas possibilidades interessantes e condições favoráveis ao desenvolvimento e êxito da empresa agrícola, combatendo o perigoso despovoamento rural.

A Feira do Produtor de Maringá, de forma semelhante à cidade de Maringá, esteve constituída por emigrantes ou descendentes de emigrantes de diversas regiões do Brasil, assim como do mundo. Tal como consta no histórico do município de Maringá, a cidade foi

constituída em sua maioria por colonos paulistas, mineiros e nordestinos, assim como por diversas etnias, como a colônia japonesa, portuguesa, árabe, alemã e italiana, as quais enriqueceram, em muito, a cultura do município com a preservação de suas tradições e folclore (MARINGÁ, 2012).

A Feira, ao abrigar esta pluralidade cultural, adquiriu uma identidade singular a qual, no decorrer do tempo, foi sofrendo transformações devido a mudanças no contexto e história dos sujeitos. Afinal, ela tem mais de 30 anos. Esta Feira, na atualidade, chega a ser considerada um patrimônio da cidade e torna-se um ponto de encontro desta, participando ativamente de diversas atividades culturais. Além de constituir-se num lugar de troca e comércio, é um lugar de socialização tanto de feirantes como de fregueses.

Corroborando isso, Silva e Serra (2005) afirmam que a Feira do Produtor de Maringá incentiva a formação de laços de confiança dos produtores, os quais procuram conjuntamente solucionar as dificuldades encontradas na categoria no cotidiano. Ainda, esta fortalece uma relação de confiança com os consumidores finais, que muitas vezes, independentemente do preço, convergem a este local, devido ao vínculo de amizade estabelecido entre o produtor rural e os clientes, tornando-se um lugar de convívio social. Assim:

A feira do produtor de Maringá caracteriza-se por ser uma forma de abastecimento com características de comércio local, contribuindo para o desenvolvimento regional, além de ampliar o vínculo social nas relações comerciais (DEMENECK *et al.*, 2011).

Reforça-se, desta forma, a apreciação do Ministério de Desenvolvimento Social – MDS (2007) o qual distingue que as feiras são entendidas como um local de encontro e troca, e acabam por ganhar espaço dentro da cultura de consumo da população.

Silva e Rodrigues (2011) apontam que as feiras incorporam-se na vida cotidiana dos sujeitos participantes, e estas se tornam um evento social capaz de mobilizar a arquitetura local e as relações sociais, estabelecendo uma forma de pertencimento e de significar à prática do fazer a feira no cotidiano.

Ao juntar essas proposições teóricas com minha vivência cotidiana, como freguesa da Feira do Produtor, senti que ela poderia ser o *locus* da minha pesquisa, em que eu poderia investigar a interação e as micropráticas dos sujeitos.

O estudo do cotidiano foi esquecido por muito tempo, mas a sua relevância pode ser observada nos pensamentos de Heller e Certeau, conforme Levigard e Barbosa (2010). Para as autoras, Heller distinguiu que a vida cotidiana constitui o fermento secreto da história, pois é

nela que ocorre a revolução invisível tramada por todos os homens no processo de evolução. De forma similar, Certeau procurava na vida cotidiana, nas questões do dia a dia, nas questões mais rotineiras, a compreensão dos movimentos de resistência ante as forças hegemônicas de reprodução e controle social (LEVIGARD; BARBOSA, 2010).

Assim, para Certeau (1998) existem maneiras de fazer que vão ajustando os produtos impostos aos interesses individuais. Trata-se então de uma adoção, de uma apropriação. Ela é astuciosa, dispersa, mas ao mesmo tempo silenciosa e quase invisível. Destarte, para o autor é mister extrair das práticas cotidianas seu ruído, as maneiras de fazer, que muitas vezes aparecem como resistências ou inércias em relação ao desenvolvimento da produção sociocultural.

Portanto, para poder ser sensível a esse ruído, existem diversos aspectos a serem elucidados, como é a identidade, a cultura, e a história, assim como muitos outros processos que fazem parte do cotidiano. Neste sentido, o ambiente da Feira do Produtor de Maringá é um lugar muito rico a ser explorado, pois, neste local de encontro e troca, estão embutidas no cotidiano muitas práticas de interação em que o homem comum, na condição de feirante, pode fazer uso de sua possibilidade de aceitar, misturar ou rejeitar, segundo sua identidade e suas conveniências, as imposições dadas pela economia cultural dominante (manifestadas, muitas vezes, por meio de regras e punições), valendo-se para isto de táticas e estratégias².

Desta forma demarqueei o seguinte problema de pesquisa: De que forma as táticas e estratégias no cotidiano dos feirantes da Feira do Produtor de Maringá foram se alterando à medida que a identidade da Feira foi mudando nesses seus 30 anos de existência?

Meu objetivo geral, portanto foi compreender de que forma as táticas e estratégias no cotidiano dos feirantes da Feira do Produtor de Maringá foram se alterando, à medida que a identidade da Feira foi mudando nesses 30 anos de existência. Para poder atingir o objetivo geral, foi necessário desenvolver os seguintes objetivos específicos.

1. Fazer apontamentos sobre a história da Feira do Produtor;
2. Identificar e descrever as diversas práticas de socialização presentes na Feira do Produtor de Maringá ao longo dos 30 anos de sua existência, com vistas a entender as mudanças identitárias, assim como estratégias e táticas que permearam a sua existência;

² Para Certeau (1998, p. 99), estratégia é o “cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exercito, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. Enquanto a tática tem por lugar o do outro, é o movimento dentro do campo de visão do inimigo. Ela opera lance por lance aproveitando as ocasiões, utilizando, atento as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Sobre isso discutirei mais no item 2.2.1.

3. Identificar e descrever as diversas táticas e estratégias realizadas hoje no cotidiano dos feirantes, com vistas a entender identidades que permeiam a sua existência na atualidade.
4. Desvelar como as mudanças identitárias acabaram influenciando no cotidiano dos feirantes a partir das manifestações das suas táticas e estratégias ao longo desses 30 anos.

Justifico a importância deste trabalho, pois se encontra no cotidiano o fio que tece a realidade, muitas vezes tido como uniformização, passividade, disciplina, como o som do silêncio. Porém, como diz a literatura sobre o tema, é neste cotidiano que acontecem fatos inesperados, invenções criativas presentes diariamente, onde existem as artes de fazer, quebras sutis, mas não menos instituintes. São ações concretas realizadas pelo homem ordinário, em que existe uma rica melodia escutada no segredo e no profundo das práticas.

Conhecer como se tece esta realidade é um assunto relevante, escutar esta melodia torna-se necessário porque como assinala Certeau (1998), neste cotidiano existe uma produção qualificada de consumo a qual não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem economicamente dominante. Portanto, considero relevante conhecer como as mudanças identitárias da Feira do Produtor de Maringá, durante seu percurso histórico, foram sendo reapropriadas pelos seus consumidores, compreendidos como feirantes, as suas práticas de interação, existindo a possibilidade de uma “bricolagem” com a economia cultural dominante.

Com este assunto pretendo colaborar nos estudos de estratégia como prática social em organizações como é o caso da Feira de Produtores de Maringá. É relevante conhecer a gestão construída no cotidiano dos feirantes, ainda mais quando estes são pequenos produtores, que além de atender a população com seus produtos, contribuíram na criação de um espaço único de socialização e cultura. Além disso, incluir nessa discussão a intersecção do tema identidade pode contribuir para o aprofundamento desses estudos na área organizacional.

Muito embora os estudos organizacionais se mostrem cada vez mais abertos aos trabalhos qualitativos, ainda são poucos os que se permitem ter olhos e ouvidos para ver os detalhes e escutar os sons que durante muito tempo foram silenciados em nossa área.

Assim, minha contribuição nesse sentido, se traduz nesta dissertação. Nas páginas que se seguem, veremos além desta seção introdutória, uma segunda seção em que abordei os aspectos teóricos que nortearam a minha pesquisa, logo, na terceira seção apresentei o percurso metodológico que foi seguido para desenvolver esta investigação. Na penúltima

seção mostrei as análises das minhas observações em campo assim como dos discursos colhidos sobre a história e as práticas de socialização da Feira do Produtor de Maringá e terminado esse item apresentei as influências das mudanças identitárias no cotidiano dos feirantes.

Finalizei esta dissertação apresentando as minhas conclusões, destacando a fragmentação da identidade da Feira assim como a sua ligação com as táticas e estratégias no cotidiano dos feirantes no transcurso histórico da Feira do Produtor de Maringá.

Peço licença, então, para dar a minha contribuição.

2 PARA ENTENDER UM POUCO MAIS DO QUE ESTOU FALANDO

Os assuntos que serão desenvolvidos em seguida são amplos e muito relevantes para esta dissertação. Tratarei de expressar conceitos e definições sobre a identidade e o cotidiano, que são os temas básicos tratados neste trabalho. Eles foram estudados em diversas áreas e na atualidade os estudos organizacionais estão se apropriando destes conceitos, às vezes ainda em formas tentativas e não definitivas. O resultado desta minha incursão teórica é mostrada a seguir.

2.1 SOBRE IDENTIDADE

Um dos assuntos relevantes que discuto neste trabalho é identidade, pois pretendo decifrar as mudanças identitárias ocorridas nos 30 anos de história da Feira do Produtor de Maringá. Para isto, apresento algumas abordagens e definições sobre este tema tão complexo. Logo, abordo o tema da identidade social e finalmente realizo uma discussão sobre a identidade organizacional e suas nuances.

Segundo Woodward (2004), apresentam-se preocupações em diversos planos que fazem da identidade um conceito central. Assim, no âmbito global se tratam de observar mais as identidades nacionais e étnicas; e numa esfera mais local, existem preocupações com a identidade pessoal. Dentro deste contexto global e local encontra-se a identidade organizacional, por isso, a relevância de tratar sobre a identidade num âmbito geral.

A complexidade do assunto identidade é de tal magnitude que Bauman (2005, p.16-17) assinala:

As pessoas em busca da identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o impossível: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no tempo real, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude...

Para o autor, a identidade só se dá como algo a ser inventado, criado e não descoberto, ou seja, a identidade não se procura e se acha, ela se dá como uma coisa que ainda precisamos construir a partir de zero ou escolher entre alternativas e então, lutar por ela. Assim, segundo o exposto, posso entender que a identidade possui uma condição perpetuamente inconclusa,

ela é criada e recriada constantemente. Mas para esclarecer melhor este tema parto de algumas concepções de identidade.

Para Candau (2012) a identidade, do ponto de vista do indivíduo, pode ser um estado (resultante, por exemplo, de uma instância administrativa: como é o passaporte que revela minha nacionalidade, minha idade, meu gênero etc.), uma representação (eu tenho ideia de quem sou) ou um conceito, o de identidade individual.

Já num marco histórico Nunner-Winkler (2011) assinala que para a formação da identidade de um tipo-ideal podem-se diferenciar três formações sociais: nas sociedades tradicionais, na modernidade clássica e nas sociedades pós-modernas. Na primeira, a identidade é instituída e estabilizada por meio de arranjos sócio-estruturais. Na segunda, a identidade é escolhida pelo indivíduo, mas estabilizada sócio-estruturalmente. Na última, a identidade é escolhida pelo indivíduo o qual produz sua estabilização através do tempo, contudo, a mudança rápida, a multiplicação das opções e a possibilidade de revisão de decisões dificultam esse processo.

Segundo a autora, para cada uma dessas diferentes sociedades associam-se conceitos diferentes de identidade. A sociedade tradicional corresponde à identidade dos papéis. Nesta sociedade, a partir do nascimento, a pessoa era identificada por sua vida toda e seus contextos sociais com um papel determinado, assim pessoa e papel se consolidavam numa unidade. Na modernidade clássica, com o desabamento das estruturas corporativas, os papéis são escolhidos num momento determinado e, até certo ponto, de forma livre. Assim, separam-se pessoa e papel, tanto na autocompreensão como a partir da perspectiva exterior. Com a passagem para as sociedades pós-modernas, os espaços de opção se multiplicam, a flexibilidade é incluída ou conquistada sócio-estruturalmente, e tudo isso é espelhado na identidade. A ênfase é dada ao fazer e refazer da identidade durante todo o transcurso da vida.

Para Nunner-Winkler (2011), esses conceitos pós-modernos de identidade estão sofrendo críticas, e mostram um homem que se assemelha àquele homem que carece de capacidade, de orientação, ação, relacionamento, e talvez até seja muito doente, com perturbações de personalidade. Em vista disso, para a autora, um sentimento interno de unidade é imprescindível, não apenas para o bem estar psíquico, mas também para a manutenção da saúde. A proposta da pesquisadora é suscitar esse sentimento através da competência narrativa, tal como assinala Giddens (2002): a autoidentidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado, o qual consiste na manutenção de narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas.

Assim, para Giddens (2002), a autoidentidade é para nós um percurso por meio das diversas instituições da modernidade, abrangendo a duração de todo nosso ciclo de vida, onde cada um de nós vive uma biografia reflexivamente organizada. Desta forma organizamos, ordenamos as diversas informações sociais e psicológicas sobre os possíveis modos de vida.

Para o autor, a modernidade afeta drasticamente a natureza da vida social cotidiana e os aspectos mais pessoais de nossa existência. A modernidade deve ser compreendida num nível institucional; porém as transformações introduzidas pelas instituições modernas se ligam de forma direta com a vida individual e, deste modo, com o eu. O autor realça o afloramento de novos mecanismos de autoidentidade que são constituídos pelas instituições da modernidade, quanto as constituem.

O eu, conforme Giddens (2002), não é uma identidade passiva dada por influências externas, pois ao forjar suas autoidentidades os indivíduos também contribuem para as influências sociais que são globais em seus efeitos. Desta forma, as mudanças na autoidentidade e a globalização são dois extremos da dialética do local e do global nas condições da alta modernidade³. Ou seja, alterações em aspectos íntimos da vida pessoal estão diretamente vinculadas ao estabelecimento de conexões sociais de grande amplitude.

Em suma, Giddens (2002) afirma que a globalização é acompanhada por transformações na vida social cotidiana, implicando profundamente as atividades pessoais, onde o eu se torna um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável. O que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve. Assim o autoentendimento se subordina ao objetivo mais amplo e fundamental de construir/reconstruir um sentido de identidade coerente e satisfatório.

Desta forma, compreendo dos argumentos de Giddens (2002) e Nunner-Winkler (2011), que nos tempos atuais (ou alta modernidade) cabe a nós, indivíduos, tecer constantemente nossa própria identidade segundo narrativas biográficas coerentes, de tal maneira que outorguem um sentido a esta, mesmo que as narrativas tenham que ser continuamente revisadas ou, em outras palavras, corrigidas. Porém, acredito que a realidade é muito mais complexa do que estes autores afirmam, pois se torna difícil criar narrativas coerentes, onde existe incoerência, já que somos seres formados por fatores psíquicos, difíceis de ser compreendidos, mas não por isso vamos afetar o nosso bem estar psíquico, já que, como assinala Maalouf (1999) o ser humano não se limita a tomar consciência do que é, mas faz o que é.

³ Para Giddens (2002) a alta modernidade representa os dias de hoje.

Neste sentido Hall (2011, p.13) assinala:

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos, ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

Dando continuação às concepções sobre identidade, Hall (2011), com base no sujeito, aponta três concepções: do sujeito do iluminismo; do sujeito sociológico; do sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo estava assentado num indivíduo centrado, unificado, provido das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que surgia no seu nascimento e com ele se desenvolvia, conservando-se sempre a mesma essência no decorrer de toda a sua existência. Esse centro essencial do eu conformava a identidade de uma pessoa.

Conforme o autor, a noção de sujeito sociológico apontava que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, contudo era formado na relação com outras pessoas que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos (a cultura) dos mundos que ele habitava, assim a identidade era formada na interação entre o eu e a sociedade. Nesta perspectiva o sujeito continua tendo um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado na interação contínua com os mundos culturais exteriores.

Por último, para Hall (2011) o sujeito pós-moderno é conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é concebida como um processo em produção, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito adota diversas identidades em diversos momentos, e estas não são unificadas sob um eu coerente. Pelo contrário, estas são antagônicas, compelindo em diferentes direções, deslocando continuamente nossas identificações. Desta forma, o sujeito pós-moderno possui uma identidade fragmentada, composta de várias identidades que podem ser contraditórias e não resolvidas.

Dos argumentos expostos observo que os autores tratados concordam que a sociedade pós-moderna provoca uma mudança radical nos conceitos de identidade até então desenvolvidos, devido ao abandono de parâmetros de referência que, em tempos passados, outorgavam aos indivíduos uma proteção estável no mundo social. Assim, entendo que provavelmente esta aparente proteção nos obstaculizava enxergar a realidade, que mais parece estar visível nos tempos atuais, onde estão decaindo as identidades que se tinham como alicerces, como são as identidades nacionais e étnicas.

Um exemplo disto é recordado por Bauman (2005, p. 20-21):

A sabedoria popular foi rápida em perceber os novos requisitos, e prontamente ridicularizou a sabedoria aceita obviamente incapaz de entendê-los. Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia é grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro.

Seria muito mais fácil para nós ter um quadro de referência, como antigamente, para saber quem somos, mas seria tampar o mundo das possibilidades, a riqueza da diversidade, da mistura, e das contradições que habitam no ser humano.

Quanto às contradições naturais, muitas vezes estas estão dadas por pensamentos e emoções inconscientes tal como explica Woodward (2004). A autora assinala que existe uma sobreposição entre identidade e subjetividade. A subjetividade sugere a compreensão de quem nós somos, abrangendo os nossos pensamentos e emoções conscientes e inconscientes que constituem a concepção de nosso eu. Em outras palavras, a subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais profundos. Porém, nós vivemos nossa subjetividade num meio social onde a linguagem e a cultura oferecem significados às experiências que temos de nós mesmos e onde nós adotamos nossas identidades. A subjetividade abarca as dimensões inconscientes do eu, o que está atrelado à existência de contradições, a subjetividade é assim tanto racional como irracional. Desta forma, gostaríamos que tudo estivesse sob nosso controle, mas muitas vezes isto não é possível por causa da presença da irracionalidade, assim nos vemos diante de forças que estão além do nosso controle. Esta noção de subjetividade desenvolvida pela autora permite um aprofundamento nos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e no investimento pessoal que fazemos em determinadas identidades particulares.

Por outro lado, Candau (2012), em oposição às concepções de identidades objetivistas, substancialistas, primordialistas, entre outras, observa a existência de um relativo consenso entre os pesquisadores em admitir que a identidade é uma construção social que acontece, de certa forma, no quadro de uma relação dialógica com o outro. Assim entendo que quando falamos dessa relação com o outro estamos falando também da relação com o diferente e neste sentido Woodward (2004) aponta que a identidade é marcada pela diferença e sustentada pela exclusão, para ela, a construção da identidade é tanto simbólica como social.

A autora afirma que a identidade é relacional, e isso acontece tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, como por meios de exclusão social. Identidade e

diferença não são opostos, pelo contrário, a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença são de alguma forma estabelecidas por meio de sistemas classificatórios.

Um sistema classificatório coloca um princípio de diferença a uma população, sendo capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos (nós/eles; eu/outro). Para a autora, as identidades são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao outro, isto é relativamente ao que não é (construção conhecida como composição binária).

De maneira similar, Silva (2004) argumenta que identidade e diferença estão em uma relação de extrema dependência. Sendo assim, as afirmações sobre a diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade. Exemplificando: quando dizemos que somos latinos estamos afirmando que existem outros seres humanos que não são latinos, se todos partilhássemos da mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam mais sentido. Ainda, para o autor, identidade e diferença são resultado de atos de criação linguística. Desta forma, ambas têm de ser ativamente produzidas, não são criaturas do mundo natural, mas sim, do mundo cultural e social. Assim somos nós que as fabricamos, no meio das interações culturais e sociais. Mas a identidade e a diferença não são simplesmente definidas, elas são impostas, elas não convivem harmoniosamente, elas são disputadas. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e diferença estão entrelaçadas com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de sinalizar a diferença não pode ser desvinculado de relações mais amplas de poder.

Destes argumentos compreendo que identidade e diferença são dependentes entre ambas e ao mesmo tempo disputadas, assim, quando falamos de identidade estamos falando de lutas, de relações de poder, o poder de definir a identidade e sinalizar o que é diferente, estamos falando das lutas das majorias contra as minorias, dos locais contra os estrangeiros, dos heterossexuais contra os homossexuais, mas muitas destas lutas são veladas, lutas ocultas.

E neste sentido podem ser entendidas as palavras de Bauman (2005, p.83-84):

A identidade [...] é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade [...]. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado...

Assim, para o autor, a identidade é uma ideia ambígua, ou uma faca de dois gumes, que envolve uma luta defensiva (já seja um indivíduo contra o ataque de um grupo, um grupo menor e mais fraco contra uma totalidade maior) e por outro lado, o desejo que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente. Destarte, como aponta Silva (2004), a questão de diferença e identidade não pode ser minimizada a uma questão de respeito e tolerância para com a diversidade, já que tanto a diferença como a identidade são social e culturalmente produzidas, sendo assim devem ser questionadas e problematizadas.

Para fazer uma síntese do apresentado sobre identidade menciono as palavras de Silva (2004, p. 96-97):

(...) a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Entendo dos argumentos apresentados, que na atualidade estão caindo as bases das concepções de identidade que defendiam esta como uma essência predeterminada e duradoura, pelo contrário, na atualidade é fácil perceber seu caráter indeterminado, instável, contraditório e inconcluso. Desta forma, a identidade é vista como um processo em constante construção e reconstrução. Outro ponto importante a ser mencionado é a sobreposição da identidade à subjetividade abrangendo aspectos racionais quanto irracionais não podendo ser completamente controlada. Finalmente, a identidade é dependente da diferença, e ambas, tanto a identidade quanto a diferença, são estruturas narrativas e discursivas, são criaturas sociais e culturais e não naturais, esta seja talvez a parte mais importante a ser debatida, porque podemos discutir e questionar as nossas identidades já que são narrativas e discursos que podem ser transformados.

2.1.1 Identidade Social

Partindo da área psicológica, Naujorks e Silva (2010) apontam que as teorias cognitivistas desenvolveram a noção de identidade tendo como referência os processos intergrupais e assimilaram a ideia da categorização social como mecanismo de formação da identidade. As bases seminais destes argumentos foram dadas por Henri Tajfel que, com a sustentação de várias pesquisas, desenvolveu a Teoria da Identidade Social (TIS) com o intuito de compreender os fundamentos psicológicos da discriminação entre grupos. Para Tajfel (1982, p. 290), a identidade social refere-se à “parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento de sua pertença a um grupo social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela pertença”. Segundo o autor, por meio dos processos de categorização social, o indivíduo enquadra outras pessoas e a si mesmo numa categoria de classificação (latino, judeu, esportista) e desta forma vai criando e definindo o seu lugar na sociedade.

Nesta perspectiva, o grupo social, conforme Hogg *et al.* (2004), compreende um conjunto de mais de duas pessoas que possuem a mesma identidade social, identificam-se da mesma forma e têm a mesma definição de quem são, que atributos eles têm e como eles se relacionam e se diferenciam de grupos externos específicos. Os autores esclarecem também que a identidade social é muito diferente da identidade pessoal. Esta última é uma autointerpretação em termos de atributos de personalidade idiossincrática que não são compartilhados com outras pessoas, “eu”, ou estreitas relações pessoais que estão ligadas inteiramente a outra pessoa específica na relação diádica, “eu” e “você”. Para eles, a identidade pessoal tem pouco a ver com os processos de grupos, embora o grupo pode muito bem proporcionar um contexto no qual as identidades pessoais são formadas.

Para os autores, as pessoas possuem tantas identidades sociais e pessoais quanto são os grupos que sentem que pertencem. As identidades variam em importância subjetiva e valor, e também em acessibilidade crônica e situacional. No entanto, em qualquer situação, apenas uma identidade é psicologicamente a verdadeira base saliente de autointerpretação, percepção social e conduta, ou seja, apenas uma identidade é psicologicamente real em dada situação. Ainda, as identidades podem mudar rapidamente em resposta a mudanças contextuais, por conseguinte, a identidade social é dependente do contexto.

Do exposto, posso entender que a identidade social corresponde à noção que um indivíduo possui de pertencer a um determinado grupo social, mas este conhecimento está

atrelado a significados emocionais (sentimentos) e de valor, e é resultado de processos de categorização social. Entendo também que quando realizamos estes processos de categorização ordenamos o mundo social em grupos, ou seja, classificamos. Neste sentido, para Silva (2004), classificar significa dividir o mundo entre nós e eles, sendo este processo de classificação central na vida social. Para o autor, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos proporcionais. Dividir e classificar significa também hierarquizar. E ter a faculdade de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos classificados.

Segundo o autor, o modo mais simples de classificação se estrutura em torno de oposições binárias, ou seja, ao redor de duas classes polarizadas. Para Derrida, segundo Silva (2004), em uma oposição binária um dos termos é sempre favorecido, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Desta forma, Silva (2004) afirma que as relações de identidade organizam-se todas, ao redor de oposições binárias (rico/pobre; masculino/feminino etc.), e questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar estes binarismos.

Ainda, Silva (2004) agrega que, a normalização é uma das formas pelas quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença, pois ao normalizar elegemos uma determinada identidade como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são ponderadas e hierarquizadas. Ao normalizar outorgamos a certas identidades todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser ponderadas em forma negativa. A identidade normal é vista como natural, única, e possui tal força que ela nem sequer é percebida como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Contrariamente, são as outras, as diferentes, as que são marcadas como tais. Desta forma, entendo que a normalização é uma manifestação das relações de poder entre os seres humanos, onde as identidades não normais (diferentes) são colocadas nos níveis mais baixos da hierarquia, elas sim são apontadas e assinaladas, seja por relação à classe, à cultura, ao gênero, ao fenótipo, à identidade sexual, à diferença geracional, à diferença regional, entre outros.

Por outro lado partindo de um enfoque mais sociológico, Candau (2012) assinala que o termo identidade aplicado a um grupo é inexato porque ele nunca pode designar com rigor uma recorrência, pois duas pessoas nunca são idênticas entre elas (mesmo falando de gêmeos). Desta forma, o termo é utilizado em um sentido menos rigoroso, dando a entender semelhança ou similitude. Assentindo este uso, a identidade cultural e coletiva é, para o autor, uma representação. Neste sentido, é possível observar como os indivíduos sentem-se

partícipes de um grupo e produzem diversas representações, seja quanto à origem, história, e natureza.

O autor discorda em utilizar o termo identidade cultural ou coletiva para designar um estado de todo um grupo, quando na realidade só uma maioria compartilha o referido estado (mesmo nos limitando a um estado exclusivamente protomemorial⁴). E ainda, considera reducionista definir a identidade de um grupo a partir unicamente da protomemória, visto que as estratégias de identidade dos membros de uma sociedade são bem mais complexas que o simples fato de mencionar passivamente hábitos incorporados. Na linha de pensamento do autor, encontram-se as teses situacionais, as quais sustentam que as identidades não se constroem a partir de um conjunto constante e objetivamente definível de traços culturais, pelo contrário, afirmam que as identidades são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações onde surgem os sentimentos de pertencimento, de visões de mundo identitárias ou étnicas. De igual forma, Jenkins (2008) assinala que a identidade social compreende um processo dialético, onde o individual e o coletivo estão profundamente relacionados. Assim, identificar a nós mesmos, ou outros, é uma questão de significado e sentido sempre envolvendo a interação (concordância e discordância, convenção e inovação, comunicação e negociação). Desta forma a identidade para o autor só pode ser entendida como um processo de ser ou tornar-se, nunca sendo uma questão final ou resolvida.

Dos argumentos expostos entendo que a definição de identidade social não se limita a simples definição dos nossos traços culturais, pelo contrário, depende das nossas vivências, dos nossos agires e interações de cada dia. Observo também que os sentimentos de pertencimento são um aspecto relevante quando falamos de identidade porque por meio destes podemos delinear nosso lugar dentro da sociedade.

Neste sentido, Maalouf (1999) assinala que a identidade de uma pessoa está constituída por uma infinidade de afiliações ou pertenças, mas não todas essas pertenças têm a mesma importância, ao menos simultaneamente, e nenhuma carece por completo de valor. Para o autor, estas pertenças são os elementos constitutivos da personalidade. Ainda que cada um destes elementos esteja presente em numerosos indivíduos, nunca se dá a mesma combinação em duas pessoas distintas, o que faz com que cada ser humano seja singular e potencialmente insubstituível. Porém, segundo o autor, em todas as épocas nos fizeram acreditar que tínhamos uma única pertença primordial, tão superior às demais em todas as

⁴ Para Candau (2012), protomemória é uma memória de baixo nível, imperceptível, que acontece sem termos consciência. No plano do indivíduo compõe os saberes e as experiências mais resistentes e mais bem compartilhadas pelos integrantes de uma mesma sociedade, as quais foram adquiridas no tempo de sua socialização primeira e contribuem a defini-los.

circunstâncias que estava justificado denominá-la identidade (a religião para uns, a nação, a classe social etc. para outros). Mas, na atualidade, é possível enxergar, diante dos diversos conflitos que acontecem no mundo, que não há uma única pertença que se imponha de maneira absoluta sobre as demais. Se existe, entre os componentes da identidade de uma pessoa, uma hierarquia, esta não é imutável, mas muda com o tempo e modifica profundamente os seus comportamentos.

Desta forma, para Maalouf (1999) não é necessário procurar uma pertença essencial com a qual um possa se reconhecer, mas sim, procurar aflorar o maior número possível de componentes da sua identidade. Assim, para o autor, devido a cada uma das nossas pertenças tomadas por separado, encontramos-nos unidos por certo parentesco a muitos dos nossos semelhantes, e simultaneamente devido aos mesmos critérios, mas tomados em conjunto, possuímos uma identidade própria, que não se confunde com nenhuma outra.

Para o autor, a identidade se constrói e se transforma no decorrer de toda nossa existência, assim o ser humano não se limita a tomar consciência do que é, mas faz o que é, não se limita a tomar consciência de sua identidade, mas a adquire passo a passo. Ainda Maalouf (1999) assinala que a identidade de uma pessoa não é uma sobreposição de pertenças autônomas, não é um mosaico, mas é a integração de todas elas, basta tocar só uma dessas pertenças para que vibre a pessoa inteira. Segundo o autor, as pessoas tendem a se reconhecer na pertença que é mais atacada, assumida ou oculta e é com ela que se identificam. Essa pertença (a uma raça, religião, língua, classe...) invade então a identidade inteira. Os que a compartilham se sentem solidários, se agrupam, se mobilizam, se dão ânimos entre si. Para eles, afirmar sua identidade passa a ser inevitavelmente um ato liberador.

Maalouf (1999) denuncia a redução da identidade à pertença a uma coisa só, já que esta instala nos homens uma atitude parcial, sectária, intolerante, dominadora e às vezes suicida, e os transforma em pessoas que matam ou em partidários dos que o fazem. Em contraste com isso, desde o momento em que concebemos nossa identidade como integrada por múltiplas pertenças, desde o momento em que vemos em nós mesmos diversos elementos confluentes, diversos aportes, diversas mestiçagens, diversas influências sutis e contraditórias, se estabelece uma relação distinta com os demais e também com os nossos (nossa própria tribo). Já não se trata mais de nós e deles, já que existem pessoas que estão do nosso mesmo lado com quem se têm pouco em comum e pessoas do outro lado que são mais afins. É fácil e natural se perder nos limites da legítima afirmação da identidade e conseqüentemente invadir os direitos dos demais, a identidade começa refletindo uma aspiração legítima e radicalmente se converte num instrumento de guerra.

Segundo Maalouf (1999), é mister elaborar uma nova concepção de identidade, nesta época de mundialização, onde está presente o processo acelerado de amálgama que nos envolve a todos. Conforme o autor, não podemos nos limitar a obrigar as pessoas a escolher entre afirmar até a morte sua identidade ou perde-la por completo, sendo necessário que nossos contemporâneos sejam incentivados a assumir suas múltiplas pertencas, ante às demais culturas, pois se se sentirem obrigados a eleger entre negar-se a si mesmos e negar aos outros, estaremos formando legiões de loucos sanguinários, legiões de seres extraviados.

Por outro lado, Bauman (2005) assinala que a questão da identidade só surge com a exposição a comunidades de destino que, diferente das comunidades de vida (onde os membros vivem juntos numa ligação absoluta), são fundidas por ideias ou por uma variedade de princípios. Nestas comunidades de destino, existe mais de uma ideia que une os seus participantes, e chegam a ser tantas as ideias e princípios que é necessário comparar, fazer escolhas e reconsiderá-las, tentando conciliar demandas opostas e frequentemente incompatíveis. Desta forma, conforme Bauman (2005), diante da perda dos sustentos sociais da identidade que a faziam parecer natural e predeterminada, a identificação torna-se relevante para os indivíduos que procuram um “nós” a quem recorrer. Como consequência, encontramos-nos lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que buscamos.

Por outro lado, o autor assinala que a identificação é um fator de peso na estratificação, existindo no polo da hierarquia global aqueles que têm maior possibilidade de constituir e desarticular as suas identidades segundo sua própria vontade, tendo a opção de escolha entre um largo leque de opções. Já no lado contrário, estão aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não possuem o direito de manifestar as suas preferências e que no final se encontram oprimidos por identidades aplicadas impostas por outros. Identidades das quais eles renegam, mas não têm como se livrar, são identidades que estereotipam, humilham e desumanizam. Para Bauman (2005), é no meio destes dois pólos que a maioria das pessoas se encontra, sem ter a certeza do tempo de duração da liberdade de poder escolher a sua identidade. O prazer de selecionar uma identidade é na maior parte do tempo, corrompido pelo medo, medo ao fracasso que conduziria a que outra identidade intrusa e indesejada se imponha sobre aquela que nós próprios escolhemos e construímos.

Destes argumentos compreendo que as relações de poder são uma parte crucial ao falar de identidade, assim no dia a dia podemos reparar que o ser “diferente” oprime: negros, indígenas, homossexuais, entre muitos outros que são discriminados e excluídos. Neste sentido, Hall (2004) assinala que as identidades surgem do jogo de modalidades específicas

de poder, e são mais o produto da diferença e da exclusão que o signo de um todo coeso, de uma unidade idêntica.

Mas a diferença nem sempre pode ser construída negativamente como assinala Woodward (2004), por meio da exclusão ou da marginalização. A diferença pode ser celebrada como manancial de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo desta forma enriquecedora. Assim observo que talvez este seja o caminho que possa nos orientar, se os indivíduos refletirem e se depararem, como afirma Maalouf (1999), com todo o hibridismo que faz parte de cada um de nós, com essas múltiplas pertencas, poderíamos nos reconhecer no outro, e não o reprimir, e se isto for muito ingênuo, pelo menos podemos dar espaço para questionamentos identitários, de maneira que possamos enxergar os discursos identitários que estamos executando no nosso viver.

2.1.2 Identidade Organizacional

Como vimos até o momento, identidade é um conceito muito ligado ao processo de socialização do ser humano. Como esta dissertação trata da identidade de pessoas e de um local - a Feira do Produtor de Maringá - senti a necessidade de buscar na literatura textos que discutissem sobre identidade organizacional, e descobri que esses estudos se iniciam com a obra seminal de Albert e Whetten, conforme citado pelo próprio Whetten (2006).

Whetten (2006) afirma que este artigo inicial apresentava uma formulação tripartite da identidade organizacional, em que ela consistia em: a) um componente ideacional, que era formado por crenças compartilhadas dos membros sobre a questão "quem somos nós como organização?"; b) um componente de definição, onde foi proposto um domínio conceitual específico para a identidade organizacional, a qual apresentava características centrais, duradouras e distintivas (*central, enduring and distinctive - CED*)⁵ e; c) um componente fenomenológico que postulava que o discurso identitário era mais provável a ser observado em conjunto com experiências organizacionais profundas.

⁵ Na mesma perspectiva dos estudiosos da identidade pessoal que afirmavam que existia uma pertença essencial ou um caráter central no indivíduo que denotava sua identidade, Albert e Whetten (1985 *apud* WHETTEN, 2006) também acreditavam que as organizações tinham atributos centrais que as diferenciavam das outras e estes eram duradouros.

Desde então, surgiram diversos estudos sobre este tema, porém, como assinalam Almeida e Flores-Pereira (2012), no campo dos estudos organizacionais e da administração, as discussões sobre o conceito de identidade e sua dinâmica são controversas. He e Brown (2013, p. 5-6) exemplificam algumas das tentativas para redefinir o conceito de identidade organizacional:

[...] the theory that members of an organization have about who they are (Stimpert, Gustafson, & Sarason, 1998, p. 87) and more recently as “the combinative construal of firm culture, history, structure, characteristics, status and reputation” (Martin, Johnson, & French, 2011, p. 576).

Além disso, Whetten (2006) assinala que a identidade organizacional é descrita por alguns autores como uma propriedade altamente estável das organizações, enquanto outros a caracterizam como uma propriedade relativamente maleável, regularmente alterada para refletir as mudanças ambientais. E mesmo que alguns autores argumentem que a identidade de uma organização é composta por elementos fragmentados, muitas vezes incompatíveis, outros desafiam esta caracterização, enfatizando sua contribuição essencial para a ação organizacional coerente e consistente.

Diante destas muitas discussões sobre identidade organizacional que apresentam incertezas e divergências, o que está claro para He e Brown (2013) é que ao falar de identidade organizacional nos referimos às tentativas de uma organização para se autodefinir, e envolvem questões como: quem somos? e quem queremos nos tornar? Para os autores, há um consenso de que a identidade organizacional é um conceito de nível coletivo.

Mas segundo He e Brown (2013), também existe uma opinião minoritária a qual sustenta que a identidade organizacional é um dispositivo metafórico que sugere semelhanças entre identidades individuais e coletivas. Por outro lado, conforme os autores, também existe o debate sobre como diferenciar a identidade organizacional de termos como imagem, reputação corporativa, interpretação da imagem externa, e particularmente cultura organizacional. Desta forma, desenvolveram-se uma multiplicidade de perspectivas com diferentes hipóteses ontológicas e epistemológicas assim como percursos metodológicos.

Alvesson e Empson (2008) alegam que é comumente argumentado que a identidade organizacional representa a forma pela qual os membros de uma organização se definem como um grupo social em relação ao seu ambiente externo, e como eles entendem ser diferentes diante de seus concorrentes. Acredita-se também, segundo os autores, que os membros de uma organização modelam e são moldados por essa identidade organizacional. Portanto, a identidade organizacional é mais do que simplesmente uma resposta para a

pergunta: "Quem somos nós?" Como uma organização, apresenta-se, potencialmente, uma resposta parcial à pergunta "Quem sou eu"?

Das muitas abordagens desenvolvidas sobre este tema, He e Brown (2013) discutiram ao menos quatro: a funcionalista, a social construtivista, a psicodinâmica e a pós-moderna. Para os autores, as perspectivas funcionalistas sustentam que as identidades são compostas de essência, objetivo e características muitas vezes tangíveis. As pesquisas são realizadas através dos estudos organizacionais e em áreas como marketing e estratégia. Na área de marketing, a identidade organizacional é frequentemente associada com logos empresariais, atributos físicos das corporações, histórias oficiais, documentação e discursos de gerentes. Para os autores, esta abordagem funcionalista da identidade organizacional é insensível ao discurso e à natureza da cognição, e ignora as relações de poder em que as declarações de identidade são feitas, defendidas, esquecidas e contestadas.

Para He e Brown (2013), a perspectiva sócio-construtivista ou abordagens interpretativas ou de cognição social consideram a identidade organizacional como socialmente construída em relações realizadas coletivamente e as cognições individuais socialmente estruturadas a respeito de que a organização é. Na maioria das formulações, a identidade organizacional é abordada sobre os entendimentos compartilhados do que é central, distintivo e duradouro em uma organização, que dá sentido à experiência de membros de trabalho e que derivam de um complexo de interações por vários agentes de todos os grupos profissionais e níveis hierárquicos. Esta abordagem tende a representar a identidade organizacional como menos estável e mais maleável, interessando-se menos no resultado das decisões dos altos executivos e estando mais aberta para a influência política dos diferentes níveis. É menos claramente definida e mais ambígua que as perspectivas funcionalistas.

Quanto às perspectivas psicodinâmicas e psicanalíticas sobre identidade organizacional, He e Brown (2013) afirmam que estas complementam as abordagens realistas e racionalistas, chamando a atenção para outra forma não reconhecida de processos inconscientes nas organizações que moldam as identidades coletivas.

E por último, os autores assinalam que as perspectivas pós-modernas são associadas muitas vezes aos questionamentos, aos desafios, à indeterminação, à fragmentação e à diferença, envolvendo conceitos que têm suas origens num crescente sentimento de problematização da identidade. Nelas, as perspectivas da identidade organizacional são associadas com teorizações discursivas (linguísticas), imagéticas e análise dos fenômenos de identidade, ainda que outros acreditem que a identidade em qualquer nível é mais considerada como um mito ou ilusão, e também uma invenção do poder.

For example, Gioia et al. (2000, p. 72) have noted how postmodern assumptions result in a fracturing of organizations' identities such that "Identity no longer holds a distinct and persistent core of its own but becomes a reflection of the images of the present moment" (HE; BROWN, 2013, p.10)

Segundo os autores, embora tenha havido, em geral, nos estudos de gestão e organizações, desgosto, desconfiança e indisposição para se envolver com as concepções pós-modernas da identidade organizacional, foi impossível ignorá-las completamente.

Diante do exposto sobre identidade organizacional, posso observar que foram apropriadas definições de identidade trazidas de diversas áreas como psicologia, sociologia e até filosofia que resultaram em inúmeras pesquisas, muitas delas contraditórias, tornando-se difícil assimilar uma ideia clara sobre o conceito de identidade organizacional. Acredito que é necessário refletir muito mais sobre este campo de investigação, uma vez que ao falar de identidade nos vinculamos a aspectos existenciais, sendo um tema muito obscuro, o qual provavelmente não seja possível sintetizar num simples esquema teórico. A realidade é tão complexa que parece impossível entendê-la com argumentos prescritivos, sendo necessário ter uma concepção mais aberta para sair dos esquemas e poder enxergar as diversas dimensões em que esta transcorre, ainda mais se tratando de um tema tão profundo como é a identidade.

Como os conceitos desenvolvidos por Albert e Whetten sobre a identidade organizacional causaram tanta ressonância nos estudos sobre este assunto, apresento a seguir brevemente o estudo de Whetten (2006), o qual reformula a descrição do artigo original realizada por Albert e Whetten. O autor tenta formular o conceito de identidade organizacional de maneira que possa ser distinguido analiticamente de conceitos relacionados como cultura organizacional e imagem e ser usado para identificar as afirmações associadas ao discurso de referência de identidade.

Whetten (2006) enfatiza o conceito de identidade organizacional como os atributos centrais e duradouros de uma organização que a distinguem das outras. A identidade organizacional significaria a autodeterminação e autodefinição do espaço social único de uma organização e que se reflete em seu padrão único de compromissos vinculativos.

Na prática, os atributos *CED* funcionam como referências de identidade para os membros de uma organização e são mais propensos a serem invocados quando os membros da organização estão enfrentando profundas bifurcações no caminho da organização. Assim, para o autor, nesses ambientes as afirmações de identidade provavelmente serão representadas como imperativos categóricos, evitando sair de seu caráter organizacional.

O autor divide a definição *CED* em um padrão funcional (atributo distintivo) e um padrão estrutural (atributo central e duradouro). O componente funcional estabelece que o subconjunto de atributos de uma organização que são pertinentes para o estudo da sua identidade são aqueles que têm repetidamente demonstrado o seu valor em como distinguir as características organizacionais. Em essência, esses referenciais de identidade efetivamente especificam a quem um ator organizacional é semelhante e de que forma ele é diferente de todos. Já o componente estrutural da definição *CED* especifica que os atributos centrais e duradouros são mais capazes de satisfazer a exigência da identidade do ator ser reconhecida por todas as partes interessadas.

Assim, para Whetten (2006), se algo não é uma característica central e duradoura, então não é susceptível de ser invocado como uma característica distintiva, e está fora do domínio estipulado para este conceito. O ponto central aqui é que as organizações são mais conhecidas por seus mais profundos compromissos (o que elas repetidamente se comprometem a ser ao longo do tempo e através das circunstâncias). A definição *CED* serviu e serve ainda de base para numerosas pesquisas, mas seu campo de visão é limitado, como assinalam Alvesson e Empson (2008).

Alvesson e Empson (2008), com um olhar mais crítico, distinguem que diante da definição dada por meio dos atributos principais da identidade organizacional (*CED*), é possível observar que as organizações e indivíduos contemporâneos podem ser mais fragmentados e maleáveis do que essa definição poderia sugerir, particularmente em um mundo dinâmico. Conforme Alvesson e Empson (2008), para que a identidade organizacional tenha sentido, os membros da organização devem concordar amplamente que a organização tem certas características distintivas, que a diferenciam das outras, ao longo do tempo, e que estes aspectos caracterizam a organização em diferentes situações e variados assuntos, tais como decisões, ações e políticas. No entanto, os autores reconhecem que nem todas as organizações são construídas como altamente distintivas, positivas e significativas por todos os seus funcionários, e nem todas são fáceis de retratar em termos de características-chave. Ainda, há muitas pessoas que não se definem através da identificação com sua organização e outras que são totalmente dissociadas da participação no grupo de trabalho. Mas, frequentemente, há algumas pessoas com uma afiliação com a organização, e são as características percebidas por estas que informam os esforços dos empregados na determinação que quem eles são.

Assim, para Alvesson e Empson (2008), sob circunstâncias normais, a identidade não pode representar um ponto de referência fundamental para algumas organizações, embora ela

ainda possa ser um tema implícito e, em determinadas circunstâncias (por exemplo, diante de ameaças percebidas), pode ser saliente e significativa em todas as organizações. Portanto, para os autores, a presença ou a importância da identidade organizacional (ou seja, partilhada de significados em torno do que é distintivo da organização), não deve ser considerada como sendo universal.

Os conceitos de identidade organizacional, desenvolvidos por Albert e Whetten no seu artigo seminal fizeram uma analogia entre a identidade individual e identidade organizacional. Mas cabe destacar que a definição da teoria dos atributos da identidade organizacional (*CED*), aplica conceitos atualmente muito contestados sobre identidade, como foi visto na apresentação de identidade e identidade social. Muitos autores como Maalouf (1999), Candau (2012), Bauman (2005), Silva (2004), Hall (2004, 2011) coincidem em dizer que a identidade não é uma essência, não é fixa nem estável, mas um processo em produção, assim ela é inacabada, e muitas vezes contraditória. Desta forma, limitarmos a falar de aspectos centrais da identidade, seria como tampar os olhos para a identidade múltipla e instável.

Mas a aparente noção compartilhada de continuidade da organização, segundo Alvesson (1994), pode ser amparada na percepção de continuidade proporcionada pelos discursos e narrativas que operam a estabilidade da ordem social ou grupal, interligados aos hábitos e recursos de comunicação como figuras conceituais, metáforas, signos, entre outros, adotados por eles. Em si a organização procura, segundo Zanelli (2003), preservar sua identidade e sobrevivência, e para isto desenvolve uma estrutura normativa e uma estrutura de ação originada principalmente nas posições dirigentes. A estrutura normativa compreende valores, normas, expectativas de papéis, padrões de comportamento e interação, entre outros; enquanto a estrutura de ação abrange padrões reais de interação e comportamento. Desta forma enxergo que as organizações procuram alicerces nos quais se apoiar, e para isto criam mecanismos que aparentam dar uma estabilidade identitária, mas como foi exposto, isto é uma ilusão.

Segundo Hall (2004) as identidades são produto de uma exitosa articulação ou fixação do sujeito no fluxo do discurso. E é justamente pelo fato das identidades serem criadas dentro dos discursos que se torna necessário entendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, por estratégias e iniciativas específicas. Ainda, elas surgem no interior do jogo de formas específicas de poder e são, desta forma, mais o resultado da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade em seu significado tradicional, ou seja, uma mesmicidade que tudo inclui, uma identidade sem suturas, inteiriça, central sem diferenciação interna. Ao observar estes argumentos, observo que muito da

literatura da identidade organizacional compreende esta sem suturas, inteiriça, central, deixando de lado os processos complexos que dão lugar à identidade, como são as práticas discursivas, a história, a memória, as representações, a subjetividade das interações e as relações de poder.

Conforme Hall (2004), diferentemente da linguagem do senso comum (que vê a identificação como sendo construída a partir de uma origem, ou características ou idéias comuns) a abordagem discursiva compreende a identificação como uma construção inacabada, incompleta, em transcurso. Assim, para o Hall (2004, p. 106), “a identificação é, pois, um processo de articulação, uma sobredeterminação e não uma subsunção. Há sempre demasiado ou muito pouco, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade.” A identificação opera por meio da diferença, é o exterior que a constitui. Desta forma, as identidades podem funcionar, durante todo seu percurso, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para converter o diferente em exterior.

Assim lembramos novamente da vinculação entre identidade e diferença. Ambas, segundo Silva (2004), são dependentes da representação, já que por meio desta que a identidade e a diferença adquirem sentido ou em outras palavras, passam a existir. Neste contexto representar significa dizer: identidade é isso. É também por meio da representação que a identidade e a diferença se conectam a sistemas de poder, pois quem tem o privilégio de representar tem o poder de definir a identidade.

Desta forma, ao falar sobre identidade organizacional, torna-se relevante observar como as várias identidades que conformam uma organização são representadas e como interagem entre elas dando lugar a uma hierarquia, destacando-se umas por cima de outras por meio das relações de poder. Assim, acredito que é importante pensar as diversas identidades presentes na organização, sendo que muitas destas às vezes se encontram mudas ou silenciadas sem poder de ser expressas. Neste sentido, Bauman (2005, p 83) assinala que a identidade tem duas faces:

pode ser assumida por um grupo que se resente da falta do seu reconhecimento pelo grupo dominante que considera o seu comportamento como um desvio; ou pode ser assumida estrategicamente pelo grupo que considera que as diferenças do grupo menor não são suficientemente importantes para impedir a fidelidade a uma totalidade mais ampla.

Desta forma Bauman (2005) afirma a existência de grupos dominantes e dominados e a luta por fazer reconhecer sua identidade ou de conquistar esta. Neste sentido acredito que as organizações são palco destas lutas identitárias, e do jogo do poder. O poder, como assinala Silva (2004) de definir a identidade e sinalizar o diferente.

Segundo Vieira (2004), várias vertentes estudaram o poder na área organizacional. Tais como as vertentes ortodoxas e funcionalistas, para as quais o poder organizacional e legítimo encontra-se na estrutura hierárquica e nas relações entre seus diversos níveis, servindo aos interesses de certos grupos. Já a vertente crítica procurou pesquisar o processo por meio do qual diversas questões poderiam ser excluídas das decisões, a fim de favorecer determinados grupos. Outra corrente nessa mesma vertente crítica, que provém dos teóricos do processo de trabalho, examinaram o poder exercido pela rotina organizacional, assinalando que eles são produzidos por meio de jogos.

Segundo a autora, nessa última corrente, os autores consideram o padrão histórico que estrutura o contexto do poder vindo do controle direto, através da inspeção e controle burocrático. Desta forma as resistências são isoladas e podem ser facilmente derrotadas. Maneiras de eliminá-las: a divisão do tempo e espaço para minimizar a interação; ou mesmo os grupos invisíveis uns aos outros; ou também criar um sistema de competitividade individual, por meio do pagamento de bônus ou outros mecanismos compensatórios.

Desta forma, Vieira (2004) compreende que enquanto os teóricos funcionalistas vêem o poder como uma força estratégica utilizada para derrotar o conflito, que é sempre disfuncional e ilegítimo, já que é prejudicial para a organização, os teóricos críticos mostram a face política do poder. E neste caso, a liderança, a cultura e a estrutura são mecanismos de dominação. Logo, não são neutros, os símbolos e valores são entendidos como criações que legitimam a exploração.

Ainda Vieira (2004, p.73) cita os trabalhos desenvolvidos por Foucault (1975) e Bourdieu (1991), os quais estavam preocupados com os instrumentos de disciplina:

Foucault (1975) observou o exercício do poder como algo que circula e se estende em rede, suportado pela acumulação do saber. Ao mesmo tempo, demonstrou que a dominação capitalista não conseguiria se manter apenas por meio da punição, ao contrário, sua eficácia só se revelaria através do aprimoramento e adestramento do corpo humano, o que segundo Bourdieu (1991), pode ser entendido como aquele poder que não está nos olhos de quem supervisiona, mas nos sistemas simbólicos. Enquanto instrumentos de conhecimentos e de comunicação, os símbolos tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social, contribuindo para a reprodução da ordem social. Assim, as relações de comunicação são sempre relações de poder. São as culturas dominantes que, por meio do poder simbólico, oferecem significados para as identidades das pessoas, ou seja, que definem o que as pessoas são ou querem ser. Trata-se, conforme Bourdieu (1991), de um exercício sutil e eficaz de um poder invisível, de um poder que se apóia nos sistemas simbólicos e, portanto, discursivos.

Diante do apresentado, se torna muito mais fácil de enxergar a importância das práticas discursivas, como suporte para as relações de poder e a construção de identidades.

Em suma, enxergo que a identidade organizacional é dependente do contexto e nela se aplicam as mesmas afirmações feitas por Silva (2004) e Hall (2004) sobre identidade, assim ela também é inacabada, instável ligada a estruturas discursivas e conectada a relações de poder. Então ao falar sobre identidade organizacional não podemos deixar de considerar o cotidiano da organização em que se escreve a sua história, onde se encontram as memórias dos seus membros, onde se proclamam os discursos formadores de identidades, e onde se levam a cabo as relações de poder.

Desta forma, em minha concepção, a identidade organizacional não tem um conceito essencialista, composto por um núcleo estável, permanente e duradouro, mas é multiplamente construída por meio dos discursos, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

2.2 COTIDIANO

No início da minha reflexão sobre este tema, percebi que ao falar do cotidiano, falamos da ação de todos os dias, da rotina, dos fatos banais e corriqueiros que fazem parte do dia a dia... desde o acordar, até o próprio descansar, mas o que me chamou a atenção é que ao falar do nosso cotidiano falamos da nossa vida sendo vivida. A partir disto, consegui compreender a relevância e a grandiosidade do cotidiano, muitas vezes visto como uniformidade e repetição, sem apreciar toda a riqueza contida neste viver de todos os dias.

A origem do termo cotidiano, conforme Guarinello (2004), decorre do termo latino, *quot dies* e significa um dia e todos os dias. Abrange, desta forma, tanto o imediato (o que acontece em instantes de tempo) como o duradouro (o que acontece todos os dias). Neste cotidiano, segundo o autor, estão contidos os grandes eventos, as mudanças, as pequenas e grandes ações, o banal e o excepcional, a repetição e o único, a inércia e a transformação.

Ainda, segundo Guarinello (2004, p. 26), o cotidiano não é uma esfera particular da vida, mas um tempo, um momento, o presente, que visto em perspectiva congrega uma sucessão de presentes no fluxo contínuo da vida. Porém, atrelar o cotidiano ao presente tem relevantes conseqüências, pois o presente não é a repetição do passado, mas uma arena de restrições e de múltiplas possibilidades para projetos alternativos de futuro. Assim, para o

autor, “o presente entendido como o dia de hoje, é como o vértice de uma tríade temporal que forma, com o passado e o futuro, o curso da história”.

Destarte, posso vislumbrar a relevância do cotidiano como fonte de pesquisa, já que nele encontramos a vida sendo vivida (de instante a instante), assemelhando-se a minúsculos fios que, sendo entrelaçados, formam o grande tecido da história. É neste cotidiano que o homem comum passa a ser protagonista, tal como assinala Martins (1998), o novo herói da vida é o homem comum, pois no cotidiano está o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais.

As pesquisas sobre o cotidiano foram desenvolvidas por muitas linhas teóricas, entre elas se destacam os estudos realizados pela tradição marxista, com representantes como Lukács, Heller e Lefebvre, os quais trabalharam profundamente as noções do cotidiano e da vida cotidiana. Já seguindo um ponto de vista mais heterodoxo encontra-se Michel de Certeau que, com uma lógica própria, nos mostra a invenção do cotidiano. Na sequência apresentarei brevemente os conceitos desenvolvidos por cada um destes autores sobre o cotidiano.

Lukács, filósofo húngaro, enxergou na simplicidade da vida cotidiana as bases para o conhecimento do ser social (LUKÁCS, 2010). Nos seus diversos escritos (LUKÁCS, 2010, 2012, 2013), amparado pelo legado marxista, e realizando uma análise histórico-crítica regatou o cotidiano como base para uma ciência mais próxima à realidade, pois acreditava que “a ciência brota da vida” (LUKÁCS, 2012, s.p.). Lukács no âmbito do cotidiano identificou diversas esferas da vida assim como duas dimensões (genérica e da singularidade).

Lukács (2010) afirma que da mesma forma que o ser humano não é capaz de ter um conhecimento íntegro de todos os componentes das suas decisões e consequências, também na vida cotidiana o verdadeiro ser se manifesta de forma muito distorcida, muito em parte pela imediaticidade da vida cotidiana. Desta forma, para este filósofo é necessário partir da imediaticidade, e transpassá-la para poder apreender o ser autêntico em si. Fica fácil compreender a imediaticidade ao observar a cotidianidade onde somos chamados a dar respostas rápidas, onde a relação do nosso pensamento e ação geralmente está dada de forma imediata.

Um exemplo disto é dado por Lukács (2012 s.p):

Os seres humanos possuem e utilizam, por exemplo, ferramentas, sem se preocupar muito com quais são os nexos naturais – objetivos, existentes em si – que compõem a base da existência e da utilização desse tipo de instrumento. Trata-se, de fato, de um traço essencial da vida cotidiana, em que é necessária uma relação imediata entre teoria e prática.

Agregando a isto, Costa (2001) assinala que não há um tipo de comportamento que anule essa relação de imediaticidade posta no cotidiano. Pois se para cada ação que o homem realiza tivesse que pensar reflexivamente sobre a causalidade e processualidade, o funcionamento do cotidiano seria afetado e poderia sofrer uma paralisia reflexiva.

Além da imediaticidade presente na vida cotidiana, Lukács aponta também a presença da heterogeneidade, esta, segundo Netto (2012), compreende a interseção das atividades que compõem o conjunto de objetivações do ser social. Lukács (2012) assinala que em determinadas circunstâncias do cotidiano a heterogeneidade pode atingir o grau de contrariedade, que acontece quando dois sistemas de valores conduzem a alternativas que acentuam a diferença resultante da heterogeneidade e a transformam em contraposição. O que se observa nesta frase de Lukács (1970, p.102):

Mesmo o idealista atua, na vida prática cotidiana, quase sempre como se fosse materialista; isto é, ele deve necessariamente reagir à realidade como algo independente de sua consciência. (Por exemplo, se ele atravessa a rua, não atua como se os automóveis fossem só suas representações mentais.) E também quem pensa de modo metafísico na vida cotidiana aplica, instintivamente, conexões categoriais cuja formulação teórica ele rechaçaria, em teoria, como sendo “absurda confusão”. (Por exemplo, não admite que a quantidade se converta em qualidade, mas não lhe é indiferente comer frutas maduras ou verdes.)

Ante estas afirmações percebo que, segundo a perspectiva lukácsiana, apresentam-se no cotidiano diversas situações específicas, diante das quais precisamos acionar respostas imediatas, entretanto, esta heterogeneidade e imediatez dificultam nossa compreensão das relações entre os diversos fenômenos que fazem parte de nosso dia a dia. Com relação a isto, Guimarães (2000) aponta que estas características desenvolvidas por Lukács constituem o imediatismo de nossos dias, onde geralmente não nos deslocamos construtivamente em direção ao futuro, mas ficamos presos e alheios ao processo ativo da vida que se faz em movimento. Em suma, com estas últimas palavras visualizo, mais claramente, que na ótica de Lukács o cotidiano é percebido como lugar propício para a alienação.⁶

Lukács (1963 p.45) assinala que “o cotidiano é heterogêneo e múltiplo, nele ocorre uma relação de imediaticidade prática que mobiliza no homem todas suas forças, porém, não

⁶ Como Lukács, Heller e Lefebvre são seguidores da tradição marxista, o termo alienação tem as suas bases na ideia deixada por Marx sobre este assunto. Assim para Marx (1983) a alienação nasce com a divisão social do trabalho, originando-se uma quebra entre os que dirigem e os que operam o processo de trabalho, e nesta relação se instaura a alienação, pois o trabalhador se vê obrigado a satisfazer suas necessidades imediatas e volta a sua capacidade de trabalho para atingir tais fins, assim, o trabalho, ao contrário de ser livre, se torna alienado. O produto de seu trabalho vira algo estranho. Assim para Marx (1983) é na esfera do trabalho que se inicia a alienação, e passa desta para todas as outras esferas.

toda a sua força”. O autor acredita na suspensão e transcendência da heterogeneidade do cotidiano por meio das objetivações mais homogêneas como a ciência, a arte e o trabalho que mobilizam o homem com toda a sua força. O ser humano, segundo Lukács (2013 p.10), nessas objetivações mais homogêneas passa do “homem inteiro” da realidade vivencial para o “homem inteiramente” em relação a uma determinada totalidade de realizações que correspondem a uma redução das possibilidades vivenciais do homem a seus órgãos internos de captação do mundo, ou seja, uma redução na qual o mundo construído em conformidade a esses órgãos e internamente desenhado como totalidade pode ser plenamente vivenciado. Assim, o homem inteiro (dimensão da singularidade) pode transcender ao inteiramente homem (dimensão genérica). Este homem que transcende (humano-genérico) é, para Lukács (2013 p.10), o “homem no sentido mais próprio do termo”.

Explicando isto ainda mais, Netto (2012) assinala que o indivíduo na cotidianidade mobiliza todas as suas forças e atenções para dar resposta a uma determinada situação do cotidiano, operando como um todo, atuando nas suas objetivações cotidianas como um homem inteiro, mas sempre no campo da singularidade. Enquanto a dimensão genérica (humano-genérica) se dá quando o indivíduo consegue transcender de sua singularidade e coloca toda sua força numa objetivação duradoura, ou seja, menos instrumental e imediata.

Cabe destacar, como assinala Netto (2012), que as suspensões que originaram estas objetivações não cortam com a cotidianidade, pelo contrário, são suspensões da cotidianidade. Estas suspensões, por sua vez, não podem ser contínuas, elas retornam à cotidianidade. O indivíduo, ao efetuar este retorno comporta-se cotidianamente com mais eficácia e ao mesmo tempo enxerga a cotidianidade de forma diferente, podendo apreciá-la como espaço compulsório de humanização, de enriquecimento e ampliação do ser social.

Neste sentido, Frederico (2000) comenta que Lukács, lembrando a imagem do rio de Heráclito, vê o cotidiano como um rio em seu permanente fluir, onde tudo se movimenta, se transforma, se dispersa e retorna a seu leito. Assim, da vida cotidiana surgem as necessidades do homem objetivar-se e para ela retornam os produtos de suas objetivações.

Estes estudos do cotidiano se aprofundaram ainda mais com os aportes da filósofa húngara Agnes Heller, discípula de Lukács, de quem recebeu o legado da riqueza categorial do cotidiano. Entre 1956 a 1978, conforme Veroneze (2013), Heller compartilhava as ideias de seu mestre e da teoria marxiana, no entanto, desde 1978, após sair da Hungria, percorreu diversos rumos que cada vez mais a afastaram de suas origens. Com o intuito de abordar a teoria sobre a vida cotidiana de Heller, me reporto à sua fase marxista.

Para Heller (1985, p.17) “a vida cotidiana é a vida de todo homem”. Segundo a autora, todos nós, desde o nosso nascimento já nos encontramos inseridos em nossa cotidianidade e amadurecemos à medida em que vamos adquirindo todas as habilidades necessárias para a vida cotidiana da sociedade à qual pertencemos. Ao assimilarmos o cotidiano da nossa época, absorvemos também o passado da humanidade, pois todos os grandes feitos históricos tornam-se históricos, graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. Portanto, para Heller (1985), a vida cotidiana se encontra no centro do acontecer histórico.

Heller também trabalhou os conceitos da dimensão genérica e da dimensão da singularidade desenvolvidos por Lukács. Logo, continuando estes estudos, Heller (1985) assinala que na vida cotidiana ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica (dimensão genérica), chegando a desligar-se totalmente da cotidianidade, e da mesma forma, não há nenhum homem, por mais insubstancial que seja, que viva somente a cotidianidade (dimensão da singularidade). Destarte, Heller (1985) afirma que a vida cotidiana é a vida do indivíduo, e este é sempre paralelamente um ser particular⁷ e um ser genérico.

Em relação ao ser genérico Heller assinala que o homem:

[...] é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, classe, nação, humanidade) – bem como frequentemente várias integrações - cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua consciência de nós (HELLER, 1985, p. 21).

Heller também retoma as afirmações de Lukács sobre o atuar do indivíduo como homem inteiro e como inteiramente homem. Quanto ao homem inteiro Heller assinala:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja o homem participa na sua vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. [...] O homem da cotidianidade é atuante e fruidor; ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos, por isso não pode aguçá-los em toda a sua intensidade (HELLER, 1985, p. 17).

Já segundo Heller (1985), quando concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e suspendemos qualquer outra atividade durante a execução da anterior tarefa, e ao

⁷ A teleologia da particularidade orienta-se sempre para a própria particularidade, ou seja, para o indivíduo.

mesmo tempo, empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa, e, além disto, dissipamos nossa particularidade individual na atividade humano-genérica que escolhemos consciente e autonomamente, enquanto indivíduos, é que podemos falar de uma homogeneização que se eleva totalmente acima da cotidianidade para penetrar na esfera do humano-genérico, transformamo-nos assim no inteiramente homem.

Então, para Heller (1985), a homogeneização é o meio para a superação dialética parcial ou total da particularidade para a ascensão da cotidianidade ao humano-genérico. Ou em outras palavras, como assinala Brant de Carvalho (2012, p.27) “a homogeneização é a mediação necessária para suspender a cotidianidade”. Brant de Carvalho (2012) ainda comenta que a grande questão então passa a ser a passagem do homem inteiro, que representa a muda relação de sua particularidade e genericidade, para o inteiramente homem, que estaria dado pela unidade consciente do particular e do genérico.

Neste sentido, Heller (1985) ressalta que a homogeneização em direção ao humano-genérico, à completa suspensão do particular-individual, à transformação em inteiramente homem, é algo totalmente excepcional na maioria dos seres humanos. A grande maioria jamais deixa de ser muda unidade vital de particularidade e generalidade. Normalmente, tanto a particularidade e a generalidade funcionam em si, mas não são elevados à consciência. A autora assinala ainda, que na moderna estrutura da cotidianidade, aumentaram as possibilidades que tem a particularidade de submeter a si o humano-genérico e de colocar as necessidades e interesses da integração social a serviço dos desejos e egoísmos dos indivíduos.

Diante do exposto, posso observar que na visão helleriana, existe uma grande preocupação com o cotidiano nestes tempos onde o individualismo parece conduzir o agir e o pensar da maioria, sem dar mais lugar a essa transformação humano-genérica, ficando, a maioria de nós, sem possibilidades de reconhecer nossa singularidade como parte da universalidade.

Segundo Brant de Carvalho (2012, p. 28), quando se chega a realizar a suspensão da cotidianidade (humano-genérica), “o indivíduo sente, ainda que temporariamente, a plenitude existencial, a plenitude de comunhão consigo próprio, com os homens e com o mundo”. Esta plenitude, por sua vez, permite ganhos de consciência e possibilidade de transformação do cotidiano singular e coletivo.

Heller (1985), além de considerar o trabalho criador, a arte e a ciência como formas de suspensão da vida cotidiana, as quais foram desenvolvidas por Lukács, também considera a moral como mais uma forma de suspensão, apontando que quanto mais intensa é a motivação

do homem pela moral, isto é, pelo humano-genérico, tanto mais facilmente sua particularidade se elevará (através da moral) à esfera da genericidade.

Heller (1985) ainda comenta algumas características da vida cotidiana, assinalando que esta é, em grande medida, heterogênea e hierárquica, ou como assinala Brant de Carvalho (2012, p. 25) “a vida cotidiana é caracterizada por um conjunto de ações e relações heterogêneas que contêm em seu bojo uma certa hierarquia”. Conforme Heller (1985) é heterogênea especialmente no que se refere ao conteúdo e significado ou importância de nosso tipo de atividade. Quanto à hierarquia, esta se modifica em função das diferentes estruturas econômico-sociais. Essa heterogeneidade hierarquizada em movimento, como comenta Brant de Carvalho (2012), produz uma sucessão linear de atividades e gestos que se repetem no dia a dia, originando a rotina, a qual é também uma característica da cotidianidade.

Para Heller (1985), há formas de pensamento e de ação na vida cotidiana, sem as quais esta não existiria, estas são: espontaneidade, pragmatismo, economicismo, analogia, precedentes, juízo provisório, ultrageneralização, mimese e entonação.

Para a autora, a espontaneidade é uma característica dominante da vida cotidiana, já que nesta, as ações se realizam automática, intuitiva e irrefletidamente. Temos também que na vida cotidiana se realizam atividades pragmáticas, pois o útil é tomado como sinônimo de verdadeiro. Quanto ao economicismo, para Heller (1985), toda ação e pensamento se manifestam e funcionam somente enquanto são imprescindíveis para a continuação da cotidianidade. Outra característica do pensamento cotidiano é a ultrageneralização, pois no cotidiano reagimos a situações singulares, mas para reagir precisamos subsumir o singular, da forma mais rápida possível, sob alguma universalidade, para isto valemo-nos de juízos provisórios, de analogias e de precedentes.

Os juízos provisórios, para Heller (1985), são aqueles que a prática não refuta pelo menos enquanto capacitem e orientem a ação. Explicando isto ainda mais, Guimarães (2000, p.12) comenta que “o juízo provisório diz respeito às ações e aos comportamentos confirmados como verdadeiros na prática, mas que não possuem uma teoria científica que os sustente”. Já as analogias, possibilitam nosso conhecimento cotidiano do homem, assim classificamos a pessoa que pretendemos conhecer, em um tipo humano já conhecido pela nossa experiência e nos orientamos frente a ele tendo como referência essa classificação, mas Heller (1985) alerta que este juízo provisório de analogia pode se cristalizar em preconceito. Ora, quando se trata do conhecimento cotidiano de situações, os precedentes são indicadores para o nosso comportamento (outros agiram desse modo ou daquele modo nesta situação).

Quanto à imitação, Heller (1985, p.36) assinala que não há vida cotidiana sem esta, já que “na assimilação do sistema consuetudinário jamais procedemos meramente segundo preceitos, mas imitamos os outros”. Finalmente a entonação é relevante na vida cotidiana tanto para configurar nosso tipo de atividade e de pensamento, quanto na avaliação dos outros. Nas palavras de Guimarães (2002, p.15), a entonação “é aquele jeitinho dado por cada um, é o tom deixado pela pessoa ou melhor, é a marca da pessoa”.

Em suma, para Heller (1985) todas essas características da vida cotidiana estão conectadas e são necessárias para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade. Porém, se estas se cristalizam, se absolutizam sem deixar espaço para o movimento, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana. Heller (1985) ressalta que a estrutura da vida cotidiana, embora constitua indubitavelmente um terreno propício à alienação, não é de nenhum modo alienada. Mas existe alienação quando ocorre uma grande separação entre o desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção. Essa separação, no capitalismo moderno, incrementou-se sem medidas. Assim, para a autora, a vida cotidiana não é alienada em consequência de sua estrutura, mas apenas em determinadas circunstâncias sociais.

Agnes Heller, como foi visto, acredita na superação do homem no cotidiano por meio da relação consciente do indivíduo com o humano genérico. Esta atitude que é, para Heller (1985, p. 40), ao mesmo tempo, um “*engagement* moral, de concepção de mundo, e uma aspiração à autorrealização e à autofruição da personalidade, ordena as várias e heterogêneas atividades da vida”. A esta ordenação do cotidiano, Heller (1985), ao citar Goethe, a denominou: condução da vida. A partir disto, posso observar que Heller (1985) nos convida a participar, com nossa individualidade, na condução da nossa própria vida. Nas palavras dela: “cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a marca da sua personalidade” (HELLER, 1985, p. 40) e mesmo que a condição da vida não possa se converter em possibilidade social universal em vista da alienação existente (enquanto as condições econômico-sociais ainda favorecem a alienação), o empenho por esta torna-se representativa, significando um desafio à desumanização.

Finalmente, termino esta breve apresentação de Heller com as palavras de Patto (1993, p.131-132) o qual assinala que na concepção desta importante estudiosa:

[...] a vida cotidiana é, dialeticamente, o lugar da dominação e da rebeldia ou da revolução. Em outras palavras, ela é partidária da tese segundo a qual não existe "perfeita submissão", nem mesmo na sociedade administrada pela burocracia e pela indústria cultural. Mais importante é que, ao privilegiar a

vida cotidiana como lugar onde a sociedade adquire existência concreta, Heller redefine o lugar onde se dão as transformações sociais. Na busca de caminhos revolucionários que não sejam necessariamente a ação da classe operária ou um processo histórico que se realiza automaticamente, ela desvenda, nas sociedades da manipulação e da alienação, nas sociedades burocráticas de consumo dirigido (como Henri Lefebvre prefere denominar as sociedades industriais capitalistas contemporâneas) uma dimensão celular, cotidiana da exploração e da dominação. (...) Mas onde quer que existam relações de poder, existe a possibilidade de questioná-las e trabalhá-las. Uma revolução, portanto, só o é quando se dá na vida cotidiana, quando são atendidos revolucionariamente os carecimentos radicais. A revolução passa, portanto, pela subjetividade, pela participação. Por isso, a revolução é um processo lento e celular. Por isso, não se pode fazer a revolução visível sem a revolução invisível. Por isso, a constituição do pequeno grupo é um momento importante de passagem da particularidade para a individualidade e, portanto, para o próprio processo de mudanças sociais radicais.

Em suma, posso observar diante de tudo o que foi exposto, que Heller acredita na superação do humano e na revolução que ele pode gerar ao sentir-se parte como indivíduo da totalidade, ao se sentir pleno como partícipe do gênero humano no meio da sua cotidianidade. É necessário para isto que o cotidiano não seja vivido de forma alienada. E mesmo que as condições econômico-sociais na atualidade favoreçam esta alienação, não é impossível ter uma relação consciente de nosso ser individual com o humano-genérico podendo desta forma pelo menos obstaculizar a desumanização.

Outro representante da tradição marxista que desenvolveu numerosos aportes ao estudo do cotidiano foi o filósofo francês Henri Lefebvre. Lefebvre (1978), realizando uma crítica à filosofia se pergunta:

Onde se encontra a filosofia? Nos livros soberbos, célebres. A não filosofia? Em escritos, e também em poetas e trágicos. Onde se encontra a vida cotidiana? Em todas as partes, em tudo e além. Não escrita, mal escrita. (LEFEBVRE, 1978, p.7, tradução própria).

Para o Lefebvre (1978) a profundidade da análise filosófica avança até as raízes desta, mas as raízes desta têm o seu nascimento no cotidiano. Destarte, posso observar nessas palavras que para o autor, a filosofia não pode estar desvinculada do cotidiano, e este cotidiano, por sua vez, mostra-se amplíssimo e complexo. Deste modo, segundo Lefebvre (1978), a vida cotidiana nos envolve e nos cerca no mesmo tempo e no mesmo espaço, está em nós e nós estamos nela. Todos a conhecemos e cada um de nós a ignora.

Em suma para Lefebvre (1978) o cotidiano é:

A substância do homem, a matéria humana, o que lhe permite viver, resíduo e totalidade em um tempo, seus desejos, suas capacidades, suas possibilidades, suas relações essenciais com os bens e com os humanos, seus ritmos, por meio dos quais é possível passar de uma atividade delimitada a

outra totalmente distinta, seu tempo, seus espaços, seus conflitos... (LEFEBVRE, 1978, p.88, tradução própria).

Lefebvre (1978) vislumbra a riqueza e a miséria no cotidiano. Quanto à riqueza, o autor assinala que na cotidianidade se desenham as mais autênticas criações, os estilos e as formas de vida que entrelaçam os gestos e palavras correntes com a cultura. Nela se opera a renovação incessante dos homens. Enquanto na miséria, a vida cotidiana é também a repetição dos mesmos gestos, ou seja, nela realizamos as mesmas coisas dia após dia, nos mesmos lugares. Segundo Lindón (2004, p.46) esta miséria “é a tendência repetitiva, que leva a reproduzir a sociedade”. Diante destas palavras, entendo que para Lefebvre existem dois pólos na vida cotidiana que contém tanto a renovação incessante dos homens, quanto sua imobilidade dada pela repetição do dia a dia.

Conforme Lefebvre (1978), na cotidianidade afrontamos no coração da nossa vida o que os meios da técnica moderna não logram dominar e talvez não consigam dominar, a não ser destruindo: a espontaneidade, os ritmos fisiológicos, os assuntos de saúde e a vitalidade. O autor comenta que a cotidianidade atual é uma cotidianidade programada, e esta se remete a uma estratégia de classes que modifica as relações de produção sem transformá-las, esta introduz novos elementos na prática pelo rumo do consumo, assim a vida cotidiana serve ao desdobramento do mundo da mercadoria e do Estado.

Para ele não é possível conhecer a vida cotidiana sem fazer uma análise crítica. Nela, se misturam tanto as privações e frustrações com a obtenção de bens, necessidades convertidas em desejos e capacidades constantes de prazer e alegria. Na cotidianidade se misturam as realizações e as alienações. É a medida da realização do homem.

Assim, posso observar que para Lefebvre o cotidiano é parte e é tudo, pode ser fisicamente até as partes mais subjetivas dos nossos pensamentos como são nossos desejos e nossos conflitos. É tão grande a dimensão do cotidiano enxergada por Lefebvre que ao ver a realidade oprimida da humanidade na sua cotidianidade, nos evoca a ter uma visão crítica para que possamos viver as riquezas da vida cotidiana.

Segundo Lindón (2004), a trajetória das abordagens de Lefebvre sobre a vida cotidiana pode ser apreciada em três momentos: 1945, 1961-1967 e 1981. Nestes três momentos, se encontram plasmados cada um dos três volumes da “Crítica da vida cotidiana” e ao mesmo tempo representam cortes na reflexão contínua de Lefebvre sobre o cotidiano.

No primeiro momento (1946), segundo Lindón (2004), a crítica tinha como propósito superar a separação entre o cotidiano e o mundo do saber. Era um tempo de revolução dentro do pensamento, a qual pretendia tirar à luz uma capacidade transformadora que era

menosprezada na época. No segundo momento (1961-1967) apresenta-se um novo contexto, antes de desdobrar-se à riqueza e à complexidade contida no cotidiano, se produziu um desdobramento de sua miséria, da passividade e da manipulação. Lefebvre passa então a criticar os mecanismos de controle do cotidiano. E denomina esta nova sociedade de sociedade burocrática de consumo dirigido, a qual deixou o cotidiano fora de ser sujeito rico em subjetividade (sentidos e significados) para ser objeto de organização externa. Assim:

O ser humano atual está determinado – e inclusive pré-fabricado – a partir de fora por coações, estereótipos, funções, modelos, ideologias, mas paradoxalmente sente que a técnica o faz cada vez mais autônomo (Lefebvre, 1972:86). Dito em outras palavras, coexistem “as coações” e a “vivência da liberdade”. A respeito disso, Lefebvre (1972:181) assinala que “a diferença entre a consciência dirigida de fora e a que se dirige a si mesma desaparece, pois o que aparece como interior não é mais que o exterior investido e disfarçado, interiorizado e legitimado” (LINDÓN, 2004, p.52, tradução nossa).

Contudo, Lindón (2004) destaca que Lefebvre procura alguns resquícios onde o indivíduo possa ser capaz de conquistar sua cotidianidade para que a vida cotidiana volte a ser miséria e riqueza e não só miséria.

Finalmente Lindón (2004) apresenta o terceiro momento, sendo este um momento em que a crítica fracassou. Neste tempo, se fortaleceram posturas neopositivistas acríticas, que abandonaram a alienação como conceito e o humanismo como projeto, de tal forma que no âmbito científico se passou à ausência de crítica. Nos termos do cotidiano, o imaginário dado de fora do indivíduo (fotos, imagens, cinema, televisão) terminou com a imaginação. O que alimentava o cotidiano (a festa e o lúdico) finalmente se fragmentou por completo. O trabalho se perdeu totalmente como valor e só ganha sentido na lógica do dinheiro e do valor de troca. E concomitantemente, o discurso social que se instaurou é o de crise como estado permanente. Diante deste cenário, Lefebvre ainda encontra uma saída para a renovação: a crise permanente pode tomar um papel crítico. Assim, para ele, pode-se integrar a cotidianidade fragmentada a partir da aceitação da crise (LINDÓN, 2004).

Lefebvre (1991, *apud* FERRAÇO, 2007, p. 91) então nos estimula a refletir sobre o cotidiano:

“Ou” empregamos nossas energias práticas, para fortificar as instituições, as ideologias existentes – o estado ou uma igreja, um sistema filosófico ou uma organização política – e ao mesmo tempo nos empenhamos em consolidar o cotidiano sobre o qual se estabelecem e se mantêm essas “superestruturas”; “ou” nos dedicamos a “mudar a vida”. Em outras palavras, “ou” erigimos em absolutos, em ideias platônicas as instâncias que se elevam acima do cotidiano com a pretensão de regê-lo – “ou então” tornamos relativas essas

entidades, recusamos substancializar, desvalorizamo-las, valorizando o que elas depreciam e sobre o qual elas pesam, considerando - o nada mais que um resíduo: o cotidiano. “Ou” trabalhamos para esmagar esse residual, “ou” consideramos o irreduzível, o preciso conteúdo das formas abstratas e das diferenças concretas. “Ou” nos colocamos a serviço das “causas”, “ou” ajudamos a humilde razão do cotidiano.

Diante de todo o exposto, posso ver que Lefebvre é um incansável crítico da vida cotidiana, enxergando, como Heller, a cotidianidade como um lugar propício para a alienação, ainda mais neste tempo onde as estruturas de opressão tomam conta da cotidianidade. Ele observa que o ser humano se encontra vivendo uma falsa autonomia, sendo dirigido por fora, vivendo uma cotidianidade controlada. Mas também vislumbra que este mesmo cotidiano é o lugar da revolução e estimula a que sejam feitos esforços por voltar a viver nosso cotidiano de forma natural, compreendendo sua miséria inerente, onde repetimos dia após dia nosso existir, e sua grandiosa riqueza, onde constantemente nos renovamos como seres humanos.

2.2.1 O Cotidiano em Certeau

Michel de Certeau, jesuíta, teólogo, historiador e psicanalista francês, desenvolveu uma lógica própria sobre a vida cotidiana, destacando os movimentos aparentemente invisíveis, as micropráticas, as astúcias do homem comum, os movimentos de antidisciplina que são realizados por este diante das imposições colocadas pelo poder dominante.

Na imagem abaixo (Figura 1),

Figura 1 - Glow II



Fonte: BARLOW (s.d)

... é possível enxergar cenas turvas e desfocadas que trazem à mente um caminhar cotidiano. Esta imagem pode ser comum para nossos olhos, mas também pode apresentar um efeito rico e diferenciado ao apreciá-la mais profundamente, podendo descrevê-la segundo seus matizes, sua iluminação, o seu realismo...

De forma semelhante, o cotidiano, que é tido por muitos como uniformização, passividade e disciplina, para Certeau apresenta riquezas (maneiras de fazer) que se encontram no profundo das práticas, e estas se mostram a quem procura encontrá-las.

O foco do autor está voltado para a ação do homem comum, ordinário, sem qualidades. Talvez este sujeito tenha sido escolhido, segundo Souza Filho (2002, s.p.), porque “o ato ‘estranho’ da transgressão é, por esse homem, praticado sem pudor – condições da vida lhe obrigam. No meio aristocrático, entre as elites, as artes da trampolinagem são mascaradas, dissimuladas sob mil eufemismos e caras e bocas.” É importante salientar que para Certeau (1998, p.38) “a questão trabalhada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é seu autor ou seu veículo”.

Mostra-nos Certeau, conforme Souza Filho (2002), que na cultura ordinária cotidiana a ordem é jogar, por meio da astúcia, driblar o sistema, disfarçar seu jogo. Na sua condição de historiador, Certeau sabia que jogar com a ordem estabelecida constitui, desde sempre, um tipo de defesa do ser humano contra as prescrições sociais. Esta ordem, num passado recente, foi a ordem do poder apoiado nas verdades divinas, hoje é a ordem do mercado capitalista o qual incute em todos a ideia de que tudo se reduz ao consumo de produtos.

Certeau, conforme Giard (1998, p.13), se interessava “não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de seus usuários”, pelas trajetórias variáveis dos praticantes. O intuito de Certeau no estudo do cotidiano era segundo Giard (1998, p.17) “esboçar uma teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer”. A importância destas práticas, para Certeau, pode ser mais facilmente percebida quando ele faz uma crítica à estatística, não significando que ele a despreze:

A estatística apreende o material destas práticas e não a sua forma; ela põe à mostra os elementos utilizados e não o fraseado devido à bricolagem, à inventividade artesanal, à discursividade que combinam esses elementos, todos recebidos de cor indistinta. Por isso a sondagem estatística só acha o que é homogêneo. Ela reproduz o sistema a que pertence (GIARD, 1998, p.16).

Desta forma, Certeau, conforme Leite (2010), apresenta uma perspectiva heterodoxa, o cotidiano não está dado pelas regularidades sociais, mas pelos procedimentos, pelas práticas, e estas, por sua vez, são proporcionais às situações vividas.

O cotidiano, para Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 31) é:

[...] aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional” ou desta “não-história”, como o diz ainda A. Dupont. O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...

Destas palavras posso observar que para Certeau, a realidade está composta de opressão a qual nos aperta dia a dia, mas também de libertação, feita por nós mesmos. Neste sentido, Certeau, segundo Giard (1998), identifica que movimentos de microrresistências que estabelecem microliberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes sobre a multidão anônima.

Certeau (1998) anuncia a existência de uma produção qualificada de consumo, que é astuciosa, dispersa, mas ao mesmo tempo silenciosa e quase invisível, pois ela não se faz notar com produtos próprios. No entanto, ela tem maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante que utiliza uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, barulhenta e espetacular.

Sendo assim, para o autor existem maneiras de fazer que vão ajustando os produtos impostos aos interesses individuais, trata-se então de uma adoção, de uma apropriação. Desta forma, o autor entende a cultura comum e cotidiana como apropriação ou reapropriação, ressaltando a necessidade de extrair das práticas cotidianas seu ruído, as maneiras de fazer que muitas vezes aparecem como resistências ou inércias em relação ao desenvolvimento da produção sócio-cultural.

Em outras palavras, compreendo que a partir do olhar certeuniano, o homem comum escolhe, ainda que de maneira camuflada, como utilizar os produtos impostos pelo sistema (regras, formalismos, condutas, disciplinas...), segundo a sua conveniência, valendo-se para isto de pequenas ações, micropráticas, inventando desta forma suas próprias maneiras de fazer. Este homem comum pode então rejeitar, aceitar ou realizar uma bricolagem com os produtos impostos.

Destarte, posso observar com maior nitidez que Certeau acredita no comportamento ativo, mesmo que sutil, do homem comum na sua cotidianidade. Neste sentido, Giard (1998) assinala que Certeau possui uma perspectiva contrária às teses comuns sobre a passividade dos consumidores e a massificação dos comportamentos. Pelo contrário, ele elogia a inteligência ordinária, a criação efêmera diante da ocasião e da circunstância.

Para Leite (2010), o pressuposto certeuniano central para a análise da vida cotidiana são os lances táticos e situacionais que expressam as artes de fazer. Estas táticas, ou pequenas astúcias se encontram em um diálogo constante com as estratégias e ambas envolvem as práticas cotidianas. A dupla tática – estratégia nos é apresentada por Certeau por meio de uma metáfora bélica.

Assim, para Certeau (1998, p. 99) a estratégia corresponde ao:

[...] cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos e ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos, e objetos da pesquisa, etc.).

Segundo o autor, toda racionalização estratégica procura primeiramente distinguir de um ambiente um próprio, em outras palavras, isto representa o lugar do poder e do querer próprios.

Certeau (1998) assinala que a instauração de um corte entre um lugar apropriado e seu outro é acompanhada de efeitos importantes entre os quais destaca: primeiro, o próprio é uma vitória de lugar sobre o tempo, possibilitando capitalizar vantagens conquistadas, preparar para expansões futuras e atingir assim para si uma independência em relação à variabilidade das conjunturas. Em suma, é um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo. Segundo, o próprio é um domínio dos lugares pela vista. Ver longe equivale a prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço. Terceiro, o poder do saber permite transformar as incertezas da história em espaços legíveis.

Já a tática, em Certeau (1998), é colocada como uma ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática tem por lugar o do outro, é o movimento dentro do campo de visão do inimigo. Ela não tem a possibilidade de totalizar o adversário num espaço distinto visível e objetivável. Ela opera lance por lance aproveitando as ocasiões, utilizando, atenta, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder

proprietário, criando ali surpresas, estando onde ninguém espera, é a astúcia. A tática ou astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes como último recurso, quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta está sujeita à astúcia ou tanto mais se torna tática. Entendo nestas últimas palavras que tática e estratégia não são opostas, já que a estratégia pode virar tática dependendo da força que esta apresenta.

Ao final, para Certeau (1998), a tática é determinada pela ausência de um poder, enquanto a estratégia é organizada pelo postulado de um poder. As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo das ocasiões que apresenta, e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder.

Certeau (1998) também apresenta outros dois conceitos relevantes ligados a presença e ausência do próprio, lembrando que o próprio está associado a domínio e poder. Trata-se da noção de lugar e espaço. Para o autor o lugar é “a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. No lugar impera a lei do próprio, cada elemento se situa em um lugar próprio e distinto que define. Um lugar é então uma configuração instantânea de posições e implica uma indicação de estabilidade. Já o espaço existe sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram, não possui nem univocidade nem a estabilidade de um próprio. Em outras palavras o espaço é um lugar praticado. Como exemplo Certeau (1998) menciona a leitura que seria o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.

Ao vincular o espaço e o lugar com as táticas e estratégias resulta fácil enxergar que o lugar, onde impera a lei do próprio, corresponde às estratégias as quais se inscrevem nesse lugar próprio. Já o espaço não possui a estabilidade de um próprio, correspondendo às táticas as quais também são determinadas pela ausência deste.

Explicando a relação entre as táticas e estratégias, Rodríguez (2010) assinala que estas se diferenciam segundo o tempo e o lugar. A estratégia se realiza com certo tempo disponível e numa posição espacial favorável e conhecida, já na tática não há oportunidade para o planejamento. A tática se trata do momento, da oportunidade e da imaginação para retomar do lançado pelo outro o necessário para reequilibrar uma situação adversa.

A tática é a arte do fraco, precisamente porque não possui outros recursos a não ser sua imaginação, sua improvisação. Desta forma, segundo Rodríguez (2010), é um estado de alerta

constante para reusar o que deixa o outro e fazer disso sua principal força; é uma improvisação dialogada, e confrontada pelo outro.

Ainda, Rodríguez (2010) aponta que todos nós, nos lugares que nos encontramos, nos lugares aos quais vamos e também nos que permanecemos, realizamos práticas, operações e manipulações técnicas para auxiliar situações favoráveis dentro de um marco não sempre ótimo.

Finalmente, para exemplificar isto, Rodríguez (2010) relata uma experiência no seu estudo sobre as práticas cotidianas de pessoas adultas-jovens que moram na Praça de Zarco (Cidade de México):

Numa oportunidade, um jovem da praça tinha comido junto comigo, com a intenção de que eu pagasse a comida dele. Mas chegaram vários outros jovens e começaram a zombar dele descobrindo sua intenção, assim que num descuido, ele combinou com a vendedora para afirmar que já tinha pagado tanto a comida dele quanto a minha e assim sair-se bem da situação (RODRÍGUEZ, 2010, p. 423, tradução própria).

Neste exemplo apresentado, posso observar que o jovem, num primeiro momento tinha uma estratégia, teve o tempo disponível para projetá-la, diante de uma situação que ele considerou favorável (lugar próprio), mas conforme se apresentaram as circunstâncias ficou sem esta posição favorável (sem um lugar próprio), e ao ver-se atacado pelos outros, em instantes (sem tempo disponível), surgiu uma astúcia, uma improvisação, criando uma maneira de fazer (de agir) diante dessa situação.

Diante do apresentado, compreendo que as práticas, sejam elas estratégias ou táticas representam quebras, rupturas, ambas se dão no campo de batalha, mas em diferentes circunstâncias. A estratégia se realiza quando o sujeito possui condições favoráveis, tanto pela presença de um poder, pela posição espacial favorável e conhecida e pelo tempo disponível. Já na tática o sujeito não tem estas condições, justamente é determinada pela ausência do poder, sua posição não é favorável e não tem tempo para planejamentos, as ações são improvisadas, feitas lance por lance, criando o inesperado.

2.3 OS DENSOS LAÇOS ENTRE IDENTIDADE E COTIDIANO

Quando falamos do cotidiano falamos de nossa vida sendo vivida. Assim, como foi visto, para Lukács (*apud* NETTO 2012), a vida cotidiana é insuprimível. Não existe

sociedade sem cotidianidade, nem homem sem vida cotidiana. Para Heller (1985, p. 17) “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na sua vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”. E finalmente, Lefebvre (1978) vislumbra as riquezas do cotidiano assinalando que na cotidianidade se desenham as mais autênticas criações, os estilos e as formas de vida que entrelaçam os gestos e palavras correntes com a cultura. Nela se opera a renovação incessante dos homens.

Ao agregar todas estas afirmações, observo que a vida cotidiana é a raiz de nossa existência, e nela o homem se envolve com todas as características de sua personalidade, ou seja, na vida cotidiana manifestamos nossa identidade, e nela a renovamos. Neste mesmo sentido, Rocha Júnior (2006) assinala que as relações de trabalho, os atos públicos, a vida social, as decisões políticas, os acontecimentos econômicos, os discursos formadores de marcas identitárias e todas as ações que, quando isoladas predominam sobre o cotidiano, partem da vida cotidiana; ganham sua singularidade graças ao cotidiano, onde são criadas e praticadas. Desta forma, compreendo que o cotidiano é um território muito amplo onde nos modelamos e remodelamos, onde existimos, onde criamos e recriamos nossa identidade.

Mas também, segundo Rocha Junior (2006) o cotidiano pode ser entendido como o território onde agem as representações identitárias, dos incluídos e dos excluídos, sendo o lugar da prática, do discurso e do estabelecimento de múltiplas marcas identitárias.

Assim quando falamos de identidade e cotidiano podemos encontrar muitos aspectos interligados como são: as representações, os discursos e as relações de poder. Como assinala Woodward (2004), a representação, vista como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos em que se sustenta possibilitam responder às questões “Quem eu sou?” “O que eu poderia ser?” “Quem quero ser?” Os discursos e os sistemas de representação criam os cenários desde onde os indivíduos podem se posicionar. Destacando que estes sistemas simbólicos são assimilados na cotidianidade: por exemplo, como cita Woodward (2004), a mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito específica – o adolescente esperto, o trabalhador com sucesso ou a mãe sensível.

Da mesma forma, para Hall (1987 *apud* HALL, 2011), a identidade é transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais em que habitamos. E isto se dá no nosso dia a dia na nossa cotidianidade.

Do exposto observo como a identidade encontra-se afetada tanto pelas representações simbólicas que a cultura proporciona, pelos discursos, assim como também pelas relações de poder (relações de subordinação e dominação) que se realizam no cotidiano.

Neste sentido, para Certeau (1996) o cotidiano é aquilo que nos pressiona dia após dia, nos oprime, mas diante desta opressão Certeau (1998) também enxerga o espaço para a transgressão. Para o autor, o cotidiano está dado pelos procedimentos, pelas práticas que realiza o sujeito comum, segundo sua conveniência para driblar a ordem estabelecida. Assim, o homem ordinário pode ter a capacidade de escolher entre aceitar, rejeitar ou misturar as imposições do poder dominante. Desta forma, os indivíduos às vezes se utilizam tanto de táticas ou estratégias, a depender das possibilidades e interesses para driblar a ordem dominante que muitas vezes oprime as suas identidades.

Destarte, no âmbito organizacional, os indivíduos ou grupos membros de uma organização, podem acolher, recusar ou realizar uma bricolagem com os produtos impostos pela organização, que são as normas, punições, formalismos, condutas, disciplinas entre outros, segundo a sua conveniência e a sua possibilidade, valendo-se para isto de pequenas ações, micropráticas, que contribuam a afirmar sua identidade.

Estas microrresistências podem estabelecer microliberdades de identidade, diante das forças opressoras. Em outras palavras a organização pode nos indicar a ocupação de uma posição-de-sujeito particular, ou uma posição de grupo, mas os funcionários e os grupos podem ou não ocupar esta posição, dependendo de seus interesses, realizando operações camufladas para defender suas diferenças e assim lutar pela sua identidade. Mas esses movimentos de resistência, muitas vezes, não são vistos como ameaças diante dos dominantes, porque são práticas ocultas e quase invisíveis.

Assim, o cotidiano está sendo reinventado constantemente pelos seus praticantes, e por sua vez as identidades vêm sendo transformadas no cotidiano. Destarte, as várias identidades dentro de uma organização são transformadas constantemente, dependendo das circunstâncias, dos discursos organizacionais; das relações de poder, das memórias, das práticas utilizadas pelos seus membros (táticas, estratégias), entre outros processos que acontecem no cotidiano.

Finalmente como expressa Rocha Junior (2004) o cotidiano na história não é palco inerte, imóvel, senão espaço e tempo preenchidos de significados em pleno processo de contínua transformação, território definido por marcas identitárias e vivido por todos.

Em suma, cotidiano e identidade são temas que se encontram entrelaçados, as identidades se constroem e reconstroem no cotidiano e por sua vez o cotidiano se reinventa, em parte, segundo as identidades.

3 OS CAMINHOS PERCORRIDOS NA BUSCA POR REALIZAR A INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, abordarei os procedimentos que nortearam a investigação, ou seja, o transcurso percorrido para chegar a realizar esta pesquisa. Ao pretender conhecer a abundância inventiva das práticas cotidianas ligadas a aspectos identitários realizadas pelos feirantes da Feira do Produtor de Maringá no transcurso de mais de 30 anos, mergulhei tanto nas lembranças, nas memórias dos sujeitos, assim como observei de perto a realidade no seu cotidiano.

Pude comprovar que a seguinte citação de Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 341-342) é muito real:

Conhecemos mal os tipos de operações em jogo nas práticas ordinárias, seus registros e suas combinações, porque nossos instrumentos de análise, de modelização e de formalização foram constituídos para outros objetos e com outros objetivos. O essencial do trabalho de análise que deveria ser feito deverá inscrever-se na análise combinatória sutil, de tipos de operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares (...). Nossas categorias de saber ainda são muito rústicas e nossos modelos de análise por demais elaborados para permitir-nos imaginar a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas. É lastimável constatá-lo: quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos “obscuros heróis” do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isso é admirável.

Enxerguei como os nossos modelos de análise ficam reduzidos quando se trata de observar as práticas cotidianas. Deste modo, por se tratar de um assunto muito complexo, resulta difícil enquadrar esta pesquisa numa tipologia de estratégia de pesquisa. Porém, mesmo perante essas dificuldades inerentes ao ato da pesquisa em si, e da minha em particular, procurei trabalhar dentro das minhas possibilidades, com diversos tipos de instrumentos e fontes, para de alguma forma estar mais próxima da realidade dos sujeitos no seu agir cotidiano, assim como resgatar a história deste.

Com base nos meus objetivos específicos, busquei responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Como foi o transcurso histórico da Feira do Produtor de Maringá?
2. Quais foram as diversas práticas de socialização, assim como estratégias e táticas que permearam a existência da Feira do Produtor de Maringá ao longo da sua história?
3. Quais são as diversas táticas e estratégias realizadas hoje no cotidiano dos feirantes?

4. Como mudanças identitárias acabaram influenciando no cotidiano dos feirantes a partir das manifestações das suas táticas e estratégias ao longo desses 30 anos?

As perguntas de pesquisa mostram a coerência em adotar a perspectiva qualitativa, pois procurei compreender como se entrelaçam os aspectos identitários da Feira do Produtor às táticas e estratégias realizadas no cotidiano dos feirantes em estudo, concordando com as afirmações de Minayo (2008) e Denzin e Lincoln (1994). Minayo (2008) assinala que o método qualitativo:

[...] é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. [...] As abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos, segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (MINAYO, 2008, p. 57).

Para Denzin e Lincoln (1994), por sua vez, a pesquisa qualitativa é uma atividade que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas interpretativas, que tornam o mundo visível. A pesquisa qualitativa envolve o uso, estudo e recolhimento de uma variedade de materiais empíricos que descrevem rotinas, crises e significados da vida dos indivíduos.

Além de ser qualitativa, esta também foi uma investigação descritiva, pois foram descritos comportamentos do grupo social em estudo. Tal como assinala Triviños (1987, p.110): “a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.”

Por ora, gostaria de ressaltar que, quanto ao *locus* da pesquisa, esta foi realizada na Feira do Produtor de Maringá. A Feira está situada na Zona 7, região central de Maringá, no estacionamento do Estádio Willie Davids. Esta Feira conta atualmente com 131 produtores associados, funcionando regularmente às segundas-feiras, quartas-feiras e sábados, completando, em março do presente ano, 32 anos de existência.

Antes de dar início a esta investigação, em janeiro de 2013 realizei uma pesquisa exploratória na Feira, assim conversei com alguns feirantes e entrevistei um dos feirantes mais antigos da organização. Essa primeira inserção me ofereceu dados muito ricos de interações sociais e desta forma reafirmei a Feira do Produtor de Maringá como *locus* da minha pesquisa.

Depois desse primeiro contato, comecei a realizar pesquisas documentais sobre a história de Maringá e sobre a Feira do Produtor, conseguindo obter informações de documentos oficiais, produções de mídia, artigos jornalísticos, trabalhos científicos. Cabe destacar que o trabalho que foi uma referência relevante para mim sobre a história da Feira do Produtor nos seus primeiros anos, foi a monografia do engenheiro Antônio Rodante, o qual, segundo a sua própria descrição, teve a cargo a coordenação geral da fundação da Feira do Produtor de Maringá. Todas estas informações em conjunto, me permitiram montar o contexto em que se desenvolveu e desenvolve a Feira do Produtor de Maringá.

Posteriormente, em campo, realizei a observação participante numa barraca de feirantes com 31 anos de Feira. Comecei esta observação no final de novembro de 2013, mas devido a uma viagem dos feirantes, tive que parar e retomar a observação em 25 de janeiro de 2014, continuando até 15 de fevereiro de 2014. Participei, então, de nove jornadas da Feira do Produtor de Maringá.

Este instrumento de coleta de dados, talvez, foi o mais valioso para poder apreciar tanto as práticas de socialização quanto as estratégias e táticas, realizadas no cotidiano dos feirantes em estudo, assim como para conhecer aspectos identitários da Feira, concordando desta forma com Anguera (1997). Segundo a autora, neste instrumento, o observador recolhe, registra e interpreta os dados ao participar da vida diária do grupo ou organização que estuda, estabelecendo alguma forma de associação ou estreito contato com eles. O requisito básico da observação participante é que o cientista ganhe a confiança das pessoas que examina, de forma que sua presença não perturbe nem interfira de alguma forma o curso natural dos acontecimentos e que também se outorguem respostas honestas sem lhe ocultar atividades importantes.

Assim, após cada jornada de observação foram efetuadas as correspondentes anotações de campo. As anotações de campo, para Triviños (2008), dizem respeito a todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as primeiro e fazendo comentários críticos, em seguida, sobre as mesmas. No diário de campo foram registradas as diversas situações vivenciadas por mim junto aos feirantes.

No mês de dezembro de 2013 e janeiro de 2014, aproveitando a viagem dos feirantes da barraca onde realizava a observação participante, realizei dez entrevistas de história oral. Segundo Lang (1995, p. 34) a história oral é um trabalho de pesquisa que “registra a experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade”, sendo a entrevista a forma mais utilizada para coletar os dados orais. Neste

instrumento de pesquisa, o indivíduo, que conta sua história ou dá seu relato, não constitui o objeto de estudo, mas sim a narrativa por ele dada.

Explicando o pressuposto da história oral, Bom Meihy (1996, p. 10) assinala:

Como pressuposto a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito da história, mas, mais do que isto, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem.

Segundo o autor, a base da existência da história oral é o depoimento gravado. Neste sentido, três elementos são essenciais: o entrevistador; o entrevistado; e o aparelho de gravação. Ainda Bom Meihy (1996) aponta três formas de história oral: história oral de vida, história oral temática e a tradição oral.

A história oral de vida é mais subjetiva que objetiva, o sujeito tem maior liberdade para narrar suas experiências pessoais. Já a história oral temática se realiza a partir de um assunto específico e preestabelecido diante do qual se procura esclarecimentos ou opiniões do entrevistado. Neste tipo de história oral, os detalhes da história pessoal do narrador só interessam se contribuem na coleta de informações sobre a temática central. Finalmente, a tradição oral trabalha com a permanência dos mitos, remete assuntos do passado longínquo que se manifestam por meio do folclore (BOM MEIHY, 1996).

Na pesquisa foram realizadas entrevistas de história oral temática, com o intuito de resgatar as memórias dos feirantes e de técnicos do Emater/PR que por muitos anos estiveram vinculados à Feira do Produtor de Maringá. Ao falar de memória, me remonto a Benjamim (*apud* KENSKI 1997, p. 146) como sendo “[...] um movimento permanente de reconstrução, determinado pelas condições concretas e emocionais do sujeito, no momento presente.” Para ele, a lembrança não se encontra limitada na pureza original com que os fatos se deram (como exibida numa filmagem). O autor considera que, enquanto um acontecimento vivido é finito (pelo menos encerrado na esfera do vivido), um acontecimento lembrado não tem limites, já que representa uma chave para tudo o que veio antes e depois. Assim, nesta perspectiva, o que importa não é a verdade objetiva do que aconteceu (a pureza original do fato), mas o que ficou desse passado, atravessado pelo filtro da memória e que faz os sujeitos agirem como agem no momento atual.

Por outro lado, a memória é considerada uma construção social. Neste sentido, para Halbwachs (1990), a memória é uma reconstrução modificada do passado, de acordo com os

valores e os parâmetros culturais do grupo social ao qual o sujeito de memória pertence na atualidade. O autor assinala que mesmo que exista influência direta da memória coletiva em nossas lembranças, sempre também haverá construção individual, tendo as nossas próprias imagens dos acontecimentos passados. Desta forma, a memória é coletiva e individual.

Segundo Montenegro (1994) Halbwachs diferencia história e memória. Enquanto a memória é múltipla, a história é uma; a memória trabalha com o vivido, o que continua presente no grupo, já a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes e opera com o que se torna público. Finalmente, Pollak (1992) aponta a existência de silêncios. Os silêncios também foram importantes neste trabalho. A fronteira desses silêncios e não-ditos como o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em permanente deslocamento. Os silêncios, os silenciamentos e os esquecimentos fizeram parte da minha investigação, e mereceram reflexões analíticas de minha parte, quando ocorriam.

Desta forma, Pollak (1992) assinala que ao realizar a análise de memórias de excluídos, marginalizados, minorias, a história oral evidencia a importância de memórias subterrâneas que se opõem à memória oficial. Em sintonia com o autor, as entrevistas de história oral apresentaram, por meio das memórias dos feirantes, lembranças de seu cotidiano, assim como também revelaram alguns aspectos identitários da Feira do Produtor de Maringá. Por outro lado, também foi possível observar a existência de divergências em relação à história dita oficial e mesmo entre os feirantes, muito embora eu parta da existência de uma memória coletiva.

Desta forma foram entrevistados dez feirantes entre os quais haviam feirantes pioneiros, filhos de pioneiros, e feirantes em geral com no mínimo 20 anos de Feira. Após terminar a observação participante no mês de fevereiro de 2013, retomei as entrevistas, desta vez entrevistei o dirigente da Feira, assim como três ex-dirigentes e por último entrevistei o técnico da Emater/PR, encarregado da Feira.

No entanto, devido aos vazios na pesquisa e novas evidências, tive que voltar a campo para completar informações com alguns feirantes já entrevistados e realizei mais três entrevistas. Portanto, no total, somando a entrevista exploratória, realizei dezoito entrevistas com feirantes e uma junto a um técnico da Emater/PR.

Finalmente, também fiz uso de entrevistas não estruturadas. Estas, segundo Rampazzo (2004), são aquelas em que o entrevistador é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação. Em geral as perguntas são abertas (permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões) e podem ser respondidas no decorrer de uma

conversação informal. Utilizei este instrumento especialmente por meio de conversações informais.

Quanto à análise dos dados, esta foi realizada primordialmente por meio da análise de discurso. A análise de discurso, segundo Lara e Molina (2011, p.149) “pertence ao campo da linguística e da comunicação e é uma atividade de estudos utilizada para analisar construções ideológicas presentes num texto.”

Orlandi (1996) assinala que a análise de discurso não é um método de interpretação, não outorga nenhum sentido ao texto. O que ela faz é problematizar a relação com o texto procurando apenas esclarecer os processos de significação que estão configurados nele, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando.

Segundo Silva (2005, p. 36), Orlandi apresenta um dispositivo que deve possibilitar a explicação dos jogos simbólicos nos quais a ideologia se encontra presente, os processos identificatórios e os gestos de interpretação, os quais fazem com que os sujeitos (se) signifiquem. Este dispositivo teria como característica:

[...] colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

Segundo os princípios teóricos da análise do discurso, busquei extrapolar o texto, muito embora, de início, para entendê-lo, tive que fazer análises lexicais e buscar os temas implícitos, explícitos ou mesmo silenciados nos discursos. Para vislumbrar o contexto dos discursos, procurei interpretar os aspectos da sintaxe discursiva (como metáforas, metonímias e hipérboles), além das condições sociais da produção desses discursos. Para isso, tive que interpretar o lugar de onde vinham os discursos e os aspectos ideológicos defendidos por eles.

Ressalto que na seção seguinte, os fragmentos discursivos enumerados são aqueles com os quais efetivamente trabalhei a AD. Os que não estão enumerados foram colocados aqui mais para contextualizar e iluminar minhas observações e dar maior objetividade às minhas reflexões. Foi desta forma que tentei compreender como as práticas cotidianas dos feirantes em estudo foram se alterando, à medida que a identidade da feira foi mudando nos seus mais de 30 anos de história.

4 A FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ: PALCO DE IDENTIDADES E PRÁTICAS COTIDIANAS

4.1 HISTÓRIA DE UMA FEIRA: A FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ

Tal como foi exposto no início deste trabalho, para ter uma visão mais abrangente do contexto da história da Feira do Produtor de Maringá, considero relevante assinalar, mesmo de forma muito breve e superficial, a história desta região.

Como já foi colocado, a (re)colonização desta área segundo Stadniky e Pinto (1999) se deu no início dos anos 20 do século passado, por intermédio da Companhia de Terras Norte do Paraná, depois denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Este processo de ocupação e povoamento cursou pelo Norte Novo de Londrina, fluindo em direção noroeste e registrando-se na década de 30 o início da ocupação do Norte Novo de Maringá, que deu origem ao município de Maringá em 1951. Na imagem a seguir pode ser observada a derrubada da mata, que era o primeiro passo a ser seguido para a posterior construção dos povoados ou para dar início às plantações rurais.

Figura 2 - Derrubada da mata e início da (re)ocupação no chamado Maringá Novo, no final da década de 40



Fonte: Arquivo/Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, (apud MEMÓRIA PARANÁ, 2007)

A região assistiu à ocupação das terras através da cafeicultura, pois se acreditava que suas terras eram propícias para o cultivo do café, o que pode ser observado no fragmento a seguir, realizado pelo jornal O Estado de S. Paulo em 15 de janeiro de 1924, segundo a Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (1975, p.45):

(001) Hoje como desde sempre, os paulistas vêm sendo para o nosso caro Brasil, brilhantes factores de sua integração, épicos em outros tempos, não menos audazes e lutadores modernamente. Ao invés da heróica batida aos metais e pedras preciosas, hoje empregam sua lúcida inteligência, arrojo e tenacidade, principalmente na cultura desse ouro vegetal, o café, o qual figura em máximo expoente na expansão econômica do país. Explorando em todo o seu Estado este filão de ouro, que são as terras roxas, de origem vulcânica, em que toda produção principalmente a de café, excede em muito a de outras terras, os paulistas, ao divisarem o extenso valle paranaense do rio Paranapanema, todo da mais apurada terra roxa e esplendidamente apropriado à cultura dessa preciosa rubiácea (...)

No fragmento 001, a instância enunciadora mostra a cultura do café como o ouro vegetal, e a terra do norte do Paraná como muito apropriada para seu cultivo. O léxico “ouro” citado duas vezes no texto, apresenta um sentido metafórico, não significando um metal de cor amarela e brilhante, mas indicando riqueza. Por outro lado, os “paulistas” apresentam-se como um exemplo a ser seguido, tanto em outros tempos como na modernidade. Nos léxicos “épicos em outros tempos” complementados na sequência com as palavras “heróica batida aos metais e pedras preciosas” indicam implicitamente que se trata dos bandeirantes paulistas, tidos como heróis, e considerados brilhantes e integradores do Brasil, além de audazes e lutadores, da mesma forma que os paulistas modernos, que utilizam sua inteligência, arrojo e tenacidade na cultura do café. Pode-se observar assim o discurso que incentiva o acúmulo de riquezas, e os que conseguirem estas, tal como os bandeirantes, seriam considerados heróis, lutadores e inteligentes. No final do fragmento, o conteúdo explícito é que as terras roxas, do vale paranaense do rio Paranapanema são esplendidamente apropriadas á cultura do café. O Rio Paranapanema é um divisor natural do Estado do Paraná e São Paulo, assim fica implícito que se trata da região norte do Paraná. Portanto, mostra-se evidente que a instância enunciadora defende uma ideologia capitalista, já que a prática do cultivo do café nesta região é considerada um empreendimento “inteligente” que conduziria a obtenção de riquezas.

Desta forma, segundo Padis (1981), o plano colonizador no norte do Paraná, foi desenhado visando a produção do café. Tal como assinala a Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (1975, p. 114, 124),

A zona rural colonizada foi dividida em pequenos lotes, de área variável, demarcados de tal maneira a incluírem todos eles uma parte de baixada e uma de espigão. Contam ainda, com água corrente e acesso por estrada de rodagem. Na parte da baixada o colono geralmente constrói sua casa, planta um pomar e uma horta, cerca um pasto, enfim, produz o necessário para a

subsistência. Nos trechos mais elevados, menos atingidos pelo frio, estende o seu cafezal, que constitui a fonte principal de renda. (...) O comprador recém chegado a seu lote de terra coberta de mata. Instalava-se provisoriamente em rancho feito com folhas de palmeiras (...) À derrubada seguiam-se a queima, a coveação e o plantio do café. Nas ruas plantava cereais, à volta do rancho plantava árvores frutíferas, à beira d'água plantava capim para os animais. Iniciava criações de porcos e galinhas.

Esta afirmação nos dá uma ideia de como foram projetados e utilizados os lotes da zona rural colonizada. Geralmente, os colonos, além de construir a sua casa e reservar uma área especial para cultivo do café, plantavam um pomar e uma horta, necessários para sua sobrevivência. Esta informação é relevante ao observar que o comércio de horti-fruti-granjeiros, realizado pelos produtores nos povoados mais próximos já acontecia de forma natural desde o início da (re)ocupação da região de Maringá, tal como assinala Luz (1999, p.130):

O relacionamento da zona rural com o núcleo urbano se fazia através de venda de produtos agrícolas na cidade, que em troca fornecia os artigos de maior necessidade não produzidos no campo.

O depoimento de Alfredo Nyffeller, segundo a Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (1975 p. 141, 143) narra os inícios de Maringá e como era o cenário na década de quarenta:

(002) A cidade foi fundada a 15 de maio de 1947. (...) A cidade não diferia das demais que abrimos no Norte do Paraná. Ruas de terra, mal definidas e com terrenos de um lado e de outro onde se viam as raízes dos troncos semi-carbonizados. Muita poeira em dia de sol e lama até os tornozelos em dia de chuva. (...) Havia muitos veículos de tração animal: charretes e carroças. E muita gente andava a cavalo. Era mesmo o sertão, que abríamos a machado para oferecer novas oportunidades ao agricultor brasileiro. Repetiam-se ali, os mesmos quadros que muitos de nós já tínhamos presenciado em Londrina e em outras cidades mais antigas: gente vindo de longe, forasteiros surgidos repente, famílias inteiras que de uma hora para outra apareciam vagando pelas ruas à procura dos escritórios da Companhia para comprar o seu lote e começar sua vida nova plantando café. (...) Os colonos que chegavam ao Norte do Paraná eram brasileiros vindos de São Paulo, do Nordeste e do Sul, além de estrangeiros: italianos, alemães, portugueses, espanhóis, russos e muitos japoneses. Essas famílias vinham com poucos bens mas muita vontade de trabalhar (...)

No início do fragmento 002 o enunciador descreve como era a cidade de Maringá no período de sua fundação, sendo possível visualizar um pouco dessas descrições na imagem a seguir que data desse mesmo ano. Na imagem pode se apreciar a Avenida Duque de Caxias, que era de terra, rodeada de terrenos que ainda tinham muito mato.

Figura 3 - Avenida Duque de Caxias - 1947



Fonte: Museu Bacia do Paraná –UEM (*apud* MARINGÁ HISTÓRICA, 2013)

No transcurso do fragmento 002 na frase “Era mesmo o sertão, que abríamos a machado para oferecer novas oportunidades ao agricultor.” O enunciador fala na primeira pessoa do plural, assim se coloca como mais um desbravador que derrubava o mato com ajuda de um machado, tarefa que se subentende ser muito árdua. É preciso lembrar que o enunciador tinha o cargo de gerente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) por 25 anos, ele fala dessa posição, mas numa estratégia discursiva, se coloca no mesmo patamar dos colonos. Como se observará mais adiante, eram os “peões” e empreiteiros que, trabalhando como desbravadores, conseguiam juntar dinheiro para comprar um pedaço de terra, para também desbravar e montar sua própria lavoura. Portanto, eram os agricultores mais carentes que abriam a machado o sertão para oferecer novas oportunidades a outros agricultores e a si mesmos.

Conforme Luz (1999), os primeiros anos eram muito difíceis para as famílias que chegavam, em especial para aquelas com poucos recursos, já que viviam do que extraíam da terra, como arroz, milho, feijão, legumes, comprando os demais produtos no povoado mais próximo. Alguns também tinham criação de bovinos, suínos e galinhas que os ajudavam a se manter. E muitos outros também plantavam mandioca e cana de açúcar. Geralmente, os colonos já estavam acostumados com o trabalho da terra porque procediam de regiões agrícolas e chegavam procurando novas oportunidades na região do norte do Paraná. Muitos traziam recursos para poder adquirir suas terras, mas muitos outros com muita dificuldade conseguiram dar a entrada na compra de um lote e para poder pagá-lo tinham que passar privações. Na maioria das vezes eram pessoas simples, dispostas a enfrentar dificuldades como a precariedade das estradas, as distâncias a serem percorridas, a falta de conforto e de assistência médica.

Segundo Luz (1999) dirigiam-se para a região, nos primeiros anos: peões, que trabalhavam derrubando o mato; empreiteiros, que eram os encarregados pelos proprietários de comandar a derruba e a formação da lavoura; os sitiantes os quais eram donos de pequenas propriedades agrícolas que trabalhavam com a ajuda da família e alguns empregados; lavradores e ou colonos que eram trabalhadores rurais que cultivavam terras alheias em troca de parte da colheita; corretores de imóveis que eram funcionários da Companhia que se encarregavam da compra e venda de lotes; e carroceiros que eram donos e condutores de carroças que realizavam o transporte de mercadorias.

Ao entrevistar os 17 feirantes para conhecer um pouco de suas raízes, foram feitas as seguintes perguntas. Como era sua família? Em que trabalhavam seus pais? E no caso de não ser da região: Como que o senhor chegou aqui na região de Maringá? Os relatos que seguem são as lembranças dos feirantes diante dessas perguntas:

Feirante 1:

(003) E: Como era sua família?

F: Era agricultor.

E: Em que trabalhavam seus pais?

Meu pai sempre trabalhou com café e com feira, né? Foi feirante. Eu e ele fazíamos, eu comecei com ele com feira.

E: Como que a senhora chegou aqui na região de Maringá?

(...) eu vim para Maringá com três anos, aqui que “nós começou”. Lá [São Manuel, Estado de São Paulo] meu pai era lavrador também, só que não mexia com feira. Depois que “nós mudou” para cá que começou a mexer com feira.

Feirante 7:

(004) E: Sua família era numerosa, era pequena?

F: Dez, com dez

E: Da agricultura?

F: Sempre foi.

E: Em que trabalhavam seus pais na agricultura?

F: Café.

Feirante 10:

(005) E: Como era sua família?

F: Ah, sempre agricultor, sempre da roça, meu “nono”, meu pai e agora eu peguei o lugar de meu pai, que a banca é no nome dele, né?

E: Em que trabalhavam seus pais na agricultura?

F: Ah, o pai era mais assim café, plantava de tudo, né?

Feirante 12:

(006) : E seus pais eram agricultores?

F: Era agricultor

E: Em que trabalhavam seus pais?

F: Era cafeicultor.

E: Como que o senhor chegou na região de Mandaguari? Ou seus pais já eram de lá?

F: Não, eles “eram carioca” e “mudou” para Mandaguari, eu só cheguei, eu nasci no município de Mandaguari

Feirante 16:

(007) E: Onde o senhor nasceu?

F: Pirajú, Estado de São Paulo

E: E como era sua família?

F: “Nós era” em “seis irmão”.

E: E seus pais eram agricultores?

F: Agricultor, desde aquela época.

E: E como que chegaram aqui na região?

F: Nós viemos para o Paraná, porque viemos colher café, né? (...) Aí uns tios “tinha vindo”, aí nós viemos também, foi em 62 daí (...) Maringá não, região de Tapejara. (...) estou aqui [região de Maringá] desde 75.

Nos fragmentos do 003 ao 007 pode-se observar que todos os enunciadores pertenceram a famílias de agricultores, e trabalharam com a cultura do café.

Nos excertos 003, 004, 005 o léxico “sempre” se encontra presente, este advérbio que expressa continuidade, um sem cessar, está referido no excerto 003 ao trabalho contínuo com a lavoura do café e nos trechos 004 e 005 ao trabalho permanente com a agricultura. Desta forma, os enunciadores mostram a sua forte ligação, no primeiro caso com o café, e nos outros dois seguintes com a agricultura de forma geral.

No fragmento 003 entende-se na sequência, devido ao advérbio “também” que designa semelhança, que o pai foi lavrador no Estado de São Paulo e continuou seu labor aqui no Paraná. Os trechos 003, 006 e 007, mostram que os enunciadores pertenceram a famílias de emigrantes provenientes de outros Estados como São Paulo e Rio de Janeiro.

Feirante 2:

(008) E: Como era sua família?

F: Era agricultor.

E: Em que trabalhavam seus pais mais especificamente?

F: Na roça mesmo, tinha plantio de café. Era sítio de café.

E: E como chegaram aqui na região de Maringá?

F: Meu pai na época vendeu o sítio lá em Duartina [Estado de São Paulo] e comprou sítio aqui na região de Paiçandu, e a gente mudou para cá.

Na última frase do fragmento 008 nos léxicos “vendeu o sítio”, o verbo vender expressa a transferência da propriedade de bem ou mercadoria em troca de pagamento convencionalizado, e o substantivo sítio representa uma pequena lavoura. Assim, subentende-se por se tratar de uma família de agricultores que o sítio constitui a base de sua fonte de renda e sobrevivência. Desta forma, vender o sítio, para adquirir outro numa região ainda nos seus

prelúdios, indica uma ação muito arriscada, mostrando desta maneira o tamanho das decisões que tinham que ser tomadas nesses tempos. Assim como nos fragmentos anteriores, pode-se observar que o enunciador pertence a uma família de agricultores que se dedicavam a cafeicultura.

Feirante 3:

(009) E: Onde o Senhor nasceu?

F: Estado de São Paulo, Novo Horizonte

E: Como era sua família?

F: Sempre agricultor, sempre na agricultura, nós não aprendemos fazer outra coisa.

E: Em que trabalhavam seus pais na agricultura?

F: Sempre na lavoura do café, café.

E: E como que o senhor chegou aqui na região de Maringá?

F: Através de parentes que tinham mudado primeiro, aí nós através deles conseguimos pegar colocação em Nova Esperança. Temos trabalhado por tantos anos com eles. Até que nós conseguimos comprar uma propriedade trabalhando.

No trecho 009, na expressão, “nós não aprendemos fazer outra coisa”, apresenta-se uma hipérbole, o verbo aprender denota a ação de ficar sabendo, tomar conhecimento de algo, segundo o enunciador se não tivessem aprendido o manejo da agricultura, não teriam conhecimento algum. Observa-se no trecho 009 que o enunciador veste-se de uma posição de ignorância, pois acredita que é ignorante, só conhecedor do trabalho da terra e mais nada e que não conseguiria aprender outra coisa. É por essa posição que ele se coloca que interpretei sua fala. Por outro lado, assim como nos fragmentos anteriores, a lavoura de café era uma peça importante para a sobrevivência deles, era a cultura a quem era dedicada um trabalho contínuo. O subentendido no final do fragmento é que se trata de uma família de emigrantes paulistas que chegaram ao norte paranaense sem recursos econômicos disponíveis para adquirir sua própria terra e tiveram de trabalhar por vários anos para adquirir esta.

Feirante 4:

(010) E: Como era sua família?

F: Era uma família assim, grande, né? Praticamente dez pessoas na casa, e com certeza uma família pobre.

E: Em que trabalhavam seus pais?

F: Trabalhavam na lavoura do café, lá no Estado de São Paulo.

E: Como que chegou aqui na região de Maringá?

F: Então, a gente veio no estado de Paraná, veio por causa da lavoura do café, né? Para cultivar café.

No fragmento 010 os léxicos “com certeza” indicam algo evidente, indubitável, o enunciador descarta assim a possibilidade de não ser pobre. Esta expressão “com certeza uma família pobre” começa a desenhar alguns dos traços da identidade do enunciador que

classificou seu lugar na sociedade e a de sua família como pobre, em contraposição aos ricos. Ele assume que pertence ao grupo dos pobres, dos que se encontravam na margem do sistema capitalista, dos que não possuíam o capital, dos que poderiam ser explorados. Por outro lado, a lavoura do café está muito presente na história da família do enunciatador, e foi por causa do cultivo do café, que se deu sua imigração do Estado de São Paulo para as terras paranaenses.

Feirante 15

(011) E: Como era sua família?

F: Família sempre de camponês, meus pais vieram do estado de São Paulo, e aí não conheço bem, saí daí muito novo, com 10 anos de idade, mas meu pai trabalhava em desbravação, né? Derrubar mato, formar lavoura de café, no início muito difícil, naquela época no ano de 50, bastante, bastante, vamos dizer assim, aquela época era o normal que todo mundo trabalhava, todo mundo desbravava seu pedacinho de terra, trabalhou de empreiteiro para depois conseguir adquirir seu pedacinho de mato, para também derrubar e também formar sua lavoura, era uma época que todo mundo sofria muito, passava dificuldade com médico, com assistência que nós não tínhamos naquela época, então foi bastante trabalhoso, um início bastante sofrido.

E: E como que veio aqui?

F: Aí tudo era questão de área de terra que ele tinha junto com o irmão e cada um foi formando sua família e a necessidade de cada um criar sua família e ter uma renda um pouco melhor, então cada um foi procurando comprar um pedaço em outro lugar, então como ali já era difícil de você adquirir vieram para um lugar mais novo (...) meu tio e meu pai, vieram para aqui para a região de Maringá, mais para frente, Nova Esperança, foi onde ele veio. Novamente com a mesma cultura. Já comprou o sítio que já tinha lavoura, e deu continuidade na lavoura de café. Em Nova Esperança nós vivemos 11 anos.

E: E como o senhor chegou aqui a Maringá?

F: Isso aí, na década de 70, nós viemos, a família já tinha aumentado mais e os irmãos, já havia irmãos casados que também já tinham seus filhos, por necessidade de ter uma área maior, achamos melhor vender lá e comprar uma área aqui na região de Maringá saída para Campo Mourão, uma área de café também formada, e a produção daqui era melhor que a de Nova Esperança, aí nós viemos para cá, e eles continuaram a luta, e eu era muito jovem, mas trabalhando também desde novo, todos nós fazíamos parte da família, mas ninguém ficava parado em casa, ficava trabalhando na lavoura trabalhando junto com os pais e junto com os irmãos. E aqui em Maringá, uma área um pouco maior já podendo oferecer a toda a família um conforto um pouco melhor, mas sempre naquele mesmo sofrimento de trabalhando para comer e beber e dando graças a Deus por isso e criando a família. E a época já era época de 70 e a gente tinha que estudar também e a gente foi procurando perto de Maringá. Eu moro até hoje nesse primeiro lugar e a gente, mas com um pouco de dificuldade continuamos e foi pelo menos estudando até o primeiro grau, né?

No fragmento 011 o enunciatador, ao falar de sua “família sempre de camponês” assinala a ligação permanente da sua família com o campo. Proveniente do Estado de São

Paulo, o enunciador narra como foi o início da trajetória da sua família nas terras paranaenses, na década de 50, sendo filho de um desbravador, mostra o sofrimento que passava a maioria das pessoas desse tempo para obter seu pedaço de terra, além das dificuldades como falta de assistência médica, resumindo isto com as palavras: “um início bastante sofrido”. Na expressão “já comprou o sítio que já tinha lavoura, e deu continuidade na lavoura de café” subentende-se que a família do enunciador já trabalhava com o cultivo do café no Estado de São Paulo e deu continuidade no Paraná. O enunciador narra o trabalho da sua família no campo, onde todos participaram, tanto pais quanto irmãos. E finalmente na expressão “mas sempre naquele mesmo sofrimento de trabalhando para comer e beber e dando graças a Deus por isso”, se subentende, pelos advérbios “sempre” e “mesmo” que o sofrimento foi constante, em todos os períodos narrados (em São Paulo, em Nova Esperança e em Maringá), em que se trabalhava apenas para comer e beber, mas mesmo assim se agradecia a Deus por isso.

Feirante 8

(012) E: Como era sua família?

F: Meus pais “eram japoneses”

E: E quantos filhos tinham?

F: Meu pai tinha sete

E: E eles eram agricultores?

F: Isso, isso, desde o Japão.

E: E quando que eles chegaram aqui no Brasil?

F: Acho que em 1930, mais ou menos.

E: E em que trabalhavam seus pais na agricultura?

F: Na lavoura.

E: O senhor veio de São Paulo sozinho ou veio com seus pais?

F: Não, não, não, eu vim pequeno, eu sou criado no Paraná mesmo, vim com cinco meses no Paraná.

E: Ah, então seus pais que vieram?

F: Meus “pais que veio” do Estado de São Paulo, eu era pequeno, bom, assim minha mãe falou, né?

O enunciador do fragmento 012 pertence a uma família de imigrantes japoneses, que chegaram ao Brasil aproximadamente na década de 1930. Neste sentido, segundo Stadniky e Pinto (1999), o marco da imigração japonesa no Brasil é 1908, e no período entre 1925 e 1934 o governo do Japão estimulou a imigração para terras brasileiras. Conforme as autoras, estes imigrantes oriundos do Japão entraram nos país para trabalhar especialmente com as lavouras de café do Estado de São Paulo, e anos depois alguns grupos se deslocaram para o Norte do Paraná. A fase mais dinâmica da imigração é realizada nos anos de 1925, coincidindo com o começo da (re)ocupação da região norte do Paraná.

Feirante 9:

(013) E: Como era sua família?

F: Plantador de café.

E: Quantos irmãos tinha?

F: Tenho 5 irmãos.

E: E seus pais eram brasileiros?

F: Não, japonês.

E: Quando que eles vieram para aqui?

F: Eles chegaram em 48.

E: Chegaram aqui à região de Maringá?

F: Exatamente, chegaram aqui a Maringá, “eram pioneiro”, em 48, são pioneiros aqui.

No trecho 013, o enunciador, assim como o anterior, é filho de imigrantes japoneses. O léxico “pioneiro”, usado em sua fala, que pode ser tanto um adjetivo como um substantivo masculino significa aquele que abre caminhos em regiões desconhecidas. Na cidade de Maringá essa é uma expressão bastante valorizada (inclusive em nomes de ruas), sendo utilizada discursivamente para reconhecer aqueles que chegaram em situações precárias e venceram na luta cotidiana pela sobrevivência, sendo que a maioria adquiriu um lote de terras ou algo mais do que isso. No caso desse enunciador, noto que ele coloca sua família nessa posição, de certa forma, de vencedora nessa batalha. A imagem abaixo ilustra um trecho de uma das avenidas mais importantes da cidade de Maringá, a Avenida São Paulo no ano de 1948, aproximadamente onde fica o atual Shopping Avenida Center. Este foi provavelmente o cenário de Maringá quando os pais do enunciador chegaram na cidade.

Figura 4 - Avenida São Paulo, em 1948



Fonte: Museu Bacia do Paraná – UEM (apud MARINGÁ HISTÓRICA, 2013)

Feirante 5:

(014) A minha família foi sempre família de agricultura, né? Meu pai veio do Japão já com 17 anos, aí conheceu a minha mãe, casou lá no Estado de São Paulo, em Paulópolis e eu nasci lá. [...] Meus pais trabalhavam na lavoura. Quando nós viemos do Estado de São Paulo, nós fomos morar lá em Floriano porque... entre Floriano e Castelo Branco porque aqui não tinha

lugar para morar ainda, não tinha casa para morar, lá tinha os parentes de meu pai, né? Os tios da minha mãe morava lá. Tinha sítio, até abrir um pouquinho mais ficou uns dois anos no sítio, depois que a gente veio para cá. Tanto que Castelo Branco não era Castelo Branco, chamava Iroí, já muda de nome, né? A gente morou lá. Eu fiz o primeiro e o segundo grau do primário lá. Daí o resto vim estudar aqui. Aí eu estudei no Osvaldo Cruz, no colégio, ainda tem, do lado das Americanas, aqui em Maringá, né? Estudei lá e também não estudei mais porque minha mãe e meu pai tiveram 12 filhos, um atrás do outro. Aí eu tive que parar pra trabalhar, né? Porque antigamente não tinha recursos como tem hoje. [...] Aqui em Maringá eu cheguei com 12 anos, então 12 anos... “tenho” então (...) 61 que eu estou morando aqui em Maringá já. Aqui na cidade. Quando cheguei aqui não tinha nada, tinha umas casas bem assim de madeira, bem “retirada um do outro”, tinha bastante mato, ainda estava derrubando mato, tocando fogo. Aí, tenho um irmão que veio com um ano, ele via que estavam derrubando mato, tocando fogo, ele queria mudar, queria ir embora daqui, não queria ficar aqui. A gente veio nessa época. A cidade não tinha nem avenida, não tinha nada ainda. Tinha uma rodoviária feita de coqueiro cortada no meio, bem na frente das Pernambucanas. Era assim, a gente veio assim, deu medo porque tinha mato, só tinha mato. Cheguei no tempo do sertãozinho mesmo.

No fragmento 014 a enunciadora, filha de imigrantes japoneses, expressa que a sua família esteve ligada continuamente ao trabalho da agricultura. Na expressão “Estudei lá e também não estudei mais porque minha mãe e meu pai tiveram 12 filhos, um atrás do outro. Aí eu tive que parar pra trabalhar, né? Porque antigamente não tinha recursos como tem hoje” o conteúdo explícito é que, como a família da enunciadora não tinha recursos suficientes, teve de abandonar os estudos, o que pode ser entendido como uma lamentação, uma vez que no discurso dominante, é mais valorizado quem consegue estudar. Por outro lado a enunciadora relata como era a cidade quando ela chegou a Maringá, na expressão “ainda estava derrubando mato, tocando fogo” mostra como a cidade ainda estava sendo assentada. Na figura abaixo se observa a imagem da segunda rodoviária de Maringá, que corresponde aproximadamente à data da descrição da enunciadora: “Tinha uma rodoviária feita de coqueiro cortada no meio, bem na frente das Pernambucanas” e efetivamente esta rodoviária ficava na frente das Casas Pernambucanas na Praça da Rodoviária hoje Praça Napoleão Moreira da Silva.

Figura 5 - Segunda Rodoviária, em imagem capturada por Kenji Ueta em 1953



Fonte: Jornal de Londrina (2011)

Feirante 14

(015) Meu pai mexia com café e na geadas forte que deu aqui no ano de 75 acabou com os cafés do Paraná, acabou com os cafés daqui, né?. Daí a gente de Nova Esperança mudamos para Maringá, até porque a gente já estava chegando na idade de entrar na faculdade, essas coisas, né? Nós viemos embora para Maringá, no ano de 75,76 para trabalhar e estudar.

No fragmento 015, o enunciador narra um fato muito marcante na história da região norte do Paraná, a geada do ano de 1975. Como foi visto e concordando com Padis (1981), o plano colonizador no norte do Paraná foi desenhado visando a produção do café, mas esta cultura, segundo o autor, precisa de além de um solo fértil, de um clima adequado. Porém, este último não é sempre idôneo no norte do Paraná, já que apresenta estações mais delimitadas que em São Paulo, com verões mais quentes e invernos mais frios, assim, esta região é sujeita ao risco de geadas pretas ou brancas, o que representa um serio obstáculo para o avanço desta cultura.

Assim, a história dos cafeicultores da região norte do Paraná teve um episódio muito trágico na madrugada de 18 de julho de 1975. Tal como Lemes (*apud* CAFEICULTURA, 2010. s.p.) assinala:

Uma única frase sobreviveu ao sobrevôo do ex-governador Jaime Canet e do ex-presidente Ernesto Geisel pelas plantações de café da região de Londrina, Maringá e Umuarama, dizimadas pela geada de 1975, assistindo com tristeza a morte da esperança entre os produtores. “Está tudo perdido”, sentenciaram os dois governantes com os pés já em terra firme, mas abalados pela constatação. Naquele ano, as baixas temperaturas encantaram os curitibanos com a neve, mas a geada assombrou os cafeicultores do norte ao queimar até os grãos verdes de café.

Na imagem a seguir observa-se a destruição de cafezais pela geada negra de 1975.

Figura 6 - Geadas negras, em julho de 1975



Fonte: Reprodução/RPC TV (apud CORDEIRO, 2013)

Como foi visto até aqui, muitas das famílias dos feirantes entrevistados da Feira do Produtor de Maringá tiveram um contato muito intenso com a cultura do café. Cabe destacar que muitas destas famílias imigraram nesta região especialmente para trabalhar neste cultivo. Subentende-se então que o impacto desta geada afetou a maioria destas famílias, ocasionando mudanças na sua produção e talvez no trajeto das suas vidas. Tal como foi o caso do enunciatador do fragmento 015 que teve que se mudar de Nova Esperança para Maringá, muito em parte, por causa da geada negra daquele ano.

Feirante 13

(016) “Foram agricultor” a vida inteira. Foram para o café, depois foram para o algodão até acabar o ciclo. [...] Pelos anos de 94, 95 a gente faliu plantando algodão no município de Nova Aurora, aí a gente veio trabalhar em mercado, trabalhar no mercado, a gente viu que tinha, no segmento que a gente trabalhava, em vez de ser com algodão poderia sobreviver na agricultura. Surgiu a ideia de vender a pequena propriedade que a gente tinha lá e comprar aqui perto de Maringá que era um centro que consumia mais, tinha mais gente, né? A ideia veio daí.

A geada do ano de 1975, somada a muitos outros fatores, expressos por Massuda (2005), como são: a crise gerada pela superprodução de café na década de 1960; o programa brasileiro de erradicação dos cafeeiros desestimulando a sua produção; o incentivo à diversificação agrícola e as culturas mecanizadas dadas pelo governo, significaram para a região norte do Paraná, uma redução severa da cafeicultura. Este declínio da cafeicultura no Paraná gerou profundas transformações na composição de sua produção e dos aspectos técnicos, além disso, ocasionou mudanças na estrutura fundiária, no acesso à terra, na oferta de alimentos e no emprego rural. Desta forma, a política agrícola adotada direcionou o cultivo de produtos de exportação como a soja e substitutos de importações como é o trigo, além da cana de açúcar para sustentar a política energética, em detrimento de produtos alimentares

básicos como arroz, feijão, mandioca e milho. O algodão, por sua vez, fez parte do processo de transição café-soja consolidando-se em regiões onde a mecanização encontrou barreiras.

No fragmento 016 o enunciador então ratifica esta mudança de culturas, primeiro trabalhando com a lavoura de café e logo na produção do algodão, mas afirma ter falido nesta última, no ano de 1996. Na expressão “aí a gente veio trabalhar em mercado” se subentende que deixou de trabalhar na lavoura e começou a trabalhar no mercado, ou seja, mudou de labor. Mas na continuação, assinala: “a gente viu que tinha, no segmento que a gente trabalhava, em vez de ser com algodão, poderia sobreviver na agricultura. Surgiu a ideia de vender a pequena propriedade que a gente tinha lá e comprar aqui perto de Maringá que era um centro que consumia mais, tinha mais gente”. O enunciador assim enxerga que não precisaria deixar de trabalhar com a lavoura, mas sim mudar de estratégia, se direcionando perto de uma cidade com maior densidade populacional, e, portanto que consumisse mais. Subentende-se então que o enunciador iria produzir produtos destinados para o consumo da cidade.

Desta forma, apresentei um pouco das origens de alguns dos feirantes entrevistados, assim como da história desta região, destacando que a maioria foi filho de imigrantes, em especial paulistas, e em menor número japoneses. A maioria deles teve um contato muito próximo com a cultura do café, e acredito que muitos deles tenham sido afetados pelas medidas políticas que desestimularam a produção de café e pela geada negra de 1975, originando mudanças na sua produção como na sua vida, seja na diversificação da sua produção, na sua estabilidade econômica, entre outros. Vale salientar que algumas das lembranças colhidas pelos enunciadores expressam uma vida muito difícil, marcada pelo trabalho intenso e pela falta de recursos econômicos.

No meio deste cenário, em que se dava maior ênfase às culturas mecanizadas e de exportação, foram deixados de lado os pequenos produtores, que segundo Rodante (1985) teriam como sistema de produção mais adequado a produção para consumo familiar e venda do excedente para o abastecimento interno. Mas os pequenos produtores que trabalhavam com este sistema, mesmo obtendo boas safras, tinham muitas dificuldades de comercializar seus produtos.

Então, partindo da análise dos diversos problemas que dificultavam a comercialização dos produtos (hortifrutigranjeiros) do pequeno produtor rural da região de Maringá, os membros da unidade da Emater em Maringá, reuniram esforços junto a várias entidades para criar a FERIA do Produtor de Maringá no ano de 1982 segundo o representante da Emater entrevistado:

Na época em que foi criada a Feira, foi em função da dificuldade que os produtores tinham para comercializar as hortaliças, não tínhamos... hoje tem bastante supermercado que trabalha, mas naquela época não tinham supermercados que trabalhavam, então tinham dificuldades. Foi criada essa opção para que eles pudessem comercializar. [...] Nós encabeçamos, Emater encabeçou essa necessidade [...] como a gente presta assistência técnica para eles, produtores, então nós também sentimos essa dificuldade que eles tinham para comercializar essas hortaliças. Hoje, tem muitos municípios menores que Maringá que têm esse problema, ainda hoje.

Ogassawara (s.d.), também narra como se deu o início da Feira do Produtor:

Em 1982, os colegas Rodante, Vicentini e Jorge, sentindo a necessidade de ter mais uma opção de comercialização de olerícolas iniciaram a pesquisa para poder viabilizar uma Feira de Produtores. A pesquisa foi realizada entre produtores, comerciantes e órgãos públicos para verificar a viabilidade e como estruturar tal atividade. Buscou-se a parceria, onde várias entidades de Maringá apoiaram a criação (imprensa, associação comercial, clubes de serviços e órgãos públicos municipal e estadual).

Segundo Rodante (1985 p.28):

(017) Para sua criação e efetivação foi necessário apoio e orientação de pessoas mais experientes, pois os pequenos produtores estavam despreparados para sozinhos constituírem esse tipo de organização.

No fragmento 017 o léxico “necessário” denota algo que é essencial ou indispensável, por sua vez, a palavra “apoio” indica tudo que serve para amparar, firmar, segurar, sustentar, e o adjetivo “experiente” denota o conhecimento das coisas pela prática ou observação. Desta forma, segundo o enunciador, para a criação da Feira do Produtor foi indispensável o suporte e direcionamento de pessoas com maior conhecimento sobre como montar uma feira, já que os pequenos produtores não estavam preparados, pois não tinham o conhecimento suficiente para sozinhos constituir este tipo de organização. Isto pode ser considerado coerente em certa parte, pois muitos dos produtores só trabalhavam na lavoura, e tinham pouco conhecimento sobre comércio, mas não deixa de chamar a atenção a posição com que fala o enunciador do fragmento, ou seja, do lugar de quem tem conhecimento e considera aquele que não tem despreparado para a consecução das atividades da Feira.

O representante da Emater que foi entrevistado comenta o início da Feira:

(018) (...) foi montada uma equipe, né? E essa equipe visitou principalmente em São Paulo, em Mogi das Cruzes, uma feira que já existia, era uma feira mista entre atacadista e produtor e copiou-se alguma coisa de estatuto de lá, formas de funcionamento e algumas outras informações, e em cima dessas informações criou-se uma comissão em Maringá, para estudar essa possibilidade de poder montar uma feira do produtor, e aí fomos atrás da prefeitura para pedir uma autorização, uma licença e aí corremos atrás dos produtores para que os produtores realmente passem a participar de uma

feira, onde o trabalho mais cansativo foi esse de convencer o produtor que a feira era um bom negócio.

No trecho 018, a expressão “o trabalho mais cansativo” denota o trabalho mais árduo, mais dificultoso, por sua vez, o verbo “convencer” indica levar a alguém a reconhecer uma verdade, apresentando provas ou argumentos. Os léxicos “bom negócio” podem ser entendidos como qualquer coisa que dê lucro, ou como uma troca que seja vantajosa. Destarte, para o enunciador os produtores não enxergavam a Feira como um negócio lucrativo, ou não percebiam as vantagens de vender seus produtos nesta, sendo necessário convencê-los, o que era um trabalho dificultoso.

No mesmo sentido, Rodante (1985) assinala que após concluir que a ideia era possível de ser efetuada, foram realizadas visitas aos pequenos produtores explicitando o projeto e motivando-os a participarem da Feira. O relato a seguir, de um feirante pioneiro da Feira do Produtor, mostra as visitas dos técnicos da Emater assim como a motivação dada por eles para iniciar o trabalho na Feira

Feirante 6

(019) A gente era já conhecido do pessoal da Emater, e sempre incentivava a gente vir na Feira que era um ganho mais, né? Então vim.

No fragmento 019, o enunciador afirma que veio participar da Feira do Produtor por causa do incentivo do pessoal da Emater, os quais manifestaram que na Feira obteriam um ganho a mais.

Feirante 2

(020) F: A gente tinha bastante plantio de banana, essas coisas lá, e levava para a Ceasa [Central de Abastecimento do Paraná S.A.] para vender e achou que na Feira rendia mais, dava mais lucro que na Ceasa, aí a gente parou de ir na Ceasa e veio para Feira.

E: E os engenheiros recomendaram alguma coisa?

F: Também, né? Agrônomo ajudou, incentivou para vir, né?.

Já no fragmento 020, a enunciativa, também feirante pioneira da Feira do Produtor, percebe que vendendo seus produtos diretamente por meio da Feira teria mais lucro que vendendo na Ceasa. Subentende-se que a enunciativa, mesmo sendo incentivada, não precisou de muita motivação para trabalhar na Feira, pois já sabia que a Feira representaria um bom negócio.

Para tornar realidade a Feira do Produtor de Maringá, foram unidos os esforços de diversas instituições para organizar esta, conforme comenta o representante da Emater entrevistado:

[...] Convocou-se um grupo de empresários, comerciantes daqui de Maringá para que fizessem parte dessa comissão da Feira do Produtor. Nessa comissão tivemos vários segmentos, sindicatos, clube de serviços, associação comercial, prefeitura, câmara municipal, onde todos eles se juntaram para organizar essa Feira do Produtor.

A comissão organizadora, segundo Ogassawara (s.d.), da fundação da Feira esteve composta por representantes das seguintes instituições: Prefeitura Municipal – Secretaria de Agricultura; Emater/PR; UEM – Universidade Estadual de Maringá; Fazenda Experimental da UEM; Lions Club – Cidade Canção; Rotary Club; Associação dos Engenheiros Agrônomos de Maringá; Ceasa – Centrais de Abastecimentos S/A de Maringá; Jornais – O Diário e O Jornal; Seab – Secretaria do Estado da Agricultura e do Abastecimento; e sete produtores.

Com relação a quem poderia participar, o entrevistado, representante da Emater, assinala:

(021) Desde aquela época foi criado um regulamento interno, onde nesse regulamento interno se dizia que só poderia participar quem era realmente produtor. Tinha que produzir a matéria prima principal. Por exemplo, se ele quisesse vender queijo teria que ter criação de gado de leite e assim por diante, então, na época, nós restringimos os comerciantes, porque comerciantes já tinham as feiras livres e os produtores não, né? Por isso que foi feita essa exigência que eles fossem produtores da matéria prima.

No fragmento 021 o léxico “regulamento” designa um conjunto de instruções que prescrevem o que se deve fazer. Desta forma, o enunciador indica a existência de prescrições internas para o funcionamento da Feira desde seu início. Por outro lado, na expressão “só poderia participar quem era realmente produtor” implicitamente exclui da participação como feirante da Feira qualquer um que não seja produtor da matéria prima principal. Assim, são colocados os parâmetros de seleção dos feirantes participantes da Feira do Produtor.

Mas, como na atualidade observa-se na Feira do Produtor feirantes que vendem pastel, por exemplo, perguntei sobre o caso destes feirantes que não são produtores da sua matéria prima. Diante disto o entrevistado respondeu:

Aí, em cima disso, existe um ditado que na feira tem de ter pastel. Aí sim, foi feita uma autorização para a prefeitura, para que criasse espaço para que pudesse vender pastel, aí sim não seriam produtores, e uma banca para vender batata e cebola, porque batata e cebola, aqui na nossa região é difícil de produzir. Então hoje, essas três barracas nós temos uma autorização especial por parte da prefeitura.

Desta forma, no dia 13 de março de 1982, realizou-se a primeira edição da Feira do Produtor de Maringá. Segundo Rodante (1985) participaram da primeira feira 47 produtores de um total de 62 produtores inscritos. Já segundo Ogassawara (s.d.) participaram 48 produtores de um total de 121 produtores inscritos. Conforme Rodante (1985), compareceram nesta data aproximadamente 15000 pessoas para comprar, mas muitos deles não conseguiram levar produtos por falta de oferta. Mas as pessoas que conseguiram comprar sugeriram a continuação da feira semanalmente.

O entrevistado, representante da Emater, também narra como se deu a fundação da Feira do Produtor:

(022) Então, nós conseguimos juntar, juntamos praticamente todos os produtores que tinha aqui em Maringá e região, conseguimos juntar um número relativamente grande em torno de 60, 70 produtores, e aí sim em cima disso, fizemos um levantamento da quantidade desses produtores poderiam trazer e aí sim através da imprensa fizemos a divulgação, marcamos uma data, 13 de março, e iniciou-se a primeira Feira, né? Nesta primeira Feira vieram 46 ou 47 produtores que comercializaram da forma mais simples possível essa produção que eles tinham na propriedade na época. Na segunda Feira, na semana seguinte, no sábado, dos 47 baixou para 27 produtores e aí sim começamos a fazer um trabalho de conscientização junto aos produtores desta grande opção que eles tinham conquistado, né? E acima disso, semana a semana, mês a mês foram aumentando o grupo e hoje estamos com 32 anos já, trabalhando na Feira do Produtor.

No fragmento 022 o adjetivo “simples” indica na frase condições modestas, assim o enunciador descreve que os produtores comercializaram seus produtos nas condições mais modestas possíveis. Por outra parte, o léxico “conscientização” pode indicar tomar conhecimento de algo, mas para Souza (2006) conscientização tem um significado mais denso, é a batalha do homem para livrar-se dos impedimentos que dificultam uma boa percepção do mundo cotidiano. Esta conscientização é um processo lento, exigindo muita paciência e trabalho diante das comunidades. Por outro lado, o adjetivo “conquistado” denota algo alcançado por luta ou esforço. Assim, subentende-se que para o enunciador, os produtores não tinham conhecimento ou uma boa percepção do que era essa grande opção que eles tinham ganhado, ou seja, não percebiam o que era poder comercializar seus produtos diretamente ao consumidor por meio da Feira do Produtor de Maringá. O enunciador fala de sua posição de representante de uma entidade detentora do conhecimento, que tem que se esforçar para fazer com que a massa (no caso, os produtores) possa liberar-se dos obstáculos que a impedia de enxergar isto.

Diante da pergunta: Por que diminuiu tanto da primeira semana para a segunda? O entrevistado respondeu:

(023) Nós não temos certeza do quê que foi, mas pela informação de alguns produtores que nos contaram, pressão dos comerciantes. Se você participar da Feira, não compro mais da tua produção. Existe isso em qualquer campo e na época também já existia. Em cima dessas pressões eles ficaram com medo de participar da Feira, porque a Feira ainda era uma incógnita (...), eles ficaram com medo de perder esse mercado que eles tinham. Hoje não, hoje existe uma fila enorme de produtores querendo entrar na Feira, mas infelizmente o espaço físico não comporta mais do que nós temos hoje.

Ao analisar o trecho 023 a partir do olhar certeuniano, observo que nessa situação os comerciantes agem do lugar de poder, enquanto os produtores, naquele momento, se encontravam na ausência dele, mas mesmo assim, diante dessa realidade, muitos produtores conseguiram driblar o medo de perder esse mercado, e dar início ao trabalho na Feira do Produtor.

O feirante 14, entrevistado, narra também um pouco do início da Feira:

(024) Emater, Emater que organizou esta Feira em 1982 com essa responsabilidade de trazer o agricultor para cá, começou com 45 barracas com os agricultores, né? Eles sabiam produzir, mas eles não sabiam comercializar, tinham vergonha, veja bem, o produtor tinha vergonha de vir aqui e mostrar seu produto e vender seu produto. Hoje não, hoje mudou tudo, hoje as pessoas vêem os agricultores vender o seu, né? com bastante orgulho, né? foi uma coisa bem trabalhada, né?. [...] Veja bem, mais de 145 pessoas foram inscritas para trabalhar aqui, mas no dia mesmo de vir, vieram só 45. Por quê? Porque conversou com os outros: fiquei com vergonha e não fui, né? e os que vieram também não sabiam negociar, não sabiam, (...)

No fragmento 024 para o enunciador um dos grandes empecilhos para os agricultores participarem da Feira do produtor era sua falta de conhecimento sobre o comércio, “tinham vergonha de mostrar e vender seu produto”. Afirmar que os produtores “não sabiam comercializar” mostra a posição com que esse feirante se coloca e coloca os demais colegas, ou seja, na posição de ignorância, que só foi superada quando a detentora do conhecimento instituída, a Emater, fez “uma coisa bem trabalhada”. O percurso semântico do fragmento mostra que se não fosse a ação da Emater, os produtores não teriam aprendido a trabalhar na Feira.

A Feira do Produtor de Maringá, na sua primeira edição teve uma grande acolhida pelo público maringaense, conforme assinala o representante da Emater entrevistado:

Da melhor maneira possível, por isso que a gente fala, a primeira Feira com 47 participantes, para dizer verdade, eles não ficaram uma hora na Feira vendendo, venderam tudo, tudo, na segunda Feira foi a mesma coisa, foram menos produtores, mas esses menos trouxeram mais produtos porque sabiam que iam vender bastante. Trouxeram bastante, mas foi a mesma coisa, em menos de uma hora se vendeu de tudo. A gente brincava, se ele oferecesse o

carro que tinha lá, até o carro vendia, tanta a procura dos consumidores. Então a aceitação foi muito grande e continua sendo muito grande até hoje.

No dia 23 de junho de 1982 foi aprovado o decreto-lei municipal N° 148/82 que instituiu a Feira do Produtor de Maringá, assim como seu regulamento.

A Feira do Produtor de Maringá se realizava semanalmente, e só ocorria no sábado, no início da manhã no estacionamento do estádio de futebol Willie Davis conforme os depoimentos colhidos.

Figura 7 - Vila Olímpica de Maringá 1985



Fonte: Cartão postal de Mônica Nascimento, 1985 (*apud* TORRECILHA, 2013 p.111)

Neste local, segundo Rodante (1985) os feirantes eram alocados segundo a ordem de inscrição, constância de participação e ordem de chegada. Cada feirante tinha direito a usar apenas uma barraca ou espaço físico, e não era obrigado a participar em todos os dias de realização da feira. A fiscalização da feira era de competência da prefeitura, auxiliada por uma comissão composta por cinco feirantes, eleitos por votação secreta pelos mesmos feirantes participantes. Esta comissão tinha o nome de comissão organizadora, e se encarregava de velar pelo cumprimento do regulamento oficial da Feira, orientar os participantes, e organizar reuniões com os participantes da Feira para tratar assuntos de interesse geral.

Para ilustrar a Feira nos seus primeiros anos, apresento a seguir as lembranças dos feirantes:

Feirante 2

(025) As barracas eram, na época, eram do jeito que a pessoa tinha. Vendia, se não tinha barraca, vendia a mesma coisa, vendia em cima de caixotes e coisas, né? e vendia. Depois “foi arrumando as barracas”, foi ajeitando, aí foi organizando mais.

Feirante 4:

(026) Era pequena, né? composta por uma média de “15, 20 produtor”. Na época não tinha barraca, nada, né? Então daí a gente colocava um caixote, improvisava umas banquinhas, né? “umas porta”, janela que a gente tirava e fazia as bancas, né? Daí era comercializado assim. Era uma correria danada, nossa!

Os fragmentos 025 e 026 mostram uma Feira modesta, onde os produtores utilizavam de sua improvisação para poder vender seus produtos. Da perspectiva de Certeau (1998), estas práticas comuns, que se introduzem com as experiências particulares são formas de inventar o cotidiano, fabricando formas de fazer, maneiras de empregar os produtos de uma forma não convencional pelos sistemas de produção. Assim os caixotes, as janelas e as portas são utilizadas de uma forma diferente do seu uso normal e servem, nesta arte do imprevisto, como estruturas para montar as bancas e desta forma poder expor os produtos, e conseguir vendê-los.

Outro ponto que cabe destacar é que muitos feirantes trabalhavam sem cobertura, estando totalmente expostos às intempéries. Vários relatos ainda assinalam que era frequente o uso de carroças para trazer os produtos do sítio até a Feira.

Assim, é possível observar que a estrutura física da Feira do Produtor nos seus primeiros anos era muito modesta, sem outorgar condições básicas de conforto e segurança para os feirantes o que pode ser resumido com as palavras enunciadas pela feirante 10: “era difícil, era mais sofrido”.

Rodante (1985), após fazer um levantamento do número de participantes, e a quantidade e montante global da comercialização nos três primeiros anos da Feira do Produtor, concluiu que os produtores participantes da Feira aumentaram sua produção e observou que muitos produtores participantes da Feira melhoraram sua situação econômica, mediante acumulação de capital que se podia constatar em fatos como: instalação de energia elétrica na sua propriedade agrícola; aquisições e ampliação de sistemas de irrigação; substituição do veículo de tração animal pelo motorizado; melhoria no sistema de transporte das mercadorias com a substituição de veículos velhos por uns de mais capacidade; parte dos produtores conseguiu reter reservas de capital para eventuais necessidades.

Na sequencia, um produtor que começou a participar da feira no início da década de 90, narra como era a feira naquela época:

Ah, eu não vou dizer que hoje está muito melhor, a gente sempre vendeu bem aqui, sempre, na época era em torno de 60 barracas, não era organizadinho assim, mas em termos de comercialização era muito bom. Você vendia quase na proporção de hoje (...). Mas, assim, o que a gente

trazia conseguia comercializar tudo, igual está hoje, mesmo nível, desde aquela época em que entrei, não mudou. A estrutura sim, a estrutura mudou, porque na época não tinha cobertura, não tinha banca dessa forma, tinha, mas era diferente, era madeira, não tinha cobertura, não tinha padronizado que nem tudo de uma cor só, banca tudo padronizado, não tinha nada disso, tinha bambu, era completamente diferente, claro que o nível é outro, né?

Assim para início de 90, se incrementou o número de feirantes e a Feira já apresentava uma melhor infraestrutura, mesmo ainda rústica e sem padronização, pois possuía bancas de bambu, material disponível na propriedade dos produtores.

Desta forma a feira seguiu sendo realizada só nos dias sábados, no início da manhã, até o dia 12 de agosto de 1992 segundo Ogassawara (s.d.), nesta data se deu início a Feira noturna às quartas feiras. Neste mesmo ano foi criada a Lei Municipal nº 3061/92 da Feira do Produtor de Maringá. Neste sentido os seguintes depoimentos tratam do início da Feira noturna, na quarta-feira.

Feirante 6:

(027) Só tinha Feira no sábado. Daí de 91, não lembro a época, lá começou quarta-feira.

Feirante 14

(028) Aí era só sábado, a Feira era só no sábado, a gente trabalhava a semana toda na propriedade, a gente vinha aqui a trabalhar no sábado (...) feira à noite começou em 92, então de 82 a 92 foi um negócio mais ou menos assim, aí que começou a pensar na Feira noturna, inclusive quando começou a fazer a feira noturna fui eu que puxei, um dos que puxou a feira para a noite, né? Ajudou a divulgar, era novidade, na época não tinha em Maringá feira noturna. Aqui foi a pioneira. (...) quando a gente começou a trabalhar com a feira à noite, não tinha energia (...) a gente tinha que vir com lampião, sabe esses lampião que você acende ou bem a gás ou bem a querosene, tinha que vir cada um com seu lampião, geralmente vinha com seu lampião a gás.

No fragmento 028, o verbo “puxar” indica incentivar, para o enunciador era necessário incentivar, ajudar a divulgar a novidade, já que na época não tinha feira noturna, subentende-se então que como toda novidade. A Feira noturna apresentava maiores riscos de ter sucesso, por isso era necessário o incentivo. Outro detalhe importante a ser assinalado é que no ano de 1992, dez anos após o funcionamento da Feira, ainda os feirantes não possuíam energia elétrica, tendo que se valer dos lampiões para a iluminação, condição que aumentava o risco da feira noturna não dar certo, já que não se poderia esperar uma boa visibilidade dos produtos.

Feirante 12

(029) (...) quando passou a feira para a quarta-feira (...) veio assim aquela expectativa: Vai dar certo? Não vai? Que a gente foi o primeiro que montou

aqui em Maringá, foi a Feira do Produtor, então havia aquela expectativa: Vai dar certo? Não vai? E graças a Deus virou potência, então são coisinhas que marcam, né? No meu caso, eu participei desde a primeira, primeiro com pouquinhos bancas e depois foi crescendo, crescendo, e hoje a maior potência é a quarta. E as outras feiras, todas copiaram o modelo dessa, porque este projeto foi proposto para a feira verde e eles ficaram com medo e a gente não teve medo, encarou e hoje é potência, hoje as melhores feiras são à noite e não de manhã, porque a de manhã é muito cansativo.

No excerto 029 o enunciador afirma explicitamente a sensação de expectativa, diante da possibilidade de dar certo ou não a feira noturna. Na expressão “eles ficaram com medo” implicitamente o enunciador expressa a existência da concorrência da Feira do Produtor, assinalada pelo enunciador como “Feira verde” e manifesta que os participantes desta última ficaram com medo de realizar este projeto, enquanto os membros da Feira do produtor de Maringá encararam e enfrentaram os riscos, obtendo resultados muito positivos, servindo como modelo para as demais feiras, entre elas a “Feira verde”.

O dia 04 de julho de 1995 marcou outra data importante na história da Feira do Produtor de Maringá. Foi criada a Associação da Feira do Produtor de Maringá. Conforme Ogassawara (s.d.), à medida que a Feira foi crescendo foram também crescendo os problemas que o grupo de produtores não tinha mais condições de administrar, criando-se desta forma uma associação. Hoje a Feira é administrada pela Associação da Feira do Produtor de Maringá.

Segundo o Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas - Sebrae (2009, p.8): “As associações assumem os princípios de uma doutrina que se chama associativismo e que expressa a crença de que juntos pode-se encontrar soluções melhores para os conflitos que a vida em sociedade apresenta”

Assinalando o seguinte conceito:

(...) Associações são pessoas jurídicas formadas pela união de pessoas que se organizam para a realização de atividades não econômicas, ou seja, sem finalidades lucrativas. Nessas entidades, o fator preponderante são as pessoas que as compõem. São entidades de direito privado e não público (Sebrae 2009, p.11).

Desta forma, ao se formar a Associação da Feira do Produtor de Maringá, se constituiu uma pessoa jurídica conformada pelos produtores participantes da Feira, com o intuito de facilitar o trabalho em conjunto. Cabe ressaltar que todas as associações estão regulamentadas tanto na Constituição Federal, quanto no Novo Código Civil (na Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002).

Assim estando a Feira do Produtor de Maringá mais formalizada, com a presença do estatuto da associação, aparentemente aconteceram melhorias, como expressam os depoimentos dos feirantes a seguir:

Feirante 3

(...) Hoje está tudo diferente, né? Uma associação, todo mundo cadastrado, é muito bom. Melhorou muito. (...) eu acho que agora está bem organizado, uma associação, sabe, antigamente não era.

Feirante 4

(...) antes era feira e depois passou para associação. Daí ficou melhor, né? A partir daí, com certeza melhorou.

Outra data importante é de 11 de novembro de 2011, na qual, segundo Ogassawara (s.d.) se realizou a primeira Feira Noturna das segundas-feiras.

Feirante 11

Na época era só na quarta e no sábado, aí a gente colhia de manhã quarta-feira para vir à tarde, e no sábado colhia na sexta feira para vir o sábado. Com o passar do tempo, foi numa gestão anterior nossa, a gente teve ideia de começar a Feira de segunda-feira também, tivemos apoio de um número grande de produtores e começou a Feira na segunda-feira (...).

Feirante 9

(030) Porque quando começou era uma feira só por semana, hoje nós temos três feiras por semana. Está bem puxado, está bem puxado, né? principalmente para quem produz, né? porque não sobra tempo para produzir.

No fragmento 030 na expressão “está bem puxado, né? principalmente para quem produz, né? porque não sobra tempo para produzir” observa-se um paradoxo, pois tratando-se de uma Feira de produtores se não sobra tempo para produzir, esta perde o seu sentido. Desta forma, se subentende que para o enunciador é muito exaustivo o ritmo de produção, ao realizar as três feiras por semana.

Uma das últimas conquistas da Feira do Produtor de Maringá foi adquirir uma sede própria. Tal como assinala a afirmação a seguir:

Feirante 5:

(...) hoje já temos uma sede muito, muito bonita na cidade, né? Ali perto da Uningá [Unidade de Ensino Superior Ingá Ltda.], da faculdade na saída para Astorga, acho que é Astorga, aí já tem lugar para gente passar o final de semana. (...) É uma sede, tem piscina, tem cancha de futebol, tem parte da churrasqueira, o salão ainda não é muito bonito porque ainda não tem toda aquela estrutura lá dentro, mas daqui a pouco está chegando.

Segundo Ogassawara (s.d.) a Feira do Produtor de Maringá é atualmente reconhecida como órgão de utilidade pública através de lei municipal e estadual e está administrada pela Associação da Feira do Produtor de Maringá, desta forma os participantes precisam se associar. O total de associados cadastrados até a presente data é de 258 produtores, mas na atualidade existem 131 associados, sendo o número médio de produtores participantes por feira de 100, dos quais 50% pertence à região de Maringá. Conforme o autor, o número aproximado de pessoas (membros da família e empregados) que sobrevivem da feira é de 1200 pessoas. Para uma grande maioria dos participantes hoje, a Feira é a principal fonte de renda, visto que 90% são pequenos produtores familiares. A área média por produtor participante da feira é de 3,00 Ha. A média de volume total vendido no mês é de 158.570 kg, atingindo uma média de valor vendido no mês de R\$ 267.850,00, resultando numa média mensal vendida por produtor de R\$ 2.142,80.

Segundo o autor, a Feira do Produtor de Maringá tem servido como modelo a ser seguido em todo o estado e também em outros estados como Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Neste sentido temos o seguinte depoimento:

Feirante 14

Esta Feira aqui do Produtor de Maringá, em todo o estado do Paraná, foi a pioneira. Então é referência Maringá. Qualquer cidade que você for se tem Feira do Produtor, eles vieram aqui, né? tiraram como base aqui e levaram para a sua cidade para poder também promover a agricultura familiar lá.

Como foi observado, a Feira do Produtor de Maringá é considerada uma referência na sua área, pois atualmente conta com 32 anos de existência. A grande preocupação hoje, segundo Ogassawara (s.d.) é fazer sucessão a fim de que a Feira continue por muitos mais anos.

Figura 8 – Um sábado de manhã na Feira do Produtor de Maringá.



Fonte: Dados de campo

4.2 PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EXISTENTES NA FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ NO SEU TRANSCURSO HISTÓRICO

As feiras são lugares muito ricos em micro-práticas onde feirantes, fregueses, técnicos, e órgãos públicos interagem, criando cenários únicos, se valendo para isso de saberes, fazeres, táticas, estratégias, enfim, de um sem número de sutilezas. Desta forma, apresento a seguir algumas práticas de socialização existentes na Feira do Produtor de Maringá no seu percurso histórico até a atualidade.

4.2.1 Relacionamento Familiar

A Feira do Produtor de Maringá se sustenta sob a base do trabalho familiar. Assim, pais trabalham junto com os seus filhos compartilhando os afazeres do campo e da Feira, intensificando ainda mais os laços familiares. Esta relação entre pais e filhos na Feira não tem idade, os filhos de feirantes podem presenciar o trabalho da Feira desde muito crianças, assim como podem assistir os pais envelhecerem exercendo esta atividade. Neste sentido apresento alguns depoimentos deste relacionamento familiar:

Feirante 5:

(031) Eu trabalhava no comércio, aí começou a minha mãe e meu irmão começou a fazer a Feira, mas eu vinha de manhã, montava a barraca e ficava até às dez para as oito horas mais ou menos, ficava com eles atendendo cliente, que antigamente o povo vinha mais cedo, o pessoal de idade gosta de levantar de madrugada e vir para Feira, aí eu ficava até umas dez para as oito horas e descia para a loja. E minha mãe desmanchava a barraca e ia embora. Aí só vim de vez depois que aposentei do comércio. Aposentei em 89, daí eu vim para cá. Já faz 31 anos, agora vou fazer 32 anos que estou aqui já. [...] essas minhas irmãs que trabalham aqui elas têm firma delas, trabalham na firma, aí a tardezinha vem me ajudar aqui. Bastante pessoas que trabalham no comércio, chega o horário, vem para cá para ajudar à família.

No fragmento 031 a enunciativa narra explicitamente como foi seu início na Feira do Produtor. Na época ela ajudava a mãe dela algumas horas e só depois de se aposentar no comércio se dedicou exclusivamente ao labor de feirante. Na atualidade, são as irmãs as que ajudam nas atividades da Feira. Assim pode-se identificar, neste caso, que mesmo passando 32 anos de Feira, a participação da família se manteve presente e constante.

Feirante 2:

(032) (...) Sempre assim trabalho de família, né? então sempre vem marido, mulher, você pode ver que toda barraca sempre tem homem, mulher porque família que trabalha, né? então é sempre assim, né?

No excerto 032 a enunciativa ressalta explicitamente a presença do casal de esposos nas barracas da Feira já que estes realizam o trabalho em conjunto. Subentende-se assim que existe uma participação ativa da mulher na atividade de feirante.

Por outro lado, nos depoimentos a seguir os feirantes trazem nas suas lembranças da Feira do Produtor de Maringá, emoções e sentimentos que se encontram ligados à história da sua família:

Feirante 1:

E: Quais foram as experiências mais bonitas que o senhor teve na feira, e quais as mais tristes?

F: Tem muitas lembranças bonitas, de meu pai, tem bastante lembrança bonita de nós juntos. Eu tenho uma lembrança triste, de me lembrar que meu pai sempre estava junto, a única coisa triste é essa lembrar que ele não está mais. Essa que é a tristeza.

Feirante 4:

(...) as meninas nossas quando começamos a feira eram pequeninhas, e hoje cê vê, a gente vê as fotos delas pequenas que estavam aqui na banca pequeninhas (...)

Feirante 15:

(033) Experiências foram acontecendo muitas experiências que a gente teve como família, nossos próprios, vindo para cá tão pequenos ainda, a gente vendo eles crescer e virarem adultos e hoje são pais, e essa experiência é uma experiência que marcou muito a nossa vida. E muitos aqui têm histórias de pais que criaram filhos e filhas e hoje alguns se casaram se conhecendo aqui na Feira do Produtor. Isso daí são os fatos que já aconteceram dentro da Feira do Produtor, isso daí de pessoas se relacionarem e hoje serem parentes, por intermédio da Feira, isso daí é marcante.

No fragmento 033 o enunciador relata como seus filhos participaram da Feira desde pequenos, subentendendo-se que a Feira fez parte da vida dessas crianças até se tornarem adultos. E a continuação assinala explicitamente como a Feira atua também como palco para se desenrolarem laços muito fortes, no caso, o matrimônio, acontecendo assim a união entre famílias de feirantes.

Em todos os trechos apresentados se mostram algumas relações familiares dentro da Feira do produtor. Ao falar de família, estamos nos introduzindo num aspecto muito relevante para a constituição das identidades, pois é a família onde são forjados os primeiros traços identitários. Compartilhamos assim com a família pertencas semelhantes, neste sentido González (2000) expressa que quase todas as definições, independente da perspectiva para estudar a família, fazem referência a fatores comuns como moradia comum, descendência comum, mesmo sobrenome, mesmo grupo, mesma história. Sendo assim, geralmente para o sujeito, a família constitui um dos seus grupos de identificação. No caso da Feira do Produtor, esta está constituída por muitas famílias de feirantes, ou seja, estamos falando de diversos grupos familiares, cada um com uma história diferente, com uma identidade diferente, identidades que se relacionam modificando a Feira e sendo modificadas por esta.

Por outro lado cabe destacar que o trabalho familiar na Feira do Produtor também conserva saberes que são transmitidos de geração em geração, tal como assinalam os feirantes nos fragmentos a seguir:

Feirante 5:

(034) Eu falo assim: esse ramo que eu estou fazendo começou com a minha avó, aí veio a minha mãe, a minha mãe já está com 93 anos, vai fazer 94 agora, aí então ela não trabalha mais, eu continuo fazendo as coisas que minha avó fazia, então eu tempero tudo, eu faço do mesmo jeito que minha mãe e minha avó faziam, por isso que, graças a Deus, a gente tem uma clientela. [...] na verdade no começo não entendia nada de estas coisas de fazer comida (...) a minha família fazia mais coisas, mais produtos, mas isso não cheguei aprender, a minha avó já faleceu eu não tenho receita, (...) eu adoro o que eu faço, porque eu trabalho domingo com prazer, enquanto os outros viajam eu fico imaginando uma receita que eu gosto, fazer diferente, eu vou na secretaria da saúde eu levo os produtos para eles ver, porque eu gosto de fazer, gosto de cozinhar.

Feirante 9:

E: E o senhor sempre trabalhou com essa produção?

F: Não, não. Meu pai começou vendendo café. O trabalho dele começou com o café foi mudando até entrar em esse produto aqui. Este produto faz uns 15 anos, 15 para 20 anos. (...) Eu continuei o trabalho dele, comecei a trabalhar junto com ele, depois ele parou e eu continuei.

No fragmento 034 a enunciadora, que comercializa alimentos processados, a maioria de vertentes da culinária japonesa, assinala explicitamente que deu continuidade a maneira de produção da avó e da mãe, e por isso tem uma clientela. Assim, subentende-se que se não seguisse tão certamente os procedimentos deixados por suas predecessoras não teria essa freguesia. Mas, por outro lado, na frase: “eu fico imaginando uma receita que eu gosto, fazer diferente” subentende-se que ela inova, cria, inventa novas receitas. Ou seja, mesmo sendo o diferencial de sua banca seguir certamente as receitas e procedimentos legados por suas antecessoras, ela se dá um espaço para a criação, para a invenção, recriando seu cotidiano.

Desta forma, foi possível observar saberes, ofícios e modos de fazer que são apropriados pelas famílias de feirantes de geração a geração, e por conseguinte pela própria Feira como importantes elementos de sua identidade. Assim, a Feira constitui-se também destes saberes que estão ligados com a tradição e a cultura dos seus participantes.

Ainda no âmbito familiar, um grande problema atual da Feira é fazer a sucessão. Muitos dos feirantes não têm sucessores, como pode ser observado a seguir:

Feirante 10

(035) (...) Só que é uma pena que quando nós não vir mais não vai ter a pessoa, não vai ter mais geração que vai pegar, né? (...) meu irmão, o ramo dele é outro, é só eu que puxei assim mais para meu pai, né? (...) só tenho um filho e o ramo dele é outro, então quem gosta mesmo da roça é eu e meu pai. Assim, né? meu marido também ajuda, meu irmão quando a gente vai colher banana assim também ajuda, às vezes a gente precisa arrumar alguém para ajudar, né?

No trecho 035 na frase “então quem gosta mesmo da roça é eu e meu pai” subentende-se que o gosto pela atividade da agricultura é um fator importante para que exista esta sucessão, o léxico “gosta” é assinalado no sentido de possuir vocação. Desta forma, como o descendente não tem vocação pela atividade agrícola, então não existirá um sucessor que dê continuidade no trabalho do campo e da Feira.

Feirante 8

(036) F: Sucessor eu acho não vai ter não, sucessor é difícil, no sítio, assim, os rapazes não querem trabalhar mais, então sucessor está meio difícil.

E: E no caso do senhor, tem sucessores?

F: Não tem, se eu parar, aí já para tudo, não vem mais. Aí entra outro em meu lugar.

No trecho 036 o enunciador expressa uma perspectiva pessimista sobre o futuro dos sucessores, e sustenta isso com a frase “no sítio, assim, os rapazes não querem trabalhar mais” o verbo querer expressa ter intenção ou vontade, desta forma, segundo o enunciador, os jovens não têm vontade de trabalhar mais na atividades do sítio. Observa-se nesta expressão a presença de uma hipérbole, pois o enunciador manifesta um exagero, já que existem muitos jovens que sim, têm vontade de trabalhar nesses ambientes rurais. Por outro lado, esta justificativa apresentada pelo enunciador pode estar ligada a diversos fatores apontados por Zago e Bordignon (2012). Estes autores assinalam que muitos dos jovens que se encontram dentro do contexto da agricultura familiar consideram este trabalho pesado e pouco recompensado financeiramente. Soma-se a isto as dificuldades dos pequenos produtores de competir no ambiente capitalista, a falta de lazer no meio rural, a procura pela modernidade, além de outros fatores. Tudo isto pode levar a um potencial descontentamento de uma parte dos jovens com sua situação no espaço rural e ao desejo de procurar novas alternativas nos centros urbanos, concomitantemente com uma melhor qualidade de vida de aquela oferecida no campo.

Assim, nos fragmentos 035 e 036 os enunciadores expressam explicitamente que serão os últimos da sua linhagem a manter seu laço com as atividades do campo e da Feira.

Por outro lado, alguns feirantes são otimistas quando se trata do tema da sucessão, assim temos os seguintes depoimentos:

Feirante 14:

(037) E: No seu caso você tem descendentes que gostariam de ficar no seu lugar?

F: Bem, eu tenho duas filhas meninas, né? eu não sei se elas vão conseguir trabalhar, porque o serviço é pesado mesmo, eu vou tentar passar para elas, né? até porque eu casei velho e elas são novas ainda, minha menina mais

velha tem oito anos e a mais nova tem três anos (...) a minha mais velha vai fazer nove e eu quero ver se a partir do ano que vem ela já começa me ajudar aqui na feira.

E: Quando eu perguntava aos feirantes sobre seus sucessores, muitos falavam que vai acabar porque os filhos não querem saber da feira e querem só estudar.

F: Pode estudar, pode fazer isso, fazer aquilo, mas quem tem raízes tem raízes, eu mesmo fiz faculdade, estudei, eu não quis ser professor. Aqui a gente vê muitos transferirem aos filhos a responsabilidade, outros estão transferindo aos poucos pessoas que não estão podendo vir, claro que não são todos.

No trecho 037, a frase “mas quem tem raízes tem raízes” apresenta uma metáfora, o substantivo raiz designa o órgão dos vegetais que fixa a planta no solo, absorvendo deste a água e os sais minerais indispensáveis à sua existência, mas no fragmento o léxico “raízes” tem um significado figurativo, indicando o vínculo, o elo que o sujeito tem com suas origens em termos de cultura, história, crenças, família, entre outros. Assim, as raízes estão ligadas a alguns traços identitários forjados nas origens dos sujeitos. Desta forma, subentende-se que para o enunciador os sujeitos que têm gerado estes vínculos identitários com a Feira do Produtor de Maringá, podem estudar, ou fazer outras coisas, contudo farão prevalecer o interesse em dar continuação a atividade de feirante, tal como ele fez.

No próximo depoimento, a sucessão já é um projeto mais concreto:

Feirante 15

Eu pretendo nesse período de dois a três anos aí, eu pretendo fazer com que meu filho dê continuidade e eu estou querendo dar uma maneirada, eu e minha esposa, no puxado, vamos dizer assim, no trabalho puxado, continuando trabalhando, mas de uma forma mais branda um pouco, e meu filho assumindo.

Desta forma, foi possível observar como a interação familiar está muito presente na Feira do Produtor de Maringá: desde a relevante participação da família nos labores da Feira e do campo; a transmissão de saberes; a sucessão; o fortalecimento de laços sentimentais, emocionais entre os membros familiares; até a miscigenação de laços sanguíneos entre famílias de feirantes originando novas famílias. Em suma, por meio destas interações se observa a criação e recriação de traços identitários ligados a Feira do Produtor de Maringá, assim como mostram aspectos identitários da própria Feira.

Vejo assim mais claramente os conceitos de identidade social anunciados por Tajfel (1982), pois como já foi assinalado, a família é talvez o primeiro grupo social em que um indivíduo tem a noção de pertencer, e está atrelado a significados emocionais (sentimentos) e de valor, como pude observar nos depoimentos. Ao mesmo tempo, pude observar que a Feira,

ao estar constituída por uma reunião de muitas famílias, ou seja, por numerosos grupos, apresenta uma identidade múltipla, pois cada uma tem suas peculiaridades, uma história singular.

As diversas relações familiares que acontecem no cotidiano da Feira modelam-na. Como observei, é no cotidiano onde os filhos compartilham com os pais o trabalho, onde guardam suas memórias, e vão construindo sua história e identidade como feirantes. Na imagem a seguir (figura 9) se observa uma família de feirantes trabalhando numa edição da Feira.

Figura 9 - Trabalho familiar na Feira do Produtor de Maringá



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (s.d.)

Além das relações familiares, um dos pontos mais importantes desta dissertação é o relacionamento entre feirantes, pois é o trabalho em conjunto que eles executam que dá origem a cada edição da Feira do Produtor de Maringá. Desta forma, nas linhas que se seguem apresentarei este tipo de interação na Feira.

4.2.2 Relacionamento entre feirantes

São muitas as práticas de socialização entre feirantes, mas a que é mais comentada por eles deixando boas recordações é a confraternização realizada todo ano, normalmente no mês

de março, pelo aniversário da Feira do Produtor, o que pode ser observado nos seguintes relatos:

Feirante 4:

(038) E outra coisa que marca bastante, que é bom também, é que todo mês de março a Feira, a associação faz aniversário, né? então cada ano que passa a gente faz uma confraternização, então é uma coisa que marca, né? Marca, mas marca gostoso, né? Cada ano que passa a festa é sempre maior, que atualmente a Feira tem 31 anos, é 31, acho vai para 32 anos, (...) então quer ver quando faz 32 anos é uma festa, e quando fazer 33 é mais ainda, né?

No fragmento 038 na frase: “Marca, mas marca gostoso né?”, apresentam-se duas metáforas, pois o léxico marcar denota a ação de colocar um sinal que serve para que se reconheça uma coisa, para distingui-la de outra, mas no fragmento é utilizado no sentido figurativo, denotando um traço distintivo na história do enunciador. Da mesma forma o adjetivo gostoso denota algo que tem bom sabor, algo saboroso, mas é utilizado no sentido de dar prazer. Assim, para o enunciador, a confraternização realizada a cada ano, outorga para ele sensações agradáveis ao ponto de se distinguir de outros acontecimentos de sua história.

Feirante 14:

(039) (...) nós temos um almoço que é feito anualmente que é o aniversário da Feira, então tem brincadeiras para desinibir o agricultor, para formar amizade para conversar com os outros, né?

No trecho 039 o verbo “desinibir” denota tirar o embaraço, livrar-se do que pode causar vergonha. Assim o enunciador expressa implicitamente que os agricultores são tímidos, acanhados, sendo necessário o uso das brincadeiras para tirar a timidez destes. Em suma, no fragmento se subentende que o almoço realizado tem diversas finalidades, entre elas estão descontrair os agricultores e criar laços de amizade.

Feirante 5:

(040) Ah! Eu tenho muitas lembranças hein! Ah! lembranças disto daqui, eu tenho lembranças daqueles amigos que já estão com Deus, né? Eu tenho uma lembrança (...) quando a Feira fez 21 anos por acaso eu estava na diretoria, (...) eu fiz homenagem para as pessoas que tinham acima de 85 anos então as pessoas que começou a feira, (...) aí eu falo assim, para aquelas pessoas de idade (...) sempre fazia festa uma vez por ano, era em março que faz aniversário da Feira, né? Faz um almoço bem bonito, e associado todo é convidado, aí pode levar a família para participar é a parte, mas tem comida, tem gincana, tem bastante prêmio. E na minha gestão consegui levar num salão muito bonito digno de uma festa e convidar as pessoas de idade (...) Ainda eu ganhei a televisão daqui de Maringá, foi lá não cobrou nada, uma repórter o dia inteiro ficou com a gente filmou tudo e tiro foto, apareceu na

cidade para todo mundo ver, na televisão, aquilo foi lindo. Mas a minha mais marcante, a homenagem que pude prestar para as pessoas de idade e que hoje, quase todos eles não estão aqui, mas eu lembro, olho a foto, olho a faixa. Nossa! ficou registrado, porque fazer uma coisa para os outros é tão bom, né?

No fragmento 040 a frase “eu tenho lembranças daqueles amigos que já estão com Deus” está atrelada a um discurso religioso, segundo o qual as pessoas ao morrer passam a habitar o reino dos céus, ou seja, a alma vai para o céu, para junto de Deus. Subentende-se assim que a enunciativa tem lembranças dos amigos feirantes que já faleceram. Nas frases: “eu fiz homenagem para as pessoas que tinham acima de 85 anos então as pessoas que começou a feira”; “pessoas de idade e que hoje, quase todos eles não estão aqui”, completando a frase anterior, subentende-se destas frases que a maioria dos feirantes homenageados não trabalham mais na Feira e que alguns ou muitos já faleceram. O léxico “homenagem” denota uma demonstração ou prova de respeito e admiração, assim o fragmento evidencia os laços criados entre as diversas gerações de feirantes, os mais novos homenageando os mais velhos, demonstrando seu respeito e admiração por essa geração que deu início à Feira e que como foi já visto, teve que encarar muitas dificuldades.

Por outro lado, este depoimento também mostra memórias da Feira, memórias de toda uma geração de feirantes que a constituíram, da qual só ficaram alguns. Estas memórias estão muito atreladas com a identidade da Feira, pois como assinala Candau (2012), o conhecimento do que se é transcurso pelo caminho das suas próprias memórias, assim a memória participa da construção das identidades, e ao mesmo tempo a identidade interfere nas escolhas memoriais, portanto memória e identidade estão indissociavelmente ligadas. Desta forma, esta primeira geração de feirantes que se ausentou ou faleceu continua presente nas memórias da Feira, não desapareceu no passado, mas revive nas lembranças dos feirantes que a conheceu.

Nas imagens a seguir se observa a confraternização realizada pelos 21 anos da Feira do Produtor de Maringá, episódio em que foram homenageadas as pessoas de mais de 85 anos.

Figura 10 - Homenagem aos feirantes com mais de 85 anos



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (s.d)

Figura 11 - Festa de aniversário da Feira do Produtor de Maringá por seus 21 anos



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (s.d)

A interação entre os feirantes muitas vezes origina laços de amizade como pode ser apreciado nos relatos a continuação:

Feirante 3:

(041) A vizinhança tudo boa, tudo pessoas boas. Entre nós um ajuda o outro, muito bom o pessoal da Feira é muito unido, muito bom. [...] Gosto, dou a vida pela Feira, gosto muito, tem muito amigo a gente passa as horas que nem percebe, tudo conhecido, é muito bom.

No excerto 041, o enunciador expressa a relação de união, de cooperação e de amizade entre feirantes. Ainda neste fragmento, na frase “dou a vida pela Feira” se observa uma hipérbole, pois transmite uma ideia aumentada, indicando que o gosto do enunciador é tanto pela Feira que é mais importante que a sua própria vida, assim ele poderia morrer pelo bem desta. Mas o que se subentende dessa expressão é que o enunciador tem um gosto muito forte pela Feira podendo se submeter a condições desfavoráveis pelo bem da Feira. Na sequência,

na frase: “a gente passa as horas que nem percebe” o léxico “percebe” denota compreender através dos sentidos, notar, desta forma o enunciador expressa implicitamente que ao estar na Feira junto a seus amigos feirantes, o envolvimento é tal que o tempo passa a ser desconsiderado, não se notando o passar dos minutos. Em suma, o fragmento ressalta a identificação do enunciador com a Feira do Produtor de Maringá, ele se sente pertencente a este grupo social, tendo um grande significado emocional ao ponto de expressar: “dou a vida pela Feira”.

Feirante 12

(042) Sempre às vezes vai na casa de um, de outro é muito bom, não tem que questionar, entre a japonesada aqui, entre brasileiros são muito bons, às vezes você não tem relacionamento com todos porque são 130 feirantes, você tem aqui dentro, mas ir na casa de todos não tem jeito, na casa que eu fui até hoje, são excelentes, trata a gente da melhor maneira possível. Eu, qualquer outra pessoa que vai, pessoa da prefeitura quando vai, quando pessoal da Emater vai fazer vistoria, quando pessoal da fiscalização vai, são muito bem recebidos, não tem de que reclamar de alguém sem educação, nada, são ótimos o pessoal.

Feirante 14

(043) Agora com o ambiente entre os amigos, sem problema nenhum, também a gente conhece a todos, é amigo de todos.
[...] E: Como é o relacionamento entre feirantes?
F: Amizade, principalmente no convívio aqui na Feira é de amizade (...) e também aqui na Feira você vai ver que o feirante encontra, cumprimenta, e tal e tal, é muito bom, fazer amizade que a gente faz aqui. (...) É bem disponível e a amizade simples sabe? Sabe aquela pessoa? Nossa! se você vai na casa de um desses feirantes, você precisa ver, você é recebido ali como rei. Então se forma uma amizade mesmo, é muito interessante, sabe? é muito bonito.

No fragmento 042 o enunciador expressa explicitamente que o relacionamento entre feirantes é muito bom. Ao mencionar os léxicos “japonesada” e “brasileiros”, o enunciador implicitamente classifica os feirantes em duas categorias: brasileiros e japoneses, desta forma distingue dois grupos diferentes que convivem na Feira do Produtor, e na sequência conclui seu pensamento assinalando implicitamente que mesmo existindo essas diferenças o relacionamento entre eles é muito bom. Vale destacar que quase todos os feirantes na atualidade são brasileiros, pois são nascidos no Brasil. Assim, a “japonesada” referida está conformada, quase na sua totalidade, por brasileiros descendentes de japoneses que ainda preservam traços físicos e aspectos culturais dessa etnia. Enquanto os “brasileiros” são conformados pelos outros feirantes também nascidos no Brasil que não têm ligação aparente com a etnia japonesa.

Na continuação, o adjetivo “excelentes” denota uma característica ou particularidade daquilo que é excessivamente bom, assim se subentende que para o enunciador muitos dos feirantes tem como característica ser muito atenciosos.

No excerto 043 o enunciador expressa explicitamente a relação de amizade existente entre feirantes, e na frase “você é recebido ali como rei” se subentende que se é recebido com muita cortesia e esmero. Assim tanto nos fragmentos 042 e 043 posso observar que os enunciadores enfatizam o apurado trato dado pelos feirantes, caracterizando-os pela sua grande amabilidade.

Feirante 5:

(044) No começo, a dificuldade é porque eu não dirijo, dependo dos outros, até hoje eu dependo, (...) faz uns 20 anos que eu pago, essa Kombi não é minha, é de um senhor que mora para lá da minha casa, ele também mexe com lavoura. Aí meu irmão fazia feira aqui, (...) ele parou de fazer e ele deu a banca para o Sr. Roberto com a condição de trazer a gente e ele poder ficar na banca junto com a gente. Desde então, a gente trabalha como dois irmãos, ele é brasileiro, não tem nada a ver. (...) Aí ele passa lá, pega a gente, me traz, depois de fazer desmancha a barraca e leva a gente lá em casa, descarrega tudo, aí depois ele vai na casa dele. É assim, nós somos parecidos como irmãos. Tanto é que quando a gente não pode vir, a mulher dele fica preocupada, porque a amizade da gente é acima de tudo. É colega mesmo de serviço.

No trecho 044, a enunciativa, descendente de japoneses, também narra a forte ligação de amizade com o feirante vizinho, considerando ele como um irmão, mas implicitamente, na frase “ele é brasileiro, não tem nada a ver” ela expressa que existem diferenças entre ambos, pois ele é “brasileiro”, enquanto a enunciativa, mesmo sendo nascida no Brasil, se sente pertencente a outro grupo, não brasileiro, pois preserva traços étnicos e culturais japoneses. Ainda enfatiza estas diferenças no final da frase com as palavras “não tem nada a ver” se subentendendo que ambos feirantes não tem coisas em comum (no sentido étnico). Assim, esse trato de irmão fica ressaltado, já que mesmo com essas diferenças os laços de amizade são tão fortes que se comparam com os laços de sangue, familiares.

Feirante 13

(045) E: Como é o relacionamento entre os feirantes?

F: Noventa por cento se trata como uma família. Trocam almoço nos domingos em reuniões, é compadre, é na brincadeira. Noventa por cento é uma família.

E: São poucos os que estão isolados?

F: São poucos.

No trecho 045, o enunciador também se utiliza da metáfora dos laços sanguíneos, no caso comparando o relacionamento entre feirantes como o de uma família. Assim se

subentende que existem laços muito fortes, sentindo-se entre os seus, destarte, para o enunciador a maioria, o noventa por cento, se sente pertencente a esse grupo, ou seja, se identifica com a Feira do Produtor de Maringá.

Feirante 15

(046) Eu procuro ver isso daí como irmãos, eu sempre falo, porque acima de tudo nós temos um Deus, né? Não critico a questão da religião, mas eu sou católico e sou praticante, eu sempre coloquei a Deus na frente de tudo e quando a gente olha para a criação, para o criador e a criatura, nós não podemos deixar de ver todos irmãos. Então nesse contexto eu sempre procurei olhar para todos eles, me relaciono com todos, embora não concordo com alguns, mas é a opinião de alguns, mas isso é normal porque todos nós temos opiniões. Então uma coisa que eu sempre preservei e preservo é respeito e aceitação. São duas coisas do ser humano, a partir do momento que nós temos aceitação e respeito nós vamos viver na sociedade.

No fragmento 046 o enunciador parte de um discurso religioso e nesse contexto o enunciador considera a todos (os seres humanos) como irmãos. O léxico “irmãos” é utilizado metaforicamente, pois não somos todos nascidos do mesmo pai e da mesma mãe, mas figurativamente, nos termos da ideologia cristã, somos todos filhos de Deus, desta forma todos somos irmãos. Então, mesmo não concordando com alguns feirantes, o enunciador faz prevalecer seu ideal cristão, tratando eles com respeito e aceitação. O fato de não concordar com alguns feirantes evidencia a divergência de opiniões dentro da Feira, por isso o respeito e a aceitação passam a ser relevantes para o enunciador.

A cooperação também faz parte do relacionamento entre feirantes. Na minha vivência na feira, pude observar pequenos atos, como a ajuda prestada entre feirantes para montar as barracas. Assim, revendo meu diário de campo, encontro a seguinte anotação:

Hoje cheguei na Feira às 15:45 horas e os senhores já tinham começado a montar a barraca, mas a diferença de outros dias é que o feirante vizinho estava ajudando a erguer a parte mais pesada da armação metálica da cobertura. [...] Os feirantes da barraca da frente chegaram um pouco atrasados, nesse horário a maioria das barracas já estava terminando de arrumar os seus produtos, então outro feirante vizinho foi lá, e ajudou a montar toda a estrutura da barraca (Diário de campo).

Assim, esses pequenos atos de apoio entre feirantes são gestos que fazem parte do cotidiano da Feira, e ajudam aos feirantes a sentir-se como parte de um grupo.

Feirante 13:

(047) Faz muitos anos (...) acontece que os pneus quebraram na estrada, e você ficar.. né? Aí você liga para os feirantes, os feirantes socorrem, tem isso sabe? Você nunca fica na mão, só se não tiver jeito mesmo, a pessoa te socorre na hora (...) aí você chega de última hora, chega atrasado, todo

mundo vai te ajudar a você montar a barraca, vai tanta gente que acaba te atrapalhando, né? Outro acontecimento também, a minha esposa saiu para socorrer a meu filho que cortou o dedo em casa, me ligou e eu fui desmontar a barraca, e era antes do horário, era nove horas, ai todos os feirantes vêm em cima, que está acontecendo? Por que está saindo? Você não pode sair antes do horário, né? Só sai em casos graves, então foi bastante marcante.

No trecho 047 o enunciador assinala o auxílio que os feirantes prestam diante de uma situação difícil, na frase: “você nunca fica na mão”. Subentende-se, por essa expressão, que não têm como os feirantes abandonarem uns aos outros, só se não existirem as possibilidades de ajudar ou socorrer. Na sequência, nas expressões: “os feirantes vêm em cima, que está acontecendo? Por que está saindo?” se subentende que os feirantes ficaram num estado de preocupação de inquietude diante da situação adversa do enunciador. Assim, este fragmento mostra a existência de cooperação, ajuda, auxílio e preocupação entre feirantes.

Feirante 5:

(048) Eu sempre falo aquele que quer passar na gente, não vai para frente, você tem de ser amigo de todo mundo, tem que ajudar no que é possível, fazer possível e impossível para ajudar os outros. [...] que no meu caso, tenho um concorrente, mas eu não olho eles como concorrente vejo eles como amigos, né? ai vem um freguês e fala: Onde tem? A senhora não pode me indicar onde tem? Eu não quero só para mim, eu inclusive se uma pessoa fala que não é daqui eu levo no local de trabalho.

No fragmento 048 a enunciadora defende o discurso da cooperação e amizade entre feirantes. Expressa implicitamente que a cooperação e a amizade estão por cima dos interesses pessoais, como no caso exposto. Porém, a seguir, o excerto 049 revela que esta cooperação não é unânime, existindo exceções.

Engenheiro da Emater:

(049) E: Como que é o relacionamento entre os feirantes?

T: No modo geral, na grande maioria, tirando alguns da panelinha, são muito bons, um ajuda os outros, precisando de um trabalho o outro ajuda a fazer, então essa troca de ajuda mútua que tem acontecido não só dentro da Feira, mas também dentro da propriedade, quando eles moram perto um do outro, troca de serviço. A Feira ajudou a criar esse lado da situação, porque como ele convive em grupo, então começa a pensar em grupo também, como um grupo, então dentro da Feira a gente vê vários ajudando uns aos outros, principalmente na montagem e desmontagem das barracas, tem ajudado muito. Em compensação tem os outros que é complicado, né? Mas a gente tenta mudar pouco a pouco.

No trecho 049 o léxico “grupo” é um termo relevante. Na frase “porque como ele convive em grupo” a palavra grupo denota um conjunto de pessoas reunidas num mesmo lugar. Na seguinte frase “começa a pensar em grupo” o substantivo grupo expressa um

conjunto de pessoas que apresentam o mesmo pensamento a mesma atitude, em prol de um objetivo em comum. Já quando falamos de identidade social, segundo Hogg *et al.* (2004), um grupo social compreende um conjunto de mais de duas pessoas que possuem a mesma identidade social, identificam-se da mesma forma e têm a mesma definição de quem são, que atributos eles têm e como eles se relacionam e se diferenciam de grupos externos específicos.

Então, percebo como o significado de grupo vai tendo um sentido cada vez mais profundo na feira. A Feira do Produtor de Maringá se constituiria um único grupo social se todos os participantes do grupo se sentissem identificados com esta da mesma forma, tendo assim definições semelhantes de quem eles são como feirantes. Posso observar, no entanto, que para uma organização como a Feira do Produtor conformar um único grupo é muito difícil, pois geralmente não existe um grupo, mas sim vários grupos, o que fica esclarecido no depoimento do enunciador com a existência da “panelinha”. Este léxico, que envolve uma metáfora, denota no sentido figurado, um grupo diferenciado que se reúne para tramar, fazer intriga. Assim, a existência de panelinhas indica que os integrantes destas não se sentem identificados da mesma forma com a Feira, são um grupo separado, que tem outros interesses ao resto dos participantes. Portanto, apesar dos depoimentos anteriores mostrarem de forma muito contundente laços de amizade, de grupo, de coesão e de cooperação, comecei a perceber que a identidade da Feira do Produtor não é tão uníssona como se poderia pensar num primeiro instante, mas sim dividida, pois existem grupos diferentes com interesses diferentes. Sobre isso, falarei com mais detalhes adiante. Por ora, basta dizer que essa fala do Técnico da Emater me fez prestar mais atenção ao que eu via no cotidiano da feira.

Entre outras práticas de socialização se encontram as viagens que realizam eventualmente os feirantes para adquirir informações em eventos e feiras para melhorar a sua produção, tal como assinalam os seguintes depoimentos:

Feirante 4:

(050) No caso, a gente viaja bastante (...) por causa da associação, né? que organiza viagens para nós, então você acaba conhecendo coisas fora que chegam a ser lembranças que ficam também.

Feirante 14:

(051) Então as políticas sempre foi essa, fazer cursos, a gente, por exemplo, pega o dinheiro da associação, que aqui é uma associação, tem digamos encontro de tecnologia em tal lugar, por exemplo, exposição ou então aperfeiçoamento em hortas, e é de ponta em tal lugar, aqui junta em ônibus, né? e vai lá ver, e então vai lá ver como funciona e vai ver o que pode aplicar na propriedade, então existe bastante, até hoje existe, cursos fora, né? de inspeção rural. Eu acho que está bom.

Os fragmentos 050 e 051 realçam a aquisição de novos saberes nas viagens promovidas. No trecho 051, na frase: “vai lá ver como funciona e vai ver o que pode aplicar na propriedade”, evidencia as múltiplas possibilidades que os feirantes possuem de utilizar os procedimentos ou informações recebidas segundo a sua conveniência, podendo desenvolver novas artes de fazer. A expressão “por causa da associação, né?” também me faz entender que a Associação, ao promover essas viagens, busca reforçar o sentido de coesão e identidade dos feirantes.

Nas imagens a seguir se observam diversos feirantes realizando estas viagens:

Figura 12 - Viagem de capacitação de feirantes da Feira do Produtor de Maringá



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (s.d.)

Figura 13 - Almoço em viagem de capacitação



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (s.d.)

Por outro lado, no relacionamento entre feirantes, uma prática que me chamou a atenção foi a troca de produtos por meio de presentes. Um feirante presentearia o outro com algum produto e como retribuição o outro devolve a cortesia com outro produto. Nesta

estratégia, aparentemente, os praticantes tem como intuito ter um bom relacionamento entre eles.

Considero esta prática uma estratégia, no sentido certeuniano, pois os feirantes estão inseridos num lugar próprio, desde onde podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. Neste caso, os outros feirantes seriam os alvos, os quais recebem os presentes. Esta prática pode ser observada nos seguintes relatos:

Feirante 10:

F2 : Aí você está vendo: os feirantes mandam frutas e verduras.

F: A gente deu um pacote de café para ele, que é justo, né? É assim.

Em meu diário de campo, eu tinha observado assim essas práticas:

Quando um feirante se aproxima da barraca e quer comprar um produto da Dona Filomena, ela insiste em que leve de graça. Parece que até não conhecendo muito o feirante, só pelo fato de estar uniformizado como feirante, ela faz isso. O feirante se retira agradecido e geralmente após alguns minutos, o feirante volta com um produto de sua produção para dar a dona Filomena. Assim, ela hoje deu mangas e levou para casa pães e legumes. Eu percebo que dona Filomena não pensa muito na troca, mas parece que ela pretende ter um bom relacionamento com todos os feirantes.

Mas também existem exceções, ou seja, a compra e venda de produtos entre feirantes.

Assim observei:

Dona Filomena perguntou para o vizinho o preço de um produto e mandou separar para ela, após algum tempo pegou dinheiro e comprou o produto. Observei também que uma feirante comprou alfaces na barraca vizinha, ela foi atendida com o mesmo trato dado a uma cliente e o produto foi vendido ao mesmo valor (Diário de campo).

Os feirantes também aproveitam seu tempo disponível para conversar com outros feirantes. Constatei isto muitas vezes ao ir fazer as entrevistas, que eram agendadas em horários mais fracos de venda, pois quando chegava na barraca não encontrava o feirante responsável, normalmente só estava a esposa ou algum parente, ele tinha saído para conversar e se encontrava em outra barraca.

Existem também reuniões trimestrais, ou melhor dito, se realiza a Assembléia Geral Ordinária da Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá – AFPRM, nas quais todos os associados são obrigados a comparecer, e são realizadas na sede da Feira.

Feirante 4:

(...) Temos reunião cada 90 dias, essa reunião você é obrigado a comparecer. Se não comparece, tem de pagar uma multa (...).

Outra prática de socialização entre feirantes são as eleições, normalmente realizadas no mês de agosto, uma vez por ano.

Feirante 4

(...) nós temos uma diretoria, né? composta de presidente, vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro, conselho fiscal, né? temos tudo isso aí, então tem. Isso por eleições, cada eleição, vamos supor, cada ano é feita uma eleição é trocado, troca tudo, troca presidente, né? Então aí se quer mudar alguma coisa é feito nessa eleição, né? Então é assim.

Feirante 5:

(052) (...) eu sei que ajudei os outros, mas nunca pensei em algum dia ser presidente de nada, não queria ser dirigente de nada, eu sempre ajudava, ajudava os outros, sempre ajudei, aí um dia de 2002 para 2003 no dia da eleição não tinha candidato próprio, aí o pessoal da mesa perguntou: Quem quer ajudar a Feira? Eu levantei e falei eu quero ajudar, aí teve eleição, teve votação, inclusive o agrônomo não estava presente, o agrônomo estava no exterior. Aí o superior dele estava na reunião, aí por diferença de seis votos eu fui eleita. Aí aquilo lá, eu falei: nossa! O pessoal depositou tanta confiança votando em mim e agora, que é que eu faço? Mas eu vou pra frente, eu não fui estudada, não tenho faculdade, mas eu consigo, você sabe, e vou fazer, e graças a Deus consegui terminar meu mandato da melhor maneira possível. Isso aí foi, eu sempre falo, tem pessoas que estuda, tem faculdade, tem curso superior e acha que tem rei na barriga, fica lá, eu sempre dizia, não, não pode ser assim, só que o outro tem uma oportunidade melhor do que eu, estudou, mas eu servi, gostava de ajudar os outros, se não os outros não teriam votado em mim, né? Eu não fui candidata marcada para, eu vou ser candidata, não, em meio da reunião eu levantei e falei eu posso ajudar, mas eu não disse no sentido de que eu queria ser alguma coisa, eu queria continuar ajudando. (...) A diretoria todo mês de agosto tem eleição, aí tem eleição vale por um ano de agosto a agosto. Aqui tem gente que desistiu, entrou como presidente, entrou como vice, desistiu no meio do caminho, não conseguiu levar porque é complicado, né? Não dá para fazer todo mundo. Eu falo que é complicado aí a gente reclama do prefeito, reclama do governador, reclama do presidente da república, mas eu falo assim, esta comunidade só tem 130 famílias e a gente não consegue levar 100%, segurar o mundão desses do Brasil, né? Mas assim mesmo eu mesmo reclamo como diz: o povo brasileiro reclama bastante.

No trecho 052 o verbo ajudar se repete sete vezes, o que indica que é um termo relevante para este fragmento. A enunciadora assinala que ela não queria ser “alguma coisa” só pretendia ajudar, assim se subentende que para a enunciadora ser presidente, ou ter um cargo administrativo na Feira é um labor que envolve a ação de auxiliar, assistir, ou socorrer os companheiros. Na frase “eu não fui estudada, não tenho faculdade”, a enunciadora duvida dela mesma, pois fala de uma posição de inferioridade, de incapacidade por não ser estudada. Noto que esta sensação está atrelada a um discurso maior que qualifica os que têm estudos como superiores, e os que não o possuem como inferiores. Falando especificamente do pequeno produtor, observo que essa “verdade”, essa sensação de inferioridade é mais

contudente ainda dentro do seu contexto de dificuldades e de dependência de instituições para ditar os caminhos que devem ser trilhados. No caso da produtora, no entanto, muito embora no início ela tenha se sentido amedrontada (“agora, que é que eu faço?”), o uso da conjunção adversativa “mas” em seu discurso (“mas eu vou pra frente”, “mas eu consigo”) mostra que ela acreditou que conseguiria ser presidente, pois ela sabia ajudar, sabia servir os outros.

Na sequência, nas frases: “Aqui tem gente que desistiu, entrou como presidente, entrou como vice, desistiu no meio do caminho, não conseguiu levar porque é complicado, né? Não dá para fazer todo mundo”, “esta comunidade só tem 130 famílias e a gente não consegue levar 100%”, o que está implícito é que o trabalho dos dirigentes é complicado porque existem diversos interesses entre os feirantes, ficando sem satisfazer todo mundo, ou seja, restam feirantes desconfortáveis, feirantes que não se deixam levar pela diretoria. Desta forma, evidencia-se mais uma vez que a Feira não é um *locus* com um interesse uníssono, e o que fica subentendido é que podem existir identidades partilhadas com a existência preocupações que não são atendidas pelos que detêm o poder formal.

Logo, como em outro qualquer grupo social, nas interações entre feirantes existem também brigas, fofocas, “deduração” e “panelinhas”, tal como assinalam os depoimentos a seguir:

Feirante 3:

(053) (...) Sempre que começa a feira, eles tocam o apito, uma sirene uma para abertura, na hora de terminar também, então são muito bem organizados, ninguém pode vender, receber até não tocar a sirene. Se um comprar ou vender um pode dedar o outro e aí pode ser até multado. Então é regulamento, entende?

O verbo “dedar” utilizado no fragmento é uma gíria que significaria apontar, indicar com o dedo, mas no fragmento é uma metáfora que denota a ação de delatar, acusar, assim segundo o enunciador se comprar ou vender antes do toque da sirene pode ser delatado ou acusado por outro feirante. Esta ação fica mais visível no excerto a seguir:

Feirante 1:

(054) (...) uma vez, nós viemos na feira, só que aqui antes de dar o sinal você não pode vender nada. Deu sinal, você pode vender. E hora que eu casei veio um fotógrafo, veio para entregar umas fotos para mim, e tinha um vizinho de lado da banca que ele achou que estava vendendo, porque aí eu peguei, ele passou as fotos para mim num pacote e eu passei o dinheiro para ele, e eles acharam que eu tinha vendido mercadoria, e começou a teimar que eu tinha vendido mercadoria, e o fotógrafo já tinha ido embora. Aí ele foi ao presidente e falou assim: eu vim aqui falar que você estava entregando mercadoria antes do horário. Eu falei: não! Daquele tempo eu fiquei

chateada com esse feirante, que é vizinho nosso de banca. Fiquei bem chateada. Ele falou que vocês vendeu mercadoria, nós não vendeu mercadoria. Aí ela veio aqui, começou teimar que tínhamos entregado mercadoria. Aí eu falei como que você está teimando uma coisa que nós não fez. Ah eu vi um senhor com uma sacolinha entregando para você e você entregou dinheiro para ele. Você deu o troco para ele. Aquela pessoa é um fotógrafo que tirou foto do meu casamento e ele veio me entregar as fotos. É isso. Aí ela não acreditou, aí nos íamos levar sete dias de suspensão da feira. Aí eles iam me dar suspensão, iam me dar suspensão. Aí falei: vocês vão me dar suspensão à toa porque... aí o presidente da feira falou assim: então, eu quero que esse fotógrafo venha aqui e prove. Aí o fotógrafo veio aqui nervoso, falou: Que qué isso? eu vim entregar uma foto para ela, e ela me pagou a foto. Falou assim: eu nunca comprei mercadoria, nunca comprei nada na Feira aqui. Aí eu fiquei chateada com isso, eu fiquei muito tempo chateada com isso.

No fragmento 054 a enunciadora narra como foi “dedurada” ou apontada injustamente por um feirante vizinho, que acreditou que ela tinha quebrado a regra de não vender antes do sinal tocar. E assinala que depois dessa acusação ela “ficou chateada” com ele, e repete quatro vezes esta expressão no decorrer do fragmento. O léxico “chateada” denota a ação de ficar aborrecida, enfadada com o feirante, desta forma observa-se que essa acusação trouxe como consequência problemas no relacionamento entre ambos os feirantes.

Destes dois fragmentos, chama a atenção a existência de uma sirene para dar início e final na edição da Feira. Este método pode ser considerado diferenciado, pois quase todas as feiras não possuem sinal algum para iniciar a venda de produtos. Observei também, durante minha estada no campo, o forte esquema regulamentar da Feira, assim como de punições para se fazer respeitar suas prescrições.

Os excertos a seguir tratam sobre alguns conflitos, fofocas, panelinhas dentro da Feira do Produtor.

Engenheiro da Emater:

(055) E: Que problemas existiam no início da feira?

T: Não só no inicio, mas existe até hoje, quando você trabalha com um grupo de pessoas e produtores, são um grupo também, então existe a dificuldade de você trabalhar de forma homogênea esse grupo, sempre tem aqueles do contra, que faz de tudo, ele faz parte da feira, faz parte da venda mas sempre aquele crítico negativo, né? E a grande dificuldade hoje é você tentar mostrar que isso só vai prejudicar o grupo, não ele, mas o grupo. Existe isso, existe desde o inicio da feira. Nós tivemos esse problema no início, até nós tivemos problemas fora também, tinha muita gente comerciante que falava que produtor tinha que produzir, não ficar vendendo, né? Então, essas barreiras nós conseguimos quebrar, mas só que ainda nós temos essa outra, que é convencer esses produtores que estão participando da feira, que aquilo lá é dele e se ele trabalhar em conjunto com os demais, tende a crescer mais ainda.

E: E mais que tudo, pensamentos contrários devido a que? Ao estatuto? A comportamentos...?

T: De algumas informações que a gente tem, a maioria das vezes é, como que a gente fala, o ponto de vista de cada um, um acha que aqui tem de colocar uma curva, o outro acha que aqui não pode colocar curva, tem de colocar curva lá na frente, esses pequenos detalhes, né? que tem acontecido na feira é que tem atrapalhado essa união de todo o grupo, né? E fora isso então, existe aquela, a gente fala no popular, né? a panelinha, né?, começa fazer um grupinho daqui um grupinho dali. E esses grupinhos faz de tudo para não trabalhar em conjunto com os demais, aí onde tem prejudicado muito o andamento da feira. (...) Eu poderia dizer assim, essas panelinhas são mais por questão de inveja mesmo, uma determinada pessoa começa a crescer, o outro em vez de acompanhar começa a fazer fofoca com outros mais três e começa a criticar o trabalho dele, aí cria essas panelinhas que não enxerga o porquê o outro tá crescendo, hoje qualquer setor encontra isso, chamam de puxa-saco do patrão, coisas assim, em vez de enxergar que ele também tem condições de crescer junto com aqueles outros que estão crescendo, né? Eles ficam fazendo essas críticas, juntam um grupo que resolve fazer essas críticas, em vez de ajudar eles falam não tenho tempo, não tenho tempo e não querem colaborar para que a Feira cresça mais ainda, Então essa é uma dificuldade muito grande quando se trabalha com um grupo, tentar quebrar isso é complicado.

E: E diante desses problemas se tem procurado algumas soluções?

T: Sim a gente tem feito reunião direto com eles, reunião direcionada a essa questão, associativismo, trabalho em grupo, né? a gente tem conseguido resultados muito bons. Isso que a gente fala, é uma grande minoria que ainda pensa dessa forma, que tem atrapalhado o andamento da feira. Por isso em cima dessa minoria a gente tem conseguido fazer esse trabalho de 32 anos, né? que a Feira tem tentado fazer essa união do grupo, né? Recentemente, recentemente não, o ano passado eles conseguiram comprar até uma sede da associação, né? E inclusive, nessa compra da sede, houveram muitos contras, né? Mas hoje eles estão vendo que a compra foi bastante válida e está trazendo bastante benefícios para o grupo, né? Então a gente tem feito esse trabalho com reuniões, visita, conversa com esse pessoal para mostrar que se ele agir dessa maneira ele vai prejudicar o grupo, a feira e ele mesmo que faz parte da feira.

No excerto 055 o enunciador expressa a dificuldade de formar um grupo homogêneo sem oposições. Para ele estas oposições são conformadas:

- Pelos feirantes que mostram opiniões ou apreciações contrárias ou desfavoráveis com as adotadas: “ponto de vista de cada um”;
- Pelas panelinhas, grupos diferenciados de feirantes que se reúnem para fofocar, e criticar o trabalho dos outros feirantes, originadas “mais por questão de inveja”. O substantivo inveja expressa um sentimento de cobiça à vista da superioridade de outrem, assim segundo o enunciador, alguns feirantes apresentam este sentimento diante da superação de outros feirantes.

Assim, o percurso semântico apresentado é o da defesa da ideologia associativista, que expressa a crença de que com um atuar em conjunto encontram-se melhores soluções para os

conflitos que a vida em sociedade apresenta. Lógico que temos que levar em consideração que esse discurso está dentro de um contexto capitalista. Não posso deixar de interpretar também o lugar de onde fala esse enunciador, ou seja, da posição de um funcionário da Emater, ele fala representando a instituição que de certa forma formatou a Feira do Produtor, e nesse aspecto, qualquer intenção de separação, distanciamento, oposição ou mesmo de opiniões contrárias, representam dificuldades que devem ser transpostas.

Ao continuar minha coleta de dados, vi que os conflitos realmente existem:

Feirante 7

(056) E: Teve algum conflito aqui na feira que tenha marcado o senhor?

F: Já teve né? (...) Eu acho que tem uns cabeça dura aqui dentro, vamos dizer assim, autoritário demais. É, autoritário, a pessoa que está sempre por trás, tentando mandar e é muito autoritária, não muda o pensamento dele, esse é um dos problemas, então esse aí está dando conflito. Toda feira tem grupo, né? Um torce para um lado, outro torce para outro (...)

E: Como que é seu relacionamento com os outros feirantes?

F: Bem... alguns, né? Alguns. Tem alguns fofoqueiros aqui dentro que estressa, né? (...) A pessoa... seu... que tem um grupo, né?, ele forma chapa e ele é da diretoria, mas ao mesmo tempo ele põe a um debaixo do pano você vai e ele acha... quer ficar bravo, quer te multar ou quer te fazer alguma coisa. Mas acho que eu também sempre fui meio encrenqueiro nesse caso, talvez seja isso.

[...] E: E existem muitos grupos dentro da Feira?

F: Tem grupos, tem panela, aqui é uma Brasília, tem fofoca, tem política, tem um monte de coisas aqui, né? Panela, como em qualquer lugar, uma empresa hoje também tem, né?

E: E essas panelas se formam por diferenças de pensamento mesmo?

F: Exatamente, e em qualquer tem de ser assim, eu acho, se pensar igual não adianta.

E: E isso se demonstra nas chapas que são assim divididas também?

F: Exato, inclusive tem a briga, a gente sabe disso aqui, tem fofoca, tem um monte de coisas, né? Infelizmente.

No início do trecho (056) o enunciador ressalta o léxico “autoritário”, que denota uma característica que faz com que alguém tenha domínio sobre outra pessoa, e completa “está sempre por trás tentando mandar” o verbo mandar expressa a ação de ordenar, determinar, exigir que se faça, assim, para o enunciador, existem pessoas na Feira que tendem a dominar os outros, exigindo que se faça do jeito deles, a ainda são “cabeça dura”, ou seja, teimosos, originando conflitos. Subentende-se desta forma que para o enunciador estes conflitos são causados pelo choque com estas pessoas autoritárias e teimosas, pois os supostos dominados não se deixam dominar. E relaciona isto com a existência de grupos dentro da Feira que apresentam diferentes interesses.

Na expressão: “tem um grupo, né? ele forma chapa e ele é da diretoria, mas ao mesmo tempo ele põe a um debaixo do pano, você vai e ele acha... quer ficar bravo, quer te multar ou quer te fazer alguma coisa” o enunciador mostra implicitamente as relações de poder, poder associado aos cargos da Feira (diretoria), desde onde o sujeito que goza desta posição de poder se vale para coibir outros feirantes. Assim, fica evidenciado como os integrantes desta associação têm acesso desigual às fontes de poder.

Na frase “Tem grupos, tem panela, aqui é uma Brasília, tem fofoca, tem política” o léxico “Brasília” literalmente se refere à capital do Brasil, mas na frase trata-se de uma metonímia, pois Brasília é mais conhecida pelo povo por meio das manchetes jornalísticas, pelas múltiplas notícias políticas, assim o enunciador expressa que a Feira é uma Brasília, pois “tem fofocas, tem política” igual lá. E completa dizendo no final do fragmento: “inclusive tem a briga, a gente sabe disso aqui, tem fofoca, tem um monte de coisas, né? Infelizmente.” Assim, o enunciador afirma explicitamente que tem brigas e fofocas entre chapas que concorrem à diretoria da Feira.

Feirante 4:

(057) E: Segundo o senhor existem panelinhas grupos dentro da Feira?

F: Eu falo que tem, infelizmente tem, e geralmente panelinha é pelo lado negativo, né? Porque só funciona pelo lado negativo, ninguém faz a panelinha para o lado do bem, né? Eu acredito que existem sim.

E: E tem mais de duas panelinhas?

F: Eu falo que tem. São grupos que está por fora, que não quer nada com nada, e em vez de ajudar alguém que tem interesse em fazer algo de bem, não têm coragem de entrar no grupo e fica de panelinha por fora, assim, né?

Feirante 5:

(058) E: A senhora enxerga que existem grupos, panelinhas?

F: Ah, tem, tem panelinha, mas eu procuro nem pensar nesse lado, porque se eu fico pensando nas panelinhas eu mesmo tinha desistido, mas tem gente fica na banca fazendo fofoca, fazendo coisa, mas eu não sou assim, eu converso com todo mundo, eu procuro aqueles que me olha torto, eu vou lá e falo bom dia, boa noite, eu não deixo eles chegar me atingir com as coisas que eles podem fazer, tem panelinha sim, tanta panelinha que a diretoria no começo (...) antes era livre [a candidatura para a Diretoria da Feira], não importava se eu plantava ou não plantava, a gente podia se candidatar, agora não pode mais, agora fica trocando assim, sai um de Marialva, entra outro de Marialva, sai um de Marialva, entra outro de Marialva e ficam fazendo assim, um tipo de jogo e é errado, então tem panelinha.

No fragmento 057 e 058 os enunciadores confirmam a existência de panelinhas na Feira, mas existem diferenças sobre o que seriam estas panelinhas. Desta forma para o enunciador do trecho 057 as panelinhas são constituídas por aqueles feirantes que não querem nada com nada, que não têm coragem de entrar no grupo e ficam por fora. A expressão “não

querem nada com nada” é uma hipérbole, pois o léxico “nada” significa que não há coisa alguma, mas os feirantes podem sim querer muitas coisas, assim a frase é entendida no sentido de os feirantes da panelinha não demonstrarem interesse e participação no grupo.

Já a enunciadora do fragmento 058 expressa o termo panelinha em dois sentidos. No primeiro, expresso no começo do fragmento as panelinhas estão conformadas por grupos de feirantes que fazem fofoca. No segundo, na continuação do fragmento, se subentende o termo panelinha como sendo um grupo fechado para se candidatar à Diretoria da Feira. O que se mostra na seguinte frase: “antes era livre (...), a gente podia se candidatar, agora não pode mais, agora fica trocando assim, sai um de Marialva, entra outro de Marialva, sai um de Marialva, entra outro de Marialva e ficam fazendo assim, um tipo de jogo, e é errado, então tem panelinha.” Nesta frase, a enunciadora expressa implicitamente que a Diretoria tem um acesso limitado, e que existe um grupo “de Marialva” que se reveza nos cargos da Diretoria, sendo este considerado por ela como uma panelinha.

Desta forma, se observa a existência de diversos grupos dentro da Feira, os quais como foi assinalado anteriormente possuem interesses diferenciados, gerando a fragmentação da identidade da Feira. Também notei relações de poder, existindo alguns grupos fortes como o caso dos que podem ter acesso à Diretoria, e grupos fracos a quem se têm negado esta possibilidade.

Feirante 12

(059) (...) E: Existem brigas dentro da Feira, alguns atritos?

F: Não, não até que enfim pelo grupo que têm, não.

E: E antigamente tinha?

F: Não, no começo da Feira organizar, tinha algumas pessoas que não concordavam com alguma regra, mas aí eles ficavam bravos, mas depois, até hoje fica revoltado um pouco, mas depois ele... é norma, é regra tem de ser cumprida. Tem um estatuto a ser cumprido, tem uma regra a ser cumprida, tem hora que um fica bravo, mas fazer o que? Aí ele vê que está errado e se enquadra e acabou, amizade é a mesma e pronto.

E: Existem algumas panelinhas aqui dentro da Feira?

F: Não, às vezes faz alguma reclamaçãozinha ou alguma coisa (...) a gente faz reunião todo mês e assim não chega atingir diretoria, essas coisas.

Feirante 13:

(060) E: E o senhor presenciou algumas brigas entre feirantes, quando o senhor começou a vir? Existe esse tipo de comportamentos também?

F: Não, não. Nessa forma, é bastante específico não pode ter problema aqui dentro.

E: Já pelo estatuto?

F: Pelo estatuto, aí é punido 30 dias direto, porque não adianta punir no bolso daí, tem de punir com a falta aqui. Reincidente a situação complica.

E: Existem grupos dentro da Feira?

F: Panela? Não, não existe, tem que funcionar, na verdade, seria como um shopping, se eu tratar esse cliente mal eu estou prejudicando a barraca de lá, a barraca de cá, então em si a Feira pode ter alguns probleminhas entre si, de um vizinho não gostar do outro (...) funciona-se assim, eu cuido desse vizinho ele cuida de mim e eu cuido do outro.

No excerto 059 na frase “Tem um estatuto a ser cumprido, tem uma regra a ser cumprida, tem hora que um fica bravo, mas fazer o que? Aí ele vê que está errado e se enquadra e acabou”. O termo “errado” indica algo incorreto, algo que não está certo. Enxergando a partir da perspectiva de Certeau (1998), estas regras podem ser observadas como os produtos de uma ordem imposta aos feirantes, que pressiona e oprime, o que fica evidenciado nessa frase, pois os feirantes que não estão conformados com alguma regra podem até ficar bravos, mas no final tem de perceber que estão “incorretos”, ou seja, eles têm de se submeter a essas prescrições.

Nos fragmentos 059 e 060 os enunciadores concordam que não existem brigas dentro da Feira. E assinalam a presença das regras e do estatuto para regularizar a conduta dos feirantes. Da mesma forma, para ambos não existem panelinhas na Feira.

Assim como estes enunciadores, a maioria de feirantes entrevistados negava a existência de grupos, panelinhas, conflitos, e expressava que tudo era ótimo. Isso foi causando em mim certo desconforto durante a coleta de dados, pois como eu tinha sentido, num depoimento aqui, outro acolá, de que existiam sim conflitos e panelinhas, o fato da maioria dos feirantes negar a sua existência, me fez ver que esse era um assunto, de certa forma, silenciado dentro da Feira. Foram muito poucos os que me falaram destes assuntos, era um tabu. Mas um tabu que tinha muito a dizer sobre a identidade da feira, como vi depois.

4.2.3 Relacionamento da Feira com o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater

Antes de dar início a este tipo de relacionamento, vale comentar que o Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater, é integrante da Administração Indireta do Estado e “tem por finalidade promover o desenvolvimento tecnológico, socioeconômico, político e cultural da família rural e seu meio, atuando em conjunto com a população rural e suas organizações” (Emater, 2014, s.p). Portanto, como foi assinalado anteriormente, foi com esse interesse de incentivar o pequeno produtor de horti-fruti-

granjeiros da região de Maringá que a Emater/PR reuniu esforços para criar a Feira do Produtor de Maringá, acompanhando esta até os dias atuais.

Desta forma, muitos dos feirantes vêm o Instituto Emater como um órgão incentivador, orientador como pode ser apreciado a seguir:

Feirante 4:

(061) Teve dificuldades, né? Porque você queria plantar uma determinada cultura, você não sabia nem como começar, né? Então tem de pedir ajuda para o pessoal da Emater, né? O pessoal da Emater sempre foi um grande orientador, né? Então, aquilo que a gente achava que era difícil, o pessoal da Emater esclarecia e a gente plantava de acordo com o que eles ensinavam e no final acaba dando tudo certo. A gente não nega que a Emater sempre foi e é o braço direito para nós, até agora. (...) Emater é um órgão que tem ajudado e está ajudando, que na verdade os primeiros passos quem ensinou a gente a dar foi a Emater. A como produzir, como preparar o produto para trazer a Feira e até mesmo como vender, né? (...) a Emater sempre nos orientou como produzir, né? E o que produzir dependendo da época e eu particularmente não posso reclamar, porque sempre que precisei de orientação, eu tive e consegui. E a Emater que nos orientou como aprontar o produto para trazer para a Feira, né?, todas essas coisas, como atender os freguês, a própria Emater tem organizado muitos cursos, muitas palestras convidando a gente para assistir as palestras como atendimento ao freguês, então deu aquela mão, depois a gente vai aprendendo no dia a dia, né?

No excerto 061, na frase “A gente não nega que a Emater, sempre foi e é o braço direito para nós, até agora.” Os léxicos “braço direito” constituem uma metáfora, o braço direito para a maioria, que é destro, é o membro que ajuda a realizar inúmeras tarefas no dia a dia, assim ser o braço direito é ser alguém que auxilia muito na realização das tarefas. Desta forma, para o enunciador, a Emater foi e continua sendo um grande auxiliador para a Feira. Este fragmento mostra a relevância da atuação da Emater para os feirantes, pois contribuiu na obtenção de saberes tanto de produção, de acondicionamento dos produtos para venda, de venda, e de atendimento ao cliente.

Feirante 15

(062) E: Como é o relacionamento entre a Feira do Produtor e a Emater?
F: Ah, muito bom, muito bom, bom porque a gente aprendeu a respeitar, né? respeitar que eles são técnicos e eles mostram para a gente os resultados, então quando eles orienta, a você utilizar uma forma de adubo, você vê o resultado, então você vai contradizer eles só se for muito idiota mesmo, o relacionamento é muito bom.

No trecho 062, na expressão “aprendeu a respeitar, né?” o verbo aprender denota a ação de começar a compreender e o léxico “respeitar” indica considerar importante, assim se pressupõe que anteriormente os feirantes não consideravam importantes as orientações dos técnicos. E na sequência, na frase: “você vai contradizer eles só se for muito idiota mesmo”, o

léxico “idiota” indica uma pessoa desprovida de inteligência, assim o enunciador manifesta implicitamente que diante dos resultados que os técnicos da Emater demonstram, contradizer eles seria atuar sem inteligência. Em suma, para o enunciador, houve uma mudança no comportamento dos feirantes, pois se num começo não reconheciam as orientações dos técnicos, depois passaram a considerar efetiva sua labor.

A Emater, como foi apresentado nos relatos acima, brinda suporte para os feirantes, tanto nas labores do campo como da Feira, mas também, como assinalam os fragmentos a seguir, ajuda a executar alguns programas oferecidos pelo governo para estimular aos pequenos agricultores.

Feirante 17:

E: Como é o relacionamento da Feira com a Emater?

F: É ótima, ótima eles ajudam muito a gente em tudo o que precisa, tudo, tudo, tudo. Principalmente comprar o carro, foi através da Emater que eu consegui trocar meu carro.

Engenheiro da Emater:

(063) (...) a gente tem trabalhado em cima de alguns programas de governo que incentiva pequenos produtores, a gente tem feito isso, nós da Emater temos trabalhado muito em cima disso, existe programas de governo que ajuda nesse sentido, financiamento, compra de alguns insumos ou equipamentos para que ele melhore cada vez mais sua parte de produção.

Feirante 13:

(064) (...) hoje tem muitas linhas de crédito em cima do Pronaf [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar] para a pequena propriedade, se você prestar atenção: Quem quer andar de carro novo? Quem quer trabalhar de carro novo? Eu estou trabalhando. São melhorias, né? Agora, a Emater, através do governo está batendo em cima da pequena propriedade porque tem que ter essa ajuda de 2% ao ano. Então quem quer trabalhar e tem cabeça está conseguindo trabalhar. Temos curso, temos palestra sobre qualidade de vida, sobre melhoria, dentro das Emater, nas reuniões, a gente tem reuniões trimestrais da Feira, para discutir os problemas nossos. Então têm esses recursos hoje em dia que a gente está trabalhando. Às vezes você pega um feirante que está lá, que faz no enxadão, na enxada porque quer, porque consegue ter maquinário para se trabalhar, dez anos para pagar, praticamente sem juro, consegue muita coisa. Quem quer crescer, cresce.

Nos fragmentos 063 e 064 os enunciadores mostram a relação existente entre o Governo, a Emater e feirantes, assim por meio da Emater o Governo faz chegar ao feirante as possibilidades de ajuda financeira que atualmente vem oferecendo.

No excerto 064 na frase “são melhorias, né?” a palavra melhoria denota uma mudança para uma condição melhor. Destarte, para o enunciador, o pequeno agricultor na atualidade

tem a possibilidade de melhorar as suas condições de trabalho, o que ratifica no final do fragmento: “Às vezes você pega um feirante que está lá, que faz no enxadão, na enxada porque quer, porque consegue ter maquinário para se trabalhar”. A enxada é um utensílio de ferro e aço, com que se cava a terra, é um instrumento rudimentar e sua manipulação geralmente requer muito esforço, ao contrário da máquina que é um produto sofisticado e sua manipulação geralmente requer menos esforço. Desta forma, para o enunciador a troca da enxada pela máquina representa um crescimento.

Vale assinalar que o Pronaf mencionado pelo enunciador foi instituído em 1995 conforme Resolução 2.191 do Banco Central e no ano de 1996 foi legislado pelo Decreto Presidencial nº. 1946 de 28/06/96. Este programa segundo a Secretaria da Agricultura Familiar (2014, s.p):

(...) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O acesso ao Pronaf inicia-se na discussão da família sobre a necessidade do crédito, seja ele para o custeio da safra ou atividade agroindustrial, seja para o investimento em máquinas, equipamentos ou infraestrutura de produção e serviços agropecuários ou não agropecuários.

Segundo Conceição (2007, p.82) este programa é produto da luta reivindicativa dos movimentos sociais que demandavam uma política a favor da agricultura camponesa, face ao privilégio dos grandes proprietários. Assim, para a autora, este programa foi criado com a finalidade de “prover crédito agrícola e apoio institucional às categorias de pequenos produtores rurais que vinham sendo alijados das políticas públicas ao longo da década de 1980 e encontravam sérias dificuldades de se manter na atividade”

Desta forma e como foi visto anteriormente, os pequenos agricultores rurais que por muitos anos foram deixados de lado no cenário político, passaram a observar algumas medidas públicas em seu favor, como o caso do Pronaf, que só foi efetivado em 1996. Nesse ano a Feira do Produtor de Maringá já possuía 14 anos, então vale enfatizar que no transcurso histórico da Feira houve mudanças nas políticas públicas que beneficiaram o pequeno produtor participante da Feira.

Enfim, neste fragmento, além de observar a relação entre Governo, Emater e Feirante, podem ser observadas algumas mudanças no ambiente da Feira, como foram as mudanças nas políticas públicas, criando o Pronaf, e beneficiando os feirantes; mudanças tecnológicas e produtivas, existindo a possibilidade de trocar ferramentas por máquinas; mudanças no conforto dos feirantes, adquirindo carros em melhores condições, mudanças estas que facilitam o trabalho do pequeno produtor e conseqüentemente, seu desenvolvimento na Feira.

Por outro lado, os feirantes expõem diversos pontos de vista sobre os representantes da Emater na Feira.

Feirante 5:

(065) Passamos fases bem difíceis, mas graças a Deus, isto aqui com ajuda da Emater, né? Porque tem um agrônomo (...) da Emater ele desde início tem dado bastante apoio para a gente, né? (...) Eu falo assim porque verduras tem bastante produto orgânico, porque tudo agora lavoura tem de ter acompanhamento de agrônomo, né? tudo tem responsável, então o agrônomo lá da Emater daqui de Maringá, ele é responsável por isso daqui, então graças a ele que a gente está aqui porque ele é bem rigoroso, né? (...) Entre a Emater e feirante aí é complicado, porque eu falo assim, aquele pessoal antigo da idade da primeira gestão que trabalhou aqui a relação eu vejo diferente, porque eles trabalhavam melhor com as pessoas. Agora com os jovens de hoje em dia, é complicado, muito complicado, eu vejo assim muita dificuldade porque eles acham que eles sabem mais que o agrônomo, sabe mais que aquele feirante mais velho (...). Mas com a Emater, eu sempre digo, se não fosse o agrônomo da Emater esta feira não teria ido para frente. (...) ele é bravo, ele é rígido, mas ele explica, ele conversa, traz uma programação boa para o feirante, traz do governo, traz da área da Emater. Eu sempre falo que muita gente não está entendendo o que o agrônomo está explicando (...), mas graças a ele que nós estamos aqui (...).

Feirante 7:

(066) E: Como que o senhor considera o relacionamento dos feirantes com a Emater?

F: Olha, não digo nada Emater. Eu não sei que dizer, eu estaria falando mal se falo alguma coisa, né?

E: Eles prestaram assessoria, contribuíram com seu progresso?

F: Lógico, ela contribui, tem aquele momento que eu acho que na minha opinião atrapalha, entendeu? Mas talvez não seja pela Emater mas talvez pela pessoa, essa é a minha opinião, lógico que tem pessoas que tem opinião diferente.

E: Mas atrapalha por quê? os procedimentos que eles exigem são...?

F: Não é a Emater, a Emater ajuda, vamos dizer bem a verdade porque isto pode ser todo um problema, mas eu acho que às vezes já pegamos pessoa autoritária demais, não ouve a opinião do produtor, cada vez que vai dar tua opinião não aceita, não é tua opinião que vale, como às vezes a pessoa se julga um órgão superior, às vezes quer dar ordem, a opinião dele não é por aí, eu acho que... assim como na Feira, né? Quando uma pessoa passa a ser presidente, você é um simples feirante para eles, dá impressão que vai falar e ele acha que... não aceita opinião, não quer nem ouvir, e às vezes tem muita briga por isso aqui. Acho que em qualquer lugar, né?

No fragmento 065 na frase “se não fosse o agrônomo da Emater esta feira não teria ido para frente” subentende-se que para a enunciadora a labor do agrônomo da Emater foi indispensável para a continuação da Feira.

Por outro lado, no fragmento 066 na frase: “acho que às vezes já pegamos pessoa autoritária demais, não ouve a opinião do produtor, cada vez que vai dar tua opinião não aceita, não é tua opinião que vale, como às vezes a pessoa se julga um órgão superior, às vezes quer dar ordem, a opinião dele”, o enunciador evidencia relações de poder, pois segundo seu relato há opiniões dominantes e outras reprimidas, pois estas últimas não tem valor, não são escutadas. As opiniões dominantes estariam dadas por alguns representantes da Emater, e também por alguns feirantes participantes da diretoria, que do seu lugar de poder têm condições de falar, enquanto os produtores, de seu “não lugar”, não têm acesso a ter opinião e têm suas ideias abafadas, ignoradas.

E finalmente, como não pôde ser diferente, dado tudo o que foi apresentado até aqui, observei que a Emater, desde o início, esteve ligada à organização da Feira. No início, foram os representantes da Emater que foram atrás das informações e procedimentos para a criação da Feira, desta forma como já foi assinalado, foi a Emater que trouxe um modelo de regimento para ser copiado e adaptado às necessidades da Feira, assim a Emater participou desde o começo na elaboração das suas regras, o que, segundo o fragmento a seguir, continuou até se constituir a associação.

Feirante 6:

E: Quem dita as regras?

F: (...) tem o presidente, né? e a comissão, né?. Antes era o cara da Emater, né? Mas depois que virou uma associação, daí o presidente, né? a gente faz umas reuniões, decide o que vai ser, o que vai ter que ser feito, né? E daí ele dita as regras, tem de cumprir aquela regra que foi discutida em reunião.

De tal modo, observei que a Emater já teve o poder de decidir o que seria uma regra. Na atualidade, embora não dite mais diretamente as regras, tem uma posição de destaque, atuando como coordenadora; assessora da diretoria; brindando assistência técnica; dando treinamentos aos feirantes; realizando o cadastramento de novos produtores; realizando a inscrição dos produtores; fazendo vistorias. Na minha pesquisa, também reparei que a Emater sempre foi apontada pelos feirantes como a detentora das informações, da sua história, e eles comentavam que esse órgão guardava todos os registros, assim como de seu estatuto e regimento interno. Assim, quando falamos de Emater e da Feira do Produtor de Maringá, encontram-se muitas ligações entre essas duas organizações, de modo que não tem como contar a história da Feira sem envolver a Emater nela.

4.2.4 Relacionamento da Feira com a prefeitura de Maringá

A prefeitura também é um órgão que desenvolve um papel relevante no funcionamento da Feira, pois esta, segundo o Regulamento Interno da Feira do Produtor de Maringá, está encarregada de:

- Conceder a autorização para o funcionamento da Feira, assim como determinar o local para sua instalação.
- Fiscalizar. O agente fiscal da prefeitura deve observar o funcionamento da Feira, assim como fiscalizar e examinar os produtos por esta oferecidos.
- Proceder à limpeza da área ocupada pela Feira, ao término desta.
- Proporcionar junto com a Copel [Companhia Paranaense de Energia Elétrica] fornecimento de energia elétrica, no decorrer da edição da Feira.
- Zelar pela manutenção da ordem e da disciplina, assim como da segurança no expediente da Feira.

Com relação ao primeiro item, como a prefeitura determina o local da instalação da Feira, observa-se a grande dependência da Feira para com este órgão, como é narrado a seguir:

Engenheiro da Emater:

(...) talvez nós vamos ter problemas com relação àquele espaço, porque aquele espaço é público, né? e se entra outro administrador e fala não, a Feira tem de sair de lá, aí nós somos obrigados a procurar outro lugar (...)

Assim, a Feira do Produtor apresenta incertezas, ou seja, tem a possibilidade de sofrer mudanças profundas, pois o Estacionamento do Estádio Willie Davids, localizado num bairro central da cidade atualmente, é um espaço recriado pela Feira, nas palavras de Certeau (1998), é um lugar praticado, ou seja, três vezes por semana o estacionamento possui uma identidade distinta, passa a ser um espaço de encontro e troca, espaço da Feira do Produtor de Maringá. E assim é guardado na memória dos feirantes e fregueses e de todos aqueles que o recriam. De tal modo, mudar de local não é uma ação fácil, pois além de trazer provavelmente prejuízos econômicos para as famílias dos feirantes, mexe com a identidade da Feira, pois nesse lugar a Feira transcorreu toda a sua história, e a partir dali foram criadas suas memórias.

Feirante 15

(067) Esse fato de mudar de local é complicado aqui em Maringá. É complicado, porque a gente já fez umas experiências de feira fora da cidade, fora do centro aqui, mas não tem sido bom, porque aqui já é costume, está centralizado.

No fragmento 067, o léxico “costume” indica os modos de fazer e pensar que são partilhados por muitas pessoas num determinado lugar e época. Assim, a prática constante que muitos maringaenses criaram de ir à Feira, seja para comprar algum produto, para bater um papo, para caminhar por meio das barracas, ou simplesmente para distrair a vista, formam parte dos costumes maringaenses, e estão estreitamente ligados a este lugar, onde as rotas de chegada, os diversos atalhos, a distribuição das bancas e muitos outros pequenos detalhes já foram decorados pelos seus usuários.

Já com relação ao último item, que trata da segurança, temos os seguintes depoimentos:

Feirante 7:

(068) Tem casos que Deus me livre e guarde, terrível: pessoas catar mercadoria da tua banca, roubando, você fala com a pessoa, chama atenção, chama o segurança para pegar a pessoa para trazer de volta.

Feirante 4:

(069) (...) Se nós queremos estar meio que seguros temos que pagar um segurança, pagar particular. Já temos contratado, temos três seguranças para trabalhar para nós. E isso custa caro, né? é um dinheiro que nossa associação paga. Sendo que não existe nenhum, por exemplo: o quarto batalhão não manda militar para cá, não manda nada, nós temos que pagar, e esse pessoal da segurança são militares aposentados.

No excerto 068, o enunciador expressa a existência de furtos, sendo necessária a presença de seguranças. Já no fragmento 069 o enunciador comenta que precisaram contratar particularmente seguranças para estar protegidos porque nas palavras dele: “não existe nenhum” subentende-se que não há qualquer agente da prefeitura (guarda municipal) ou da polícia militar que preste este respaldo de segurança para a Feira. Como foi visto, uma das responsabilidades da prefeitura era cuidar da segurança da Feira, mas como foi assinalado, a prefeitura neste sentido não se faz presente.

Com relação à fiscalização efetuada pela prefeitura, o enunciador narra a seguinte experiência:

Feirante 14

(070) (...) eu quando fui presidente da feira, eu nunca... sempre valorizei o produtor, eu não deixava o produtor perder um dia de serviço (...). Então

quando eu era presidente da Feira, o Partido dos Trabalhadores, o PT (...) proibiram meu amigo de vir vender espetinho, Marco Antonio que hoje é falecido, né? Eu era presidente da Feira, o Marco Antonio me procurou falou: oh! - estava tremendo porque o fiscal da prefeitura deu notificação para ele, para não trazer espetinho, ele nunca tinha recebido uma notificação na vida, então estava nervoso, né? chorando - olha que vão fazer comigo? Calma, Marco Antonio, assina que não adianta, se não assinar a notificação, ele assinou, né? Aí eu fui procurar o secretário da agricultura aqui de Maringá, na época o Elcio que era do PT lá, olha aconteceu isso aqui, ele está apto, tem a autorização da secretaria da saúde possibilitando vender e tem todo um aparato legal que é (...) da Feira, e estão proibindo ele de vender o espetinho, espetinho assado, né? Aí o Elcio que era secretário de agricultura do PT, ligou então para o secretário que era responsável da Feira que era o Marin, o Marin falou: não, não vai poder vender mesmo não, né? Ah não vai vender? Não. O único que eu falei é: ele vai vender, ele vai vender e vocês têm até meio dia para vocês rever essa posição de vocês, que depois de meio dia eu vou procurar imprensa, eu vou soltar isso na imprensa, e não e não, ninguém ligou para mim até meio dia, quando foi a uma hora da tarde o Elcio ligou e: oh, tem problema não, pode vender que não sei que lá. Elcio agora é tarde, eu falei que era até meio dia, eu já procurei a imprensa, a imprensa vai lá e vai bater matéria deles lá. Não faz isso com a gente - porque estava começando a administração deles aqui em Maringá - não, não faz isso comigo. Olha Elcio, era até meio dia, agora não dá mais para voltar atrás já está tudo comunicado. Aí o Marco Antonio não pode vender, colocou o espetinho, assou espetinho tudo, né? Não estava cobrando, colocou “colaboração espontânea”, razão: a prefeitura me proíbe de vender o espetinho, então pode pegar o espetinho e comer e você achar quanto quiser pagar na caixinha de colaboração, e fez muito mais dinheiro que se estivesse vendendo. E a imprensa veio aqui e fez uma matéria e arrebitou com o PT, arrebitou com o PT, no dia seguinte depois da reportagem ou na semana seguinte então eu recebo um comunicado do Marin que era o responsável pela Feira lá na prefeitura reconhecendo que ele errou, e me mandou isso por escrito, ainda bem, né? E ele fala então desculpas, eu prefiro errar pelo excesso dizendo que pelo descaso. Tudo bem, então ele não perdeu nenhum dia, até ganhou mais que se estivesse vendendo espetinho, e a barraca dele toda semana tinha gente, era fila para comprar espetinho, né? Precisa ver, até movimentou a barraquinha dele. E foi muito bom.

Este relato apresentado no excerto 070 mostra como algumas autoridades, no caso municipais, revestidas do poder do cargo, podem interferir diretamente na rotina dos feirantes, como foi apresentado. Mas o que mais chama a atenção deste relato são as táticas criadas dentro dessa situação adversa.

Na perspectiva de Certeau (1998, p.93), observo que cada feirante se valeu de sua inventabilidade encontrando um “espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar (...). Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõe uma lei, ele aí instaurara pluralidade e criatividade”.

Assim, os feirantes, encontrando-se diante dessa situação desfavorável acionaram táticas, pois se encontravam sem a posse do poder, sem um lugar próprio em relação às

autoridades municipais, se valeram então de sua astúcia para sair dessa situação. Nas palavras de Certeau (1998, p.101), utilizaram “as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário” e conseguiram estar onde não se esperava, criando surpresas.

Desta forma, o primeiro feirante, “presidente da feira” se valeu das circunstâncias, da conjuntura política, pois percebeu o impacto que poderia causar nesse momento a imprensa para esse partido político que recém se constituía na cidade. Assim, a ação de comunicar à imprensa foi algo inesperado pelas autoridades citadas.

O segundo feirante “vendedor de espetinhos” se valeu de sua criatividade, ao colocar uma caixinha de colaboração, ao invés de vender, e sem necessidade de sair do lugar onde era imposta uma penalidade, conseguiu obter iguais ou mais ganhos com o consumo de seu produto. Desta forma observam-se claramente os argumentos de Certeau (1998) quanto a inevitabilidade do mais fraco, possuindo este a capacidade de ser poeta de seu negócio, construindo trilhas imprevisíveis.

Continuando com a relação entre a prefeitura e a Feira do Produtor, existe uma taxa anual paga pelos feirantes à prefeitura pelo espaço ocupado, como pode ser observado no fragmento a seguir:

Feirante 15:

(071) F: A regra para todos mesmo é questão de, vamos dizer assim, pagamentos com a prefeitura, nós pagamos anualmente o espaço que nós temos aqui, não era cobrado antigamente, mas há dois anos atrás começaram a se cobrar, pelo espaço, metro quadrado, é dizer, é locado (...) pagamos uma prestação anual.

E: E a porcentagem é alta?

F: Ela é feita por metro quadrado. Com valor não saberia te dizer qual, mas a minha fica em R\$ 270,00 se não me falha a memória por ano, R\$ 270,00 por ano, e daí depois bem a mensalidade que nós temos da associação que acaba somando.

Assim sendo, no fragmento 071 se observa um aumento nos custos fixos dos feirantes devido ao surgimento desta nova taxa cobrada pela prefeitura. Por outro lado, geralmente os entrevistados, ao falar sobre a prefeitura, destacam o bom relacionamento e o apoio que vêm recebendo deste órgão, como nos casos a seguir:

Feirante 11:

(072) E: E a relação com a prefeitura?

F: Melhorou, melhorou muito, porque hoje a gente tem um aproximamento melhor na prefeitura, nessa parte a prefeitura melhorou muito, porque no começo a gente engatinhava, a gente não tinha o conhecimento, nas primeiras vezes não conhece o setor, as pessoas lá, hoje a gente conhece, as pessoas conhecem a gente também. Então melhorou muito. (...) inclusive

quando a gente começou essa Feira da segunda-feira mesmo, a gente achou que ia ter uma dificuldade muito grande, mas a gente procurou a prefeitura e a gente foi muito bem recebida e foi rápido para eles liberarem a segunda-feira para a gente, então foi algo muito gratificante para a gente, saí muito contente com o respeito que a gente teve com os órgãos públicos no município, me deixou muito feliz.

Engenheiro da Emater:

(...) o apoio tem de ser outro ponto forte, inclusive a semana passada que nós estávamos conversando com o prefeito, o apoio que a prefeitura nos tem dado com relação à Feira do Produtor. Enquanto nós tivermos esse apoio da prefeitura e todas essas informações que nós citamos (...), eu tenho certeza que a Feira tende a melhorar, crescer e se tornar, como se diz, um ponto de referência, né? Em comercialização desses produtos aqui em Maringá.

No trecho 072, o enunciador manifesta mudanças no relacionamento da Feira com a prefeitura, existindo maior conhecimento entre ambas as partes e na expressão “saí muito contente com o respeito que a gente teve com os órgãos públicos no município”, o léxico “respeito” indica consideração, assim o enunciador que projetava dificuldades, foi tratado pela prefeitura de forma ágil e com muita consideração.

Finalmente, a prefeitura também reconhece a labor dos feirantes, expressando isto por meio de homenagens.

Feirante 11

Tive uma experiência muito agradável que (...) a gente recebeu uma homenagem da prefeitura pelos 30 anos da Feira. A Feira recebeu uma placa, da prefeitura, na época, era Silvio Barros o prefeito, pelos 30 anos da Feira. Então, foi uma experiência gratificante, pegou a gente de surpresa, foi muito agradável para a gente.

Figura 14 - O prefeito de Maringá, o vice-prefeito, entregam placa pelos 30 anos da Feira do Produtor ao presidente da Associação



Fonte: Maringá (2012)

Desta forma observou-se que a Feira do Produtor de Maringá se encontra muito ligada à Prefeitura Municipal de Maringá, pois depende em muito desta para desenvolver as suas atividades.

4.2.5 Relacionamento da Feira com a Secretaria da Saúde

A Secretaria da Saúde do Município de Maringá dentro de suas múltiplas funções, contempla a fiscalização sanitária, e desde o ano de 1990 desenvolve as ações de Vigilância Sanitária. Nesta última função, procura “promover e proteger a saúde da população, com ações capazes de eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde e intervir nos problemas sanitários decorrentes do meio ambiente, da produção e da circulação de bens e da prestação de serviços de interesse da saúde” (PARANÁ, 2014, s.p). Assim, na Feira do Produtor de Maringá, são especialmente fiscalizados pela secretaria da saúde os feirantes que vendem alimentos processados.

No fragmento a seguir, pode-se observar que a secretaria da saúde não só atua fiscalizando, mas também orientando os feirantes:

Feirante 15:

(073) E: O senhor que trazia aqui na feira no começo?

F: Aí a gente já entrou, bastante primitivo, foi fazer um curso, eu tenho um curso feito em Minas Gerais, onde a gente aprendeu a trabalhar os embutidos de uma forma bastante artesanal. Isso porque no início, a gente não tinha muita informação, estava, vamos dizer assim, bastante na informalidade. Então isso daí fez com que também a secretaria do município, secretaria da saúde, também se interessasse pelo projeto, e nos procurou para que também nesse sentido como nós, deveríamos estar fazendo a forma como deveríamos estar fazendo, preparar o estabelecimento nosso, porque a gente estava assim desinformado de quanto a gente faria para estar dentro de um contexto de garantir esse produto sem perigos para o ser humano, né? Então a gente começou a procurar essas pessoas e eles também foram procurar em outros lugares também, a forma como eles poderiam estar nos ajudando nesse sentido, sem exigir também o máximo (...) eles também criaram uma forma de nos atender também lá na lavoura. A gente teve de construir uma cozinha, e eles foram dando tempo para que a gente pudesse, pudesse também se adequar. De repente, eu mesmo eu não construí uma cozinha, eu tinha algo já que eles me ajudaram a adequar, e aproveitando já aquilo que já tinha e muitos outros foram feitos dessa mesma forma. Houve também bom senso de parte da fiscalização, da saúde, mas também não deixando de fazer a fiscalização, a vigilância sanitária como deve ser feito, eles foram delineando e nós fomos crescendo também. Foi muito bacana, foi muito bom isso daí é uma coisa que a gente traz como história da gente, porque é uma coisa que você ignora, não conhece precisa ter alguém que apoia e dá um

respaldo, então nesse ponto nós tivemos a secretaria da saúde do município e continuando sendo fiscalizado por eles até hoje.

No excerto 073 o enunciador mostra como a secretaria da saúde prestou orientação diante de uma situação nova, tanto para o feirante quanto para o próprio órgão. Assim, pude observar que ambos, tanto o produtor quanto a secretaria tiveram que criar novas formas de fazer, o que se mostra nas seguintes frases: “(...) eles também criaram uma forma de nos atender também lá na lavoura”; “De repente, eu mesmo eu não construí uma cozinha, eu tinha algo já que eles me ajudaram a adequar, e aproveitando já aquilo que já tinha”, desta forma observei que em ambas as partes houve improvisações, pois começavam a se movimentar em um território desconhecido para ambos, sem a posse do poder do conhecimento. Assim, considero estas práticas como táticas, no olhar certauniano, pois foram pequenas artes de fazer.

Por outro lado, a secretaria da saúde é mais comumente tida pelos feirantes como um órgão fiscalizador.

Feirante 5:

(074) (...) agora a gente trabalha só com produto transformado (...) tudo dentro da lei, liberado pela secretaria da saúde, eles fazem vistoria na casa, é bem rigoroso, né? [...] no meu caso, pessoal, que faz lingüiça, pamonha, tudo isso é passado pela secretaria da saúde a gente não pode vender nada que não esteja na carteirinha, nós temos carteirinha, todo ano é renovado e no verso da carteirinha está lá escrito o que vai vender no ano, então se tiver alguma coisa fora daquilo lá, aqui nós temos fiscalização interna, aí já tem punição.

No fragmento 074, na frase: “eles fazem vistoria na casa, é bem rigoroso, né?” o adjetivo “rigoroso” denota algo exigente, inflexível. Assim, para a enunciadora, a secretaria da saúde atua com severidade no cumprimento das normas sanitárias, exercendo um forte controle. E na frase “se tiver alguma coisa fora daquilo lá, aqui nós temos fiscalização interna, aí já tem punição”, a enunciadora expressa que existe então uma pré-fiscalização entre os feirantes, preservando as normas assinaladas pela Vigilância Sanitária, deste modo, se não cumpridas existe um castigo que é aplicado segundo as regras da Feira. Assim observo que a punição é a solução contra aqueles que não seguem as normas, é a forma de controlar os comportamentos não desejados ou, em outras palavras, de impor uma disciplina.

Por outro lado, em todos estes anos de existência da Feira de Produtor de Maringá as exigências da secretaria da saúde foram mudando e alterando a rotina dos feirantes. Assim, como expressam os fragmentos a seguir:

Feirante 1:

(075) Nós tinha granja de porco, aí ele matava os porcos, agora não pode mais matar porco na chácara, tem de ser inspecionado. Aí então já mudou bastante. Aí primeiro não, primeiro era tudo mais a vontade, sabe? Se fazia o que você queria. Só que nós vendia bem, hein! (...) Agora só os porcos que não cria mais porque não pode. Nós paramos uma porque a cidade chegou perto e outra que o porco tem de ser inspecionado, tem de ser no frigorífico. Aí não pode mais ser, tem que ser inspecionado.

Feirante 14:

(076) (...) a própria secretaria de saúde é bem mais exigente também, com relação aos alimentos trabalhados, né? Todo mundo que tem alimento trabalhado aqui hoje, você tira o SIM [Serviço de Inspeção Municipal], certificado de inspeção municipal, você tem que ter essa licença da prefeitura, da secretaria da saúde. Não existia no começo, não tinha isso, não tinha esse SIM, hoje é obrigatório tirar, então mudou muito e com o tempo vai mudando e vai ficando cada vez mais exigente, os clientes e a secretaria de saúde também.

E: E nesse sentido teve alguns feirantes que se viram afetados por esses certificados?

F: Teve, teve. Na época que eu era presidente da feira, tinha gente que era de outra cidade e para vir trabalhar aqui de outra cidade digamos, com queijo, que foi o exemplo que eu tive, ele teve que parar de trazer queijo, por que? Porque para trazer o queijo de outra cidade ele tinha que tirar o SIP [Serviço de Inspeção do Paraná], certificado de inspeção do Estado do Paraná. E ele não tinha, ficava custoso, era alto. O SIM, você não tem custo, mas o SIP, você tem, tem que pagar um escritório de contabilidade, aí essas pessoas foram prejudicadas, então não puderam trazer suas mercadorias trabalhadas para cá. Tiveram que parar, alguns pararam, alguns outros não, outros conseguiram trazer.

E: Foi um tipo de barreira?

F: Também foi um tipo de barreira, até que existe uma lógica nisso, Maringá fiscaliza Maringá. Maringá não vai... Na época Maringá até, pessoal da secretaria aqui, até ia na cidade a ver se estava tudo certo lá, mas entrou em choque com a secretaria municipal daquela cidade, né? Aí falei vocês resolvem aí, aí aquela secretaria passou a ser responsável, mas teria que ser do Estado. Essas coisas foram acontecendo ao longo do tempo, né?

O trecho 075 trata do relato de uma família de suinocultores que trabalhavam e atualmente continuam trabalhando na elaboração de linguiças, mas como relata a enunciadora houve mudanças na legislação sanitária impedindo que se realizasse o abate dos suínos no sítio, pois precisavam ser inspecionados. A palavra “inspeção” denota a ação de examinar, verificar e esta é realizada geralmente para detectar possíveis problemas. Desta forma, com essa medida se passou a ter um controle, uma fiscalização sobre a carne suína que se direcionava ao mercado, mas ao mesmo tempo afetou todo um segmento dedicado a este ramo, como foi o caso da enunciadora, a qual parou de ser suinocultora. A enunciadora na atualidade é processadora, e já não mais produtora, pois trabalha com matéria prima não produzida por ela. Essa questão do que vem a ser processador ou produtor dentro da Feira

reveste-se de importância muito grande nesta pesquisa, por isso discutirei com mais detalhes ao final do trabalho. Por ora, basta dizer o quanto essas transformações afetaram o ambiente da Feira, o desta entrevistada em especial, como pudemos ver em sua narrativa.

Assim, esta mudança na legislação afetou o cotidiano da feirante, e mudou sua categoria dentro da Associação da Feira do Produtor, pois quando era produtora, tinha os direitos de um associado efetivo, mas depois como processadora passou a ser uma associada colaboradora, não tendo mais o direito de votar e ser votada dentro da associação.

Outro ponto relevante a assinalar é a seguinte frase: “Aí primeiro não, primeiro era tudo mais à vontade, sabe? Se fazia o que você queria.” Se subentende que nos primeiros anos da Feira não existiam muitas regras, e os feirantes atuavam mais livremente, mas depois houve mudanças, já não sendo tão à vontade, ou seja, depois começaram a ser mais inspecionados, fiscalizados, controlados, disciplinados.

De igual forma no excerto 076, o enunciador expressa o aumento da fiscalização realizada pela secretaria da saúde do município de Maringá, e menciona o surgimento do SIM, o qual só foi regulamentado pelo decreto 111/96, de 16 de fevereiro de 1996. Ou seja, durante os 14 primeiros anos de existência da Feira, os feirantes processadores não precisavam ter o registro da inspeção sanitária e industrial de produtos de origem animal, ou serviço de inspeção municipal (SIM), mas a partir desse ano, com a exigência obrigatória deste registro, precisaram atender todas as demandas da inspeção sanitária para obter o registro e continuar trabalhando. Assim, tiveram que adaptar sua forma de produção e infraestrutura segundo essas novas disposições.

E se tratando da comercialização intermunicipal precisava-se obter o registro SIP/POA (Serviço de Inspeção do Paraná/Produtos de Origem Animal), mas para conseguir este, também havia a necessidade de satisfazer vários requisitos, e ainda segundo o enunciador, este apresentava um custo maior. Desta forma, como foi anunciado no relato, alguns feirantes não conseguiram obter este registro e tiveram que se afastar da Feira, pois não tinham permissão para vender seus produtos em outros municípios.

Em suma, nos dois fragmentos, observei que mudanças na legislação sanitária afetaram radicalmente a vida de alguns dos feirantes. O discurso da “segurança alimentar”, de certa forma, estruturou novas formas de trabalho, ajudou a criar certas funções (como das inspeções), aumentou o “papalório” e trouxe novos custos às transações. No caso específico da Feira, mudou sua forma de produção, alterou sua infraestrutura, e até impossibilitou alguns de continuar trabalhando na Feira do Produtor de Maringá.

4.2.6 Relacionamento dos Feirantes com os fregueses

Os fregueses podem ser considerados como a essência da Feira, pois quase todas as atividades são voltadas para eles, para atraí-los, agrada-los, fideliza-los... estas relações ultrapassam o lado comercial, criando laços de amizade, como será mostrado nos depoimentos a seguir.

Feirante 10

(077) (...) é tão prático, né? Aqui, para você ver, aqui você arruma seus produtos, o que você vem, você vende, é tudo à vista, então o pouco que você faz é dinheirinho. Então o que eu acho é que uma pessoa não pode vir por vir na Feira. Vir, né? assim, a pessoa tem que vir, vir com amor, os produtos dela tem que ser com amor, tem de tratar os clientes. Já pensou? Uma pessoa grossa, a gente fala: Nossa! Não, Deus me livre! você tem de ser amável com o cliente porque cliente você tem que aproximar mais, porque se você espanta ele uma vez, a segunda vez, depois no mercado está sempre em promoção tudo, então você tem de caprichar pra eles vim para Feira, né? (...) eu gosto de chamar os clientes pelo nome, geralmente pessoas de idade. Eles ficam tão felizes quando chega, né? ah! uma senhora um dia falou assim para mim assim: Ah! mas eu quero que quando eu vir aqui, vai me chamar pelo meu nome também, porque você sabe os outros. Ela falou assim, vou te falar meu nome e você nunca vai esquecer: dona Alice. Ela falou assim, Alice do País das Maravilhas. Então e realmente... porque a pessoa idosa é tão bacana, quando ele chega, chamar pelo nome, não é bacana? (...) Você fica... de sábado eu trago um bolo, eu faço bolo e eu não mudo a receita, porque tem um cachorrinho que vem todo sábado e toma café aqui, cachorro!, tem o dono e ele, que você vê a graça do cachorrinho, então a minha tia traz a garrafa de café, e eu faço o bolo e ponho numa “tapoer” e nós deixa aqui, os clientes come até que a gente tem, né? Cliente come, toma café, então fica assim, aquelas pessoas, elas ficam conversando, falando de futebol, falando... você tem que ver que coisa maravilhosa. E aí que acontece? O cachorro vem, você tem que ver, ele late, o dono dele está fazendo compra, ele late lá, faz vir. Você tem de ver, sabe? são coisas que te engrandece o coração. Tem o tipo Brasil de fubá, mas ele gosta desse. Então eu falo, mãe eu só faço esse bolo, então faço na sexta a noite, então falo assim, mãe vou fazer, então faço numa assadeira grande, dou uns pedacinhos para a mãe, e falo assim: mãe olha, eu não posso parar de... Como você não vai fazer? Você faz assim com tanto amor... um dia eu faço com muita pressa, o outro dia não tinha maisena, só coloquei farinha, sabe, um dia não tem leite eu ponho água. O bolo sai. Eles falam assim: Nossa! esse bolo está uma delícia. Outro dia eu esqueço de outro negócio de colocar, mas o bolo sai. (...) Você já pensou que nem essa história do simples bolo que coisa linda que ficou. Você tem que ver de sábado de manhã. Então, é muito gratificante. Então é assim, por isso que eu falo, a gente tem que ter sabedoria, para você ter criatividade, né? e tendo criatividade, para fazer, pra cada vez ficar melhor para a gente atrair os clientes para cá, não deixar os clientes ir no mercado, para que, né?

No trecho 077 a enunciativa expressa várias formas de aproximar o cliente, pois observa que existe uma forte concorrência denominada por ela como “mercado”, a palavra

mercado designa um lugar público, ao ar livre ou em recinto fechado, onde se vendem e compram mercadorias, mas neste sentido a Feira do Produtor também é um mercado, assim o termo “mercado” no fragmento se entende no sentido de supermercados. Os supermercados são grandes armazéns que oferecem diversos produtos e em geral os fregueses se servem livremente e pagam por último. Estes supermercados na cidade de Maringá são numerosos, se encontram distribuídos por todos os bairros da cidade e geralmente contam com uma seção de “hortifrúti” (onde são comercializados os produtos provenientes de hortas, geralmente, frutas, legumes, hortaliças ou hortifrutigranjeiros), além disso, como assinala a enunciativa estes realizam bastantes promoções: “no mercado está sempre em promoção tudo”. Desta forma, estes supermercados vendem muitos dos produtos oferecidos pela Feira e são fortes concorrentes desta. Assim, segundo a enunciativa “a gente tem que ter sabedoria, para você ter criatividade, né? e tendo criatividade para fazer, para cada vez ficar melhor para a gente atrair os clientes para cá, não deixar os clientes ir no mercado, para que, né?”

Assim a enunciativa aplica diversas estratégias para cativar os clientes:

- “tem de ser amável com o cliente”;
- “eu gosto de chamar os clientes pelo nome”, como resultado desta prática, os clientes se sentem reconhecidos, identificados ao serem chamados pelo nome, o que se pode observar nesta frase: “mas eu quero que quando eu vir aqui, vai me chamar pelo meu nome também, porque você sabe os outros. Ela falou assim, vou te falar meu nome e você nunca vai esquecer: dona Alice. Ela falou assim, Alice do País das Maravilhas”. Assim a dona Alice, como muitos outros fregueses gostam de ser lembrados, ao contrário de esquecidos, a enunciativa então já tinha reparado que os fregueses ficavam felizes quando ela os chamava pelos seus nomes e adquiriu esta estratégia no seu cotidiano.
- “eu trago um bolo (...) a minha tia traz a garrafa de café (...). Cliente come, toma café, então fica assim, aquelas pessoas, elas ficam conversando, falando de futebol, falando... você tem que ver que coisa maravilhosa.” Assim a feirante criou um ambiente de socialização que agrupa diversos fregueses em volta de sua barraca.

Observo, desta forma, que a enunciativa criou diversos diferenciais para atender, agradar e cativar os clientes.

Feirante 9:

(078) Acho que daqui a três anos vou continuar fazendo meu produto e continuar agradando meus fregueses. Porque eu acho que o mais importante não é a gente vender, acho que hoje a gente vai falar agradar o freguês,

porque se agradou, ele compra o teu, você vai vender. Você não agradou, você não vai vender. O freguês não daria nada se você quer vender mais, né? tem de agradar o freguês, né? Eu espero que eu continue, trabalhando nesse sistema e o pessoal gostando o produto. Daqui três anos, dez anos, até quando continuar trabalhando o freguês é muito importante, né?

Feirante 17:

(079) A gente procura cada vez mais agradar o cliente, então a gente tem de ser amiga do cliente, companheira do cliente, está entendendo? Sempre procurar fazer o melhor porque que eu preciso dele, se não, eu não estaria vendendo se não fosse, né? Então a gente tem de ser sempre educada com as pessoas. Cada dia a gente aprende uma coisinha aqui, uma coisinha ali, todo dia a gente sempre está aprendendo.

O excerto 078 o enunciador afirma que agradar o cliente é pré-requisito para realizar uma venda: “se agradou, ele compra (...) Você não agradou, você não vai vender” o verbo agradar denota a ação de contentar, satisfazer, servir bem, desta forma para o enunciador é necessário tratar bem o cliente para depois poder vender o produto.

Da mesma forma, no trecho 079 na frase “porque eu preciso dele” o verbo precisar indica necessidade, assim a enunciativa expressa que necessita do freguês para poder vender seus produtos, e por isto procura agradar cada vez mais este.

Nestes fragmentos observa-se a preocupação e cuidado que têm os feirantes em agradar os fregueses, e estes comportamentos podem se constituir num traço identitário da Feira, pois os discursos da maioria destes feirantes prezam este bom atendimento, o que se pode observar também nas práticas do cotidiano. Vi essas práticas muitas vezes, na barraca onde fiz a observação participante:

Quando os clientes compram de Dona Filomena, ela faz questão que os clientes escutem quanto foi o valor que figura na balança, e logo faz o desconto de alguns centavos para agradar o cliente. Dona Filomena sempre tenta ser simpática com os clientes e os agradar, seja com palavras, falando ditados, elogiando os clientes ou com produtos, dando brindes (dependendo da situação e do cliente, pode dar uma manga de graça, por exemplo). Os clientes, diante destes comportamentos, geralmente expressam sua gratidão. Assim, gera-se um ambiente ameno na barraca e muitas das vezes são os fregueses que brincam com Dona Filomena (Diário de campo).

Observa-se que dona Filomena só nesse fragmento aplica três estratégias para agradar ao cliente: faz pequenos descontos, faz elogios aos clientes, e dá produtos de brindes. Assim, dona Filomena criou outras estratégias para agradar os clientes, diferentes das utilizadas pela enunciativa do fragmento 077, então provavelmente cada um dos 130 feirantes que integram

a Feira tenha suas peculiaridades, de venda, podendo criar cada um novas estratégias para cativar o cliente.

Fruto do bom atendimento aplicado pelos feirantes resulta, às vezes, uma venda não esperada, como no relato a seguir:

Feirante 1:

(...) tem freguês que vem aqui, foi o sábado passado a mulher falou: eu não ia levar linguça, mas só na tua simpatia vou levar.

Ainda com relação ao bom atendimento, uma das atitudes importantes mencionadas pelos feirantes é o tratamento de respeito ao cliente, como é apresentado:

Feirante 15:

(080) Eu procuro ser bastante comunicativo, a gente tem é lógico um certo respeito, tem pessoas que não gostam, não gostam não, é uma ética também você conhece as pessoas, faz muitas vezes o profissionalismo da pessoa então você tem de ser discreto. Se existe aquele que gosta das brincadeiras e tal, então a gente se relaciona de uma certa forma com respeito nas brincadeiras. Então eu acho que meu relacionamento é uma das coisas que mais me agrada de vir na Feira do produtor é por causa disso, me relacionar bem com as pessoas, porque eu sempre fui muito falante.

No fragmento 080, o enunciador relata como aplica diferentes estratégias de atendimento ao cliente segundo o caso, ele pode ser muito comunicativo e até fazer brincadeiras com os clientes que percebe que gostam destas, mas também pode atuar discretamente com clientes que ele percebe que não gostam de ser muito comunicativos, mas em ambos os tipos de atendimento ele preza o “respeito”, subentendendo-se que os fregueses em ambos os casos são tratados com educação e cortesia.

Por outro lado, muitos dos fregueses com o constante contato tornam-se conhecidos como comenta a feirante a seguir:

Feirante 2:

(...) tem freguês que se a gente não vem, outro dia tem de explicar porque não veio [risadas], é freguês que já é conhecido faz tempo, né? Então conhece, já sabe que a gente está sempre aqui, né? Porque a gente sempre vem, né?

Mas além das relações de troca, de compra e venda entre feirantes e fregueses, existem laços de amizade, como expressam os seguintes depoimentos:

Feirante 4:

(081) Sim, existem os fregueses que vêm assim só para escutar às vezes a gente falar uma bobagem, fazer um humor, alguma coisa assim. No meu caso é. Não que todos os feirantes sejam assim, não. Mas no meu caso é

assim, é bastante divertido estar trabalhando realmente, só que é um trabalho animado, né?

Feirante 5:

(082) Mas a gente está aqui, eu sempre falo que: aqui não é mais freguês, os fregueses tornaram-se amigos da gente. Aí eles vêm aqui, sentam, batem papo, contam piada, assim a gente vai seguindo. (...) é que eu gosto de conversar, conviver, viu, minhas freguesas tornou-se minha amiga, né? O dia que não venho na feira falta alguma coisa.

Feirante 14:

(083) (...) o cliente hoje às vezes ele passa na nossa barraca, ele quer comprar na sua barraca sim, porque já é seu cliente, mas quer comprar com você. Porque não é só comprar, ele quer também conversar. O cliente quer conversar, então ele vem passa na sua barraca, porque ele vai comprar, vai comprar na sua barraca, mas tem que comprar outras coisas nas outras barracas, então ele não vê você, ele passa, né? Ele vai voltar, na volta: cadê tal pessoa, não veio hoje? Então ele não quer só comprar, quer também conversar. (...) No sábado, o pessoal vem aqui para conversar, já à noite o pessoal é mais rápido, não conversa tanto não, né? À noite é muito rápido. Agora no sábado não, no sábado fica à vontade, vem aí, conversa.

No fragmento 081 o enunciador assinala implicitamente que alguns dos fregueses que passam na barraca dele não tem o intuito de comprar produtos, mas o visitam para conversar e se divertir juntos. Por ter este tipo de relacionamento com os fregueses o “trabalho” que muitas vezes é sinônimo de esforço, labuta, para o enunciador é “animado” ou seja proporciona-lhe alegria, entusiasmo.

Da mesma forma, no trecho 082 a enunciativa assinala o relacionamento de amizade com os fregueses. Na frase: “Aí eles vêm aqui, sentam, batem papo, contam piada” entende-se que os clientes conversam com ela e alegram a sua atividade. Assim nos fragmento 081 e 082 os fregueses tornam a atividade dos feirantes muito mais amena.

De forma similar também o excerto 083 assinala que os fregueses não vêm exclusivamente a comprar, segundo o enunciador eles vêm na Feira também para conversar, mas conversar com os feirantes com os que já criaram uma afinidade, então os procuram. Ou seja, criam-se laços diferenciados.

Feirante 7:

(084) (...) eu tenho freguês que eu sou amigo deles, ele vai na minha casa, almoça lá. Já fui chamado para casa deles, entendeu? Isso é... acho que é importante, né?

Feirante 12:

(085) E: E como é a relação dos feirantes com os fregueses?

F: É bom, já estamos tornando amigo, já ficou conhecido aqui que todo mundo é meu amigo.

E: Cada feirante tem seu grupo de fregueses?

F: Tem, tem, tem aquele freguês que te dá a prioridade, mas no geral corre a Feira inteira, né? Circulam em toda, mas têm aqueles que já ficou tão amigo, que nem for para dar um oi aqui, ele passa, passa na barraca do outro, se tornou tão amigo que quando eles não vêm, a gente sente falta, já acostumou.

No trecho 084 observa-se que os laços de amizade entre o enunciador e os fregueses são mais próximos, pois se convidam para se visitarem, e compartilham almoços.

Já no excerto 085 o enunciador assinala que alguns fregueses dão preferência a determinados feirantes, mas no geral circulam em toda a feira, ou seja, percorrem muitas barracas, assim um freguês pode formar laços de amizade não só com um, mas com muitos feirantes: “já ficou tão amigo, que nem for para dar um oi aqui, ele passa, passa na barraca do outro, se tornou tão amigo que quando eles não vem, a gente sente falta”. O léxico “gente” nessa expressão pode estar no plural, indicando que vários feirantes podem sentir falta dos mesmos fregueses.

Feirante 13:

(086) O cliente nosso gosta que chame ele pelo nome. Com o perdão da palavra tem uns folgados que liga assim vou chegar tal hora, me tira tantos quilos disso, tantos quilos daquilo para mim ir na sua banca, é então uma convivência mais de amigo mesmo.

No fragmento 086 o enunciador comenta sobre uma prática muito comum na Feira, que é de pedir os produtos pelo telefone para depois ir pegá-los. Na minha estadia na Feira percebi que isto acontece porque os produtos se esgotam rapidamente, assim quem chega cedo tem mais possibilidades de comprar e quem chega mais tarde pode não encontrar produtos. Desta forma, muitos fregueses garantem a compra dos produtos ligando no celular dos feirantes, para que lhes seja separada uma determinada quantidade antes dos produtos acabarem. Mas esta prática requer de um certo tipo de confiança, normalmente são clientes já conhecidos ou amigos como narra o enunciador.

No fragmento a seguir também se mostra uma relação entre feirante e freguês de ajuda e retribuição.

Feirante 10:

(087) F1: Tem hora que a gente faz amizade com cada pessoa, você precisa ver. Um menino vinha aqui todo descabeladinho, assim, né? Então ele veio pegar as bananas despencadas... e ele faz faculdade. E ele passa aqui.
F2: E isso marcou para nós.

F1: E ele pede: tem umas trincadinhas? E eu já deixo para ele.

F2: Isso marcou para nós, tem hora que nos vê, já deixa a banana despencadinha para ele.

F2: Ele faz bolo, mora aqui com o irmão numa casa, que os pais não é daqui. Ele faz bolo e traz para ela (F1)

No fragmento 087 também se observa outra prática usual pelos feirantes e fregueses: cada dia de Feira, ao colocar e arrumar os produtos na banca, normalmente ficam separados alguns produtos que não estão em boas condições para venda, e às vezes se aproximam alguns fregueses solicitando essas sobras, dependendo do feirante e do freguês estas podem ser cobradas a um valor reduzido e outras vezes podem ser dadas de graça.

No caso apresentado, subentende-se que o freguês é uma pessoa com poucos recursos econômicos e solicita as “bananas trincadinhas” ou seja as bananas que não são expostas à venda. Estas bananas são dadas de graça pela feirante e o freguês retribui o favor trazendo bolo para ela. Entende-se que esta prática é usual, pois a feirante assinala: “tem hora que nos vê, já deixa a banana despencadinha para ele” desta forma criou-se um vínculo de amizade em que há ajuda e retribuição.

Alguns fregueses também trazem alguns presentes para os feirantes como nos excertos a seguir:

Feirante 1

E tem uma japonesa (...) ela vai ali no Shinai [nome de um sacolão de frutas e verduras perto da Feira], ela compra bolacha, ela compra as coisas e traz para mim, ela fala: eu gosto tanto de você, e traz bolacha e traz bala. Agora, a coitadinha tinha que visitar ela porque diz que não está conseguindo andar mais. Então eu tinha que ir a visitar ela. Mas você precisa ver, você pega muita amizade.

Feirante 10:

Dona Filomena (...) agora no final de ano ela trouxe um panetone (...), então pense, eu tenho clientes... por isso que eu falo para você, a feira é tão maravilhosa, me deixa tão feliz.

Mas assim como tem clientes que agradam aos feirantes, também existem aqueles que os fazem sentir desrespeitados, como no fragmento a seguir:

Feirante 7:

(088) O clima acho que para o agricultor nesta questão nossa aqui, o clima ruim ajuda. Porque você sendo um profissional bom, você sai e você ganha. O clima ajudando, todo mundo entra e estraga o valor, estraga o preço. Então assim, para nós eu acho que dá, nessa questão aqui, o clima ruim ajuda. Quanto mais ruim para produzir você é o profissional você produz e vende, igual o médico, aquele médico que não estudou, que não é bom, vai trabalhar no postinho ganhando um salarinho, o que é bom, que vai cobrar uma consulta 200, 300 reais todo mundo manda consultar com ele e acabou, concorda comigo? É por aí. Ai você é xingado muitas vezes de ser um

ladrão, que na hora que está difícil de produzir, o cara vem e te xinga porque subiu o preço, e começa a falar.

E: E como é seu relacionamento com os fregueses?

F: Amizade, né? Depende do freguês, né? Tem hora que você tem de engolir um sapo. Mais essa questão do freguês é... é lógico, freguês bom tem de tratar bem, né? Acho que mau freguês se ele é bruto, como já aconteceu de te xingar, xingar de ladrão, eu acho que aí não dá, é duro, né?

E: E já aconteceu casos assim?

F: Já, já xingou meu filho de trombadinha, pessoas de idade porque ela acha que é de idade tem que ter respeito, né? Não é por aí, né? Já xingou meu filho de trombadinha, já falaram em minha cara que estou roubando. Quando falam que está roubando, você é ladrão, né? E já ouvi muito, e geralmente falo para você que é pessoa de idade, ele acha que tem muito direito, não é por aí também né? Infelizmente eu ouvi muito disso aí.

No excerto 088 o enunciador, no início do fragmento, comenta como influencia o clima no preço dos produtos, para ele “Quanto mais ruim para produzir, você é o profissional você produz e vende”. A palavra “profissional” indica uma pessoa que tem uma ocupação especializada, ou seja um especialista, um conhecedor, assim no fragmento se subentende que o enunciador conhece as artes de produzir em climas adversos, enquanto os que não detêm este conhecimento não conseguem produzir. Assim, este conhecimento proporciona maiores lucros para o enunciador, pois nessas circunstâncias acaba tendo menos concorrentes. Pelo contrário, estando o clima bom, muitos mais agricultores conseguem produzir e para o enunciador isto “estraga o valor, estraga o preço”. O léxico “estragar” representa uma diminuição do preço, assim podem ser distinguidas nessas frases o discurso econômico da lei da oferta e da procura.

Na continuação do relato, o enunciador expressa que por subir o preço destes produtos, muitas vezes é ofendido. Os léxicos utilizados, “ladrão” e “trombadinha”, ambos são associados ao ato de roubar. A palavra “trombadinha” é uma gíria que designa um menor de idade que pertence a grupos de assaltantes de rua. Desta forma subentende-se que o aumento do preço dos produtos não é aceito por alguns fregueses, os quais o associam com a ação de “roubar”, ou seja, se sentem despojados pelo feirante de um dinheiro (valor incrementado) que não corresponde ao valor normal do produto.

No fragmento a seguir o enunciador assinala uma das causas que desestimula a continuidade de seu trabalho como produtor e feirante:

Feirante 7:

(089) E: E de que o senhor não gosta de trabalhar na Feira?

F: Hoje?

E: Antigamente, e hoje também.

F: Eu acho que a reclamação do ser humano, que é muito reclamão da comida. Entendeu?

E: Os fregueses?

F: É raro lógico, é o 5%, mas é o 5% aquele que reclama demais, né? Infelizmente, da comida. Talvez se ele paga a prestação de um carro, vamos dizer assim, de uma Hilux, R\$130 000.00 e paga seguro IPVA [Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores], e da comida que ele gasta uma merreca, vamos dizer assim, uma mixaria, ele reclama demais entendeu? Você sobe, que nós não sobe o preço, nós atualiza, nós sobe e volta entendeu? Acho que o único produto que sobe e abaixa, sobe e abaixa, isso aí. Isso acaba te estressando, acaba te irritando, entendeu?

E: Então não pode subir o preço?

F: Não existe, não tem, é o mesmo que você comparar: nós vende um produto a cinquenta centavos, depois apanhar dois, depois volta a um e cinquenta, depois volta para um real. Um real não é mais preço, não é dinheiro, na minha opinião, hoje um real, sinceridade, não é valor mais. Não vamos comparar com o pastel, que já está quase quatro reais. Essa é uma das coisas que desanima muito, né? E tem muita produção, entendeu, a produção está demais. O governo incentiva o agricultor familiar demais, esse é meu ponto de vista, ele incentivou o agricultor familiar demais, deu condições para muitas pessoas entrarem no mercado e a concorrência aumentou, isso virou o bom preço do alimento, né? Vamos dizer assim, para se manter a produção em baixa, esse é meu ponto de vista, isso desanima.

E: E que o senhor faz enquanto isso, tem outra saída, tem outro plano?

F: Não, por enquanto não, gostaria que meus filhos saíssem disso, né? Não queria para eles.

No fragmento 089 o enunciador, produtor de hortaliças, mostra sua inconformidade pela reclamação de alguns fregueses pelo preço da comida, e entende isto como uma incoerência da sociedade, pois o freguês pode gastar muitos milhares de reais para adquirir um automóvel como o “Hilux”, mas se queixa de pagar uns centavos por adquirir uma hortaliça, o que expressa com as palavras: “da comida que ele gasta uma merreca, vamos dizer assim, uma mixaria, ele reclama demais entendeu?” O léxico “merreca”, que é uma gíria utilizada para expressar muito pouco ou insignificante e “mixaria”, que indica uma coisa de pouco ou nenhum valor, levam a subentender que o enunciador considera seus produtos desvalorizados, o que expressa explicitamente na expressão: “Um real não é mais preço, não é dinheiro, na minha opinião, hoje um real, sinceridade, não é valor mais”

Subentende-se que o enunciador aprecia o valor de seus produtos como insignificantes, pois a quantidade obtida pela venda de um dos seus produtos vendidos a um real não alcança para realizar a operação de troca com outro produto como o pastel que custa quatro reais, e menos ainda para comprar um carro “Hilux”. Desta forma, observa-se que o enunciador se refere ao valor econômico sustentado pela ideologia capitalista, onde existe um paradoxo entre valor de uso e valor de troca já observado por Smith (2007, p.26):

Não há nada de mais útil que a água, mas ela não pode quase nada comprar; dificilmente teria bens com os quais trocá-la. Um diamante, pelo contrário,

quase não tem nenhum valor quanto ao seu uso, mas se encontrará frequentemente uma grande quantidade de outros bens com o qual trocá-lo.

Observa-se então que o enunciador percebe este paradoxo, pois seus produtos, muito necessários para a sociedade, já que trata-se de “comida”, tem um valor quase insignificante pois quase não tem valor de troca. Ainda o enunciador assinala que as políticas dadas pelo governo para estimular a agricultura familiar só estão gerando um aumento da concorrência, e com isto diminuindo mais o valor dos produtos. Desta forma, o enunciador manifesta o seu desânimo para dar continuidade no seu labor de produtor e feirante, assinalando isto na expressão: “gostaria que meus filhos saíssem disso, né? Não queria para eles”

Por outro lado, existem também casos de descontentamento com os fregueses:

Feirante 10

Tem cliente que chega, aperta a tua fruta, eu fico lascada com isso sabe? Às vezes eu comento: amiga não pode fazer assim, né? Porque você aperta, depois o outro, outro chega aperta, quando chega no fim, depende da coisa, está tão amassada que... mas ela não vê desse jeito, né? Então é assim.

Mas usualmente mesmo diante dos erros dos fregueses, os feirantes procuram dar-lhes a razão.

Feirante 5:

(090) (...) a gente sempre procura minimizar a coisa. Mesmo que a gente vê que o freguês está errado, ele tem razão, né? Então a gente brinca.

Feirante 13:

(091) E: E no caso do cliente ser mal educado? Tem acontecido casos assim?
F: O cliente sempre tem razão, você tem que sorrir. Quando a coisa acontece passa sobre o limite, os outros clientes tomam as dores da gente.

Nos fragmentos 090 e 091, os enunciadores assinalam explicitamente que o “cliente sempre tem a razão”, esta hipérbole que expressa um favorecimento incondicional ao cliente é muito usada nas áreas de vendas e marketing, e é parte de um discurso que é praticado normalmente para manter o bom relacionamento e a fidelidade do cliente. Assim observa-se que os enunciadores executam este discurso fortemente, como se observa no fragmento 091, onde mesmo um freguês ser mal educado com o feirante, este último sorri, ou seja, mostra-se favorável, o que representa uma incoerência. Assim pude notar a forte presença deste discurso, que coloca por cima de tudo o atendimento ao cliente e modifica o comportamento dos feirantes.

Deste modo, observei que o bom atendimento está muito presente nos discursos e práticas dos feirantes. E este bom atendimento somado à oferta de produtos de qualidade às

vezes chega a expandir a área de abrangência da procura dos produtos dos feirantes, geralmente por intermédio dos fregueses. De tal modo, muitas vezes chega a ultrapassar as fronteiras do estado e do país, como assinalam os excertos 092 e 093. Isto acontece geralmente com os produtos processados, como artigos de bambu, conservas, produtos defumados, entre outros, que a legislação permite sua circulação dentro do país como no exterior.

Feirante 5:

(092) (...) tem hoje de pouco mesmo peguei uma senhora, ela mora aqui, os pais moram lá em Mato Grosso, então cada 15 dias mais ou menos ela vai para lá, ela passa aqui e leva todas as coisas que a gente tem para lá. Meus produtos já viajou para frente. No começo ainda tinha os clientes que, aquele tempo que o pessoal começou a ir para Alemanha, para Portugal para trabalhar fora, nossa! o pessoal quando a família ia para lá, levava, vinha aqui, pegava minhas coisas, levava para lá, né? Então eu falo, eu faço as conservas bem típicas de japonês. Têm senhoras que moram aqui, que iam na casa das filhas lá no estrangeiro e levava para lá.

Feirante 9

(093) O que mais marca a gente é que vem gente de fora, talvez de outro país, e compram nosso produto, elogia. Tem coisa melhor do que isso? Isso aí marca para qualquer um, né? Para você ver, pessoa vem do outro país, leva para outro país, vem buscar: meu filho está lá nos Estados Unidos gostou, amigos dele pediram, foi levando um monte. Tem coisa melhor do que isso? Isso daí marca. Acho que isso daí é uma das melhores coisas que me marcam daqui da feira. (...) A gente saiu na mídia também, né? A gente conseguiu chegar até em outros países através da (...) Maria Braga, que botou nosso produto. Meu irmão, que está em Japão viu por internet lá. Todo isso marca a gente também, né? Que é um produto está sendo divulgado, está sendo valorizado. Então isso aí, é uma das melhores experiências que a gente teve aqui, né? (...) lembrança minha é isso daí, a gente, né? Tem nossa organização, todo ano nós fazemos festa com o pessoal, nós temos essas coisas, fora disso é o freguês de fora, esse pessoal que lembra da gente lá longe. Então eu acho que essa é a melhor lembrança que eu tenho da feira, do negócio da gente, né? (...) tenho clientes fieis de fora do estado, de fora, igual hoje veio daqui de Minas, vem de lá do Nordeste, tem cliente fieis daqui mesmo (...)

No fragmento 093 subentende-se que para o enunciador a abrangência nacional e/ou internacional da movimentação ou visualização de seus produtos outorgam-lhe muita satisfação, pois sente ser valorizada a sua produção em outras regiões do Brasil e do mundo.

Ainda o enunciador comenta que possui clientes fieis de diversos estados do Brasil os termos “clientes fieis” denotam aqueles clientes que habitualmente compram da sua barraca, e não mudam para outros possíveis concorrentes, ou seja, o enunciador tem clientes que

preferem comprar da sua barraca da Feira do Produtor de Maringá antes de comprar em outros lugares do Brasil.

Outro ponto importante neste relacionamento entre feirantes e fregueses é o intercâmbio cultural que existe entre estes. Como pode ser observado nos seguintes fragmentos:

Feirante 15

(094) E: Que coisas que aprendeu na Feira?

F: Principalmente a socialização, isso para mim é fundamental e para todos aqueles que estão aqui, porque uma coisa era você saber que seu produto era bom, outra coisa é o prazer de ouvir isso de outras pessoas e elas valorizar você, ou seja, você ter contato com pessoas que você não tinha e não teria como ter estando lá na lavoura só, é convivência, é participação, socialização (...) por menor que seja o contato, a experiência sempre existe na mudança. Educação, talvez você não tenha certa educação, (...) não na forma de educação porque você sabe que aqui tem pessoas que não dão muita importância para a educação e ao mesmo tempo você tem contato com pessoas que leva muito a sério isso, e pessoas altamente educadas, nós temos contato aqui com inúmeras pessoas aqui de diferentes categorias, então a gente aprende muito, erra e aprende, e errando que a gente aprende, muitas vezes a gente não chega a errar, mas muitas vezes a gente erra, e percebe que você errou, porque você percebe na convivência com as pessoas que você tem que mudar, você tem que criar novas formas para atender bem aquela pessoa para deixar ela feliz, na simples maneira de você, mesmo que não compre o seu, vá embora se levando uma imagem boa de você isso daí é importante isso daí que nós aprendemos e continuamos aprendendo.

No trecho 094 o enunciador assinala que graças à socialização que tem na Feira ele interage “com inúmeras pessoas (...) de diferentes categorias” tendo novas experiências, e mudando constantemente o que expressa na frase “você percebe na convivência com as pessoas que você tem que mudar, você tem que criar novas formas para atender bem aquela pessoa” Assim os clientes, que interagem distintamente com o enunciador, deixam novas experiências para futuros aprendizados.

Por falar em aprendizagem, eu mesma, trabalhando em minha observação participante na barraca da Dona Filomena, aprendi muito e vi como há episódios de trocas da cultura rural. Ela mostrava seus produtos e seus saberes para os fregueses que participam da Feira, pois se não existisse a Feira, muitos fregueses, assim como eu, provavelmente não conheceriam o jatobá e o broto de bambu, por exemplo:

(095) (...) Hoje a dona Filomena trouxe um produto que nunca tinha visto chamado jatobá, assim o seu Joaquim me explicou que o jatobá é um fruto nordestino que é mais consumido em pó. Ao terminar de organizar os jatobás, encontrei uma casca quebrada e sem fruto, então me direcionei a jogá-la fora, no lixo, mas seu Joaquim me falou que a casca do jatobá era

utilizada como remédio para a pneumonia, então era aproveitada, então voltei e coloquei a casca junto com os outros jatobás. No transcurso da tarde, percebi que não era só eu que não conhecia esse fruto, mas muitas pessoas que passavam na barraca perguntavam, que era isso? E o seu Joaquim ou a dona Filomena respondiam. (...) Hoje trouxeram quatro grandes brotos de bambu, mas esse produto vira uma atração, porque senhores e crianças ficam curiosos por saber, o que é isso? Pois nunca antes tinham visto e fazem questão de esperar para perguntar de que se trata. Assim, dona Filomena explica como é o pé de bambu, como se colhe o broto e até como se prepara (Diário de campo).

E finalmente uma das práticas que antes existia na Feira era o sorteio de prêmios para os consumidores da Feira, muitas das vezes eram cestas de produtos da Feira, e em datas especiais eram aparelhos de televisão, entre outros.

Figura 15 – Promoção prêmios de Natal



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (2005)

Figura 16 – Prêmios a serem sorteados



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (2005)

Figura 17 – Promoção prêmios de Natal – Sorteio de cupons



Fonte: Arquivo pessoal de Kataoka (2005)

4.2.7 Relacionamento da Feira com a comunidade

A Feira do Produtor de Maringá, por ser um ponto de encontro da cidade, é palco de muitas atividades em prol da comunidade maringaense.

Feirante 13:

Um dos acontecimentos mais marcantes que tive eu enquanto presidente, foi o lançamento das sacolas retornáveis que a gente fez, foi um acontecimento, a gente teve a prefeitura, toda a imprensa em cima, todo mundo em cima. Foi um dos acontecimentos que eu achei mais marcante para a gente. (...) A gente soltou na imprensa, e a mídia trouxe todo mundo, foi bastante legal, estava todo mundo junto com o prefeito e a primeira dama, na época do Silvio foi bastante legal, bastante marcante.

Como resultado desta campanha das sacolas retornáveis obteve-se uma quantia em reais que foi doado ao Provopar (Programa do Voluntariado Paranaense), tal como assinala Maringá (2010 s.p.):

O Provopar de Maringá recebeu (...) um cheque no valor de R\$ 1.650,00 da Associação da Feira do Produtor de Maringá. A doação faz parte da renda obtida com a venda de sacolas retornáveis pelos produtores associados, uma campanha para a retirada das sacolas plásticas do meio ambiente.

Assim, fica evidenciado que a Feira do Produtor contribui com o desenvolvimento da comunidade maringaense, e no caso apresentado teve o intuito de ajudar a preservar o meio ambiente e ao mesmo tempo ajudar uma entidade beneficente.

Também existem atividades esportivas realizadas na Feira, como a realizada pelo Movimento Saúde da RPC TV (Rede Paranaense de Comunicação):

Figura 18 - Aula de tai chi chuan na Feira do Produtor de Maringá



Fonte RPCTV (2013a)

Em reportagem da Rede Paranaense de Comunicação, foi assim ressaltado:

(096) O Movimento Saúde marcou presença na Feira do Produtor, em Maringá. Quem compareceu à feira foi surpreendido com a aula de tai chi chuan promovida pela campanha da RPC TV. (...) Entre uma compra e outra, os consumidores que passavam pela feira foram convidados a relaxar. O tai chi chuan é uma arte oriental milenar, que promove integração entre corpo e mente por meio de movimentos suaves, equilíbrio e contemplação (RPC TV, 2013a, s.p.).

A Feira do Produtor não é apenas um centro de comércio, mas ao ser um ponto de encontro, é aproveitado por diversas instituições para realizar programas ou campanhas para o benefício da população, assim como foi o realizado pelo Movimento Saúde no fragmento 096. A partir do relatado pela instância enunciativa: “Quem compareceu à feira foi surpreendido com a aula de tai chi chuan”, enxergo que estas surpresas são frequentes, pois em muitas edições da Feira acontecem nesse espaço atividades diferenciadas, procurando o crescimento da comunidade, como pode ser apreciado na figura 19, que trata de uma apresentação teatral na Feira do Produtor de Maringá:

Figura 19 - Apresentação teatral na Feira do produtor de Maringá



Fonte: RPCTV (2013b)

Além destas atividades, houve muitas outras, como a apresentação de filmes do Festival de Cinema da cidade, espetáculos como “Andarilhos de Cordel” e outros eventos como os pedágios ecológicos. Os pedágios ecológicos, promovidos em parceria com o Centro Brasileiro de Cursos - Cebrac e a Secretaria do Meio Ambiente foram desenvolvidos com o intuito de incentivar a reciclagem na cidade, desta forma foram trocados na Feira do Produtor de Maringá materiais recicláveis por sacolas para fazer as compras.

Desta forma a Feira se converte num espaço de inúmeras práticas, comerciais, esportivas, artísticas em que participam crianças, jovens e adultos. Assim, esta Feira é mais que uma Feira, é um lugar de integração da cidade.

Ao rever meu diário de campo, no entanto, vejo que a integração não é só da cidade, mas que em pequenos detalhes, se integra nela a cultura do campo:

A barraca de dona Filomena fica bem próxima de um artista músico que participa de muitas edições da Feira, e interpreta muitas músicas sertanejas da região. Assim, na Feira, se cria um ambiente muito diferenciado na cidade, parece que todos estão mais próximos do rural, pois além de poder apreciar visualmente muitos dos produtos da região, também podem escutar as suas músicas (Diário de campo).

Em suma a Feira é um espaço que reúne um sem fim de possibilidades ao misturar práticas da cidade e do campo.

Finalmente resta assinalar que a Feira do Produtor de Maringá também participa das redes sociais por internet possuindo um perfil no *Facebook*.

Figura 20 - Perfil da Feira do Produtor de Maringá no Facebook

Fonte: Feira do Produtor de Maringá (2014)

Neste *website* a Feira do produtor divulga notícias sobre as tendências do clima, dicas sobre alimentos, preservação do meio ambiente, entre outros, e está disponível para a comunidade em geral.

4.3 INFLUÊNCIAS DAS MUDANÇAS IDENTITÁRIAS NO COTIDIANO DOS FEIRANTES

Depois de cinco meses em campo, finalmente me senti mais segura em interpretar a identidade da Feira do Produtor de Maringá, a partir de todos os dados, depoimentos e observações que havia feito sobre as estratégias e táticas, ou seja, as práticas cotidianas dos feirantes naquele ambiente. Ao falar das identidades da Feira do Produtor de Maringá procurei compreender como os diferentes discursos, os acontecimentos históricos, as memórias dos feirantes e as relações de poder foram criando e modificando a identidade da Feira, assim como seu cotidiano. Finalmente, pude também compreender a questão das “panelinhas” que havia abordado em outro momento deste trabalho, como algumas questões que foram silenciadas ao longo da existência da Feira, e de que modo isso afetou sua identidade. Logo, nesta seção fiz a ligação de como estas mudanças identitárias foram influenciando no cotidiano dos feirantes, a partir da manifestação de suas táticas e estratégias.

4.3.1 Período de 1982 – 1995

A Feira do Produtor de Maringá, como já foi mencionado, nasce da iniciativa dos técnicos da Emater, e do trabalho conjunto de muitas outras instituições. Mas a Emater, no início da Feira desenvolve um papel bem abrangente, pois foram seus técnicos que trouxeram os primeiros regulamentos para a Feira, convidaram seus participantes, os incentivaram a continuar, brindaram assessoria técnica e trabalharam na coordenação da Feira. Assim entendo que a Emater tem um papel regulamentador, organizador e de assessoria.

Destarte, percebo que neste início, os discursos dominantes eram promulgados pela Emater, sendo estes:

- A Feira é um bom negócio: Esta frase já analisada no fragmento 018, é um discurso que estimulava, incentivava os pequenos agricultores para participar da Feira, onde teriam um ganho a mais.

(...) aí corremos atrás dos produtores para que os produtores realmente passem a participar de uma feira, onde o trabalho mais cansativo foi esse de convencer o produtor que a Feira era um bom negócio (Fragmento 018).

- A Feira é uma opção que foi conquistada: Esta frase analisada no fragmento 022 é um discurso mencionado para os feirantes não desistirem da Feira, para valorizar essa opção de venda direta ao consumidor.

(...) começamos a fazer um trabalho de conscientização junto aos produtores desta grande opção que eles tinham conquistado (Fragmento 22).

Neste primeiro momento observo que a Feira é considerada um empreendimento com incertezas sobre seu sucesso futuro, por isso precisou de discursos que pudessem convencer os feirantes de participar e continuar nesse empreendimento. Este projeto de uma feira de produtores se dava pela primeira vez no Estado do Paraná, o que aumentava ainda mais estas incertezas.

A Feira começa funcionando só aos sábados, contava com poucos produtores participantes, segundo a maioria dos entrevistados tinha em média de 15 a 20 barracas, assim, se dá início à formação do grupo de feirantes, mas um detalhe importante é assinalar que os feirantes só compareciam à Feira enquanto tinham produção, e esta no início era limitada, existindo temporadas em que estes não compareciam por falta de produtos, desta forma não se tinha uma constância na participação dos produtores na Feira, ou seja, a interação entre eles

era muito menor do que hoje. Ainda segundo o engenheiro da Emater entrevistado, como foi visto no fragmento 055, desde o início da Feira existiram divergências de pensamentos, ou seja, “aqueles do contra”, o que evidencia a falta de coesão, e mostra que o grupo não era compacto, era fragmentado.

Outro ponto que considero relevante salientar é a presença da distinção que demarca os feirantes entre eles, sendo uns os “brasileiros” e outros os “japoneses”. Como já foi assinalado, existiam sim alguns feirantes japoneses, mas na sua maioria eram brasileiros descendentes de japoneses. No entanto, mesmo assim, se distinguiam dos outros “brasileiros” pelos traços físicos e culturais que conservavam da etnia japonesa. E no começo esta divisão era ainda mais notória como expressa o enunciador a seguir, pois 50% tinha esses traços identitários.

Feirante 18:

Primeiro (...) participante era metade japonês e metade brasileiro (...). Hoje japonês tem pouco, japonês não tem 30%, maioria brasileiro.

Assim, percebo que desde o início da Feira existiam sistemas classificatórios, “japoneses e brasileiros”, e ao mesmo tempo observo as contradições que habitam no interior das identidades, pois no nível individual, os descendentes de japoneses responderiam que eram brasileiros, mas no coletivo, integrando esse grupo de feirantes, eram japoneses.

Por outro lado, a estrutura física da Feira era precária, muitos não tinham cobertura e improvisavam as suas bancas, desta forma não outorgava condições básicas de conforto e segurança para os feirantes. Nestes primeiros anos os relatos dos feirantes narram muitas artes de fazer, criações do dia a dia. Criações que vão desde a improvisação das barracas, até os pequenos detalhes que tratam do relacionamento com as pessoas, pois muitos dos produtores que estavam mais acostumados com as tarefas do campo, começam a ter um contato maior com o centro urbano. A maioria tinha dificuldades para se relacionar com os clientes, não possuía conhecimentos sobre vendas, não sabia negociar, e alguns até tinham vergonha de mostrar seus produtos, tal como expressou o enunciador do fragmento 024. Assim, sábado a sábado os feirantes adquiriam novos conhecimentos, novos saberes, se recriando, evidenciando as riquezas do cotidiano, apontadas por Lefebvre (1978) onde opera a renovação incessante dos homens. Um exemplo destes novos saberes que se aprendem no cotidiano se observa a seguir:

Feirante 6:

A primeira vez que eu vinha vender ervilha, eu vendia em saquinho plástico, eu já trazia pesadinho de casa, né? Mas dentro do saquinho, mas saquinho

fechado. E naquele tempo não tinha barraca, mas tinha banca, e era tempo de inverno e eu pus aqueles saquinhos em cima da banca e embaçou tudo, ninguém sabia o que tinha dentro, ficou tudo embaçado assim, e ninguém sabia o que tinha dentro, e aí eu via a barraca dos outros tudo cheio de gente e eu como só tinha ervilha toda embaçada ninguém sabia, e eu morria de vergonha, né? Porque a banca do pessoal tudo cheio e a minha nada, porque ninguém sabia o que estava vendendo. Daí uma japonesa me falou: Você tem de jogar essa ervilha na banca e deixar o pessoal escolher. Mas eu estava quase indo embora, porque não vendia nada. Daí eu abri os saquinhos pus na banca aí o pessoal escolheu. Isso foi uma coisa que me deixou marcado na Feira, foi isso daí. Primeira vez, você morrendo de vergonha, né? E na sua banca ninguém, e na dos outros tudo cheio de gente, mas depois funcionou, daí funcionou, eu vendia 200, 300 kg de ervilha por Feira, né? Era o único que tinha, né? E eram 15 feirantes só e muito comprador, muito freguês. Daí pegou embalo.

Por outro lado, as atividades da Feira desde o início foram realizadas na base de um regulamento interno, o qual denotava que o requisito essencial para participar da Feira era ser produtor (com exceção das barracas de pastel, batata e cebola). Vale mencionar que neste início todos os participantes possuíam os mesmos direitos e deveres. Já existia uma comissão organizadora, segundo Rodante (1985), esta era composta por cinco feirantes, eleitos por votação secreta pelos mesmos feirantes participantes e se encarregavam de velar pelo cumprimento do regulamento oficial da Feira, orientar aos participantes, e organizar reuniões com os participantes da Feira para tratar assuntos de interesse geral.

Outro ponto que considero relevante mencionar é que a Feira, desde a sua primeira edição, teve sucesso em vendas, pois a demanda era muita e os feirantes conseguiam “vender tudo”, assim, semana a semana de boas vendas, firmaram a Feira como um “bom negócio”, o que pode ser observado, quando o enunciatador que ingressou na Feira um ano após sua inauguração ainda vivenciou esta grande procura pelos consumidores maringenses:

Feirante 18

(098) E: E como a Feira foi crescendo?

F: Aqui vai crescendo quando convidar, porque feira de Maringá tava bom, movimento muito bom, porque tudo que nós trazia vendia tudo, não sobrava nada, naquele tempo. Então o outro viu e falava: Nossa! A Feira está bom, vende tudo, porque freguês vêm tudo. E naquele tempo é barato também, todo mundo vendia barato também, hoje organizou mais, caprichou mais, então os preços estão mais ou menos, né?

No excerto 098 o enunciatador, relata que a Feira foi crescendo enquanto convidavam outros produtores a participarem dela. Na expressão “Então o outro viu e falava” encontra-se uma personagem oculta, “o outro”, entendendo implicitamente que o léxico “outro” representa

outros produtores não participantes da Feira. Destarte, subentendo que a Feira foi crescendo porque foi-se espalhando entre os produtores que a Feira efetivamente “tava bom” (era um bom negócio), pois os feirantes conseguiam vender tudo o que traziam, assim quando os “outros” eram convidados a participar, aceitavam o convite e compareciam na Feira.

Desta forma, segundo Rodante (1985), após três anos de Feira, esta já apresentava mudanças, pois, segundo o autor, os produtores aumentaram a sua produção, e 48% dos produtores que assistiam regularmente à Feira eram novos na atividade de produção de hortigranjeiros. Isto demonstrava para Rodante (1985) que a Feira do Produtor de Maringá chegou a influenciar indiretamente aos pequenos proprietários rurais para a diversificação de culturas, ou seja, segundo percebe, esse discurso que a “Feira é um bom negócio” chegava a influenciar outros pequenos produtores que não trabalhavam com esse mercado, assimilando então essa nova produção para poder fazer parte desses bons resultados que outorgava a Feira por meio da venda direta ao consumidor.

Outro ponto importante que Rodante (1985) assinala é que após três anos de funcionamento da Feira, o autor constatou que 80% dos participantes assistiam todos os dias de Feira. Assim, com uma assistência mais regular do grupo de feirantes, entendo que cresceram as interações entre eles, e desta forma aumentaram as possibilidades de reconhecerem-se como semelhantes ou diferentes entre estes.

Ainda, conforme Rodante (1985), nestes três anos, muitos dos feirantes melhoraram sua situação econômica, mediante acumulação de capital que se podia constatar em fatos como: instalação de energia elétrica na sua propriedade agrícola; aquisições e ampliação de sistemas de irrigação; substituição do veículo de tração animal pelo motorizado; melhoria no sistema de transporte das mercadorias com a substituição de veículos velhos por outros de mais capacidade; parte dos produtores conseguiu reter reservas de capital para eventuais necessidades.

Cada um destes fatos observados por Rodante (1985), segundo enxergo, tem um grande impacto no cotidiano dos feirantes e da Feira, tal como no caso da instalação da energia elétrica, pois esta melhora a qualidade de vida dos produtores, conforme assinala Cruz *et al* (2004):

- A iluminação elétrica permite variadas atividades noturnas domésticas entre elas estão os estudos, o lazer e o trabalho.
- Tem-se acesso a eletrodomésticos, bombas de água e não se depende muito do consumo de lenha.

- A saúde se vê beneficiada com o uso de chuveiros elétricos e geladeiras para a conservação dos alimentos.
- A educação é favorecida com a possibilidade de realizar cursos noturnos, e a utilização de aparelhos eletrônicos.
- Com a eletricidade a população tem maiores opções de integrar-se com a nação por meio da televisão, rádio e outros equipamentos de comunicação.
- Propicia maior produtividade agrícola, possibilitando: melhorar a irrigação; realizar drenagens de áreas inundadas; conservar produtos, entre muitos outros.

Assim, só o fato de instalar energia elétrica na propriedade dos feirantes gera múltiplas mudanças no seu cotidiano, pois novos saberes e fazeres são aprendidos, e muitas práticas do dia a dia são abandonadas e substituídas por outras, como o uso de lampiões e seu manejo é trocado pelo uso da lâmpada.

Entre as outras aquisições apontadas por Rodante (1985) se encontravam: a ampliação do sistema de irrigação, a qual aumenta a capacidade de produção, conseqüentemente a capacidade de vendas e finalmente de retorno econômico; a substituição de veículos de tração animal pelo motorizado outorga maior conforto, segurança, rapidez e praticidade para os feirantes; e melhorias no transporte das mercadorias, possibilitam ao feirante preservar a qualidade de seus produtos.

Portanto, observo que a Feira serviu para brindar melhores condições de vida aos feirantes, pois sem esta, muitos dos seus participantes, pelas circunstâncias histórico/socioeconômicas desfavoráveis do meio rural, teriam provavelmente sido obrigados a deixar suas propriedades. Desta forma, distingo que essas melhorias assinaladas por Rodante (1985) ajudaram aos feirantes a continuar acreditando no seu labor de produtores, tal como assinala o fragmento a seguir:

Feirante 15

(099) Tem pessoas aqui que talvez (...) faça isto daqui (...) simplesmente agregando, ele não precisaria, não sei se tem alguém aqui que faz isso, mas eu arrisco dizer que a maioria aqui faz como uma necessidade mesmo, porque na pequena propriedade ele não conseguiria sobreviver. Como a pequena propriedade que nós mudamos, a nossa história de como nós estávamos, nós tínhamos café, hoje não temos mais e a lavoura mecanizada, o pequeno produtor, ele não consegue ter um trator para ele, ele não consegue, então a hora que ele paga, tudo que vai fazer desmotiva (...) demorou muito, em minha opinião, para chegar o conforto de energia nos sítios, hoje é uma maravilha, mas se nós olharmos aí, uns bons anos atrás ali, talvez tivéssemos tido o conforto que temos hoje muitos talvez morariam na zona rural ainda, e esse é o grande problema, então alguns que estão na zona

rural que descobriram essa forma de agregar na pequena propriedade com o trabalho juntamente com a Feira do Produtor, ele melhorou a sua propriedade, ele construiu uma casa melhor ou melhorou a sua casa e ele mora lá e está feliz da vida. Então isso tudo é coisa que a gente hoje fica muito feliz, então quem está fora da cidade, em outros municípios, nós temos municípios daqui tão longe, mais de 100 km até, que vem a explorar isso daqui, mas você vai ver a pequena propriedade deles, se eles não viessem para esta Feira aqui dificilmente, talvez ele não estaria mais na propriedade, talvez ele já tivesse vendido e explorado uma outra coisa, porque muda muito numa época a agricultura, tem época de lavoura branca e maquinários e coisas que o investimento é alto e muitos deles arrendavam a terra e não têm como pagar, essa é a verdade, na minha opinião.

No fragmento 099 o enunciador, citando o cenário histórico rural da região expressa: “a maioria aqui faz como uma necessidade mesmo, porque na pequena propriedade ele não conseguiria sobreviver” os léxicos “não conseguiria sobreviver” representam uma hipérbole, pois sim, existem muitos agricultores que subsistem da sua pequena propriedade apesar de todas as adversidades dadas na região. Mas o que subentendo deste fragmento é que para o enunciador a atividade agrícola diante desse cenário adverso não gerava condições de obter recursos suficientes para suprir muitas das necessidades dos produtores. Ainda, o enunciador revela suas memórias, narrando como os pequenos produtores ficaram desorientados na sua atividade, pois se antes tinham o café, agora não tinham mais, e a lavoura mecanizada, projetada para o desenvolvimento, também não era acessível para eles, desta forma os pequenos produtores se sentiam desmotivados, em outras palavras, sua identidade como agricultor ficava reprimida.

Porém, segundo o enunciador, por meio da Feira do Produtor de Maringá, os pequenos produtores participantes, conseguiram dar continuidade ao seu labor de agricultores, já que esta lhe possibilitava recursos para cobrir suas necessidades. Observo que a identificação deste enunciador com a Feira nasce de um contexto histórico, ou seja, o valor que tem a Feira para ele. O que representa a Feira para o enunciador está muito ligado a suas memórias, pois é nesta relação entre passado e presente que ele reconhece a Feira como altamente positiva por ter permitido, assim como a muitos outros feirantes, continuar sua atividade como produtor, não precisando abandoná-la.

Assim, observo que a Feira não é considerada só como um bom negócio, mas também como uma solução, um meio para continuar sendo um pequeno produtor. Mas dentro disto, percebo que existe uma representação ainda mais notória, que é a de ser um sustento. O que se mostra nos seguintes depoimentos:

Feirante 4

(100) E: Que representa a Feira para o senhor?

F: Para mim, na verdade, representa a minha vida. Meu sustento do dia a dia (...).

Feirante 5

(101) E: Que é a feira do produtor para a senhora?

F: Ah, para mim é tudo, porque daqui que nós tiramos nosso sustento (...). Hoje, muita gente que tem lavoura, mas não vive de lavoura, vive de Feira do Produtor.

Os léxico “sustento” no fragmento 100 e 101 indica fornecer do necessário para conservar a vida, assim a palavra vida e sustento se encontram entrelaçadas, pois para manter a vida precisamos sustentá-la, por isso as hipérboles: “representa a minha vida” e “é tudo” são utilizadas no sentido de mostrar a importância da Feira do Produtor como meio para a manutenção das suas vidas.

Por outro lado, muitos produtores para se sustentarem, entram na Feira trabalhando com produtos agroindustriais, pois criam pequenas fábricas dentro de sua propriedade para oferecer produtos como linguiças, defumados, queijos, conservas, pamonhas, entre outros. Eles ressaltam que ao entrar na Feira produziam a matéria prima principal desses produtos e foram orientados e fiscalizados pela secretaria da saúde.

Na sequencia histórica da Feira, os primeiros anos da década de 90 já comportavam, segundo entrevistas, uma média de 60 barracas, e apresentava uma melhor infraestrutura, mesmo ainda rústica e sem padronização. No ano de 1992 se deu início a primeira Feira noturna, sendo realizada consecutivamente todas as quartas-feiras. Esta inserção da Feira no meio da semana produziu mudanças especialmente no sentido produtivo dos feirantes:

Engenheiro da Emater:

(...) algumas mudanças maiores que aconteceram a gente poderia dizer que aconteceram dentro da propriedade, né? porque ele participando da feira ele perde 1 ou 2 dias da parte da produção, porque ele tem de ficar trabalhando na embalagem dos produtos para trazer para a feira, né? por exemplo, se ele participa da Feira da quarta, ele fica a manhã inteira preparando as mercadorias para poder trazer a Feira. E na época em que não participava da Feira ele usava esse tempo com outra atividade dentro da propriedade. Então mudou a sua rotina nesse sentido.

Além disso, para abastecer duas feiras por semana, o produtor teve que otimizar ainda mais a sua produção. Cabe lembrar que desde a criação da Feira, como foi assinalado, foram oferecidos, cursos, palestras, promovidas pela Emater, assim como tiveram o acompanhamento desta nas suas lavouras para aprimorar os conhecimentos dos feirantes com o intuito que este tenha melhorias na sua produção, na embalagem dos produtos e no

atendimento ao cliente. Assim, observo que com a inserção da Feira noturna muda o cotidiano dos feirantes, tanto nos aspectos da produção, como no tempo dedicado à Feira, intensificando-se ainda mais as interações entre feirantes, pois agora passam a se encontrar duas vezes por semana.

Estas edições da Feira noturna foram um sucesso e se enfatiza o discurso de Feira pioneira, pois ela já tinha sido a primeira feira de produtores do Estado de Paraná, e passa a ser também a primeira que adotou a modalidade noturna na cidade. O que pode ser observado nos seguintes depoimentos:

Feirante 14

(102) (...) inclusive quando começou a fazer a Feira noturna fui eu que puxei, um dos que puxou a Feira para a noite, né?. Ajudou a divulgar, era novidade, na época não tinha em Maringá feira noturna. Aqui foi a pioneira. Esta feira aqui do Produtor de Maringá, em todo o estado do Paraná, foi a pioneira feira do produtor, em todo Estado do Paraná. Então é referência Maringá. Qualquer cidade que você for, se tem feira do produtor, eles vieram aqui, né? Tiraram como base aqui e levaram para a sua cidade para poder também promover a agricultura familiar lá.

Feirante 5:

(103) Mas tem gente do Estado de São Paulo, vinha gente de Mato Grosso de toda cidade do Brasil, vinha ver, vinha ônibus, encostava ônibus aqui para ver as pessoas da lavoura, né? Vinha aqui para conhecer. Para servir de modelo (...) tem muito lugar que não foi adiante (...). Mas isso que nós temos servido de exemplo para o Brasil inteiro, porque no começo, nós estávamos na rota de turismo da cidade.

Mas, nos fragmentos 102 e 103 os enunciadores vão além de uma feira pioneira, falam de uma feira de referência, feira modelo, feira exemplar. Assim eles expressam sua identificação com a Feira do Produtor de Maringá, pois se sentem parte desse grupo, o que percebo quando a enunciadora do fragmento 103 fala na primeira pessoa do plural: “nós temos servido de exemplo para o Brasil inteiro”. Em suma, a Feira do produtor de Maringá, para muitos de seus integrantes não é uma Feira comum, ela é uma Feira de referência, uma Feira modelo.

Por outro lado, quanto às relações de poder, observo que a Emater neste primeiro recorte temporal da Feira, pode ser considerada como a instância detentora de poder sobre a Feira, pois desde o início foi ela que elaborou as primeiras regras da Feira o que, segundo o fragmento a seguir, continuou até se constituir uma associação.

Feirante 6:

E: Quem dita as regras?

F: (...) tem o presidente, né? e a comissão, né? Antes era o cara da Emater, né? Mas depois que virou uma associação daí o presidente, né? a gente faz umas reuniões decide o que vai ser, o que vai ter que ser feito, né? E daí ele dita as regras, tem de cumprir aquela regra que foi discutida em reunião.

Assim, entendo que a Emater com suas múltiplas funções dentro da Feira, regulamentação, coordenação, organização, assessoria, tinha o poder de decidir em muito o futuro da Feira.

4.3.2 Período de 1995 até a atualidade

Em 04 de julho de 1995 acontece uma profunda mudança identitária na Feira do Produtor de Maringá, pois cria-se a Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá – AFPRM. A AFPRM tem como base, segundo seu estatuto social de 28 de julho de 2003, a colaboração recíproca a que se obrigam seus associados, objetivando promover:

a) a organização, a manutenção da ordem e bom funcionamento da feira do produtor, bem como a fiscalização para cumprimento das normas estabelecidas no estatuto e no regimento interno.

b) o estímulo ao desenvolvimento e a defesa das atividades social, econômica e cultural de seus associados;

c) manter serviços de cadastro dos associados e;

d) a representação do interesse de seus associados.

A criação da associação trouxe inúmeras mudanças no cotidiano da Feira, trouxe muito mais elementos disciplinares, ficaram estipulados os direitos e deveres dos feirantes, agora chamados de associados, começa a ser cobrada uma mensalidade para cobrir as despesas do exercício, passa a existir a assembleia geral, ordinária e extraordinária. A Feira passa a ser administrada por uma diretoria composta pelo presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, e dois suplentes, eleitos pela Assembleia geral para um mandato de um ano. A diretoria é fiscalizada por um Conselho Fiscal. E se dá início à atividade eleitoral dentro da Feira, tendo eleições todo ano no mês de agosto.

A Feira então passa a ter dois instrumentos disciplinares tanto o estatuto social quanto o regulamento interno, desta forma os feirantes têm muitas regras a ser cumpridas. Destarte se apregoa o discurso:

- O que está escrito no estatuto é lei.

Engenheiro da Emater.

(104) E: Quem determina as regras de funcionamento da Feira?

T: O estatuto, existe um estatuto e um regimento interno, então a diretoria é eleita em cima desse estatuto, e aí sim a diretoria nomeia um grupo de fiscais, próprios produtores, e esses fiscais tem autonomia de autuar, notificar, quem não está cumprindo o estatuto. Então facilita muito o trabalho por causa disso, o que está escrito no estatuto é lei, e se ele não está seguindo aquilo lá, ele é notificado a primeira vez, depois suspenso por 30 dias, e se mesmo assim ele não cumprir o que está escrito, ele fica suspenso por um ano na participação da Feira do Produtor.

O enunciador do fragmento 104, que fala de uma posição de poder na Feira, pois é representante da Emater, expressa este discurso “o que está escrito no estatuto é lei”. O léxico lei denota uma regra obrigatória, ou seja, o que está escrito no estatuto tem de ser cumprido, não existem outras possibilidades, ou se cumpre ou se é punido, o que se expressa da mesma forma no seguinte excerto:

Feirante 12

(105) Tem um estatuto a ser cumprido, tem uma regra a ser cumprida, tem hora que um fica bravo, mas fazer o quê? (Fragmento 059)

No excerto 105, fica evidenciado que independentemente de concordar ou não, o estatuto tem de ser cumprido, não se tem outra escolha. Pois se um feirante não o cumpre, não o respeita, não o segue como assinalam os fragmentos 104 e 106, tem de arcar com as consequências, com as punições.

Feirante 9

(106) O estatuto é bem montado, então quem não respeita, tem as consequências que tem de aguentar. Mas isso não é um que vai falar, nem outro, isso é regimento interno já.

Então fica claro que a partir da passagem à associação, com a existência do estatuto, se aumentaram as estruturas disciplinares que operam gerando uma aparente estabilidade da ordem grupal. Assim, o estatuto e o regulamento interno são instrumentos que orientam os feirantes, indicando o que é aceito e o que é rejeitado dentro da organização, mas os feirantes podem ser capazes, como assinala Certeau (1998), de metaforizar a ordem dominante, de ter a capacidade de aceitar, rejeitar ou misturar estas prescrições segundo as suas conveniências, o que pode observar no seguinte depoimento:

Feirante 7:

E: E essas regras não mudam, ou mudam?

F: Disfarçadamente muda, debaixo do pano tem muita coisa aqui que se for pegar pelo estatuto está totalmente fora, do meu ponto de vista. Entendeu? Pelo estatuto da lei, se você for ver aqui dentro está muito, na minha opinião, está muito fora.

Outro fato muito relevante que observo é que à medida que a Feira do Produtor crescia e se firmava como um bom negócio (como uma forma do pequeno produtor adquirir mais ganhos por meio da venda direta ao consumidor) foram aumentando as solicitações de muitos pequenos produtores para fazer parte da Feira, até chegar num ponto em que a capacidade da Feira não comportava mais, originando-se uma grande lista de espera chegando a ser, segundo o enunciador abaixo, entre 150 e 200 solicitações.

Feirante 12

A feira do produtor é um grupo fechado, na verdade, se sai um feirante se pode colocar mais um feirante naquele ramo que ele seguia. Na época eu entrei porque estava faltando produtor de tomate. Então nós temos 150, 200 fichas no arquivo, se falta um produto que está faltando na feira e tem uma pessoa, essa pessoa é convidada a participar.

Então, com a existência dessa fila de espera se adota outra postura, se num começo os discursos eram dados para convencer os feirantes de entrar e não abandonarem a Feira, agora com uma grande fila de espera de produtores querendo participar, o discurso mudou sendo este:

- Não está satisfeito, vá embora deixa a vaga para outra pessoa trabalhar.

Este discurso dado, segundo a enunciadora do fragmento 107, pelo “agrônomo” (representante da Emater), o entendo como um apelo a se retirar, expressado nos léxicos: “vá embora”, em outras palavras, saia como membro da Feira, e deixe a sua vaga para outro que se sinta satisfeito com as imposições que se dão na Feira.

Feirante 5

(107) (...) é complicado, é igual presidente da república, prefeito da cidade, toda essa dificuldade, a gente passa pelo mesmo tipo de dificuldade porque quando faz as coisas e na cabeça da gente acha que é certo, tem gente que acha que aquilo não está certo, tem de ser de outro jeito, mas como nós temos um regimento interno, o que prevalece é aquilo que está escrito ali. Aí não pode falar eu não gosto aqui ou eu não gosto.... Se não está satisfeito, o agrônomo sempre fala: Não está satisfeito, vá embora deixa a vaga para outra pessoa trabalhar, por isso que isso aqui funciona muito rigoroso, né? (...) Porque fala assim, muita gente que o agrônomo sempre lembra as pessoas na reunião: quem não precisa da Feira então não precisa trabalhar,

fica em casa, dá vaga para outra pessoa que está precisando, né? Sempre fala.

No fragmento 107, observo a existência de divergências de pensamentos entre os feirantes, pois enquanto para uns está certo para outros era errado, assim percebo que não há uma identificação única, pois muitos integrantes se identificam com outras coisas, possuem interesses diferentes. Mas como a enunciadora expressa “temos um regimento interno, o que prevalece é aquilo que está escrito ali. Aí não pode falar eu não gosto aqui ou eu não gosto”, esta frase evidencia como as múltiplas identidades que existem na feira são reprimidas, são vozes silenciadas, ficando só a voz da parte que estruturou e aprovou as normas, sendo desconsiderados os outros pensamentos. E ainda sobre isto se incrementa o discurso: “Não está satisfeito, vá embora deixa a vaga para outra pessoa trabalhar”.

Desta forma, compreendo que as identidades que não coincidem ou que não se encaixam com as características exigidas nas normas da Feira, são fortemente abafadas, pois se estas se revoltam podem ser até expulsas, e a Feira, como já foi assinalado, não é uma opção que o produtor escolhe, para a maioria é uma necessidade, é o meio de sustento da sua vida. Assim ficam sem saída, tendo que submeter a sua identidade “diferente” àquela “normalizada” pelo estatuto.

Por outro lado, após a associação se constituir se dá mais ênfase ao discurso do associativismo:

Engenheiro da Emater:

(108) Acho que o maior problema hoje é essa questão do associativismo, o grupo todo entender que aquilo lá tem de ser em grupo.(...) E outro ponto que eu acho que é bastante forte em relação à Feira é essa ideia que o produtor tem que ter que sozinho, ele não é ninguém, ele sempre tem de trabalhar em grupo, e aí sim a Feira tem mostrado isso, não adianta ele querer, sempre brinco com eles, imagine você sozinho aqui na Feira, que você ia vender, não ia aparecer freguês porque você é uma banca só, agora se tiver dez, a mesma coisa, agora se tiver mais de 20 ou mais de 30 vai aparecer bastante freguês. Essa ideia que esses produtores têm que ter, então um dos pontos que sempre tem batalhado é esse lado, associativismo, trabalho em grupo para que esse grupo cresça.

Feirante 9

(...) nós somos um grupo tem algum que quer ser melhor do que o outro, mas no final todo mundo tem que entrar em acordo. Porque, como diz: a gente tem de trabalhar em associação, né? Portanto é um grupo. Sempre tem peça rara mas é... sempre vai resolvendo, né? Com o tempo tem problema não.

No fragmento 108 na frase “Acho que o maior problema hoje é essa questão do associativismo, o grupo todo entender que aquilo lá tem de ser em grupo.” O léxico problema indica uma situação muito difícil de ser resolvida, assim para o enunciador é muito difícil que os feirantes entendam que a Feira tem de ser em grupo, pressupõe-se disto que os feirantes não se articulam em grupo. Isso deixa subentendido, mais uma vez, que os feirantes não se identificam todos da mesma forma na Feira.

E na sequência, nas frases: “o grupo todo entender que aquilo lá tem de ser em grupo” e “essa ideia que o produtor tem que ter que sozinho ele não é ninguém, ele sempre tem de trabalhar em grupo” estas expressões assinaladas pelo enunciador (representante da Emater) defendem uma ideologia que prioriza a coletividade em detrimento da individualidade: “sozinho ele não é ninguém”. E esta procura pelo pensamento em grupo, pelo pensamento homogêneo, uniforme, como afirma Fernandes e Zanelly (2006) pode levar a uma perda da individualidade, já que o agir dos sujeitos podem passar a ser uma extensão do grupo.

Continuando na sequência histórica da Feira do Produtor de Maringá, quase paralelamente com a mudança da Feira para associação, também surgiram maiores controles de fiscalização, em especial para os feirantes processadores. Assim, como já foi comentado, mudanças na legislação sanitária afetaram radicalmente o cotidiano de alguns dos feirantes, pois mudaram sua forma de produção, mudaram sua infraestrutura, e conseqüentemente mudaram alguns traços identitários da Feira, pois se no começo podiam ser vistos galinhas e leitãozinhos sendo comercializados, depois passa a ser proibido, muitos produtos que vinham de outros municípios por falta de registro passaram a não chegar mais na Feira, alguns produtores como os suinocultores deixaram de ser produtores, pois o abate tinha que ser fiscalizado, e ainda mais, alguns feirantes até tiveram que se afastar por não ter o registro necessário. Desta forma a Feira se vê modificada.

Um fato muito marcante para uma parte dos feirantes se deu aproximadamente em 2003 - 2004 quando ocorre uma diferença dos direitos entre processadores e produtores. Para entender esse fato, reporto-me a Hall (2004), para quem as identidades surgem no interior do jogo de formas específicas de poder e são mais o resultado da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma identidade na sua acepção mais tradicional, ou seja, uma identidade sem costuras, toda coesa, sem diferenciação interna. Peço licença ao leitor para colocar abaixo um fragmento bem longo, mas muito importante, que expressa aquilo que para mim, durante toda a coleta de dados, fui intuindo como um tabu, algo silenciado dos discursos que expressavam coesão na Feira e que de repente, um feirante resolveu abrir para mim.

Assim, esses argumentos da exclusão, expressos por Hall (2004) na construção das identidades, podem ser observados nos seguintes depoimentos:

Feirante 14

(110) E: As regras da Feira podem ser modificadas?

F: A feira hoje funciona com uma Lei municipal, e fora esta Lei municipal de funcionamento da Feira, existe um estatuto, hoje nós somos uma associação então existe um estatuto da associação, e pode ser modificado. Esse estatuto, vou ser sincero, por isso que eu falei para você, existem discordâncias no estatuto, e eu sou uns dos que discorda, né? Por quê? Eu sou fundador praticamente da feira, eu ajudei a fundar o estatuto, né? Eu estava na primeira reunião que fundou a associação, eu estava e participei da primeira reunião que fundou a associação e para você ter uma ideia hoje não posso votar nem ser votado. Por quê? Eu era produtor, aí passei a trabalhar com [outro produto], aí classifica que não é produtor, a Emater classifica que não é produtor. Então, se eu não sou produtor, então eu não vou poder votar e nem ser votado, ou seja, não sou ninguém aqui. Eu discordo disso, eu tenho menos direitos e mais obrigação, porque a gente paga mais, quanto a pagar mais também não tem problema. Mas principalmente, meu Deus, nós estamos em 2014, num país que se julga democrata você não poder votar nem ser votado.

E: Quanta porcentagem de Feirantes é processador?

F: De 130 deve ser uns 30, é uma boa porcentagem, né? Então, é uma vergonha, Vixe Maria!, quando foi aprovado isso daí, eu pulei e pulei, mas o cara da Emater, que é o que administra a Feira (...) passou por cima de todo mundo e aprovou isso daí, paciência, né? Consequência disso, nós estamos tendo hoje, não nessa gestão, mas na gestão passada tivemos muito problema por causa disso.

E: Isso está dividindo a Feira?

F: Porque divide, justamente porque divide né? é a mesma coisa, oh! vocês não é nada aqui, nós trabalhamos, são todo mundo igual. Então não existe diferença entre produtor e diz o não produtor, nós somos feirante, você não está contente com o que você está fazendo, você faz o que você quiser, né? Mas não precisa discriminar. Ordem interna existe discordância de pensamento, mas eu acho que eu, como feirante aqui, me tirar o direito de votar e ser votado num país democrático, que não é sei lá, qual país, Cuba né? Que não vota né? Que é uma ditadura, aqui não deveria ser uma ditadura, mas alguns se comportam. É ganância do poder, isso não leva a nada, meu Deus do Céu, de votar e não ser votado, e se pegar presidência da Feira, existe um estatuto e existe a Lei municipal, o que estou falando aqui para você, é difícil falar, eu chegar e falar, se eu chegar a prefeitura que a gente não pode votar e não ser votado, então pau danado o pessoal da Emater daqui.

E: E não reivindicaram essas coisas?

F: Não, a gente reivindica, a gente fala, né? Mais aí que está o negócio. Eu (...) não concordava com a Emater, eu não concordava com a Emater, desculpa o que vou falar, a Emater ficou com medo (...). E jogaram errado (...). Agora tirar o direito de votar? Aí até dói. Então, existem essas discordâncias, existe claro, mas isso existe aqui, mas também existe como se fosse na política. É mais para ter poder mesmo. Não quero ser presidente daqui, não tenho interesse, mas na última eleição quase que eu me vi obrigado a procurar advogado e entrar com mandato, através de uma ordem para que eu pudesse sair candidato sim, porque estavam extrapolando,

porque estavam transformando isto aqui em uma ditadura. Então, sei lá! Mas depois mudou a diretoria, acabou. O único problema que está tendo aqui seria mais esse de pensamento, né? Agora, na próxima eleição, com certeza se esse candidato que fez essas besteiras passadas vier sair candidato de novo, aí os problemas vão voltar e vamos ter que trabalhar para esse pessoal não se eleger. É impossível, né? Você não ter o direito de votar nem ser votado, não trabalhar contente aqui, hoje todo mundo trabalha contente aqui, mas isso são problemas internos que aconteceu e que acontece.

No fragmento 110 o enunciador sente a marcação da diferença e da exclusão: “eu estava na primeira reunião que fundou a associação, eu estava e participei da primeira reunião que fundou a associação e para você ter uma ideia hoje não posso votar nem ser votado”, ou seja para o enunciador lhe é tirado um direito sem o qual vê sua identidade como feirante suprimida: “não sou ninguém aqui”. E assinala também que não é só ele que sofre esta exclusão, mas sim todo um grupo, os que “não são produtores”, assim para o enunciador todo este grupo é ignorado, não tem voz, e é discriminado. E argumenta a sua posição com a seguinte expressão: “Eu discordo disso, eu tenho menos direitos e mais obrigação porque a gente paga mais”.

Na sequência, o enunciador comenta sobre as relações de poder envolvidas nesta decisão: “mas o cara da Emater, que é o que administra a Feira. (...) passou por cima de todo mundo e aprovou isso daí, paciência, né?”, nesta expressão implicitamente entendo que o representante da Emater teve o poder para aprovar, ou seja, decidir, anular esse direito de votar dos feirantes processadores (que eram fundadores). Segundo o enunciador, o motivo que levou a isto foi a sua discordância com a Emater e segundo o enunciador a Emater fez isso para “ter mais poder”. Assim, segundo este depoimento, observo que a Emater se reafirma como a instância com poder sobre a Feira, pois ela possui a faculdade de definir a identidade e sinalizar o diferente.

Desta forma, existem identidades silenciadas, o que expressa também o enunciador explicitamente: “o que estou falando aqui para você, é difícil falar” e efetivamente, durante toda minha pesquisa na Feira que começou em novembro de 2013 e terminou em abril de 2014, percebi que existe muito receio em falar dos problemas da Feira, parecia que quando eu tocava nesses assuntos, muitos dos feirantes não se sentiam à vontade. E a resposta desta maioria era que não existiam problemas.

Assim, no fragmento, observo identidades em disputa, lutas das majorias contra as minorias, e distingo a presença de dois grupos:

- O grupo dominante: especialmente formado por produtores (a maioria) que usufruem de todos os seus direitos (podem votar ou ter cargos políticos dentro da Feira).
- Grupo afetado: conformado especialmente por processadores (minoria) que não tem direito ao voto, não podem ser eleitos membros da diretoria da associação.

Existem assim identidades diferenciadas na Feira, uns estão conforme, e outros procuram reivindicações, procuram igualdade de direitos e se sentem discriminados. Por outro lado, no final do fragmento o enunciador fala “vamos ter que trabalhar para esse pessoal não se eleger”, assim observam-se estratégias políticas para amenizar a situação dos processadores na Feira.

Da mesma forma, além desse feirante, outra narrativa me confirmou os problemas que estavam ocorrendo e também assinalou a fragmentação que vem acontecendo na Feira:

Feirante 5:

(111) E: Essa mudança que teve quanto aos processadores não poder participar da diretoria, faz quantos anos?

F: Isso daí, em 2003 (...) eles fizeram aqueles trapaça porque (...) tem gente que não gosta de trabalhar corretamente, tem aquele outro lado de você pensar em si próprio e esquecer de seus companheiros da Feira, então eu falo que, como que posso dizer, eles fizeram alguma coisa lá, na reunião da Emater, lá juntou um grupo de feirante daqui, eu sei todos os nomes porque o chefe da Emater que deu a informação que estava acontecendo aquilo, ele não queria a gente porque a gente trabalha muito corretamente na coisa, eu acho que ele preferia mais aquele pessoal bagunçado, pessoa que pensa diferente que pode misturar as coisas.

E: A Emater mesmo está envolvida nisso?

F: Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza. Aí fiquei sentindo tudo, sabe? Porque eu acho que não mexendo com lavoura, eu ou outros companheiros no mesmo ramo, né? Que somos transformadores de produtos, eu tenho certeza que tem muita gente que tem capacidade, que pode conseguir fazer alguma coisa melhor para a Feira, não porque só mexe na lavoura que consegue, a gente vive, a gente que transforma produtos também vive no meio de mais outras comunidades, né? Então eu falo que, eu acho que deveria ter... inclusive, nesta última eleição, estava conversando com o rapaz que eu posso te ajudar, mas você tem que ver que nós também pagamos, nós temos todo o direito, porque nós pagamos associação, pagamos outros como sócio colaborador, ele nos colocou nessa categoria, mas é errado, porque muito pessoal da minha época que hoje que está aqui na Feira, começamos, nós que fundamos a associação, então nós somos sócio fundador, eu tenho folha de pagamento que eu fiz pagamento como sócio fundador, eu acho errado, mas eles não querem ouvir. Eles, essa diretoria que assumiu, eles acham que têm poder, não é assim que funciona as coisas, se a gente pensar assim realmente pode fechar (...)

No fragmento 111 na frase “eles fizeram alguma coisa lá, na reunião da Emater, lá juntou um grupo de feirante daqui, eu sei todos os nomes porque o chefe da Emater que deu a

informação que estava acontecendo aquilo, ele não queria a gente porque a gente trabalha muito corretamente na coisa” observo que o léxico “ele” é um personagem oculto, mas o que se subentende é que “ele” é um membro da Emater que executou a reunião e realizou junto com um grupo de feirantes essa mudança nos direitos dos processadores, mas também houve um “outro” que corresponde ao “chefe da Emater que deu a informação que estava acontecendo aquilo”. O que distingo de tudo isto é que mesmo o chefe da Emater sabendo, assim como os processadores sendo informados da existência deste fato, ninguém conseguiu fazer nada. Ou seja, o poder que se detém sobre a Feira por parte de alguns membros da Emater é muito forte.

Na frase: “mas é errado porque muito pessoal da minha época que hoje que está aqui na Feira começamos, nós que fundamos a associação, então nós somos sócio fundador” a enunciadora, assim como o enunciador do fragmento 110, ambos reiteram que são sócios fundadores, o que lhes outorga o direito de votar e serem votados, ao mesmo tempo ambos, por serem processadores, foram considerados nas categorias de sócio colaboradores, nesta categoria não se tem direito ao voto, assim os enunciadores se sentem injustiçados diante desta situação.

E a enunciadora termina assinalando “eu acho errado, mas eles não querem ouvir. Eles, essa diretoria que assumiu, eles acham que tem poder” subentendo em esta expressão que a enunciadora manifesta essa injustiça, mas a diretoria não ouve ela, ou seja, ela quer reivindicar seus direitos e não é escutada por que eles, a diretoria da Feira, se vê na posse do poder, o poder de reprimir a sua voz.

Subentendo que além destes dois enunciadores (que são sócios fundadores) quererem retomar seus direitos de votar e ser votados, ou seja, de ter uma voz ativa dentro da Feira, também almejam que todos os outros processadores (que não são sócio fundadores) que pertencem à categoria de sócios colaboradores e portanto não têm o direito de votar nem ser votados, passem a ter este direito. Portanto, os enunciadores se identificam como parte de todo um grupo de processadores.

(...) nós trabalhamos, são todo mundo igual. Então não existe diferença entre produtor e diz o não produtor, nós somos feirantes (Fragmento 110).

(...) eu acho que não mexendo com lavoura, eu ou outros companheiros no mesmo ramo, né? que somos transformadores de produtos, eu tenho certeza que tem muita gente que tem capacidade que pode conseguir fazer alguma coisa melhor para a Feira, não porque só mexe na lavoura que consegue (Fragmento 111).

Assim, entendo que estes feirantes defendem a Feira do Produtor como uma integração entre produtores e processadores, pois todos são feirantes.

Pelo outro lado, temos o discurso que defende que sendo a Feira de produtores o presidente tem de ser produtor:

Feirante 13:

(...) Porque hoje uma das regras de ser presidente é que você tem que ser produtor, você não pode ser sócio colaborador, que é quem transforma os produtos, eles não podem. A Feira é do produtor, então o presidente tem que ser produtor rural.

Assim, existe uma luta atual sobre a identidade da Feira do Produtor, uns defendem sua posição, afirmando que esta é uma Feira de produtores com alguns membros colaboradores (processadores) e outros lutam para defender que a Feira é a integração de produtores e processadores.

Desta forma observo mais nitidamente: primeiro, que a Emater tem membros com muito poder sobre a Feira. Com o poder de definir a identidade e marcar a diferença, ou seja, o poder de assinalar quem pode ou não ter voz ativa dentro da Feira, dando esta condição aos produtores e deixando silenciados os processadores. Segundo, existem lutas identitárias no interior da Feira onde se observam os argumentos de Baumam (2005, p.83-84):

A identidade (...) é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade (...). A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado...

Enxergo estas lutas na Feira entre um grupo que luta para ser escutado e outro que luta para manter o domínio. Na atualidade além de todo o já citado, observo que se enfatiza o discurso do atendimento ao cliente, e talvez seja no atendimento ao cliente onde os feirantes demonstram mais a sua criatividade, pois muitos dos feirantes entrevistados comentavam estratégias de atendimento diferenciadas. Mas este atendimento foi produto da aprendizagem de muitos anos de Feira, pois quando a maioria deles começou tinham problemas para se relacionar com os clientes, mas na atualidade muitos dos feirantes dominam seu espaço e do seu lugar próprio, vão aplicando estratégias, atraindo e conquistando clientes.

Então, com tudo o que já foi exposto, para fechar este item, tentarei vislumbrar como as mudanças identitárias foram influenciando no cotidiano dos feirantes a partir das manifestações de suas táticas e estratégias.

Assim, como já foi assinalado, a Feira do Produtor de Maringá no início era constituída por pequenos agricultores que muito provavelmente tinham uma história marcada por um contexto histórico/político/econômico que os desfavorecia. Desta forma, ela foi criada com o intuito de outorgar um espaço que oferecesse ao pequeno produtor a possibilidade de realizar a venda direta ao consumidor.

Na minha pesquisa enxerguei dois grandes momentos na história da Feira:

- O primeiro momento está dado por seu início, sua afirmação e crescimento, até que se cria a associação.
- O segundo grande momento está dado pela criação da Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá, até os dias atuais.

A Feira, no início, era considerada como um empreendimento com incertezas de seu sucesso futuro, assim seus discursos estimulavam ao pequeno produtor para entrar e não desistir da Feira. Neste início, as táticas e estratégias estavam mais vinculadas às aprendizagens na Feira e no campo, pois cada dia tinha seus improvisos. Após três anos, a Feira apresentou melhorias, pois seus participantes já enxergavam a Feira como um bom negócio e mais que tudo, a reconhecem como seu meio de sobrevivência. Mas as melhorias atingidas, como a instalação de energia elétrica na propriedade, também estão ligadas a aquisição de novos saberes, novas estratégias e táticas.

O começo da feira noturna produz modificações na parte produtiva dos feirantes e por outro lado salienta ainda mais o discurso de Feira pioneira, Feira de referência, Feira exemplar. Neste primeiro momento há a presença de “panelinhas” e feirantes que não concordavam com o prescrito, mas aparentemente não haviam divisões muito profundas entre os feirantes. Todos tinham os mesmos direitos e mesmo existindo o regulamento interno “tudo era mais à vontade”, a mesma secretaria de saúde não era tão exigente. Por outro lado, quanto às relações de poder, observo que a Emater neste primeiro recorte temporal da Feira, pode ser considerada como a instância detentora de poder sobre ela, pois ela enunciava os discursos dominantes, e decidia o futuro da Feira.

Mas assim que se inicia a Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá começam a se multiplicar as regras, começam a aparecer problemas de tipo político, por outro lado existe uma forte pressão para o cumprimento do estatuto e do regulamento interno sufocando as identidades não compatíveis com as normas e impondo outras identidades. Ainda, se apaga qualquer intento de revolta com o discurso: “Não está satisfeito, vá embora deixa a vaga para outra pessoa trabalhar” e se acentua o discurso do “associativismo”, para

enaltecer a ideia de grupo. Destaco que estes dois últimos discursos também foram socializados pelos representantes da Emater.

Nesta fase, já se observam segmentações mais profundas entre seus membros, existindo um grupo afetado, discriminado, formado pelos processadores, aos quais lhes foi negado o direito de votar e ser votado, e que sentem suas identidades como feirante reprimidas. E o grupo maior, formado pelos produtores que gozam de todos os direitos e, segundo a maioria das entrevistas, a Feira não apresenta problemas, “é tudo ótimo”.

Ressalto que para o grupo afetado conformado pelos processadores, a Emater é responsável desta mudança acompanhada de um grupo de feirantes, o que evidencia mais uma vez o forte poder que detém a Emater sobre a Feira, tendo a liberdade de assinalar o diferente e excluir. Desta forma, enxergo que existe mais uma luta dentro desta organização, que se vem dando desde o início da Feira, que está dada pelos feirantes (sem a posse do poder do conhecimento) e os técnicos da Emater (que têm autoridade na Feira, por estar investidos do poder do conhecimento). A Emater, como foi visto, desde o início é a instância que cria muitos dos discursos identitários e tem um grande poder de decisão dentro da Feira.

O que observo neste segundo momento é que tanto as táticas quanto as estratégias, além de estarem vinculadas aos novos saberes do dia a dia, estão também atreladas a artes da camuflagem para driblar o estatuto, assim como também às questões políticas e reivindicações identitárias dentro da Feira, como pode ser observado na frase: “vamos ter que trabalhar para esse pessoal não se eleger”.

Em suma, quando falamos da identidade da Feira do Produtor de Maringá, observamos que ela é atravessada por segmentações, diferenças entre seus participantes, sendo unificadas por meio do exercício da subordinação ao estatuto e ao regimento interno. E podem ser observadas claramente as suas lutas por defender posições identitárias no palco do cotidiano.

Se só considerássemos a parte que tem voz ativa na Feira, ou seja, os produtores, uma forma de unificar a identidade da Feira seria representa-la como uma manifestação laboral e cultural de pequenos produtores de hortifrutigranjeiros da região. Mas como observei na pesquisa, isto não é real, pois parte da identidade da Feira está ligada a seus membros processadores, como no caso das barracas do pastel, que em cada edição atraem centos de consumidores, sendo um dos destaques da Feira, então, como poderia existir uma Feira do Produtor de Maringá sem suas barracas de pastel, de conservas, linguiças, pães, espetinhos e lanches? Ela perderia a sua identidade. O que se observa é uma luta entre seus grupos, existindo aqueles que defendem a Feira do produtor como sendo de produtores com alguns

membros colaboradores (processadores), e os que vêm a Feira formada da integração de produtores e processadores.

Assim, a Feira tem uma identidade múltipla, pois não é só a reunião de muitos feirantes e fregueses que realizam operações de troca. A Feira do Produtor de Maringá é um lugar de encontro da cidade, um lugar onde se conservam saberes e se guardam tradições, é uma feira híbrida, misturada, que possui vários legados étnicos, culturais, que cria novas gerações, que se renova e que representa muito mais do que uma Feira do Produtor.

Então, não dá para ter noções de identidade sem observar as relações de poder, que podem nomear o diferente, que excluem e dividem, também não seria isto possível sem observar seu cotidiano, a trajetória dos feirantes... nesta Feira são aclamados os discursos formadores de identidades, e onde se geram os sentimentos de pertencimento, onde habitam a história e a memória dos feirantes.

Desta forma, foi evidente perceber como a visão da identidade organizacional definida pelos atributos centrais, distintivos e duradouros de uma organização, como afirma Whetten (2006), não se aplica neste estudo. Pelo contrário, ele corroborou as afirmações de identidade defendidas por Maalouf (1999), Candau (2012), Bauman (2005), Silva (2004) e Hall (2004, 2011), os quais consideram identidade não como uma essência, não sendo fixa, nem estável, mas sim um processo em permanente produção, sendo esta inacabada e fragmentada. Desta forma, os conceitos de identidade defendida por estes autores como transitória e fragmentada também se aplicam no âmbito organizacional, uma vez que são nas organizações que as pessoas realizam muitas das operações cotidianas que acabam definindo seus sentidos de pertencimento.

Também apliquei neste estudo as ligações de identidade com os discursos, narrativas e relações de poder assinalados por Silva (2004) e Hall (2004, 2011). Então, a singularidade deste trabalho consistiu em ter aplicado estes conceitos no âmbito organizacional a partir do estudo do cotidiano, submergindo-me nas interações do dia a dia da organização, na sua história e nas memórias dos seus membros e ter realizado a ligação da identidade organizacional com os aportes do cotidiano desenvolvidos por Certeau (1998). Ao realizar este vínculo de identidade e das práticas cotidianas foi possível apreciar a vasta criatividade do ser ordinário, que na sua condição de feirante pode transgredir a ordem imposta, por meio de pequenos movimentos, para driblar identidades organizacionais impostas.

Em suma, observei a identidade organizacional no plural, ou seja, as identidades da Feira, pois a identidade desta é fragmentada. Pude também apreciar estas identidades como

um processo dinâmico em constante transformação, assim como a relevância dos discursos e as relações de poder nessa dinâmica.

Por outro lado, a partir de Certeau (1998) vislumbrei a existência das lutas sobre lugares (configurações instantâneas de posições). Desta forma, observei como os feirantes se encontram no seu cotidiano defendendo suas configurações temporárias de posição: uns como produtores, outros como processadores; uns como majorias, outros como minorias; uns como brasileiros, outros como não brasileiros; uns como técnicos, outros como feirantes, assim como muitas outras posições que foram mostradas no transcurso desta pesquisa. Mas ao mesmo tempo, pude enxergar a existência de lutas sobre as práticas desses lugares em espaços de transgressão, ou seja, no meio das fronteiras estrategicamente constituídas como as normas e prescrições e comportamentos estabelecidos pela organização, que muitas vezes instigam identidades diferentes, há possibilidades de estabelecer novas formas de agir, atalhos para expressar, se queixar, reivindicar as identidades reprimidas, silenciadas ou ocultas de indivíduos ou grupos da Feira.

5 CONCLUSÕES

A literatura funcionalista predominante sobre identidade organizacional a compreende como sendo inteiriça e central, deixando de lado os processos complexos que dão lugar às identidades, como são as práticas discursivas, a história, as representações, as relações de poder, entre outros processos que são realizados no terreno do cotidiano. E é justamente porque todos estes processos partem do cotidiano que a identidade não pode estar desligada dele.

O cotidiano é uma arena móvel, onde se realizam as diversas interações sociais, processos dinâmicos que dão origem às diversas identidades sociais e estas por sua vez conformam as organizações. Desta forma, a identidade organizacional não pode ser vista como algo estático, mas em movimento, maleável, sendo constantemente desenhada pelas circunstâncias do dia a dia.

Assim a Feira do Produtor de Maringá, sendo uma organização como muitas outras que procura ter um grupo compacto entre seus integrantes, tentando mostrar desta forma uma única identidade organizacional, pode servir para enxergarmos que esta, assim como muitas outras, não possui uma identidade única, mas sim uma identidade fragmentada, pois os seus diversos grupos estão identificados de forma diferente com a organização, e estes grupos se criam e se recriam no seu cotidiano, ou seja, é no cotidiano onde são ditados os discursos formadores de identidades, e também no cotidiano que os feirantes se reconhecem como parte de um determinado grupo, ainda onde são realizadas as relações do poder, poder que marca a identidade e a diferença, ou seja, é no cotidiano onde se realizam as diversas interações que dão origem às identidades.

Desta forma, as interações com o meio, com os cenários políticos, sociais e econômicos se realizam no palco do cotidiano, e este palco não é uma arena calma, pelo contrário, é neste palco onde ocorrem as lutas por definir identidades, lutas entre técnicos e feirantes, entre maiorias e minorias, entre produtores e processadores, entre grupos satisfeitos e insatisfeitos, e estas lutas são quase todas invisíveis para os de fora da organização, pois são ofuscadas diante uma aparente estabilidade que se impõe por diferentes instrumentos disciplinares como o estatuto e o regulamento interno, e por diversos discursos que inibem comportamentos não congruentes com os prescritos.

Assim, pude observar como instâncias detentoras do poder, como assinala Certeau (1998) - no caso representado pela Emater - possuem a faculdade de formular estratégias para

fazer valer as suas determinações, formulando discursos, e interferindo diretamente em muitas decisões da Feira. Da mesma forma, existem grupos privilegiados dentro da organização, pois estes têm mais acesso às fontes de poder.

Uma das muitas coisas que aprendi nesta pesquisa foi saber que as famosas “panelinhas”, muito criticadas nas organizações, podem ser reflexo de grupos insatisfeitos, grupos que não podem afirmar a sua identidade, e muitas vezes se encontram em conflito, não querendo participar das ideias do grupo maior, ou melhor dito, não aceitam as identidades impostas pela organização.

E é nessas revoltas, nessas lutas, que se manifestam também esses pequenos movimentos de que fala Certeau (1998), as táticas e estratégias, como foi visto no transcurso deste trabalho. Aqui, vi que existem muitas mais estratégias que podem ser reparadas pelos observadores, ou em outras palavras, percebi na Feira muitas mais estratégias, pois são ações calculadas que possuem certa previsão do futuro, que muitas vezes se repetem, e se praticam na rotina do cotidiano. As táticas, por sua vez, são mais imprevisíveis, mas mesmo neste trabalho consegui compreender momentos em que foram praticadas.

Por outro lado, também enxergo a importância do papel da história e da memória atrelado com a identidade, e ao mesmo tempo com o cotidiano, pois como foi falado anteriormente, o cotidiano envolve tanto o imediato quanto o duradouro, desta forma no cotidiano que se entrelaça o presente com o passado pela representação da memória, e criam-se infinitas possibilidades para redesenhar a identidade. Isto pode ser visto nas organizações, no caso da Feira do Produtor de Maringá, a história dos seus participantes e da Feira, pode, por meio das suas memórias, influenciar na mudança ou manutenção das identidades no presente. Assim, vi como a Feira, por muitos anos, serviu de modelo para muitas outras feiras, pois chegavam muitos grupos de diversas regiões do Brasil para copiá-la, fatos que ficaram guardados na história da Feira e voltam no presente nas memórias de seus integrantes ao lembrar e repetir o discurso de uma Feira de referência, modelo e exemplar, o que demonstra sua identificação com a Feira no presente.

Então, ao pretender desvelar de que forma as táticas e estratégias no cotidiano dos feirantes da Feira do Produtor de Maringá foram se alterando, à medida que a identidade da feira foi mudando nesses 30 anos de existência, reparei que não poderia fazer este trabalho descrevendo cada uma destas práticas, porque todos os dados coletados na minha pesquisa constituíam pequenas práticas do cotidiano, pequenas artes de fazer, e não conseguiria terminar este trabalho com os parâmetros do tempo que dispunha. Desta forma, destaquei certas características das práticas cotidianas que percebi neste decorrer de sua história, assim

enxerguei que à medida que aumenta a formalização da Feira e seus instrumentos disciplinares, muitas táticas foram criadas para driblar estes novos instrumentos de controle, assim como para amenizar a situação de identidades reprimidas que nesse novo contexto se acentua. Mas isso não quer dizer que no começo era muito diferente, existiam também instrumentos disciplinares, mas estes eram mais leves, a mesma fiscalização sanitária não era tão exigente, desta forma os feirantes ficavam “mais à vontade”. Na minha pesquisa achei que neste período existiam mais táticas e estratégias ligadas a novos saberes, novas experiências, novas aprendizagens. No período seguinte, essas táticas e estratégias estão ligadas também às aprendizagens laborais, mas também ao jogar o jogo em questão.

Enfim, percebi que o homem simples, representado como qualquer integrante da organização, no caso, o feirante, pode enfrentar a ordem dominante no palco do cotidiano, por meio de estratégias definidas, anunciadas e expostas em grupo, e também observei que muitos podem permanecer calados e reprimidos, mas muitos outros, podem se expressar por meio da falta de participação no grupo, pelo não comparecimento a uma confraternização da organização, por meio de pequenas maneiras (táticas) de mostrar a sua não obediência às prescrições, as quais são muitas vezes uma queixa, um movimento de protesto ante imposições identitárias não aceitas. Desta forma, as identidades surgem no cotidiano, neste se transformam e realizam as suas lutas, e ao mesmo tempo este cotidiano é reinventado e recriado, em parte por estas mudanças identitárias.

Desta forma, este trabalho pode ajudar nas pesquisas sobre identidade e cotidiano, pois como pude constatar, a literatura que aborda as ligações destes dois assuntos é escassa, ainda mais quando se trata de organizações. Ele também pode contribuir a ampliar a visão sobre identidade organizacional. Este conceito normalmente é compreendido como uno e inteiriço, mas como foi apresentado nesta pesquisa, ele tem muito mais de fragmentado e vinculado com as relações de poder, com os discursos formadores de identidades, e com muitos outros processos realizados no cotidiano. Também pode colaborar para dar mais ênfase ao estudo deste tipo de organizações tão ricas que são as feiras, muitas vezes consideradas como organizações informais ou pouco formais, quando na realidade podem ser o contrário, sendo muito bem regulamentadas, controladas e onde o jogo do poder existe com muita força, como em qualquer outra organização.

Quanto às limitações da pesquisa, esta investigação se viu limitada pelo tempo que, em termos de mestrado, é curto para tratar de certos assuntos que vão se complexificando à medida que vamos mergulhando neles. Notei, também, que quando eu tentava investigar algum tema considerado pelos feirantes como um tabu, eles assumiam uma postura meio

cautelosa, assim, muitos dos depoimentos ficaram de certa forma restritos. Talvez eles tivessem medo de prejudicar a Feira ou seu grupo, especialmente quando falavam sobre problemas ou conflitos da organização. Assim, as informações mais abertas sobre problemas e conflitos que consegui são as expressas por aqueles feirantes que não tiveram medo de falar destes assuntos, os quais foram muito poucos. Ressalto também que isso só foi conseguido bem no final da coleta de dados, e daí tenho que dizer o quanto trabalhar com “cotidiano” é difícil, e ao mesmo tempo enriquecedor, pois um olhar desavisado ou uma coleta de dados mais “burocrática” talvez não conseguisse captar as nuances que consegui apreender nesta pesquisa. Foi o olhar teórico e metodológico com que fui a campo que me possibilitaram isso.

REFERÊNCIAS

ANGUERA, María T. **Metodología de la observación en las ciencias humanas**. Madrid: Cátedra, 1997.

ALMEIDA, Doris D.; FLORES-PEREIRA, Maria T. Identidade *Embodied* nas Organizações: Etnografia de uma Companhia de Dança (*Ballet*) Brasileira. In: ENANPAD – ENCONTRO ANUAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012.

ALVESSON, Mats. Talking in organizations: managing identity and impressions in an advertising agency. **Organization Studies**, v. 15, n. 4, p. 535-563, 1994.

ALVESSON, Mats; EMPSON, Laura. The construction of organizational identity: Comparative case studies of consulting firms. **Scandinavian Journal Management**. Elsevier. Science Direct, v.24, p.1-16, 2008.

BARLOW, Philip (s.d). **Glow II**. Disponível em: <<http://www.philipbarlow.com/paintings-gallery/the-abstract-figure/>> Acesso em: 10 jul. 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOM MEIHY José C. S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BRANT DE CARVALHO, Maria do C. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: PAULO NETTO José; BRANT DE CARVALHO, Maria do C. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 2012.

CAFEICULTURA. **Especial 35 anos da geadá de 1975 - 1975: Ninguém esquece** (2010) Disponível em <<http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?mat=34022>> Acesso em 20 de abr. 2014.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 1996.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná, 1975.**

CONCEIÇÃO, Alexandrina L. Jovens andarilhos no curto ciclo do capital. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.1, n.1, p. 77-100, 2007

CORDEIRO Silvia. **Paraná pode ter geada negra nesta madrugada, diz meteorologista**, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2013/07/parana-pode-ter-geada-negra-nesta-madrugada-diz-meteorologista.html>> Acesso: 02 de mai, 2014.

COSTA, Lúcia C. da. A estrutura da vida cotidiana: uma abordagem através do pensamento lukacsiano. **Emancipação**, 1(1): 33-57, 2001

CRUZ, Cassiano N. P.; MOURAD, Anna L. ; MORÍNIGO, Marcos A.; SANGA, Godfrey. Eletrificação rural: benefícios em diferentes esferas. V ENCONTRO DE ENERGIA NO MEIO RURAL, **Anais...** Campinas, 2004. Disponível, em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000022004000100050&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 19 de jun, 2014.

DEMENECK, Mary T.; SANCHES, Rafael E.; CECERE FILHO, Pedro ; ZULIAN, Cristiane B. Perfil socioeconômico de feirantes que comercializam hortaliças na feira do produtor no município de maringá-PR, 2011. In: EPCC – ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CESUMAR, 7. **Anais...** Maringá, CESUMAR, 2011.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research.** California: Sage, 1994.

EMATER, Instituto Paranaense de Assistência técnica e extensão rural. **Legislação Pertinente ao Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural: Lei nº 14832/2005.** Disponível em:

<<http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=7>> Acesso em 5 de jun, 2014

FAJARDO, Sergio. Complexo agroindustrial, modernização da agricultura e participação das cooperativas agropecuárias no Estado do Paraná. **Caminhos de Geografia** - revista on line v. 9, n. 27 p. 31-44 set/2008. Disponível em:<<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.htm>> Acesso Abril 2014.

FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ. **Perfil da Feira do Produtor de Maringá no Facebook**, 2014. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/feiradosprodutoresmaringa>> Acesso em 15 de jun, 2014.

FERNANDES, Karina. R.; ZANELLI José C. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. **RAC**, v.10, n.1, Jan./Mar. 2006: 55-72.

FERRAÇO, Carlos E. **Pesquisa com o cotidiano**. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

FREDERICO, Celso. Cotidiano e arte em Lukács. **Estudos Avançados**, 14 (40), 2000.

GIARD, Luce. Apresentação. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONZÁLES, María L. Familia y educación en valores. **Foro Iberoamericano sobre Educación en Valores**. Montevideo, 2 a 6 de outubro de 2000. Disponível em: <<http://www.oei.es/valores2/tornaria.htm>> Acesso 2 de jun, 2014.

GUARINELLO, Norberto L. História científica, história contemporânea e história cotidiana. São Paulo, **Revista Brasileira de História**, v. 24, nº 48, p.13-38, 2004.

GUIMARÃES, Gleny T. D. **Historiografia da Cotidianidade: Nos Labirintos do Discurso**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem precisa da identidade?. In: SILVA, Tomas T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HAWBSWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo, Vértice, 1990.

HE, Hongwei; BROWN, Andrew D. Organizational Identity and Organizational Identification: A Review of the Literature and Suggestions for Future Research. **Group & Organization Management**, v. 38, n.1, p. 3-35, 2013.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HOGG, Michael; ABRAMS, Dominic; OTTEN, Sabine; HINKLE, Steve. The Social Identity Perspective: Intergroup Relations, Self-Conception, and Small Groups. **Small Group Research**, v. 35, n. 3, p.246-276, jun. 2004.

JENKINS, Richard. **Social identity.** Abingdon; New York: Routledge, 2008.

JORNAL DE LONDRINA. **Segunda Rodoviária em imagem capturada por Kenji Ueta em 1953**, 2011. Disponível em

<<http://www.jornaldelondrina.com.br/online/conteudo.phtml?id=1149969>>. Acesso: 20 de Abr. de 2014.

KATAOKA, Kimie. **Foto.** Feira do Produtor de Maringá, s.d. Um álbum (8 fot.): color.

KENSKI, Vani M. Sobre o conceito de memória. In: FAZENDA, Ivani C. (org). **A pesquisa e as transformações do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1997.

LANILLO, Rafael F. Aspectos da agricultura paranaense: período 70-80. **GEOGRAFIA** (Londrina) Revista do Departamento de Geociências v. 3, n. 3, 1985. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/9823>> Acesso Abril 2014.

LANG, Alice B. da S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: BOM MEIHY, José C (org). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LARA, Ângela M.B; MOLINA, Adão A. Pesquisa Qualitativa: Apontamentos conceitos e tipologias. In: TOLEDO, César A. A; GONZAGA, Maria T. C. **Metodologia e Técnicas de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas**. Maringá: Eduem, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: Península, 1978.

LEITE, Rogério P. A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, n.3, 2010.

LEVIGARD, Yvonne E.; BARBOSA, Ruth, M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.62, n.1, 2010. Disponível em: <<http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>>. Acesso em: 15 mar. 2012

LINDÓN, Alicia V. Las huellas de Lefebvre sobre la vida cotidiana. **Revista Veredas**, n. 8, p. 39-60, 2004.

LUKÁCS, Georg. A relação sujeito-objeto na estética. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.14, jul. 2013.

_____. **Estética I**. Grijalbo. Buenos Aires. 1963

_____. **Introdução a uma estética marxista**: sobre a particularidade como categoria da estética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970

_____. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

Disponível em < http://minhateca.com.br/HG.Erik/Documentos/Luk*c3*a1cs/Luk*c3*a1cs+-+Para+uma+Ontologia+do+Ser+Social+%28boitempo%29,11717990.pdf >. Acesso 22 de set, 2014.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010. Disponível em <<http://efchagasufc.files.wordpress.com/2012/04/2-prolegomenos-para-uma-ontologia-do-ser-social.pdf>>. Acesso 22 de set, 2014.

LUZ, France. Maringá: a fase de implantação. In: DIAS, Reginaldo B; GONÇALVES, José H. R.(orgs). **Maringá e o Norte de Paraná**: estudos de história regional. Eduem: Maringá, 1999.

MAALOUF, Amin. **Identidades asesinas**. Madrid: Alianza, 1999.

MARINGÁ. Prefeitura homenageia 30 anos da Feira do Produtor de Maringá. **Assessoria de comunicação**, 2012. Disponível em:
<<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=597fc8cb085559&id=16008>> Acesso 11 jan, 2013.

_____. Feira do Produtor terá apresentações teatrais nos dias 20 e 24. **Secretaria de comunicação**, 2013. Disponível em:
<<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=6a8abdb0b6556a&id=19237>> Acesso 5 jun, 2014.

_____. Provopar recebe doação da Associação da Feira do Produtor de Maringá. **Assessoria de Comunicação**, 2010. Disponível em:
<<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/index.php?sessao=ffaace00a855ff&id=12353>> Acesso em 5 jun, 2014.

MARINGÁ HISTÓRICA. **Avenida Duque de Caxias - 1947**.2013. Disponível em
<<http://maringahistorica.blogspot.com.br/2013/09/avenida-duque-de-caxias-1947.html>>
Acesso: 20 de Abr. 2014.

_____. **Avenida São Paulo**, em 1948, 2013 Disponível em
<<http://maringahistorica.blogspot.com.br/2013/09/avenida-sao-paulo-1948.html>> Acesso 20 de Abr. 2014.

MARTINS, José de S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. In: FROMM, Erich. **O Conceito Marxista do Homem**. 8ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

MASSUDA, Ely. M. Produção e consumo de algodão e as indústrias de fiações de algodão no Paraná. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 27, n. 1, p. 61-68, 2005.

MDS. Ministério do Desenvolvimento Social. **Feiras livres da agricultura familiar**. Roteiro de implantação 2007. Disponível em: <www.mds.gov.br/.../feirasmercados> Acesso em 10 nov, 2012.

MEMÓRIA PARANÁ. **Derrubada da mata e início da colonização no chamado Maringá Novo, no final da década de 40**, 2007. Disponível em <<http://institutomemoriaparana.blogspot.com.br/search?updated-min=2007-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2008-01-01T00:00:00-08:00&max-results=2>> Acesso Abril 2014.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTENEGRO, Antonio T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

NAUJORKS, Carlos J.; SILVA, Marcelo K. Teorias de identidade e movimentos sociais. In: SEMINÁRIO NACIONAL,3 E SEMINÁRIO INTERNACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA,1. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2010.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, José Paulo; BRANT DE CARVALHO, Maria do C. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 2012.

NUNNER-WINKLER, Gertrud. Formação da identidade em tempos de mudança velozes e multiplicidade normativa. Porto Alegre, **Revista Educação**, v.34, n.1. p.56-64, jan./abr. 2011.

OGASSAWARA, Jorge. **História da Feira do Produtor de Maringá**. Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural. Maringá, s.d.

ORLANDI, Eni. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996.

PADIS, Pedro C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1981.

PATTO, Maria H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. São Paulo, **Perspectivas**, 16: 119-141, 1993.

PARANÁ. História administrativa do Paraná (1948 - 1998): criação competências e alterações das unidades administrativas do Estado. **Imprensa Oficial/DEAP**: Curitiba. 2002. Disponível em :

<http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/HistoriaAdministrativaParana_1948a1998.pdf> Acesso em 12 mar. 2013

PARANÁ. **Vigilância sanitária**. 2014. Disponível em:

<<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2796>>. Acesso em 10 de jun. 2014.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2004.

ROCHA JÚNIOR, D. A. O Território do Cotidiano. **Revista PADÊ**. v. 1, n.1, 2006. Disponível em:

<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/view/130>>. Acesso em: 15 dec. 2013

RODANTE, Antonio. **Feira de produtores de Maringá e seus reflexos na economia regional**. Monografia (Especialização em Desenvolvimento e Planejamento Agrícola) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 1985.

RPC TV. Movimento Saúde leva tai chi chuan para a Feira do Produtor de Maringá.

Redação, 2013a. Disponível em:

<<http://redeglobo.globo.com/rpctv/movimentosaude/noticia/2013/10/movimento-saude-leva-tai-chi-chuan-para-feira-do-produtor-de-maringa.html>>. Acesso em 15 de jun, 2014.

_____. Artistas se apresentam na Feira do Produtor de Maringá. **Edição**, 2013b. Disponível em <<http://globo.com/rpc/parana-tv-1a-edicao-maringa/v/artistas-se-apresentam-na-feira-do-produtor-em-maringa/2537083/>>. Acesso em 15 de jun, 2014

RODRÍGUEZ, Lucía B. Practicas cotidianas de personas adultas jóvenes que viven en la Plaza Zarco (Ciudad de México). **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, vol. 8, núm. 1, enero-junio, 2010.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Associação**. Sebrae MG/2009. Disponível em:

<[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/DAD2C8C4D5F6C26B8325766A005102D0/\\$File/NT00042C26.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/DAD2C8C4D5F6C26B8325766A005102D0/$File/NT00042C26.pdf)> . Acesso em 15 de jun. 2014.

SCHMIDT, Carlos B. **O meio rural**: investigações de suas condições sociais e econômicas. Diretoria de Publicidade Agrícola – SAICSP: São Paulo, 1942.

SILVA, Márcia L. P.; RODRIGUES, Jackeline M. O discurso do sujeito na feira livre: uma análise dos jogos de verdade nas relações sociais contemporâneas como construções de saberes. In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. **Anais...** Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011.

SILVA, Maria A. S. M. Sobre a Análise do Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, 4(1), 2005.

SILVA, Tomas T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SILVA Nilcéia de J. A.; SERRA Elpídio. Eficiência coletiva: o caso dos produtores de hortifrutigranjeiros no município de Maringá. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 3 e SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA JORNADA ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, 2. **Anais...** Presidente Prudente, 2005.

SOUZA, Luiz G. **Economia, Política e Sociedade**, 2006. Edição eletrônica. Disponível em: <www.eumed.net/libros/2006a/lgs-eps/> Acesso em 05 mai. 2014.

SOUZA FILHO, Alípio. **Michel de Certeau**: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. Sociabilidades. São Paulo/SP, v.2, p.129 - 134, 2002.

SMITH, Adam. **An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations**. London: MetaLibri, 2007

STADNIKY, Hilda P.; PINTO Meyre E. Contribuição ao estudo da presença nipo-brasileira no norte novo de Maringá. In: DIAS, Reginaldo B; GONÇALVES, José H. R.(orgs). **Maringá e o Norte de Paraná**: estudos de história regional. Eduem: Maringá, 1999.

TAJFEL, Henri. **Grupos humanos e categorias sociais** - I. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TOMAZI, Nelson D. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo B; GONÇALVES, José H. R.(orgs). **Maringá e o Norte de Paraná**: estudos de história regional. Eduem: Maringá, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação/ São Paulo: Atlas, 2008.

TORRESILHA Silvio M. **A vila olímpica de Maringá na produção do espaço urbano.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013.

VERONEZE, Renato T. Agnes Heller: cotidiano e individualidade - uma experiência em sala de aula. Porto Alegre, **Textos & Contextos**, v. 12, n. 1, p. 162 - 172, jan./jun. 2013.

VIEIRA, Adriane. Cultura, poder e identidade nas organizações. **Revista de Administração da FEAD-Minas**, v.1, n. 1, p. 61-75, 2004.

WHETTEN, David A. Albert and Whetten Revisited: Strengthening the Concept of Organizational Identity. **Journal of Management Inquiry**, v.15, n.3, p.219-234, set, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ZAGO Nadir, BORDIGNON, Cristina. Juventude rural no contexto da agricultura familiar: migração e investimento nos estudos. In ANPEDSUL – Seminário de pesquisa em educação da região sul, 9, 2012, Caxias do Sul, **Anais...** Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1096/70>> Acesso em 10 de jun, 2014.

ZANELLI, José. C. **Interação humana e gestão: uma compreensão introdutória da construção organizacional.** Rio de Janeiro: Editora LAB, 2003.

ZUQUIN, Maria. **Os caminhos do rural: uma questão agrária e ambiental.** São Paulo: SENAC, 2007.

APÊNDICE A

História oral temática de feirantes da Feira do Produtor de Maringá (Feirantes em atividade)

Roteiro

Onde o senhor(a) nasceu?

Como era sua família?

Em que trabalhavam seus pais?

No caso de não ser da região: Como chegou à região de Maringá?

Desde quando o senhor(a) começou a trabalhar na feira do Produtor?

Como surgiu a idéia de trabalhar na feira do Produtor?

Como era a feira quando o senhor começou a trabalhar?

O senhor pode descrever sua rotina nos dias que começou a trabalhar na feira?

O senhor(a) gostava de trabalhar na feira?

De que o senhor não gostava quando trabalhava na feira? E que fazia quanto a isso?

Quais as dificuldades que o senhor tinha na feira? E que fazia diante delas?

Que mudou na feira desde então até agora?

O senhor(a) gosta atualmente de trabalhar na feira?

Que problemas existem hoje na feira? Que é feito diante desses problemas?

Teve algum conflito que o tenha marcado durante sua vivência na feira? Fale sobre ele.

Quais são as regras da feira? Quem dita as regras? Que acontece quando não são seguidas?

O senhor(a) passou por dificuldades financeiras enquanto feirante?

Como foi e como é o seu relacionamento com os outros feirantes?

Como foi e como é seu relacionamento com os fregueses?

Quais foram os acontecimentos mais marcantes que aconteceram na feira?

Até agora quais são as lembranças que o senhor(a) tem da feira?

Qual foram as experiências mais bonitas que o senhor(a) teve na feira, e quais as mais tristes?

O que você acha que estará fazendo daqui a três anos? O que você gostaria de estar fazendo?

APÊNDICE B

História oral temática - Técnicos do Emater

Roteiro

Por que motivos se cria a Feira do Produtor de Maringá?

Como foi projetada a feira? Quem poderia participar?

Como se deu a fundação da feira?

Como foi recebida a feira pelo público na inauguração desta?

Que problemas existiam no início da feira? Que se fez diante disso?

Qual era a rotina dos feirantes ao fazer a feira?

Como foi mudando a feira nestes 30 anos de existência?

Que problemas são detectados na atualidade?

Que medidas têm-se aplicado diante desses problemas?

Quem determina as regras do funcionamento da feira? Quais são elas?

Qual é a situação socioeconômica da maioria dos feirantes?

Como é o relacionamento entre os feirantes?

Como é o relacionamento entre os feirantes e a Emater?

Que políticas têm sido aplicadas para melhorar as condições produtivas e de qualidade de vida dos feirantes?

Como o senhor(a) enxerga o futuro da Feira do Produtor de Maringá?

ANEXO A

AFPRM - ASSOCIAÇÃO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE MARINGÁ
CNPJ 00783695/0001-25

FEIRA DO PRODUTOR DE MARINGÁ

REGULAMENTO INTERNO

Aprovado através de Decreto nº 148/82 e transformado em Lei nº 3.061/92
Fundação da Feira em 13/03/82 - Associação Constituída em 04/07/95
Utilidade Pública em 2009 - Lei 8580

- Art. 1-** A Feira do Produtor destina-se à venda, exclusivamente a varejo de produtos hortifrutícolas, derivados do leite e de industrialização caseira, com exceção da venda de carne fresca.
- §1º - Entende-se como produtos hortifrutícolas: olerícolas, frutícolas, flores, mudas de flores e frutas, grãos, ovos e mel;
- §2º - Entende-se como pescado: peixes;
- §3º - Entende-se como produtos derivados do leite: queijos, manteiga e requeijão;
- §4º - Entende-se como conservas: doces caseiros e compotas;
- §5º - Entende-se como produtos de industrialização caseira, aquelas fabricadas ou transformadas pelo produtor, que utilizará na sua confecção, como matéria prima principal, produtos produzidos na sua propriedade;
- §6º Todos os produtos transformados, fabricados ou industrializados pelo produtor, deverão ser liberados pela vigilância sanitária do seu município.
- Art. 2º** - O objetivo precípua da Feira de Produtor é fomentar o aumento da produção de hortifrutícolas, além de outros relacionados com o meio agrícola, com vendas de produtor diretamente ao consumidor.
- Art. 3º** - A Feira funcionará semanalmente, nos dias de segunda-feira e quarta-feira no período das 16 horas e 45 minutos às 21 horas, e aos sábados, das 07 às 12 horas, em local determinado pelo Executivo Municipal, no estacionamento do Estádio Willie Davids
- Art. 4º** - Os produtores deverão estar no recinto da feira impreterivelmente até às 6:00 horas aos sábados e até as 16 horas nas segundas e quartas-feiras, o que farão de forma silenciosa para não atrapalhar o sossego dos moradores próximos. Após este horário será proibida a sua entrada.
- §1º - O local é previamente marcado, cabendo ao produtor aceitar o local sugerido ou indicado pela comissão.
- Art. 5º** - Os produtores deverão permanecer no recinto da feira até às 10 horas e 30 minutos aos sábados e até às 21 horas e 15 minutos nas segundas e quartas-feiras afim de que não causem acidentes de qualquer natureza.
- §1º - Nas segundas e quartas-feiras só será permitida o início das vendas e desarme das barracas após o toque da sirene.
- §2º - Caracteriza-se como venda, quando o freguês escolher e separar as mercadorias ou colocar em embalagens. Caracteriza-se como desarmada a barraca também quando o produtor retirar alguma peça da banca, tais como lona, pano e bancas.

- Art. 6º** - Para o uso da banca, deverão ser obedecidas as seguintes normas:
- I - Cada produtor terá direito de usar somente uma banca;
 - II - As bancas deverão ter no máximo 05 (cinco) metros de comprimento, a fim de permitir a passagem do público;
 - III - As bancas deverão estar limpas, bem conservadas, com bom aspecto, pintadas com tinta a óleo de cor azul e possuir cobertura limpa.
 - IV - Para a venda de produtos industrializados na propriedade, deverá o produtor providenciar uma separação para não vender junto com outros produtos, e deverá forrar com pano limpo de cor clara;
 - V - Só poderão usar no máximo 2 (duas) lâmpadas de 60 w. por banca, e estas só poderão ser acesas quando estiver comprometendo a visão.
 - VI - Para facilitar a iluminação da banca, cada produtor deverá trazer sempre 10 (dez) metros de cabo tipo 4 mm. com as respectivas tomadas de 10 A. e para uso interno da banca, cabo 2,5 mm.
- Art. 7º** - Não serão permitidos vendedores ambulantes no recinto da feira.
- Art. 8º** - Para a manutenção da ordem e do bom funcionamento, a feira será dirigida permanentemente, por uma Diretoria ficando, porém sujeita à fiscalização.
- §1º - A fiscalização caberá à Prefeitura do Município de Maringá, através de seus fiscais e também por produtores indicados pela diretoria.
- Art. 9º** - A Diretoria será responsável pela definição de atitudes concretas a serem desenvolvidas, para a realização dos objetivos preconizados neste Regulamento, principalmente, orientando os produtores, requerendo junto aos poderes públicos os anseios dos produtores e definindo a forma de venda dos produtos.
- Art. 10º** - A Diretoria da Associação, orientada pelo Instituto EMATER, ficará responsável pela confecção da tabela de preços e a entregá-la, para o uso dos produtores em todos os dias da feira. A lista entregue aos sábados deverá valer para segunda e quarta-feira.
- Art. 11º** - Às pessoas pretendentes em comercializar na Feira do Produtor, preencherá uma ficha de inscrição que irá provar a sua condição de produtor, declarando o lugar de suas culturas e tipos de produtos a vender.
- Art. 12º** - A inscrição do produtor far-se-á mediante a apresentação da RG, CPF (CIC), nº do lote e a localização, ITR ou escritura, ou contrato de arrendamento/parceria devidamente registrada.
- § único - Na ficha de inscrição deverá constar o tipo de produtos a serem comercializados e em qual período na feira.
- Art. 13º** - A inscrição será efetuada e fornecida pelos técnicos do Instituto EMATER, e a autorização da Diretoria, após a fiscalização competente.
- §1º - A autorização mencionada neste artigo terá validade de 12 (doze) meses, devendo ser renovada pelo interessado no mesmo local, antes do vencimento. A inscrição terá o seu vencimento sempre no dia 10 de agosto.
- §2º - Se o produtor, inscrito por um período de 12 (doze) meses, passar a produzir outros tipos de produtos que não foram relatados por ocasião de sua inscrição deverá procurar o técnico do Instituto MATER, e a Diretoria,

para atualização de seu cadastro, acrescentando-se os novos produtos a serem comercializados.

Art. 14º - Será fornecido pelo Instituto EMATER, a cada produtor inscrito uma carteira de identificação, documento único que lhe provará a condição de produtor no recinto da Feira, dando-lhe direito a uma banca ou local de venda. A não apresentação do documento ao fiscal dar-lhe-á o direito de impedir o produtor a comercializar na feira, até que seja regularizada a situação.

Art. 15º - À Prefeitura do Município de Maringá competirá a expedição nos termos legais, da autorização para o funcionamento da feira, bem como a determinação do local para a sua instalação.

§único - Constatado qualquer desvirtuamento do objetivo preconizado neste regulamento, poderá a Prefeitura revogar, de imediato, a autorização referida neste artigo.

Art. 16º - O agente fiscal, designado pela Municipalidade deverá:

I - Permanecer no recinto da feira durante o tempo de seu funcionamento, observando e fazendo as disposições regulamentares, devendo comunicar das ocorrências ao Presidente da Associação;

II - Fiscalizar e examinar os produtos, mandando retirar os que julgarem impróprios ao consumo, sem prejuízo de outras sanções previstas em lei.

Art. 17º - Caberá também a Prefeitura do Município proceder a limpeza da área ocupada pela Feira, ao término desta.

Art. 18º - O Executivo Municipal providenciará, junto a COPEL, o fornecimento de energia elétrica, no decorrer do período para os feirantes interessados.

Art. 19º - A manutenção da ordem e disciplina, assim como a segurança no expediente da Feira, estará a cargo da Prefeitura, que com o auxílio dos membros da Diretoria recorrerá aos órgãos competentes, sempre que for necessário.

Art. 20º - Ao Produtor caberá a obrigatoriedade de colocar em cartazes explícitos os preços indicativos das mercadorias.

§1º - O preço das mercadorias deverá ser equiparado ao R\$/Kg, quando outro tipo e medida forem utilizados.

§2º - Quando a venda for realizada com produtos já embalados, o mesmo deverá constar na embalagem o seu respectivo peso, nome do produtor, nome do produto, endereço e data da embalagem. Quando forem produtos que necessitam de inspeção sanitária, as embalagens deverão seguir normas da mesma.

§3º - Quando os produtos forem utilizados em embalagem de bandejas e coberto com filme plástico, o preço poderá ser acrescido em 50%, do preço normal e quando for utilizada somente embalagem plástica, o preço poderá ser acrescido no máximo de 20% do preço normal.

§4º - É considerado também embalado, quando os produtos estiverem dentro de uma embalagem, aberto ou não e que estejam sendo vendidas em quilo. Maços e folhas *in natura* não são considerados como embalados.

§5º - Estes produtos em bandejas e em embalagens plásticas deverão ter um tratamento diferenciado quando da manipulação e deverão ser classificados conforme normas vigentes.

Art. 21º - Será expressamente proibido ao produtor:

- I - Reservar mercadorias antes do aviso do início da venda;
- II - Revender produtos adquiridos no comércio e ou de outro produtor.
- III - Utilizar equipamentos e utensílios não autorizados pelo IPEM ou ANVISA.
- IV - Atrair os fregueses quando estes estiverem em bancas vizinhas;
- V - Abandonar mercadorias ou restos da mesma no recinto da Feira.
- VI - Deixar mais de um veículo na área pré-fixada pela fiscalização;

Art. 22º - Far-se-á obrigatória a presença do produtor ou o segundo nome inscrito na Feira para a venda de sua produção, quando houver participação de terceiros auxiliando na venda.

Em casos excepcionais e autorizado pela diretoria, à venda poderá ser feita por alguém da família ou empregados fixos da propriedade.

Art. 23º - Toda pessoa que for encontrada negociando na área da Feira, sem a necessária inscrição e autorização, será intimada pela fiscalização a retirar-se do local.

§ único - Em caso de não cumprimento da determinação, sua mercadoria será apreendida e recolhida ao departamento competente da Prefeitura, além de incorrer em medidas punitivas cabíveis à espécie.

Art. 24º - A matrícula e autorização serão cassadas pela Diretoria, quando constatada a prática das seguintes infrações:

- I - Venda de mercadorias deterioradas, de procedência clandestina;
- II - Cobrança de preços superiores aos fixado em tabelas ou cartazes, exposto ao público, determinado pela Diretoria da Feira;
- III - Fraudes nos preços, medidas ou balanças;
- IV - Comportamento que atente contra a integridade física ou moral de terceiros;
- V - Transgressão de natureza grave das disposições fixadas neste regulamento.

Art. 25º - No caso de não cumprimento deste Regulamento, o Produtor será notificado a primeira vez e, ocorrendo reincidência será suspenso por um mês e ou cobrança de multa definido pela diretoria, e após este período não cumprir o regulamento, será excluído da participação da feira.

Art. 26º - Na disciplina interna da Feira ter-se-á em vista:

- I - Manter a ordem e o asseio;
- II - Assegurar o seu aprimoramento;
- III - Proteger os produtores e consumidores quanto à manobras prejudiciais a seus interesses.

Art. 27º - Será facultado e recomendado ao público comunicar às pessoas encarregadas da fiscalização e em serviço na Feira todo e qualquer abuso ou infração, porventura cometida pelos produtores participantes, afins de que sejam tomadas as providências cabíveis, imediatamente.

- Art 28º** - O uso do Jaleco ou guarda-pó limpo é obrigatório quando estiverem comercializando na banca, independente de qual produto. Não serão permitidos usos de camisetas mesmo as personalizadas.
- Art. 29º** - Faz obrigatória a presença do Produtor ou seu representante que constar na ficha de inscrição, na reunião da Feira que é realizada a cada 3 meses, sempre na segunda terça-feira do mês.
- §1 - Caso o produtor venha a faltar a uma reunião, será multado em 10% (dez por cento) do salário mínimo nacional vigente, e quem faltar por duas vezes consecutivas será multado em 20% e assinará a notificação de que na terceira falta consecutiva será suspensa da participação da Feira por um período de 12 meses.
- Art.30º** - Será permitido ao Produtor ausentar da Feira por 4 semanas por ano, sem perder o direito do lugar, quando for tirar férias, desde que avise a diretoria por escrito com antecedência de no máximo de 10 dias, e só poderá fazê-las uma vez ao ano.
- § Único - Com aviso de antecedência, também poderão se ausentar da feira por um determinado período, quando ocorrerem sinistros comprovados pela diretoria na lavoura impedindo a sua participação.
- Art.31º** - Quando houver 02 (duas) faltas nas feiras no período de um mês ou 5 (cinco) faltas num período de 6 meses, sem aviso prévio por escrito e sem justificativas condizentes, o produtor perderá o direito do lugar, contudo podendo participar da feira em outro local indicado pelos membros da diretoria (responsável).
- § único - O produtor que perder o direito do lugar deverá primeiro consultar o responsável para verificar onde poderá se instalar novamente.
- Art.32º** - O produtor que ausentar da participação da Feira num período de 6 meses consecutivos, a sua inscrição será cancelada, mesmo que esteja em dia com a associação.
- Art.33º** - Foi autorizado por lei aprovado na câmara dos vereadores e sancionado pela Prefeitura, o funcionamento de uma banca de batata e cebola, duas bancas de pastel e uma banca de peixe.
- Art.34º** - Para os outros produtos comercializados na feira (pães, bolos, pamonhas, doces, yakissoba, espetinhos e produtos de origens japonesas) não serão permitida a entrada de novos e quando houver a desistência de algum, será feita uma comissão para avaliar a necessidade da reposição.
- §1º- Mesmo tendo autorização da vigilância sanitária, as pessoas que comercializam outros produtos acima descritos, só poderão acrescentar mais novos produtos para comercialização na Feira, caso tenham a autorização por escrito da diretoria.
- §2º- As pessoas que comercializam outros produtos acima descritos serão consideradas sócios colaboradores, e mesmo tendo a autorização como produtor, não poderão possuir dois lugares distintos, devendo o mesmo comercializar seus produtos em uma única banca.
- Art. 35º** - Aos fiscais e a Diretoria da Feira do Produtor caberá o julgamento dos casos de não cumprimento deste regulamento.

Art. 36º - Aos membros da Diretoria será facultada a verificação de irregularidades e poderes para julgá-los, de imediato, junto com o fiscal, se merecer urgência a sua execução.

Art. 37º - À Diretoria da Feira, observadas as disposições legais caberão a tomada de decisões, para a solução de casos que ocorram e não estejam explícitos neste regulamento.

Maringá, 29 de julho de 2.003.

Kimie Kataoka
Diretora Presidente

João Faloppa
Diretor Secretário

ANEXO B

ESTATUTO SOCIAL

ASSOCIAÇÃO DA FEIRA DO PRODUTOR RURAL DE MARINGÁ

CAPÍTULO I

DENOMINAÇÃO, SEDE, FORO, DURAÇÃO, ANO SOCIAL E ÁREA DE AÇÃO

- Art. 1º** - A Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá - AFPRM, fundada em 04 de julho de 1995, é uma associação civil, sem fins lucrativos, com sede e foro na comarca de Maringá, Estado do Paraná, à Av. Brasil, 4493, sala 103, CEP 87013-000, destinada a representação social e defesa de seus associados e reger-se-á pelo presente Estatuto e pelas disposições legais vigentes.
- §1º- São associados os produtores, assim considerados aqueles que se dedicam ao ramo de hortifrutigranjeiro como proprietário, arrendatário ou parceiros.
- §2º- A área de ação da Associação abrange o município de Maringá, e municípios que fazem parte da região norte e noroeste do Estado do Paraná.
- §3º- Prazo de duração é indeterminado e o exercício social é compreendido entre o período de 01 de agosto a 31 de julho.

CAPÍTULO II

DA FINALIDADE

- Art. 2º** - A Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá – AFPRM, tem como base a colaboração recíproca a que se obrigam seus associados, objetivando promover:
- a) a organização, a manutenção da ordem e bom funcionamento da feira do produtor, bem como a fiscalização para cumprimento das normas estabelecidas neste estatuto e no regimento interno.
 - b) o estímulo ao desenvolvimento e a defesa das atividades social, econômica e cultural de seus associados;
 - c) manter serviços de cadastro dos associados; e
 - d) a representação do interesse dos seus associados.
- Art. 3º** - Para a realização de seus objetivos a associação agirá isoladamente ou em colaboração com outras associações congêneres, mediante proposta da diretoria e aprovada em Assembléia geral.

CAPÍTULO III - DOS ASSOCIADOS

SECÃO I - DA ADMISSÃO

- Art. 4º** - Poderá associar-se, exclusivamente, produtores que tenham produção própria devidamente comprovada, produzida em imóvel de sua propriedade ou ocupada por processo legítimo, dentro da área de ação da sociedade.
- Art. 5º** - Os associados serão admitidos mediante subscrição de proposta de admissão, que deverá conter todos os dados para sua ficha cadastral, que será encaminhada a deliberação da Diretoria.
- §1º- A Diretoria será responsável pela aprovação ou não da proposta de admissão dos associados.
- §2º- A admissão dos associados dependerá ainda da disponibilidade de espaço físico no local onde a Feira se instalar.

- §3º- Uma vez aprovada pela diretoria a proposta de admissão, o associado pagará a jóia de admissão no valor de 30% (trinta por cento) do salário mínimo vigente à época, bem como a mensalidade em vigor, assinando o livro de matrícula e o contrato de adesão juntamente com o Presidente e 1º Secretário.
- §4º- Excepcionalmente poderão ser admitidas como associado, pessoas físicas ou jurídicas que não sejam produtores, desde que não tenham interesses conflitantes com as finalidades da Associação.
- Art. 6º** - A admissão como associado, implica na adesão de todas as disposições deste Estatuto, obrigando-se por todas as deliberações tomadas pela Diretoria e Assembléia Gerais.
- §1º- Após aprovado pela Diretoria a proposta de admissão, o associado deverá preencher ficha de inscrição com todos os dados cadastrais, indicando nome de representante legal que poderá eventualmente substituí-lo através de procuração com poderes específicos.
- §2º- O representante legal indicado pelo associado deverá ser, necessariamente, esposo(a), ou filho (a) do mesmo.
- Art. 7º** - São admitidas as seguintes categorias de associados: Fundadores, Efetivos, Beneméritos, Honorários e Colaboradores.
- §1º- São associados fundadores os que se inscreverem na Assembléia de Constituição;
- §2º- São associados efetivos todos os produtores que tenham sido admitidos na forma estatutária;
- §3º- São associados beneméritos aqueles que tenham prestado serviços relevantes a associação ou aos produtores rurais da área de ação, declarados como tais pela Assembléia Geral;
- §4º- São associados honorários pessoas físicas ou jurídicas de notório valor e relevante atuação em prol da associação, que forem aceitos como tal pela Assembléia Geral;
- §5º- São associados colaboradores pessoas que pagam mensalidade à Associação, comercializam seus produtos, mas não produzem a matéria prima principal.
- Art. 8º** - Os associados honorários e beneméritos que tenham o título concedido na forma deste artigo estão isentos das contribuições devidas a Associação, não gozam do direito de votar e ser votado e não receberão benefícios diretos.
- Art. 9º** - Os associados colaboradores terão os mesmos direitos e deveres dos sócios fundadores e efetivos, mas não poderão ser votados nos cargos da diretoria.

SEÇÃO II - DOS DIREITOS DOS ASSOCIADOS

- Art. 10º** - São direitos dos associados Fundadores e Efetivos:
- a) Votar e ser votado;
 - b) Tomar parte das Assembléias Gerais discutindo e votando os assuntos nela tratados;
 - c) Apresentar à Diretoria ou Assembléia Geral medidas de interesse da Associação;
 - d) Demitir-se da Associação quando lhe convier, desde que esteja quite com a Associação;
 - e) Propor a admissão de novos associados;
 - f) Realizar com a Associação as atividades que constituam o seu objetivo;
 - g) Solicitar por escrito informações sobre as atividades da Associação e ou consultar na sede da sociedade, os livros, contabilidade e documentos, que devem estar à disposição do associado.
- Parágrafo único**- Quando, por força maior, o associado titular, não puder comparecer às assembléias e reuniões em que seja convocado a participar, poderá nomear e constituir procurador o representante legal descrito na ficha de inscrição, dando-lhe poderes para representá-lo, inclusive para votar e ser votado.

SEÇÃO III - DOS DEVERES DOS ASSOCIADOS

Art. 11º - São deveres dos associados:

- a) Realizar com a Associação todas as atividades que constituem seus objetivos econômicos e sociais;
- b) Promover o engrandecimento moral, cultural e material da Associação, cumprindo as determinações constantes do presente Estatuto e do regulamento interno e deliberações das Assembléias Gerais;
- c) Desempenhar com dedicação o cargo para o qual foi eleito;
- d) Pagar com pontualidade a mensalidade à Associação bem como as demais obrigações pecuniárias estipuladas em Assembléia Geral;
- e) Prestar à Associação esclarecimentos relacionados com as atividades que permitiu que o mesmo fosse admitido à Associação;
- f) Permitir a entrada dos membros da diretoria ou fiscal da Associação para vistorias técnicas na propriedade.
- g) Comparecer às reuniões dos Associados, que serão realizadas conforme determinação do regulamento interno.

Parágrafo único – Os associados não responderão subsidiariamente pelas obrigações sociais da Associação.

Art. 12º - Os direitos e as obrigações dos associados falecidos contraídos com a Associação, e as oriundas de sua responsabilidade como associado perante terceiros, obrigam os herdeiros e sucessores legais.

SEÇÃO IV - DEMISSÃO, ELIMINAÇÃO E EXCLUSÃO

Art. 13º - A demissão do associado dar-se-á unicamente a seu pedido e somente poderá ser negada se o associado não estiver em dia com suas obrigações perante a Associação.

Parágrafo único - O pedido de demissão deverá ser requerido ao Presidente e por este levado à Diretoria na próxima reunião, averbada no livro de matrícula mediante termo assinado pelo Presidente e imediatamente comunicada, por escrito, ao requerente.

Art. 14º - A eliminação do associado, prevista no artigo 57 do Código Civil, será aplicada em virtude de infração deste Estatuto, regulamento interno ou deliberações das Assembléias Gerais, por decisão da Diretoria, após advertência por escrito ao infrator, suspensão por 30 dias no caso de reincidência, e posteriormente, notificação da eliminação caso reincida na mesma infração.

§1º - A diretoria eliminará o associado que:

- a) Deixar de cumprir as obrigações previstas neste Estatuto, no Regulamento interno ou deliberações das Assembléias Gerais, ou deixar de manter seus compromissos financeiros com a Associação.
- b) Danificar o patrimônio da Associação ou denegrir a sua imagem;
- c) Após advertência e suspensão, continuar infringindo este Estatuto ou Regulamento Interno, ou ainda não cumprir as deliberações da Assembléia Geral ou da Diretoria;
- d) Deixar de pagar suas mensalidades e contribuições por 02 (Dois) meses consecutivos.
- e) Faltar às reuniões dos associados por 3 vezes consecutivas.
- f) Prestar à Associação informações inverídicas.

§2º- Os motivos que determinarem a eliminação do associado devem constar de termo lavrado no livro de matrícula e assinado pelo Presidente.

§3º- A notificação de eliminação deverá ser remetida ao associado eliminado acompanhada de cópia autêntica da decisão, dentro do prazo de 20 (vinte) dias, por meio que comprove o seu recebimento.

§4º- O associado eliminado poderá, dentro do prazo de 05 (cinco) dias contados da data do recebimento da notificação da eliminação, interpor recurso junto a Assembléia Geral.

Art. 15º - A exclusão do associado dar-se-á:

- I- Por morte da pessoa física;
- II- Por dissolução da pessoa jurídica;
- III- Por incapacidade civil não suprida.

Parágrafo único - A exclusão do associado, nos termos deste artigo, será feita por decisão da Diretoria e lavrada no livro de matrícula.

Art. 16º - Em qualquer caso de demissão, eliminação ou exclusão o associado não tem direito a restituição de colaborações financeiras de qualquer espécie, bem como dos fundos existentes.

Parágrafo único - Qualquer aviso de advertência, suspensão ou notificação de eliminação deverá ser afixado em edital e colocado em local visível a todos os associados.

Art. 17º - Os associados demitidos, eliminados ou excluídos, respondem pelos deveres e obrigações assumidos até a data de seu desligamento.

CAPÍTULO IV

DO PATRIMÔNIO, FUNDOS E MENSALIDADES

Art. 18º - O patrimônio e os fundos da Associação serão constituídos:

- a) pelos bens móveis e imóveis que venham a ser adquiridos pela Associação ou recebidos em doação, devidamente contabilizados;
- b) por mensalidades e anuidades dos associados e “jóias” recebidas quando da admissão dos associados;
- c) por subvenções, auxílios, donativos, legados, provenientes de quaisquer entidades, pública ou particular, nacional ou estrangeira;
- d) pelas rendas patrimoniais ou de serviços que venha a prestar;
- e) por direitos e legados;
- f) pelos resultados das atividades sociais não compreendidas nas alíneas anteriores.

Art.19 - O Fundo de Reserva será constituído de 30% dos valores arrecadados a título de mensalidades e “jóia” de admissão, sendo que a sua liberação só poderá ocorrer com aprovação em Assembléia Geral.

Parágrafo único - O “Fundo de Reserva” será utilizado na cobertura das eventuais perdas operacionais ou prejuízos de outras naturezas, bem como na expansão das atividades da Associação.

Art. 20º - A mensalidade é devida somente pelos associados fundadores, efetivos e colaboradores, no valor a ser estipulado pela Diretoria, com a finalidade de cobrir as despesas apuradas no exercício, juntamente com outras receitas.

Parágrafo único - A mensalidade de que trata este artigo deverá ser paga entre os dias 1º (primeiro) a 10 (dez) de cada mês ou no ato da admissão para os novos associados, diretamente ao Primeiro Secretário.

CAPÍTULO V

ÓRGÃOS SOCIAIS

Art. 21º - A direção da Associação será exercida pelos seguintes órgãos:

- I- Assembléia Geral;
- II- Diretoria Executiva;
- III- Conselho Fiscal;

§1º- O exercício de quaisquer das funções pertinentes aos órgãos referidos nos incisos II e III deste artigo não serão remunerados.

§2º- É vedado o exercício cumulativo de cargos.

SECÃO I- DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Art. 22º - A Assembléia Geral, ordinária ou extraordinária, é o órgão supremo da Associação, com poderes dentro dos limites deste Estatuto, para tomar toda e qualquer decisão de interesse social, sendo que suas deliberações vinculam a todos, ainda que ausentes, omissos ou discordantes.

Art. 23º - A Assembléia será convocada e dirigida pelo Presidente.

Parágrafo único – Poderá também ser convocada pelo Conselho Fiscal, se ocorrer motivos graves ou urgentes, ou ainda por 1/5 (um quinto) dos associados em pleno gozo de seus direitos sociais, após solicitação não atendida pelo Presidente.

Art. 24º - Não poderão votar e ser votado nas Assembléias Gerais:

- a) os associados que não estiverem quites com a associação em qualquer disposição deste Estatuto e do Regulamento interno, e em pleno gozo de seus direitos e deveres estatutários;
- b) os associados que tenham ingressado no quadro social após a convocação da respectiva Assembléia Geral.

Art. 25º - As Assembléias Gerais serão convocadas com antecedência mínima de 10 (dez) dias, devendo prever e fixar o horário em que se realizará em primeira e segunda convocação, devendo decorrer entre ambas o prazo de 30 minutos.

Parágrafo único - As 2 (duas) convocações podem ser feitas em um único edital, desde que nele constem, expressamente, os prazos para cada uma delas.

Art. 26º - Dos editais de convocações das Assembléias Gerais deverão constar:

- a) A denominação da Associação, seguida da expressão “convocação da Assembléia Geral, Ordinária ou Extraordinária”, conforme o caso;
- b) O dia e a hora em que se realizará a Assembléia em primeira e segunda convocação, assim como o endereço de sua realização;
- c) O resumo da ordem do dia dos trabalhos, com as devidas especificações;
- d) O número de associados existentes à data de sua expedição, para efeito de cálculo do número legal (quorum) de instalação e apreciação do critério de representação;
- e) A assinatura do responsável pela convocação.

§1º- No caso de convocação da Assembléia por associados, o Edital será assinado no mínimo pelos 04 (quatro) primeiros signatários do documento que a solicitou.

§2º- Os editais de convocação serão afixados em locais visíveis das dependências mais comumente freqüentadas pelos associados, devendo ser publicados em jornal de circulação local ou comunicados por circulares aos associados ou, ainda, por outros meios de comunicação.

Art. 27º - O “quorum” para instalação da Assembléia Geral, calculado em função do número de presentes, conforme livro de presença assinado pelos associados, será:

- a) Metade mais um dos associados, em primeira convocação;
- b) Com o número de associados que se fizer presente na Assembléia, em condições de votar em segunda e última convocação.

Art. 28º - Compete privativamente às Assembléias Gerais, Ordinárias ou Extraordinárias:

- a) eleger os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- b) destituir os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal;
- c) aprovar as contas;
- d) alterar o Estatuto.

- §1º** - Para as deliberações a que se refere as alíneas “b” e “d” é exigido o voto de 2/3 (dois terços) dos presentes à Assembléia especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar em primeira convocação sem a maioria absoluta (cinquenta por cento mais um) dos associados, ou com menos de 1/3 (um terço) na segunda convocação.
- §2º** - Ocorrendo destituição que possa comprometer a regularidade da administração ou fiscalização da Associação, poderá a Assembléia designar administradores e fiscais provisórios, até a posse de novos, cuja eleição se efetuará dentro do prazo de 30 (trinta) dias.
- Art. 29º** - As Assembléias Gerais serão dirigidas pelo Presidente, que será auxiliado pelo 1º Secretário, sendo pelo Presidente convidados a participar da mesa, os ocupantes de cargos sociais e autoridades presentes;
- §1º** - Na ausência ou eventuais impedimentos dos Secretários, o Presidente convidará outro associado para secretariar os trabalhos e lavrar a respectiva ata (secretário “ad hoc”).
- §2º** - Quando a Assembléia Geral não tiver sido convocada pelo Presidente, os trabalhos serão dirigidos por um dos Associados que a convocou e secretariado por outro associado convidado por aquele, compondo a mesa dos trabalhos os principais interessados na sua convocação.
- Art. 30º** - Nas Assembléias Gerais em que forem discutidos o balanço e as contas do exercício, o Presidente da Associação, após a leitura do relatório da Diretoria, das peças contábeis, do parecer do Conselho fiscal, solicitará ao plenário que indique um associado para coordenar os debates e a votação da matéria.
- Art. 31º** - Os ocupantes de cargos sociais, bem como, quaisquer outros associados, que não puderem votar nas decisões sobre assuntos que a eles se referirem de maneira direta ou indireta, entre os quais os de prestação de contas, não ficarão privados de tomar parte nos respectivos debates.
- Art. 32º** - As deliberações das Assembléias Gerais devem versar, apenas, sobre assuntos constantes do Edital de Convocação e os que com eles tiverem direta e imediata relação.
- §1º** - Em regra, a votação será por aclamação, podendo a Assembléia optar pelo voto secreto, atendendo-se então às normas usuais, salvo nos casos de eleição da Diretoria e Conselho Fiscal, em que a votação será sempre pelo voto secreto.
- §2º** - As deliberações das Assembléias Gerais deverão constar de Ata circunstanciada, lavrada em livro próprio, lida, aprovada e assinada ao final dos trabalhos pelos associados presentes.
- §3º** - As deliberações das Assembléias Gerais serão tomadas por maioria simples de votos dos associados presentes com direito de votar, tendo cada associado presente direito a um só voto.
- §4º** - Prescreve em 03 (três) anos a ação para anular as deliberações da Assembléia Geral viciadas de erro, fraude, dolo ou simulação, ou tomadas com violação deste Estatuto, contados da data da Assembléia realizada.

SEÇÃO II - ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

- Art. 33º** - A Assembléia Geral Ordinária realizar-se-á anualmente, no primeiro trimestre do ano social da Associação.
- §1º** - À Assembléia Geral Ordinária compete deliberar sobre os seguintes assuntos:
- I**- Prestação de contas da Diretoria acompanhada do parecer do Conselho Fiscal, compreendendo:
- a) Relatório de gestão;
 - b) Balanço geral;
 - c) Demonstrativo dos resultados;

- d) Parecer do conselho fiscal;
- e) Plano de atividade da sociedade para o exercício seguinte, com o orçamento de receita e despesas.
- II- Eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal.
- III- Destinação dos Resultados do exercício.
- IV- Outros Assuntos de interesse da Entidade.
- §2º- Os membros da Diretoria e do Conselho Fiscal não podem participar da votação de matéria referidas no inciso I deste artigo.
- §3º- A aprovação do Relatório, Balanço e Contas da Diretoria desonera seus componentes de responsabilidades, ressalvados casos de erro, dolo, fraude ou simulação, bem como, de infração deste Estatuto.

SEÇÃO III - DA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

- Art. 34º** - As Assembleias Gerais Extraordinárias serão realizadas em qualquer época do ano, segundo as necessidades da Associação, podendo deliberar sobre qualquer assunto, desde que mencionados no Edital de Convocação.
- Art. 35º** - Compete exclusivamente à Assembleia Geral Extraordinária deliberar sobre os seguintes assuntos:
- a) Reforma do Estatuto;
 - b) Fusão, incorporação ou desmembramento da Associação;
 - c) Mudança do objetivo da Associação;
 - d) Dissolução da Entidade e nomeação de liquidantes;
 - e) Aprovação das contas de liquidação e relatório final.

Parágrafo único – Para as deliberações de que tratam as alíneas “a” a “e”, são necessários os votos de 2/3 (dois terços) dos associados com direito a voto, presentes na Assembleia, especialmente convocada para esse fim, não podendo ela deliberar em primeira convocação sem a presença da maioria absoluta dos associados, ou em segunda convocação sem a presença de 1/3 dos associados

SEÇÃO IV - DIRETORIA

- Art. 36º** - A Associação será administrada por uma Diretoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro e dois suplentes, eleitos pela Assembleia Geral para um mandato de 01 (um) ano, não podendo ser reeleitos por dois mandatos consecutivos.
- §1º- Os membros da Diretoria não são pessoalmente responsáveis pelas obrigações que contraírem em nome da Associação, mas respondem solidariamente pelos prejuízos resultantes de seus atos se agirem com culpa ou dolo.
- §2º- A Associação responde pelos atos que se refere o parágrafo anterior, se houver ratificado ou deles logrado proveito.
- Art. 37º**- São inelegíveis, além das pessoas legalmente impedidas, os condenados a pena que vede, ainda que temporariamente, o acesso à cargos públicos, ou por crime falimentar de prevaricação, suborno, concussão, peculato ou contra a economia popular, a fé pública ou a propriedade.
- §1º- O associado, mesmo ocupando cargo eletivo na Associação, não pode participar das deliberações sobre operação que tiver interesse oposto ao da Associação, cumprindo-lhe acusar o seu impedimento.
- §2º- Os membros da Diretoria, do Conselho Fiscal ou outros assim como os liquidantes, equiparam-se aos administradores das sociedades anônimas, para efeito de responsabilidade criminal.

§3º- Sem prejuízo da ação que couber a qualquer associado, a sociedade, por seus dirigentes, ou representantes pelo associado escolhido em Assembléia Geral, tem direito de ação contra os Diretores e Administradores, para apurar a sua responsabilidade.

Art. 38º- A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês e extraordinariamente sempre que necessário, por convocação do Presidente, da maioria da própria Diretoria ou ainda por solicitação do Conselho Fiscal, sendo que seu "quorum" para deliberação será da maioria absoluta dos seus membros, proibida a representação, reservado ao Presidente o exercício do voto do desempate;

§1º- As deliberações serão consignadas em atas circunstanciadas, lavradas em livro próprio, lidas, aprovadas e assinadas no final dos trabalhos, pelos membros presentes e após deverá ser lida em Assembléia Geral para o conhecimento de todos os associados.

§2º- Perderá automaticamente o cargo, o membro da Diretoria que sem justificativa, faltar por 03 (três) reuniões ordinárias consecutivas ou 5 (cinco) durante o ano, após notificação expressa ao faltante.

Art. 39º- Compete à Diretoria, entre outras, as seguintes atribuições:

- a) Cumprir e fazer cumprir o Estatuto Social e Regimento Interno e as decisões das Assembléias;
- b) Elaborar o Regimento Interno;
- c) Resolver os casos omissos neste Estatuto ou Regimento interno e as dúvidas que suscitarem;
- d) Instituir taxas destinadas a cobrir despesas dos serviços da entidade;
- e) Avaliar e providenciar o montante dos recursos financeiros e das necessidades para o atendimento das operações e serviços;
- f) Decidir pela eliminação e exclusão de associados;
- g) Analisar os pedidos de admissão e demissão;
- h) Fixar as despesas de administração em orçamento anual que indique a fonte dos recursos para a sua cobertura;
- i) Contratar elementos de comprovada capacidade técnica comercial e administrativa para a função de contabilidade e fixar normas para a admissão;
- j) Designar os estabelecimentos bancários em que devem ser recolhidos os numerários disponíveis e valores recebidos e fixar o limite máximo que pode ser mantido em caixa;
- k) Estabelecer as normas de controle das operações e serviços, verificando mensalmente, a situação econômica-financeira da Associação e o desenvolvimento das operações em geral, através de balancetes da contabilidade e demonstrativos específicos;
- l) Deliberar sobre a convocação de Assembléias Gerais;
- m) Adquirir, alienar ou onerar bens imóveis da Associação, com prévia e expressa autorização da Assembléia Geral, fazendo três orçamentos e adquirindo sempre pelo menor;
- n) Contrair obrigações, realizar transações, adquirir, alienar, onerar bens imóveis, ceder direitos e constituir mandatários, com autorização da Assembléia Geral;
- o) Solicitar, sempre que julgar necessário e conveniente, o assessoramento de pessoas habilitadas, para auxiliá-la no esclarecimento dos assuntos a decidir, podendo determinar que a mesma apresente previamente projetos sobre questões específicas;
- p) Estabelecer normas na forma de Resolução normativa ou administrativa ou, ainda, Instruções, que poderão ser incorporadas ao Regimento interno da Associação, após aprovação em Assembléia Geral;
- q) Planejar e traçar normas para operação e serviços da Associação e controlar os resultados.

Parágrafo único: É vedado à Diretoria ou à qualquer membro da Associação, a utilização de cartão de crédito e/ou magnético da associação para a retirada de dinheiro para qualquer despesa;

Art. 40º - Ao Presidente cabe, entre outras, as seguintes atribuições:

- a) Supervisionar as atividades da Associação, através de verificação e contatos assíduos com os associados;
- b) Assinar, juntamente com o Secretário, contratos e demais documentos constitutivos de obrigações;
- c) Assinar juntamente com o Tesoureiro cheques e documentos bancários da Associação;
- d) Convocar e presidir as reuniões da Diretoria e, normalmente, as Assembléias Gerais;
- e) Apresentar à Assembléia Geral Ordinária:
 - Relatório de gestão;
 - Balanço;
 - Demonstrativo das sobras apuradas ou das perdas decorrentes da insuficiência das contribuições para cobertura das despesas da Entidade e oriundas de outros motivos e o parecer do Conselho Fiscal;
 - O plano anual de atividade da Associação e o respectivo orçamento de receitas e despesas.
- f) Representar ativa e passivamente a Associação, em juízo ou fora dele;
- g) Proferir o voto de desempate.

§1º - Nos impedimentos por prazos inferiores a 90 (noventa) dias, o Presidente é substituído pelo Vice-Presidente;

§2º - Se ficarem vagos, por qualquer tempo, 50% dos cargos da Diretoria (efetivos mais os suplentes), deve o Presidente, ou os demais membros, se a Presidência estiver vaga, ou ainda o Conselho Fiscal, convocar a Assembléia Geral para o devido preenchimento;

§3º - O Substituto exerce o cargo somente até o final do mandato do seu antecessor.

Art. 41º - Ao Vice-presidente cabe, entre outras atribuições, assessorar e assistir permanentemente o Presidente, substituindo-o nos seus impedimentos inferiores a 90 (noventa) dias.

Art. 42º - Aos Secretários cabe, entre outras, as seguintes atribuições:

- a) Secretariar e lavrar as atas das reuniões da Diretoria e das Assembléias Gerais, responsabilizando-se pelos livros, documentos e arquivos referentes as suas atribuições;
- b) Assinar, juntamente com o Presidente, contratos, e demais documentos constitutivos de obrigações.

Art. 43º - Ao Tesoureiro cabe, entre outras, as seguintes atribuições:

- a) Responder pela guarda de valores e documentos de crédito da associação;
- b) Movimentar as contas bancárias, emitir e assinar cheques, contratos e outras obrigações juntamente com o Presidente;
- c) Emitir ou acompanhar a emissão dos balancetes mensais e o Balanço Anual, assinados juntamente com o Presidente;
- d) Organizar cobranças e sistema de controle das mesmas, assinando avisos de débito ou de cobrança.

SEÇÃO V - CONSELHO FISCAL

Art. 44º - A administração da Associação deverá ser fiscalizada, por um Conselho Fiscal, constituído de 03 (três) membros efetivos e 03 (três) suplentes, todos associados, eleitos anualmente pela Assembléia Geral Ordinária.

Parágrafo único - O associado não pode exercer cumulativamente cargos na Diretoria e Conselho Fiscal.

Art. 45º- O conselho Fiscal reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por mês e, extraordinariamente sempre que necessário, com a participação de 03 (três) de seus membros efetivos.

§1º- Em sua primeira reunião o Conselho Fiscal elegerá entre seus membros um coordenador encarregado de convocar e presidir suas reuniões e um secretário encarregado de lavrar as atas e guardar os documentos pertencentes ao Conselho Fiscal.

§2º- As reuniões podem ser convocadas, ainda, por qualquer dos seus membros, por solicitação da Diretoria ou da Assembléia Geral;

§3º- Se os membros do Conselho Fiscal faltarem a 3 reuniões seguidas ou 5 alternadas, serão estes eliminados do cargo, assumindo o suplente.

§4º- Quando da convocação dos Conselheiros Fiscais para reuniões, poderão também ser convidados suplentes para assisti-los, sem direito a voto, podendo, entretanto, exercê-lo quando convocado para suprir falta de titular;

§5º- Na ausência do coordenador, os trabalhos são dirigidos por substituto escolhido na ocasião;

§6º- As deliberações são tomadas por maioria simples de votos e constam da ata, lavrada no livro próprio, lida, aprovada e assinada ao final do trabalho, em cada reunião, pelos conselheiros presentes e deverão ser lidas nas Assembléias para os demais associados.

Art. 46º- Aos membros efetivos do Conselho Fiscal, aplica-se o disposto no §2º do artigo 28 deste Estatuto.

Parágrafo único - Ocorrendo três ou mais vagas no Conselho Fiscal, a Diretoria convocará a Assembléia Geral, no prazo de 30 (trinta) dias para o devido preenchimento.

Art. 47º- Compete ao Conselho Fiscal exercer fiscalização sobre as operações, atividades e serviços da Associação, cabendo-lhe entre outras as seguintes atividades:

- a) Conferir mensalmente o saldo numerário existente em caixa verificando também se o mesmo está dentro dos limites estabelecidos pela Diretoria;
- b) Verificar se os extratos de contas bancárias conferem com a escrituração contábil da Associação;
- c) Verificar se os montantes das despesas e inversões realizadas estão de conformidade com os planos e decisões da Diretoria;
- d) Verificar se as operações realizadas e os serviços prestados correspondem, em volume, quantidade e valor às previsões feitas e as conveniências econômico-financeiras da Associação;
- e) Certificar se a Diretoria vem se reunindo regularmente e se existem cargos vagos na sua composição;
- f) Verificar se existem reclamações dos associados quanto aos serviços prestados;
- g) Verificar se o recebimento dos créditos estão sendo feitos com regularidade e se os compromissos estão sendo atendidos pontualmente;
- h) Dar conhecimento expresso à Diretoria, e quando necessário, à Assembléia Geral, das conclusões de seus trabalhos, apontando a esta as irregularidades constatadas;
- i) Estudar os balancetes e outros demonstrativos mensais de balanço, emitindo o parecer sobre estes para a Assembléia Geral;
- j) Convocar a Assembléia Geral quando ocorrerem motivos graves e urgentes, comunicando-os, se necessários aos órgãos competentes.

Parágrafo único - Para os exames e verificações dos livros, contas e documentos necessários ao cumprimento das suas atribuições, pode o Conselho Fiscal ou 10% dos associados, contratar o assessoramento técnico especializado e valer-se dos relatórios e informações dos serviços de auditoria externa, correndo as despesas por conta da Associação.

SEÇÃO VII - DA CONTABILIDADE

- Art. 48º** - Os serviços de contabilidade, subordinados à presidência, são organizados segundo as normas gerais de contabilidade e das disposições deste Estatuto, cabendo ao Contador, entre outros os seguintes encargos:
- a) Preparar o plano de contas, observadas as normas oficiais e organizar a execução dos registros de contabilidade geral, com a anuência do Presidente;
 - b) Assessorar a Diretoria em todos os assuntos de natureza contábil;
 - c) Manter sempre em dia os serviços de contabilidade de sua responsabilidade;
 - d) Mensalmente levantar o balancete, um demonstrativo comparado da execução orçamentária, e outros considerados necessários ao estudo do desenvolvimento das operações ou que lhe sejam solicitados pela Diretoria;
 - e) Responsabilizar-se pelo exame aritmético, moral e legal dos documentos submetidos a registro na Contabilidade Geral;
 - f) Responsabilizar-se pela guarda dos livros e documentos relacionados com a Contabilidade;
 - g) Transmitir à Diretoria as informações sobre o andamento dos serviços contábeis;
 - h) Prestar à Diretoria, ao Conselho fiscal e a Assembléia Geral, os esclarecimentos que lhe forem solicitados sobre o estado da Contabilidade e dos negócios sociais.

CAPÍTULO VI

DAS ELEIÇÕES

- Art. 49º** - As eleições dos membros da Diretoria e do Conselho Fiscal realizar-se-ão no mês de agosto de cada ano, em Assembléia Geral Ordinária, convocada com dez dias de antecedência pelo Presidente da Associação, através de editais e circulares, conforme este estatuto.
- Art. 50º** - Somente poderão concorrer às eleições, os candidatos que preencherem os requisitos previstos deste Estatuto.
- §1º** - Não poderão concorrer a cargo na diretoria e no conselho fiscal, aqueles associados classificados como colaboradores, honorários e beneméritos.
- §2º** - Não serão permitidas reeleições em qualquer dos cargos da diretoria. Para o Conselho fiscal, é permitida reeleição de 1/3 (um terço) dos seus componentes.
- §3º** - Quando da formação de chapa para eleição, o mesmo deverá ser entregue a diretoria com antecedência de até 48 horas.
- Art. 51º** - O voto será direto e secreto e o associado presente, tem direito a apenas um voto.
- Art. 52º** - É vedado o voto do associado por representação, em qualquer circunstância de impedimento.
- Art. 53º** - A votação far-se-á em cédula única, rubricada pelo Presidente da mesa e por dois membros designados entre os sócios pela Diretoria; cédula esta, que constará o nome de todas as chapas concorrentes.
- Art. 54º** - A apuração das eleições será após a eleição, oportunidade em que o Presidente da mesa proclamará oralmente os candidatos eleitos.
- Art. 55º** - A posse da Diretoria e do Conselho Fiscal deverá verificar-se no mesmo dia da eleição.

CAPÍTULO VII

LIVROS

- Art. 56º** - A Associação deve ter os seguintes Livros:
- I- De matrícula ou fichas;
 - II- De presença dos associados nas Assembléias Gerais;

- III- De Atas das Assembléias Gerais;
- IV- De Atas das Reuniões da Diretoria;
- V- De Atas do Conselho Fiscal;
- VI- Outros, fiscais e contábeis obrigatórios.

CAPÍTULO VIII

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

- Art. 57º-** A Diretoria “ad Referendum” da Assembléia Geral, poderá desmembrar os serviços necessários ao melhor atendimento dos objetivos técnicos e sociais da Associação, mediante estudos de viabilidade.
- Art. 58º-** O exercício de qualquer cargo eletivo será gratuito ressalvado as despesas de viagem e representação em favor da Associação, desde que comprovadas com notas fiscais originais emitidas em nome da Associação e sem rasuras.
- Art. 59º-** É vedado à Associação a discussão ou disseminação de qualquer questão de caráter religioso, ou político partidário e da cessão de qualquer dependência para reunião de pessoal ou instituição enquadradas nesta proibição salvo quando se tratar de assunto agropecuário.
- Art. 60º-** A filiação da Associação em entidades afins, dá-se sem o comprometimento da sua autonomia e patrimônio.
- Art. 61º-** Os casos omissos ou não previstos neste Estatuto são resolvidos de acordo com as deliberações da Diretoria “ad Referendum” da Assembléia Geral.
- Art. 62º -** No caso de dissolução da Associação da Feira do Produtor Rural de Maringá, o seu patrimônio, após satisfeitos os compromissos sociais, será destinado a entidade congênere de fins não econômicos a ser designada pela própria Assembléia.
- Art. 63º-** O presente Estatuto poderá ser alterado no todo ou em parte, em qualquer tempo, através de Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim.
- Art. 64º-** Ficam revogadas, no todo, as disposições constantes do Estatuto anterior.

Maringá, 28 de julho de 2003

Kime Kataoka
Presidente

João Faloppa
1º Secretário

Maria do Carmo Santa Rosa Seratto
Advogada – OAB/PR 15.731